

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

BOLETIM N.º CV

*História da
Civilização Brasileira*

N.º 10

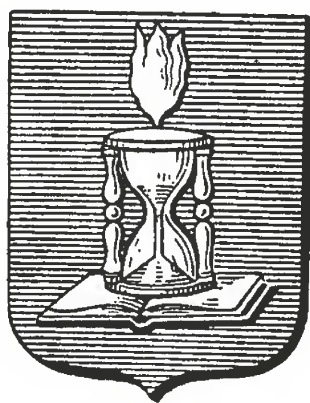
Amerigo Vespucci

e

Suas Viagens

por

THOMAZ OSCAR MARCONDES DE SOUZA



SÃO PAULO — BRASIL
1949

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor:

Prof. Dr. Miguel Reale

Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras:

Prof. Dr. Astrogildo Rodrigues de Mello

CADEIRA D E HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Catedrático:

Prof. Dr. Alfredo Ellis Junior

Assistente:

Profa. Mafalda P. Zemella

Auxiliar técnico:

Profa. Myriam Ellis

Os Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, são editados pelos Departamentos das suas diversas secções.

Toda correspondência deverá ser dirigida para o Departamento respectivo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras — Caixa Postal 105-B, São Paulo, Brasil.

"The "Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo" are edited by the different departments of the Faculty.

All correspondence should be addressed to the Department concerned, Caixa Postal 105-B, São Paulo, Brasil.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

BOLETIM N.º CV

*História da
Civilização Brasileira*

N.º 10

Amerigo Vespucci

e

Suas Viagens

por

THOMAZ OSCAR MARCONDES DE SOUZA



SÃO PAULO — BRASIL
1949

THOMAZ OSCAR MARCONDES DE SOUZA

Do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo — Do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais — Do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe — Da Geographical Society de Nova York — Da Royal Geographical Society de Londres — Da Sociéte des Américanistas de Paris, e da Società di Studi Geográfico de Florença.

Amerigo Vespucci
e
Suas Viagens

Estudo Crítico

De acôrdo com a documentação

histórica e cartográfica

1949

APRESENTAÇÃO

O presente Boletim da cadeira de História da Civilização Brasileira, é um trabalho da lavra do Professor Thomaz Oscar Marcondes de Souza especialista no assunto que aborda.

De fato, o Professor Marcondes de Souza é, sem lisonja, um especialista brasileiro em assuntos pertinentes às navegações colombianas, às descobertas dêsse nublado fim do quatrocentismo e dêsse misterioso início do quinhentismo, bem como a vida do tão contravertido Amerigo Vespucci. Assim, podemos enfileirar o nome do Professor Marcondes de Souza entre os especialistas que são os "Illumitores scientiae nostrae".

Realizou o ilustre homem de letras, acima mencionado, um curso altamente especializado sôbre os muitos capítulos históricos a que tão proficientemente se dedica, ministrado a alunos do curso de post-graduados, que corresponderia ao 4.º e 5.º anos desta Faculdade. O trabalho que ora é publicado neste Boletim, é o substractum dêsse referido curso.

É um trabalho que eu gostaria de ter escrito. Mas, a 'História da Civilização Brasileira já é um ramo do saber humano tão vasto, que comporta, em seu seio, muitos capítulos, que são analisados especializadamente por já grande número de historiadores, que se aprofundaram em um ou outro capítulo do nosso passado, ou antes, as páginas do nosso passado já são tão numerosas que não é possível haver historiador que se haja especializado em tôdas elas. Quem estudar profundamente uma

época, não poderá ser enciclopédico e ter cultura especializada a respeito de todas as demais.

Isso se torna ainda mais sensível em se tendo em vista a concepção que tenho do que seja História. Sim, porque eu penso que estudar História é procurar reconstituir um fenômeno do passado, lançando mão, para isso, de muitos ramos do saber humano, entrelaçados em harmonia por espírito crítico em justo equilíbrio com a lógica e o bom senso. Ora, para isso é preciso haver quem disponha de amplíssima e relativamente profunda cultura. Não há, nem poderá jamais haver quem disponha de cultura ampla, em todos os capítulos do passado brasileiro.

Assim é que o assunto dêste trabalho do Professor Marcondes e que eu ora apresento, é um estudo de alta especialização relativo aos primórdios brasileiros. Sendo um trabalho dêste grau de aprofundamento e tratado por tão emérito historiador, êle se reveste de cunho de excepcional importância para quem queira conhecer bem o grande capítulo que foi o nascimento do Mundo Novo.

Alfredo Ellis Junior

Professor Catedrático de História da Civilização Brasileira.

À sagrada memória de meus pais

Manuel Thomaz Marcondes de Souza

e

Maria Candida Marcondes do Amaral

PREFÁCIO

Este modesto trabalho não constitue uma série sistemática de elogios a Vespucci: não é obra de um panegirista dêsse navegante. Também não visa apresenta-lo ao tribunal da opinião pública como "um noveleiro mentiroso, astrônomo improvisado, cosmógrafo que repete conceitos de outrem, falso descobridor que se apropria de glória alheias," como lemos alhures.

Como historiador que somos, bem conscio da nossa responsabilidade, esforçamo-nos sempre por ser o mais imparcial possível e, isso temos conseguido, porque a nossa vaidade nacional de brasileiro nunca tem estado em xeque, ao estudarmos os assuntos que dizem sempre com a empolgante história da geografia do Novo Mundo.

Este nosso ensaio sôbre a vida e as viagens de Vespucci, visa apenas coloca-lo no lugar a que êle tem direito, sem todavia procurar diminuir as legítimas glórias dos seus contemporâneos que, com os seus descobrimentos, tornaram o continente americano — tão misterioso ha poucos séculos — numa imensa oficina, onde cada vez mais o homem se aproxima do homem pelos laços do comércio e pelo intrecâmbio intelectual.

Até o primeiro quartel do século que atravessamos, quer os panegiristas do Florentino, quer os seus detratores, recorriam sistematicamente às cartas "Mundus Novus" e "Lettera a Soderini", para sustentarem as suas teses; algumas delas p'renhes de toda a sorte de extravagâncias.

Porém, em 1924, o professor de geografia da Universidade de Palermo, Alberto Magnaghi, aproveitando em parte as pesquisas do sábio professor Gustavo Uzielli, trouxe á discussão as denomi-

nadas "cartas florentinas", existentes por cópia em três códices, sendo o principal o "Riccardiano 1910".

Esse trabalho de Magnaghi teve repercussão mundial, pois conseguiu êle provar de modo convincente que as únicas cartas que se póde considerar autênticas, da autoria de Vespucci, são justamente as dos referidos códices, sendo que tanto a "Mundus Novus" como a "Lettera a Soderini", são apócrifas.

De acôrdo com as "cartas florentinas", Vespucci apenas realizou duas viagens à América: uma em 1499 - 1500, em parte com Hojeda; outra em 1501-1502, a serviço do rei D. Manuel, de Portugal. Assim das quatro viagens dêsse navegante a que se refere a "Lettera a Soderini," a de 1497-1498 a mando de Fernando, rei de Castela, e a de 1503-1504, a serviço do Governo Português, não passam de fantasias forjadas pelo copilador da "Lettera." Em síntese essa é a tese que com raro brilhantismo, defende o professor Magnaghi, e que nós esposamos por nos parecer a que reúne maior número de provas.

Neste nosso ensaio sôbre Vespucci e suas viagens, aproveitamos uma boa parte da argumentação do erudito professor italiano; si bem que de permeio citemos opiniões de outras procedências e incluamos comentários nossos.

No contexto dêste livro, as mais importantes questões, que dizem com o Florentino, são estudadas e discutidas à luz de moderna documentação histórico-cartográfica.

S. Paulo, Dezembro de 1948.

Thomaz Oscar Marcondes de Souza.

B I B L I O G R A F I A

Academia das Ciências de Lisboa — “*Collecção de noticias para a história e geographia das nações ultramarinas que vivem nos dominios portugueses. Lisboa, 1812-29-VII volumes.*”

“*Alguns documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo. Lisboa, 1892.*”

Angleria (Pedro Martyr) — “*De Orbe Novo*” (Décadas del Nuevo Mondo). Buenos Aires, 1944.

Avezac (Armand) — “*Considerations géographiques sur l'histoire du Brésil*”. Paris, 1857.

Avezac (Armand) — “*Martin Hylacomylus. Waldsemüller ses ouvrages et ses collaborateurs.*” Paris, 1867.

Bandini (Angelo Maria) — “*Vita di Amerigo Vespucci. Illustrata e Comentata da Gustavo Uzielli*”. Firenze, 1898.

Bartolozzi (Francesco) — “*Ricerche istorico-critiche circa alla scoperte d'Amerigo Vespucci Com l'aggiunta di una relazioni del medesimo fin ora inedita, compilate da.*” Firenze, 1789.

Boni (G. C. Baldelli) — “*Il Milione di M. Polo... ora per la prima volta publicato ed illustrato.*” Firenze, 1827.

Canovai (Stanislao) — “*Viaggi di Amerigo Vespucci con la vita, l'elogio e la dissertazione giustificativa di questo celebre navigatore.*” Firenze, 1817.

- Castanheda (Fernão Lopes) — “*Historia do descobrimento e conquista da India pelo portugueses.*” Coimbra, 1924-1928. IV volumes.
- Cazal (Ayres de) — “*Corografia Brazílica.*” Rio de Janeiro, 1817. II volumes.
- Cortesão (Jaime) — “*A Carta de Pero Vaz de Caminha.*” Edição Livros de Portugal Limitada. Rio de Janeiro, 1943.
- Costa (A. Fontoura da) — “*Cartas das ilhas de Cabo Verde de Valentim Fernandes.*” Lisboa, 1939.
- Denucé (Jean) — “*Magellan, la question des Moluques et la première circumnavigation du globe.*” “Memoires de l’Acad. Royale de Belgique, classe des “Lettres et des sciences morales.” II série, tome IV, Bruxelles, 1908-1911.
- Derby (Orville A.) — “*Os mapas mais antigos do Brasil*” “Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo”, volume VII, 1902.
- Fiske (John) — “*The Discovery of North America.*” Boston, 1892. II volumes.
- Fulin (Rinaldo) — “*Diarii e diaristi veneziani.*” Venezia, 1881.
- Fumaglli (G.) — “*Bibliografia Toscanelliana e Vespucciana.*” Na “Vita di Amerigo Vespucci scritta da Angelo Maria Bandini, illustrata e comentata da Gustavo Uzielli,” Firenze, 1898.
- Galvão (Antonio) — “*Tratado dos Descobrimentos*”. 3ª. edição. Porto 1944.
- Gallois (L.) — “*Améric Vespuce et les géographes de Saint-Dié*” — “Atti del III Congresso Geografico Italiano”. Firenze, 1899.
- Góes (Damião de) — “*Chronica do Felicissimo rei D. Manuel.*” Coimbra, 1926. IV volumes.

- Gomara (Fernando Lopez) — “*Historia General de las Indias*”, tradução italiana, Veneza, 1560.
- Harrisse (Henry) — “*Bibliotheca Americana Vetustissima.*” New York, 1866.
- Harrisse (Henry) — “*Les Corte Real*”, Paris, 1883.
- Harrisse (Henry) — “*The Discovery of North America*”. London, 1892. II volumes.
- Herrera y Tordesillas (Antonio) — “*Historia General de los Hechos de los Castellanos*”, etc. Madrid, 1725-1730. IV volumes.
- Humboldt (Alexandre von) — “*Examen critique de l’histoire de la géographie du nouveau continent et des progrès de l’astronomie nautique aux quinzième et seizième siècles.*” Paris, 1836-39. V volumes.
- Kerney (Michel) — “*The first four voyages of Amerigo Vespucci*”. London, 1885.
- Kunstmann (Friedrich) — “*Atlas zur Entdeckungsgeschichte Amerikas*”. München, 1859.
- Las Casas (Bartolomeo) — “*Historia de las Indias.*” Madrid, 1875. V volumes.
- Leite (Duarte) — “*Os falsos precursores de Alvares Cabral.*” Na “*Historia da Colonização Portuguesa do Brasil.*” Volume I, capítulo III.
- Leite (Duarte) — “*O. mais antigo mapa do Brasil.*” Na “*História da Colonização Portuguesa do Brasil.*” Volume II, capítulo IX.
- Leite (Duarte) — “*A exploração do litoral do Brasil na cartografia da primeira década do século XVI.*” Na “*História da Colonização Portuguesa do Brasil.*” Volume II, capítulo XIII.

- Leite (Duarte) — “*Duarte Pacheco e o Brasil*”. — No “Jornal do Comercio” do Rio de Janeiro, 7 e 14 de julho de 1929.
- Magnaghi (Alberto) — “*Amerigo Vespucci*”. Publicação do Instituto Cristoforo Colombo. Roma, 1924. II volumes.
- Malheiros Dias (C.) — “*A Expedição de 1503*”. Na “História da Colonização Portuguesa do Brasil.” Volume II, capítulo X.
- Masser (Lunardo de Ca’) — “*Relazioni*”... “Archivo Storico Italiano,” apendice II, Florença, 1845, página 13.
- Marcondes de Souza (Thomaz Oscar) — “*O Descobrimento do Brasil*”. Estudo crítico. Companhia Editora Nacional. S. Paulo, 1946.
- Montalboddo (Fracanzano da) — “*Paesi novamente ritrovati e Novo Mondo da Alberico Vesputio Florentino intitulado. Milano, 1508.* Edição facsimilar pela Princeton University Press, 1916.
- Navarrete (Martin Fernandez de) — “*Collecion de los viajes y descubrimientos que hicieron por mar los Españoles desde fines de siglo XV.*” Editorial Guaranía. Buenos Aires, 1945. V volumes.
- Northup (George Tyler) — “*Mundus Novus*”. Princeton University Press, 1916.
- Northup (George Tyler) — “*Amerigo Vespucci Letter to Piero Soderini*”. Princeton University Press, 1916.
- Nunn (George E.) “*The Geographical Conceptions of Columbus*”. American Geographical Society. New York, 1924.
- Osorio (Jeronimo) — “*Da vida e feitos de El-Rei D. Manuel*”. Porto, 1944. II volumes.

- Oviedo y Valdés (Gonzalo Fernandez de) — “*Historia General y Natural de las Indias*”, Madrid, 1851-1855. IV volumes.
- Peschel (Oscar) — “*Geschichte der Erdkunde bis auf A.v. Humboldt und Carl Ritter.*” München, 1865.
- “*Raccolta di documenti e studi pubblicati dal R. Commissione Colombiana*”... Roma, 1892-6. Parte III, volumes I e II.
- Ramusio (Giovanni Batista) — “*Della navigatione et viaggi*”... Venezia, 1554.
- Redouer (Mathurin du) — “*Sensuyt le nouveau monde*”, etc. Paris, 1515. Edição facsimilar, pela Princeton University Press, 1916.
- Ruge (Sophus) — “*Geschichte des Zeitalters der Entdeckungen*”. Berlin, 1881.
- Santarem (Visconde de) — “*Recherches Historiques sur Americ Vespuce.*” Paris, 1842.
- Silva (Joaquim Caetano da) — “*L'Oyapoc et L'Amazonne*”. Paris, 1899. II volumes.
- Tiraboschi (Girolamo) — “*Historia della letteratura italiana.*” Firenze, 1805-1818. IX volumes.
- Trubenbach (Kurt) — “*Amerigo Vespucci's Reise nach Brasilien.*” Plauen, 1898.
- Uzielli (Gustavo) — “*Paolo dal Pozzo Toscanelli e la circumnavigazione dell'Africa secondo la testimonianza di un contemporaneo*”. Firenze, 1891.
- Uzielli (Gustavo) — “*Toscanelli*” — Revista da qual existe um unico número, aquele de janeiro de 1893, estampado em Florença.

- Uzielli (Gustavo) — “*Amerigo Vespucci davanti la critica storica*”.
Atti del Terzo Congresso Geografico Italiano. Firenze, 1899,
volume II.
- Varnhagen (Francisco Adolfo de) — “*Historia Geral do Brasil*”.
Edição da Companhia Melhoramentos de S. Paulo, 1927. V
volumes.
- Varnhagen (Francisco Adolfo de) — “*Amerigo Vespucci, son ca-
ractère, ses écrits même les moins authentiques, sa vie et ses
navigations, avec une carte indiquant les routes*”. Lima, 1865.
- Varnhagen (Francisco Adolfo de) — “*Le premier voyage de Ame-
rigo Vespucci définitivement expliqué dans ses details*.” Vie-
na, 1869.
- Varnhagen (Francisco Adolfo de) — “*Nouvelles recherches sur les
derniers voyage du navigateur florentin*”, etc. Viena, 1869.
- Vespucci (Amerigo) — “*Lettera di Amerigo Vespucci delle isole
nuovamente trovate in quattro suoi viaggi*”. Edição facsimilar
pela Princeton University Press, 1916.
- Vignaud (Henry) — “*Histoire critique de la grande entreprise de
Colomb*.” Paris, 1911. II volumes.
- Vignaud (Henry) — “*Americ Vespuce, sa biographie, sa vie, ses
voyages*”, etc. Paris, 1917.

PRIMEIRA PARTE

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO I

LIGEIROS TRAÇOS BIOGRAFICOS DE VESPUCCI — SEUS ACUSADORES E SEUS DEFENSORES

Amerigo Vespucci, nascido em Florença a 9 de março de 1451, era filho de Ser Nastagio Anastacio Vespucci e de Izabel Mini. Seu pai, que foi notario, pertencia a uma antiga e importante família originária de Peretola, localidade esta próxima de Florença.

Do casamento de Anastacio com Izabel, nasceram quatro filhos, sendo que Amerigo era o terceiro. Fez êste os seus primeiros estudos sob a direção de seu tio frei Giorgi Antonio Vespucci, dominicano confrade do famoso Savonarola, sábio helenista e bom latinista, que na mesma época que ensinava a Amerigo, também lecionava a Pedro Soderini, mais tarde gonfaloneiro da República de Florença.

Vespucci de começo, com o seu tio, não tinha feito grande progresso nos estudos das letras, tanto assim que, em 1476, achando-se em Trebbio, devido à peste que assolava Florença, tentou escrever a seu pae em bom latim mas não conseguiu porque, disse êle, não tinha ao lado o tio Antonio para corrigir-lhe os erros. Porém as modernas investigações realizadas por Gustavo Uzielli, revelaram a existência de manuscritos da autoria de Vespucci sôbre questões de gramática e de filosofia, que demonstram o seu elevado espírito (1).

Como a propensão de Vespucci era para realizar viagens, é admissível que se tenha dedicado de preferênciã aos estudos mate-

(1) Revista "Toscanelli" — Florença, 1893, número I, página 21 a 26.

máticos, e, em particular ao da cosmografia, ciência que estava então em voga e da qual, mais tarde, revelou ter conhecimento.

Quando ainda moço, acompanhou na qualidade de “attaché” o seu parente Guidantonio Vesputci, que foi enviado a Paris em 1478-80 como embaixador de Florença, afim de obter a aliança de Luiz XII. Provavelmente, diz Uzielli, “Guidantonio serviu-se dele como secretário particular para os despachos mais importantes que devia enviar a Florença. Em realidade, não é impossível, ao contrario é muito provável que Amerigo não tenha sido apenas o copista desses despachos, mas tenha também colaborado diretamente na redação dos mesmos” (2).

Dois anos depois de sua volta de Paris, seu pae outorgou-lhe procuração geral para o recebimento de todas as quantias que tinha a receber, provenientes de vários títulos.

Admitido na importante casa comercial e bancária dos Medici, provavelmente pela interferência do seu protetor e mais tarde amigo e patrão Lourenço de Pier Francisco, em pouco tempo conquistou a confiança dos dirigentes dessa firma, tanto assim que foi designado para exercer as funções de seu agente na Espanha. Partiu Vespucci para êsse país em fins de 1491, e em 1492, achava-se já em Sevilha trabalhando por conta dos Medici.

Em data que não se pôde precisar, mas provavelmente a partir de 1492, Vespucci trabalhou como agente da Casa Medici junto ao armador florentino Juanoto Berardi, amigo de Colombo que residia em Sevilha, e a quem os Reis Católicos davam, de preferência, o encargo de fretar e prover do necessário a maioria dos navios que desferravam de Cadiz e Palos, com destino ao Novo Mundo.

Em 9 de abril de 1495, Berardi se comprometeu a fornecer aos reis da Espanha 12 navios que seriam entregues do seguinte modo: 4 no mesmo mês de abril, 4 em junho e os restantes em setembro. Devido a contra-tempos, Berardi não pôde no prazo estipulado cumprir o contrato e, tendo falecido em 15 de dezembro desse mesmo ano, ficou Vespucci, como seu testamenteiro, encarregado da liqui-

(2) Revista “Toscanelli” — Florença, 1893, número I, página 26.

dação da firma comercial e, “ipso facto”, obrigado dentro do possível, a dar cumprimento ao compromisso assumido por Berardi quanto à entrega dos navios que faltavam, de modo que teve que permanecer em Sevilha até 30 de maio de 1498, quando da partida de Colombo de San Lúcar para a América. Essas são as referências que, mediante documentos existentes nos arquivos espanhóis, temos de Vespucci (3).

Em 1499, conforme depoimento de Alonso de Hojeda em 8 de fevereiro de 1513 nas “*Probanzas del fiscal*”, Vespucci participou na qualidade de piloto, da expedição ao Novo Mundo por êle comandada.

A convite do rei D. Manuel de Portugal, partiu êsse navegante em 1501 de Lisboa com uma frota portuguesa com destino ao Brasil, percorrendo grande extensão do litoral atlântico da América do Sul e regressando ao porto de onde partira em 1502.

Em 1499, conforme depoimento de Afonso de Hojeda em 8 de Portugal para a Espanha, sendo certo que a 24 de abril de 1505 lhe foi conferido o título de cidadão dos reinos de Castela e Leão, dizendo de início a real carta: “Por hacer bien y merced à vos Amerigo Vespuche, florentin, acatando vuestra fidelidad é algunos buenos servicios que me habeis fecho, é espero que me hareis de aqui adelante, por la presente vos hago natural de estos mis reinos de Castilla é de Leon” (4).

Finalmente a 6 de agosto de 1508, foi Vespucci nomeado “*Piloto Mayor*” da Espanha, cargo que, pelos dizeres do título de nomeação, era de excepcional importância, de vez que nenhum piloto poderia exercer sua profissão sem que primeiro fosse examinado por Vespucci e dêste recebesse carta de habilitação, devendo acrescentar-se que ao Florentino foi dada a incumbência de organizar um mapa de tôdas as terras e ilhas então descobertas e pertencentes a Espanha,

(3) Martin Fernandez de Navarrete — “*Coleccion de los Viages y Descubrimientos*”, etc. Buenos Aires, 1946, volume III, páginas 316 e 317.

(4) Navarrete, obra citada, volume III, página 293.

mapa êsse que seria um padrão geral para as futuras navegações e denominado "*Padron Real*" (5).

O falecimento de Amerigo Vespucci ocorreu em Sevilha a 22 de fevereiro de 1512. Em consideração aos relevantes serviços por êle prestados aos Reis Católicos, diversas concessões foram feitas à sua família. A 28 de março do ano de seu falecimento, foi concedida uma pensão vitalícia de 10.000 maravedis a sua viuva Maria Cerezo, pensão essa que, quando ela faleceu em dezembro de 1524, passou a receber a sua irmã Catalina Cerezo, de vez que Vespucci não tinha deixado descendente. Também o seu sobrinho João Vespucci foi nomeado piloto real em 22 de maio de 1512, com os vencimentos anuais de 20 mil maravedis e nesse cargo permaneceu até março de 1525 (6).

* *

*

Baseando-nos em Fumagalli (7) e também em Vignaud (8), resumidamente aqui apontamos, obedecendo quanto possível a ordem cronologica, os principais trabalhos onde Vespucci ora é atacado, ora defendido, de que resultou uma infundavel controversia que ainda perdura, sendo de lamentar que existam em nossos dias historiadores que, perdendo tôda a compostura, descambem para o terreno dos apodos, quando o elegante seria procurar despir Vespucci do que não lhe pertence, recorrendo apenas a argumentos baseados em sólida documentação.

O primeiro ataque direto e bem fundamentado contra Vespucci partiu de Bartolomeu Las Casas que, entre 1552-1561, escreveu

(5) Navarrete, obra citada, volume III, páginas 299 a 302.

(6) Navarrete, obra citada, volume III, páginas 324-325.

(7) Giuseppe Fumagalli — "*Bibliografia di Amerigo Vespucci*", na "*Vita e lettere di Amerigo Vespucci*" de Angelo Maria Bandini, edição de G. Uzielli de 1898.

(8) Henry Vignaud "*Americ Vespuce*" — Paris, 1917, página 75 a 102.

a sua "*História de las Indias*", sómente estampada em 1875 em Madrid, mas cujos manuscritos eram conhecidos pelos estudiosos antes dessa publicação. Las Casas após confrontar a *Quatuor Navigationes* com os fatos conhecidos da terceira viagem de Colombo e com aqueles referentes à viagem de Hojeda de 1499, concluiu que a prioridade da descoberta da região de Pária pertencia a Colombo e não a Vespucci, acrescentando que o segundo navegante que visitou essas paragens foi Hojeda de quem Vespucci era companheiro, sendo que êste intencional e fraudulentamente pretendeu ter descoberto essa região em 1497, quando na realidade a visitou sómente em 1499 e isso mesmo com Hojeda.

Os historiadores do século XVII são todos contra Vespucci, porque se louvaram no que tinha escrito Las Casas. Em 1601 o famoso historiador espanhol Antonio Herrera y Tordesillas, cronista oficial do reino da Espanha, publicou a sua valiosa obra intitulada "*Historia General de los hechos de los Castellanos*", etc., onde, servindo-se principalmente dos argumentos já referidos de Las Casas, cuja obra como já referimos só foi publicada em 1875, mas cujos originaes manuscritos lhe foram confiados, atacou fortemente Vespucci, concorrendo dêsse modo, dado o alto apreço da sua obra e à sua qualidade de cronista oficial do reino, para que se considerasse ter o Florentino, por meio de intriga e mentiras, conseguido que o seu prenome fosse dado ao Novo Mundo, com menosprezo a Colombo.

Após Herrera temos Pedro Simon, que publicou em Cuença em 1626-27 a "*Primera parte de las noticias historiales de tierra firme en las Indias occidentales*", onde, ao referir-se a Vespucci, reproduziu o que dissera Herrera e propôs que o nome "*América*" fosse riscado de todos os trabalhos geográficos, inclusive dos mapas.

Completando a relação dos que no século XVII atacaram Vespucci, aparece o grande jurisconsulto e historiador espanhol, Juan Solorzano Pereira que, no seu trabalho publicado em Madrid em 1629-30 sob o título "*De Indiarum Jure*", etc., também, baseando-se em Herrera, não perdeu oportunidade para ferir o Florentino.

O século XVIII foi aquele em que surgiram os primeiros defensores de Vespucci e as primeiras controversias a respeito de suas viagens, de vez que antes dêsse século, como vimos, os historiadores limitaram-se a aceitar e a repetir os conceitos que, a respeito dêsse navegante, tinham expendido Las Casas e Herrera.

O abade Angelo Maria Bandini, em 1745, tomou resolutamente a defesa de Vespucci, publicando em Florença o primeiro trabalho de mérito intitulado: "*Vita e lettere di Amerigo Vespucci gentiluomo fiorentino; raccolte e illustrate*". Nessa obra publicou Bandini pela primeira vez a *Lettera*, uma versão italiana um tanto errada da carta *Mundus Novus* e o que é mais importante, pela primeira vez, a carta que de Sevilha a 28 de julho de 1500, enviou Vespucci a Lourenço de Pier Francisco de Medici. O trabalho de Bandini foi recebido com aplausos pelo meio intelectual da época e impressionou bem os defensores das glórias de Vespucci.

Girolamo Tiraboschi, entre 1772 e 1782, publicou em IX volumes a sua "*Historia della letteratura italiana*", etc., onde como grande admirador de Colombo, protestou contra os elogios que Bandini tinha feito a Vespucci e acusou êste navegante de ter abusado da sua qualidade de piloto-mor, para inscrever o seu nome nos mapas que, do Novo Mundo, tivera o encargo de desenhar. A obra de Tiraboschi, editada várias vezes, foi uma das causas que deram origem à instituição de um premio destinado a quem melhor elucidasse a controversia referente ao nome "*América*", usado para designar o Novo Mundo.

Segue-se Willian Robertson com o seu livro "*The History of América*" publicado em 1777, onde Vespucci não é tido em boa conta e apelidado "um feliz impostor".

Em 1786, o conde Durfort, embaixador da França em Florença, instituiu o premio a que nos referimos, que a "Academia das Antiguidades Etruscas de Cortone" foi encarregada de conceder. Marco Lastri no ano seguinte, em 1787, com o seu pequeno trabalho de 26 folhas não paginadas e intitulado "*Elogio di Amerigo Vespucci*" disputou êsse premio que não lhe foi concedido. Em seguida o professor de física, da Escola Pia de Florença, o padre Stanislau

Canovai, apresentou a 15 de outubro de 1788, à referida Academia, o seu trabalho sob o título — “*Elogio d’Amerigo Vespucci*”, — que conseguiu obter o premio criado pelo conde Durfort. Nessa obra Canovai afirmou que Vespucci abordou terra firme do Novo Mundo antes de Colombo e que, a êle, pertence a prioridade do descobrimento do Brasil.

A tese de Canovai provocou uma viva polemica que se prolongou durante quasi dez anos, sendo que os seus maiores antagonistas foram Bartolozzi e Napione. Dessa polemica resultou a publicação de diversos trabalhos, dos quais damos um apanhado.

Francisco Bartolozzi no seu trabalho publicado em Florença em 1789 e intitulado — “*Ricerche istorico critiche circa alla scoperta d’Amerigo Vespucci*” etc., contestou a afirmação de Canovai, de que Vespucci tivesse antecedido a Colombo no descobrimento de terra firme da América. O que êsse trabalho tem de mais notável é a publicação feita, pela primeira vez, da carta que Vespucci escreveu de Lisboa em 1502 a Lourenço de Pier Francisco de Medici, descrevendo a sua viagem ao Brasil em 1501-1502. Nesse mesmo ano Canovai respondeu a Bartolozzi em duas cartas, uma de 16 e outra de 42 páginas que foram impressas por Pietro Allegrini. Não se fez esperar Bartolozzi e, ainda em 1789, numa brochura de 40 páginas sob o título — “*Apologia delle ricerche istorico-critiche*”, etc., replicou a Canovai. Em 1809 intervem Galeani Napione publicando duas cartas no livro — “*Della patria di Cristoforo Colombo*” e uma adenda com o título “*Del primo scopritore del continente del Nuovo Mondo*”, onde esposando os conceitos de Bartolozzi, contestou por sua vez que Vespucci tivesse visitado terra firme da América antes de Colombo. Respondeu-lhe Canovai por meio de um folheto de 8 páginas sob o título “*Observazioni*”, etc., e Napione em 1811 publicou em resposta a Canovai o “*Esame Critico del Primo Viaggio de Amerigo Vespucci*”, onde tratou de modo desenvolvido da questão relacionada com o descobrimento do Novo Mundo, sustentando a sua tese de que Vespucci não tinha antecido a Colombo no aportar em terra firme e que também não reivindicou nunca essa prioridade,

de vez que foi estranho à publicação das cartas a êle atribuidas, entre elas a *Quatuor Navigationes*.

No começo do século XIX surgiram novamente os ataques contra Vespucci. Em 1817 o padre Ayres de Cazal na sua "*Corografia Brasilica*" editada no Rio de Janeiro, contestou que o Florentino tivesse realizado justamente a mais comprovada de tôdas as suas viagens, aquela de 1501-02 ao longo do litoral brasileiro.

Após Ayres de Cazal, temos dois historiadores de invulgar merecimento a combater Vespucci: Martin Fernandez Navarrete, em 1829 na sua preciosa obra intitulada "*Coleccion de los viages y descubrimientos*", etc., volume III, capítulo "*Viages de Americo Vespuccio*", e o Visconde de Santarem que, a partir de 1826 até 1842, se ocupou de Vespucci, sendo que o seu mais importante trabalho intitula-se "*Recherches Historiques sur Americ Vespuce*" e foi publicado em Paris em 1842. Tanto Navarrete como Santarem não conheceram o texto original da *Lettera* publicado em Florença entre 1505 e 1506, sendo que todos os ataques contra o Florentino têm por base quasi que unicamente a *Quatuor Navigationes*.

Terminados os ataques de Navarrete contra Vespucci e quasi a findar aqueles de Santarem, aparece o grande sábio alemão Alexandre de Humboldt que, entre 1835 a 1839, publicou a sua monumental obra: "*Examen critique de l'Histoire de la Géographie du Nouveau Continent aux XV et XVI siècles*". Desse trabalho, que consta de 5 volumes, os dois últimos ocupam-se de Vespucci. Defendendo Humboldt êste navegador, disse que foram os erros involuntarios de redação e dos copistas, que estabeleceram as contradições que deram origem às opiniões hostís a Vespucci. Negou que êste navegador tivesse realizado a viagem de 1497, de vez que na sua opinião, o Florentino permaneceu na Espanha durante o período em que tal viagem dizem realizada.

Edward Lester e Andrews Foster, louvando-se nos trabalhos de Bandini, Bartolozzi e Canovai, publicaram em 1853, nos Estados Unidos, um livro sob o título "*The Life and voyages of Americus Vesputius*", etc., onde êste navegante foi elogiado. Êsse trabalho publicou as quatro viagens descritas na *Lettera*, a carta *Mundus No-*

vas de acôrdo com o texto de Ramusio e bem assim as cartas que o Florentino enviou a Lourenço de Pier Francisco de Medici, respectivamente de Sevilha em 28 de julho de 1500 e de Lisboa em 1502.

Após essa obra de Lester e Foster, temos o insigne mestre, o sábio historiador brasileiro Francisco Adolfo de Varnhagen (Visconde de Porto Seguro) que, a partir de 1854 até 1874, se ocupou ardorosamente de Vespucci, sendo inegavelmente o seu maior panegirista. Varnhagen aceitou como autenticas unicamente as cartas atribuidas a Vespucci e conhecidas por *Mundus Novus* e *Lettera a Soderini*, tendo feito tabua rasa das cartas de Sevilha, Cabo Verde e Lisboa, endereçadas a Lourenço de Pier Francisco de Medici e existentes por cópia nos códices florentinos. Os mais importantes trabalhos de Varnhagen sôbre Vespucci, êle escreveu no estrangeiro e são os seguintes: "*Amérigo Vespucci, son caractère, ses écrits même les moins authentiques, sa vie et ses navigations, avec une carte indiquant les routes*". Lima, 1865. "*Le premier voyage de Amerigo Vespucci définitivement expliqué dans ses details*". Viena, 1869. "*Nouvelles recherches sur les derniers voyages du navigateur florentin*", etc. Viena 1869. A tese de Varnhagen é a que afirma ter Vespucci realizado as quatro viagens a que se refere a *Lettera*.

Em 1875 o erudito historiador francês Armand d'Avezac publicou as suas "*Considérations géographiques sur l'histoire du Brésil*", onde apresentou várias objeções ao que escreveu Varnhagen na "*Historia Geral do Brasil*" editada em Madrid em 1854-57, dizendo quanto a Vespucci que a sua segunda viagem de acôrdo com a *Lettera*, não foi com Hojeda como afirmou Porto Seguro, mas sim com Diogo de Lepe.

M. F. Force apresentou ao Congresso dos Americanistas realizado em Bruxelas em 1879, um trabalho sob o título: "*Some observations on the letters of Amerigo Vespucci*", etc. Force não atacou Vespucci mas disse que as cartas continham tantos absurdos, que não se podia admitir terem sido elas escritas pelo Florentino. Foram os eruditos de Saint-Dié que forjaram a carta endereçada ao Duque de Lorena, e aquela a Lourenço de Pier Francisco de Medici, conhe-

cida por *Mundus Novus*, foi fantasiada pelo arquiteto Giovanni Giocondo.

De 1878 a 1894, Luigi Hugues, notavel historiador italiano, escreveu diversos trabalhos esparsos em revistas, onde com elevado espirito de critica analisou as cartas atribuidas a Vespucci e, entre outras cousas, declarou: que o Florentino não realizou a viagem de 1497; que a sua primeira viagem foi com Hojeda em 1499; que a segunda foi com Pinzón ou Diogo de Lepe entre 1499 a 1500; que a terceira foi em 1501-02 a serviço de Portugal; e a quarta em 1503 a 1504 também a serviço d'este país, tendo sido Gonçalo Coelho o comandante da frota.

Na "*Narrative and critical History of America*", publicada em Boston em 1884, existe um trabalho da autoria de Sydney Howard Gay — "*Amerigo Vespucci*" —, onde este historiador declarou que as descrições das viagens atribuidas a Vespucci foram feitas com intuito de fraude, e que elle, ou qualquer outra pessoa, as escreveu e corrigiu, não se podendo desculpar esse navegante de ter dito e repetido haver realizado as quatro viagens ao Novo Mundo, o que não é verdade.

O historiador inglês Clements R. Markham, teve publicado em 1894 pela "Hakluyt Society" um trabalho intitulado: — "*The letters of Amerigo Vespucci and other documents illustrative of his career, translated with notes and illustrations*". Markham na introdução desse trabalho resume a vida e as viagens de Vespucci, declarando que elle tinha sido um ignorante, invejoso e odiento, que attribuiu a si os méritos de outros; que jamais realizou a primeira viagem que disse ter feito; que não esteve a serviço de Portugal; e que não foi cosmógrafo nem navegador, mas um simples fornecedor de carne — "*beef contractor*" — aos navios espanhóis.

Em 1894, C.H. Coote, do Museu Britânico, sob o título "*The voyage from Lisbon to India, 1505-06*," publicou e comentou a descrição da viagem da expedição portugueza à India que, sob o comando de Francisco de Almeida, partiu de Lisboa em 1505. Essa narração, que circulou em latim, foi depois traduzida para o flamengo e impressa em Antuerpia em 1508. Coote não só attribuiu a Vespucci

ci a autoria de tal relato, mas também declarou ter êle tomado parte nessa expedição.

Henry Harrisse, o grande americanista que tinha na "*Bibliotheca Americana Vetustissima*" escrito uma boa biografia de Vespucci e que, na sua monumental obra "*The Discovery of North America*" publicada em 1892 havia dedicado os capítulos IX, X e XI ao estudo das viagens do Florentino, resolveu em 1895 escrever um pequeno trabalho de 72 páginas sob o título "*Americus Vespuccius*", etc., onde criticou Clements R. Markham e C.H. Coote. Contestou Harrisse a argumentação de Markham negando ter Vespucci realizado as quatro viagens, e entre outras cousas disse que existem grandes dificuldades em serem esclarecidos alguns pontos das narrativas que são cartas familiares resumindo histórias de importantes descobrimentos, mas que essas dificuldades não podem ser removidas por simples conjecturas como pretende Markham. Em se tratando do trabalho de C. H. Coote, provou Harrisse, numa linguagem incisiva, o absurdo das conclusões a que êsse historiador tinha chegado.

O notavel historiador norte-americano John Fiske, em 1892 publicou em Boston uma obra de invulgar valor intitulada: — "*The Discovery of North America*", onde no primeiro volume consagrou 212 páginas ao estudo das viagens de Vespucci. Estudando Fiske tôda a documentação conhecida, concluiu por afirmar ter Vespucci realizado as quatro viagens a que se refere a *Lettera*, porém sem nunca ter pretendido atribuir a si a prioridade da descoberta da terra firme de Pária que, incontestavelmente, pertence a Colombo.

John Boyd Thacher, rico norte-americano, em 1896 publicou "*The Continent of America*", etc. Neste trabalho o autor, trilhando a mesma estrada de Fiske, apresentou bôa documentação a respeito do emprego do prenome de Vespucci para designar o Novo Mundo. A obra também é rica quanto à parte cartográfica relacionada com as viagens do Florentino.

A partir de 1893 até 1900, o sábio professor italiano Gustavo Uzielli, autor de magníficos estudos sôbre Toscanelli e Colombo,

enriqueceu as páginas da história da geografia com inumeros trabalhos avulsos sobre Vespucci, em que defendeu ardorosamente a autenticidade das cartas existentes no "*Códice Riccardiano 1910*," que iremos estudar neste livro. Pena é que Uzielli não pudesse levar avante o seu projeto de publicar uma obra gigantesca sobre Vespucci.

Em 1916, "*The Cyrus H. Mc Cormick Publication Fund of the Princeton University Library*", publicou sob o título "*The Soderini letter, critical translation with introduction*", um magistral trabalho do professor G.T. Northup, da Toronto University". O professor Northup fez um estudo filológico o mais erudito possível sobre a *Lettera*, chegando à conclusão de que ela, tal qual a conhecemos, não pôde ter sido escrita por Vespucci. Na sua opinião houve uma carta que se pôde dizer original, escrita pelo Florentino em espanhol e endereçada ao rei da Espanha, da qual provêm a *Quatuor Navigationes* e a *Lettera*.

Henry Vignaud, inegavelmente um dos maiores americanistas dos últimos tempos, publicou em 1917, em Paris, uma obra de inestimável valor sobre Vespucci, tendo por título — "*Americ Vespuce*". Esse trabalho de Vignaud é rico de documentação e os seus argumentos, no conjunto, são solidos. A tese defendida é a de Varnhagen, isto é, os únicos documentos autênticos são a carta *Mundus Novus* e a *Lettera*, de que resulta ter Vespucci realizado as quatro viagens à América.

O professor da Universidade de Palermo, Alberto Magnaghi, em 1924, aproveitando grande parte do material colligido por Gustavo Uzielli, publicou — "*Amerigo Vespucci Studio Critico*", — onde defendeu com raro brilhantismo uma nova tese oposta à de Varnhagen, Fiske, Harrisse, Vignaud, etc. Magnaghi, aceitando unicamente como autênticas as cartas do "*Códice Riccardiano 1910*" faz tabua rasa da carta *Mundus Novus* e da *Lettera*, reduzindo a duas as viagens de Vespucci: a primeira em 1499 com Hojeda, e a segunda em 1501-02 ao Brasil. Mas assim procedendo, em vez de diminuir

o Florentino, Magnaghi o enaltece porque põe em relevo aquilo que êle em realidade fez.

Depois de Magnaghi têm aparecido alguns trabalhos sôbre Vespucci. Em 1944, pela Columbia University Press, foi publicada uma obra sob o título "*Amerigo Vespucci Piloto Major*", da autoria de Frederick J. Pohl, sendo êste historiador um grande panegirista do Florentino.

Nos boletins da Sociedade de Geografia de Lisboa correspondentes aos meses de novembro-dezembro de 1947 e janeiro-fevereiro de 1948, o almirante Gago Coutinho ocupa-se de Vespucci e faz severa crítica ao livro de Frederick Pohl. Pena é que a desmedida vaidade nacional dêste erudito geografo e historiador luso reflita nesse seu trabalho onde tudo é negado ao Florentino, e tudo é dado em demasia aos navegantes portugueses.

Em 1948 foi editada na Argentina uma obra erudita de Roberto Levillier sob o título "*America La Bien Llamada*", em dois avantajados volumes ilustrados com fac-similes de mapas antigos e gravuras em côres. Nesse trabalho, o referido historiador argentino ocupa-se demoradamente das viagens de Vespucci, admitindo ter êle realizado a de 1497-98 ao Novo Mundo. Diz mais Levillier que a expedição portuguesa de 1501-1502 navegou bem proximo de tódo o litoral léste da América do Sul, desde o cabo S. Roque até a Patagonia, pertencendo a Vespucci a prioridade do descobrimento dos estados de Paraná, S. Catarina, Rio Grande do Sul, bem como do Uruguay e da fóz do Rio da Prata.

CAPÍTULO II

MUNDUS NOVUS

As cartas atribuídas a Vespucci, nenhuma delas autografa, que servem de base para o estudo de suas viagens, são as seguintes pela ordem em que foram publicadas:

1.^a) — “*Mundus Novus*”, escrita em latim, endereçada a Lourenço de Pier Francisco de Medici e descrevendo a sua viagem ao Brasil em 1501-02 a serviço do rei D. Manuel de Portugal. A primeira edição com data certa é aquela de Augusta de 1504.

2.^a) — “*Lettera di Amerigo Vespucci delle isole nuovamente trovate in quattro suoi viaggi*”, datada de Lisboa a 4 de setembro de 1504. Não traz a data da impressão, nem o nome do impressor, sendo admitido ter sido publicada de 1505 a 1506 em Florença. O nome de Pietro Soderini a quem teria sido endereçada não existe nela. Só em duas cópias manuscritas, uma da Biblioteca Nacional de Florença, *manuscrito II, IV, 509 (cópia Coralmi)* e outra no “*Códice Riccardiano 1910*”, da Biblioteca Riccardiana também de Florença, o nome de Soderini aparece. Há desta carta uma tradução latina publicada a 25 de abril de 1507 em Saint-Dié na “*Cosmographiae Introductio*” com o título: “*Insuper quatuor Americi Vespuccii navigationes*”, e endereçada ao duque de Lorena.

3.^a) — A carta de 18, segundo o “*Códice 2112 bis*” ou de 28, de acordo com o “*Códice Riccardiano 1910*” de julho de 1500, expedida de Sevilha e endereçada a Lourenço de Pier Francisco de Medici. Foi publicada, como já referimos, por Angelo Maria Bandinini em 1745. Contem a descrição da viagem que em 1499 Vespucci realizou com Hojeda ao Novo Mundo

4.^a) — A carta publicada pela primeira vez por Francisco Bartolozzi em 1789 de um manuscrito do “*Códice Riccardiano 1910*”,

mas tirada diretamente de uma cópia dêste no “*Códice Stroziano 318*”, da Biblioteca Nacional de Florença. Contem a narrativa da viagem de Vespucci ao Brasil em 1501-02, em continuação à carta de Cabo Verde. É de Lisboa, sem data, mas esta pôde ser restabelecida do seguinte modo. Pietro Pasqualigo, “oratore” de Veneza, escreveu de Saragossa a 12 de outubro de 1502 uma carta ao seu governo contendo notícias que lhe foram dadas por Giovanni Francisco Affaitato em carta datada de Lisboa em 10 de setembro dêste mesmo ano. Nessa carta há êste tópicó: “le carovele mandate l’anno passà a scoprir la terra di Papagà o ver di Santa Croce, a di 22 luio erano ritornate; e il capetanio referiva aver scoperto più de 2500 mia de dita costa...” (9). Literalmente: as caravelas mandadas o ano passado a descobrir a terra dos Papagaios ou de Santa Cruz, a 22 de julho tinham voltado; e o capitão referia ter descoberto mais de 2500 milhas da dita costa”... Isto nos induz a admitir que Vespucci tenha remetido a carta em apreço, como anteriormente fizera com as de Sevilha e Cabo Verde, com a máxima urgência, logo após a sua chegada a Lisboa; caso contrário, teria ela perdido todo o interesse, uma vez que Lourenço de Pier Francisco de Medici contava em Lisboa com vários diligentes amigos florentinos, que teriam pressa em pô-lo ao par do ocorrido nessa viagem. A vista do exposto, a carta teria sido expedida de Lisboa no começo de agosto de 1502.

5.^a) — A carta de Cabo Verde, datada de 4 de junho de 1501 e também endereçada ao referido Medici, existente por cópia no “*Códice Riccardiano 1910*”. Foi publicada pela primeira vez em 1827 pelo conde Baldelli Boni no I volume de sua obra — “*II Milioni di M. Polo*”. Contem a descrição do princípio da viagem ao Brasil em 1501-02 até o Cabo Verde, onde Vespucci se encontrou com alguns navios da frota de Cabral que voltava da India, sendo que de um dos tripulantes da mesma, de nome Gaspar, obteve detalhada informação do caminho marítimo para a India, que transmitiu ao Medici.

(9) “*Raccolta Colombiana*”, parte III, volume I, página 91.

Na carta que de Lisboa remeteu Vespucci ao seu referido amigo e patrão Lourenço de Pier Francisco de Medici, há êste tópico: ... “mas de tôdas as cousas mais notaveis que nesta viagem me ocorreram, em um meu pequeno trabalho as anotei, para quando estiver em repouso e possa disso me ocupar, deixar depois da minha morte alguma fama”. Isso importa em se poder dar crédito que, além das cartas, Vespucci escreveu um relatório sôbre as suas viagens, inclusive sôbre a que realizou ao Brasil. Indiretamente esta nossa opinião é confirmada pelo seu sobrinho João Vespucci que declarou em 13 de novembro de 1515 (parecer de vários pilotos sôbre a linha de demarcação), ter certeza quanto à latitude do cabo de Santo Agostinho, porque isso tinha sabido de seu tio Amerigo declarando textualmente: ... “*e deste tengo escritura de su mano proprio, cada dia por que derrota iba, e quantas leguas hacia*” (10). Infelizmente êsse trabalho de Vespucci, que poderia derramar muita luz sôbre as suas viagens, não foi ainda encontrado.

Como acabamos de ver, existem duas cartas atribuidas a Vespucci, tôdas elas endereçadas a Lourenço de Pier Francisco de Medici, narrando a viagem ao Brasil em 1501-02. Essas cartas são a *Mundus Novus* e aquela de Lisboa de 1502, sendo que esta ultima, como já dissemos, existe por cópia em dois códices florentinos. Essas cartas foram publicadas, como já referimos, respetivamente em 1504 e 1789. Procurar esclarecer qual dessas duas cartas é a autêntica, de vez que não é admissivel que Vespucci tenha escrito duas missivas ao Medici, narrando a mesma viagem, será o nosso objetivo.

A *Mundus Novus* foi a primeira carta a ser publicada e a mais conhecida de tôdas, a que mais serviu para dar celebridade ao nome de Vespucci. A divulgação dessa carta foi rápida, por que só no primeiro ano da sua impressão se contam 12 edições e em 1550 tinham estas atingido a 50, sendo de notar que foi, imediatamente após a primeira edição, traduzida para o alemão, francês, italiano, holandes, etc.

(10) Navarrete, obra citada, tomo III, página 319.

A data em que essa carta foi publicada pela primeira vez não é possível ser estabelecida com segurança. Henry Harrisse, na sua "*Bibliotheca Americana Vetustissima*" publicada em 1866, opina que foi impressa entre os anos de 1502 e 1508; Giuseppe Fumagalli na "*Bibliografia de Amerigo Vespucci*", diz entre 1502 e 1505; Guglielmo Berchet na "*Raccolta Colombiana*", *Fonti*, volume II, página 123, é de parecer que no fim de 1503 ou começo de 1504; Vignaud ("*Americ Vespuce*", página 6) em 1503; e Henry Harrisse nas "*Additions*" da "*Bibliotheca Americana Vetustissima*." publicada em 1872, diz que a edição prínceps é a de Jehan Lambert, de Paris, para a qual admite a data de 1503-1504. Esta última opinião de Harrisse foi esposada por Oscar Peschel na sua obra "*Geschichte der Zeitalters der Entdeckungen*", por Kurt Trubenbach no seu trabalho "*Amerigo Vespuccis Reise nach Brasilien*", e também por Armand d'Avezac em "*Hylacomylus*", página 76. Devemos, porém, considerar que a edição de Augusta traz a data de 1504 e que, nessa cidade, estava estabelecida por essa época a firma Függer, muito interessada não só nas viagens que os portugueses então realizavam à Índia, mas também ao ocidente, tanto assim que mantinha uma filial em Lisboa. Isso nos leva a admitir que a edição prínceps seja de Augusta de 1504, além de que, si a publicação tivesse sido feita em 1502 ou 1503, é quase certo que Albertino Vercellese teria incluído a *Mundus Novus* na sua coletânea de viagens publicada em Veneza em 1504 com o título: "*Libretto di tutta la Navigazione del Re di Spagna delle Isole e Terreni novamente trovati. Per Albertino Vercellese di Lisona a di 10 aprile 1504 Venetia.*"

Das 12 primeiras edições da carta *Mundus Novus*, 9 delas, inclusive a de Lambert, de Paris, e a de Augusta de 1504, no último período se lê: "*ex-italica in latinam linguam...*", isto é, traduzida do italiano para o latim. A tradução alemã de 1505 publicada em Nuremberg, diz que a versão foi feita do latim de um exemplar procedente de Paris, certamente da edição Lambert. Fracanzano da Montalboddo na sua coletânea de viagens sob o título "*Paesi Novamente Retrovati et Nuovo Mondo di Alberico Vespuccio Floren-*

tino intitulado”, publicada em Vicência em 1507 diz: “*De epagnola in lingua Ro(mana) el iocōdo interprete questa epistola ha traducta acio che i latini intendeno...*” Mas como frizou Magnaghi (1), Montalboddo não disse a verdade, porque a sua tradução é feita literalmente do texto latino. Evidentemente Fracanzano não podia dizer ter traduzido *ex-italico* e, se tivesse dito *ex-latino*, a sua coletânea teria perdido a primasia de informações diretas e a “*Mundus Novus*” teria saído com uma tradução cuja origem era por demais conhecida. A obra de Montalboddo foi traduzida para o latim em 1508 por Archangelo Madrignano sob o título: “*Itinerarium Portugallensium e Lusitania in Índiam et inde in occidentem et demum ad Aquilonem*”. Ao passo que no princípio diz Madrignano “*ex-vernaculo in latinum traductum*”, no final diz traduzido do “*lusitano*”. A tradução francesa do “*Paesi*” é de Marthurin de Rodoeur e foi publicada em Paris em 1515 com o título; “*S’ensuyt de Nouveau Monde, et navigations faites par Emeric de Vespuce florentin*”. Como título da “*Mundus Novus*” se lê: “*Le Nouveau Monde translate de lange espaignolle en italienne et de italienne en française*”. Porém no começo do último período se lê: “*De langue Espaignolle en langue Romaine: LE IOYEULX interpreteur cette epistre a translatée*” etc.

Do exposto se conclue que os editores e tradutores da carta *Mundus Novus* com o interêsse de ganhar dinheiro, procuraram iludir os incautos leitores da época, dizendo cada um deles que direta era a fonte onde obtiveram a narração da viagem de Vespucci ao Brasil, e daí surgirem o *ex-italico*, o *ex-latino*, o *ex-vernaculo* o *ex-hispanico* e até o *ex-lusitano*, quando em realidade a fonte é aquela indicada nas nove primeiras edições, isto é, *ex-italico*. O documento original foi escrito em italiano, convindo frisar que não se conhece nenhuma edição espanhola ou portugueza que justificar possa o *ex-hispanico* e o *ex-lusitano* referidos.

(11) Alberto Magnaghi — “*Amerigo Vespucci*”, Roma 1924, volume I, página 56.

Quem teria sido o tradutor ou melhor, como iremos ver, quem se teria aproveitado do documento italiano para forjar a *Mundus Novus*?

Henry Vignaud (12) procura esclarecer essa questão dizendo “O texto latino diz também que o tradutor-*interprete* da carta chamava-se *Iocundus*, e Bandini assim como Humboldt acreditaram que se tratava de Giuliano di Bartolomeu del Giocondo, florentino residente em Lisboa que, de acôrdo com o próprio Vespucci (terceira viagem da *Lettera*), foi enviado pelo rei D. Manuel para convencer a passar ao serviço dêsse monarca, o que aliás fez. Mas Vautrin Lud, secretário do Duque Renato, nos conta que a carta de Vespucci sôbre a sua terceira viagem, impressa em sua época, foi traduzida do italiano para o latim pelo veronês Fra Giovanni de Giocondo, que exercia em Veneza a profissão de arquiteto. Ora êste arquiteto veronês é uma personagem bem conhecida. Foi um religioso erudito que se dedicava também às matemáticas e à arqueologia, e que residiu de 1499 a 1507 em Paris, onde tinha ido para trabalhar na construção da ponte de Nôtre Dame. Êste Giocondo se encontrava em Paris na época em que se imprimia uma versão latina da *Mundus Novus*, traduzida por *Jocundus*, versão que é exatamente a mesma que a de tôdas as outras edições latina desta famosa obra. Diante disto não pôde haver nenhuma dúvida sôbre a verdadeira personalidade do tradutor latino dessa carta de Vespucci. O ponto obscuro é saber como o texto italiano original da carta *Mundus Novus* chegou às mãos de Giocondo, que estava em Paris de 1499. Uzielli supôs que foi Vespucci quem o enviou e que Giocondo após traduzí-lo, o entregou ao livreiro parisiense Jehan Lambert que o imprimiu pela primeira vez (13). E’ uma suposição engenhosa, mas não passa de suposição, pois não se vê como Vespucci, que deixou a Italia em 1491, teria conhecido Giocondo. Crê-se, entretanto, que é o Bartolomeu Giocondo, de Lisboa, qu

(12) “*Americ Vespuce*” — Paris, 1917, página 6 e 7.

(13) “*Toscanelli*”, Florença, Janeiro de 1893, página 25.

procurou Vespucci para o convencer de prestar serviços a Portugal, quem enviou o manuscrito italiano a Giocondo, de Paris, com o qual a julgar pelo seu nome, devia ser aparentado.”

Como se vê, Vignaud tacha de “engenhosa suposição” o que disse Uzielli, mas também tudo o que procura esclarecer não passa do terreno das conjecturas, com esta agravante: dá todo o crédito a Vautrin Lud, um dos famosos eruditos de Saint-Dié; sabendo que um deles, Jean Basin, tivera o desplante de dizer que traduzira do francês a *Quatuor Navigationes*, quando dêsse texto francês não existe nenhum traço, quando na realidade, como iremos ver, vertera literalmente para o latim a “*Lettera a Soderini*”, com interpolações, alterações e erros grosseiros.

O arquiteto Giovanni del Giocondo a quem Vignaud, louvando-se em Vautrin Lud, atribue a autoria da tradução do documento italiano de que resultou a carta *Mundus Novus*, era um insigne humanista, escritor elegante, conhecedor como poucos dos clássicos gregos e latinos, como atesta o seu biógrafo Vasari citado por Magnaghi (14). No entanto, a carta *Mundus Novus* revela que quem a escreveu era pessoa que redigia num latim vulgar, sem a menor elegância e até mesmo sem respeitar a boa construção latina. Depois não é admissível que êsse religioso, que em 1504 contava mais de 70 anos de idade e que foi um exemplo de virtudes, a título de satisfazer a curiosidade dos admiradores de descrições de viagens, fôsse traduzir do italiano para o latim as cenas libidinosas dos selgens, que contém a *Mundus Novus*.

Na tradução francesa de 1515 do “*Paesi Novamente Retrovati*”, etc., o “*iocôdo interprete*” foi vertido “*IOYEULX INTERPRETEUR*”; e no “*Novus Orbis Regionum*”, etc., de Grynaeus, publicado em 1532 em Basileá, que é uma reprodução do “*Itinerarium Portugalensium*” de Madrignano, a “*Épitome Navigationum Alberici Vesputii*” termina com estas palavras: “*FIDUS INTERPRES praesens opus e lusitano italicum fecit*”, etc. Não seria de

(14) obra citada, volume I, página 65.

Mundus nouus.

ALBERICVS VESPVTVS LAVRENTIO
PETRI DE MEDICIS SALVTEM PLVRI
MAM DICIT.



Superioribus diebus satis ample tibi scripsi de reditu meo ab nouis illis regionibus: quas et classe: et impensis: et mandato istius serenissimi portugallie regis perquesiimus: et inuenimus quasq; nouum mundum appellare licet. Quando apud maiores nostros nulla de istis fuerit habita cognitio et audientibus omnibus sit nouissima res. Et tenim hęc opinionem nostrorum antiquorum excedit: cum illorum maior pars dicat ultra lineam equinoctialem: et versus meridiem non esse continentem: sed mare tantum quod atlanticum vocare: et siqui earum continentem ibi esse affirmauerunt. eam esse terram habitabilem multis rationibus negauerunt. Sed hanc eorum opinionem esse falsam: et veritati omnino contrariam hęc mea vltima nauigatio declarauit: cū in partibus illis meridiana continentem inuenerim frequentioribus populis: et animalibus habitatam: quę nostram Europam. seu Asiam: vel Africam: et insuper aerem magis temperatum et amenum: quę in quauis alia regione a nobis cognita: prout inferius intelliges: ubi succicte tantum rerum capita scribemus: et res digniores annotatione: et memoria: que a me vel videri: vel audire in hoc nouo mundo fuerit: ut infra patebit.

Prospero cursu quartadecima mensis Maij Millesimoquingentesimo primo recessimus ab Olyssippo mandante prefato rege cum tribus nauibus ad inquiscendas nouas regiones versus austrum Viginri mensibus continenter nauigauimus ad meridiem. Cuius nauigationis ordo talis est Nauigatio nostra fuit per insulas fortunatas: sic olim dictas: nunc autē appellantur insule magne canarie: que sunt in tertio climate: et in consuetibus habitari occidentis. Inde per oceanum totum litus africanum: et partem ethiopicam percurrimus vsq; ad promontorium ethiopicum: sic a prolomeo dictum: quod nunc a nostris appellatur Caput viride. et ab ethiopicis Bese gibe. et regio illa mandinga gradibus. 14. Intra torridam zonam a linea equinoctiali versus Septentrionem: que a nigris gentibus et populis habitatur. Ibi resumptis viribus: et necessarijs nostre nauigationi extulimus anchoras: et expandimus vela ventis: et nostrum iter per vastissimum oceanum dirigentes versus antarcticum parumper per occidentem inflexim.

aceitar, como quer *Magnaghi* (15), baseando-se em tais traduções do “*Paesi*”, que *jocundus* não designa pessoa alguma, mas ao contrário é um adjetivo, significa um agradável e divertido tradutor, um *jocosos interprete*?

Diz *Vignaud* (16) “que o documento original italiano do qual provem a carta *Mundus Novus* infelizmente está perdido e que dele não existe nenhum vestígio, ninguém disse tê-lo visto, sendo mencionado apenas com aquelas duas palavras: *ex-italico*.”

É simplesmente lamentável que esse grande americanista, preocupado em seguir de olhos vendados a trilha de *Varnhagen* (17), não tenha dispensado alguns momentos de atenção para confrontar a carta de Lisboa de 1502 ao Medici com a carta *Mundus Novus*. Se tal tivesse feito, saltaria aos seus olhos como saltou aos de *Magnaghi*, a prova irrefutável de que a carta *Mundus Novus* é uma compilação e não uma tradução, mas que o documento base dessa compilação existe — é a carta de Lisboa a Lourenço de Pier Francisco de Medici, é a carta que *Bartolozzi* publicou pela primeira vez em 1789 —, que é conhecida pelo seu nome .

O presente confronto feito por *Magnaghi* (18) do texto da carta *Mundus Novus* com a de “*Bartolozzi*”, confirma a nossa opinião.

(1) *Mundus Novus*

... e desde o dia em que zarpamos do referido promotorio, navegamos por espaço de *dois meses e três dias*...

(1) *Carta Bartolozzi*

Partimos do dito Cabo Verde e tanto navegamos que em *64 dias* chegamos a uma nova terra.

(15) “*Amerigo espucchi*”, volume I, página 62

(16) “*Americ Vespuce*”, página 16.

(17) “L’original italien n’a jamais été publié, et probablement il n’existe pas”. — “*Amerigo Vespucci*” etc. Lima, 1865, página 9.

(18) Obra citada, volume I, páginas 80 a 94.

Mundus Novus

- (2) Navegamos paralelamente a êste litoral, até que, ultrapassando o trópico de Capricórnio, descobrimos o polo Antártico, *cincoenta graus mais alto que o horizonte* daqueles povos.
- (3) Todos de ambos os sexos, andam nús, não cobrindo quaisquer partes do corpo: e como saem do ventre materno assim caminham para a morte. Têm robusto o corpo, de estatura mediana, *bem disposto e bem proporcionado...*
- (4) Formoso lhes é o rosto, que entretanto a si próprio se deformam perfurando as faces, os labios, o nariz e as orelhas. E não creia sejam pequenas tais perfurações, ou que apenas possuam uma só delas: pois a alguns vi eu que no rosto ostentavam sete orifícios, qualquer dos quais *da capacidade de uma ameixa*. Êsses orifícios fecham-

Carta Bartolozzi

- (2) Corremos tanto por êstes mares até que entramos na zona tórrida e passamos a linha equinocial na parte do austro e do trópico de Capricórnio, de modo que o polo sul *estava alto do meu horizonte cincoenta graus*.
- (3) Vimos que toda a terra era habitada por gente toda núa, tantos os homens como as mulheres sem cubrir as suas vergonhas. *São bem feitos de corpo e proporcionados...*
- (4) Os homens têm o costume de furar os lábios e as faces e depois põem nos furos ossos e pedras, não creais pequenos, que a maior parte deles o menos que têm são três furos e alguns sete e nove, nos quais põem pedaços de pedra e de *alabastro* verde e branco do comprimento de meio palmo e *da grossura de uma ameixa ca-*

Mundus Novus

nos eles com pedras azuis, fragmentos de mármore, belissimos *crístais de alabastro...*

- (5) ... não possuem *bens próprios mas tudo lhes é comum*, vivendo justamente sem rei nem lei, *sendo cada qual o senhor de si próprio.*
- (6) ...copula o filho com a mãe, o irmão com a irmã, o primo com a prima e qualquer com a primeira mulher que tope.
- (7) *Nenhum templo e nenhuma lei possuem*, nem contudo são idolatras. Que mais poderei dizer? *Vivem segundo a natureza* e devem ser considerados antes epicuristas que estoicos.
- (8) As tribos guerreiam-se entre si, sem qualquer arte e disciplina. Arengando os jovens, conseguem os mais velhos dobrá-los para o que quiserem e excita-los para

Carta Bartolozzi

talã, o que parece fóra do natural.

- (5) não têm entre eles *bens próprios, porque tudo é comum...* não possuem rei nem obedecem a ninguem, cada um é senhor de si...
- (6) Quando os seus filhos, isto é, as fêmeas estão na idade de gerar, o primeiro que as deve corromper é o pae, fóra o mais próximo parente que têm. Depois assim corruptas a fazem casar.
- (7) *Não tem lei nem nenhuma fé, vivem segundo a natureza.*
- (8) Não têm ordem nenhuma nas suas guerras salvo que fazem aquilo que os velhos aconselham, e quando combatem se matam mui cruelmente... e os inimigos

Mundus Novus

as guerras onde se matam barbaramente uns aos outros. E a quantos da guerra conduzem cativos conservam-nos não por lhes pouparem a vida, mas afim de serem mortos para sua alimentação: pois vencedores e vencidos se entredevoram uns aos outros e *a carne humana lhes é comum entre as vindas.*

(9) Não tenhas nenhuma dúvida quanto à veracidade dêste fato, porque já lhes *pareceu natural a um pai o direito de devorar a esposa e os filhos...*

(10) ... e eu próprio conheci um homem com quem também falei, do qual se divulgava a fama de *ter comido mais de trezentos corpos humanos.*

(11) E, outrossim, *permaneci por vinte e sete dias em certa ci-*

Carta Bartolozzi

(mortos) os despedaçam e os comem. Aqueles que aprisionam os conservam como escravos... *a carne que comem comumente é carne humana.*

(9) ... si é mulher dorme com eles, si é homem o fazem casar com suas filhas, e em certas épocas quando são tomados de fúria diabólica, convidam os parentes e o povo e os põem na frente, isto é, *a mãe com todos os filhos que dêle obteve e com certas cerimônias, os matam com setas e os comem.*

(10) ... um homem entre eles me confessou *ter comido carne de mais de duzentos corpos...*

(11) Muito lutei para compreender deles a vida e costu-

Mundus Novus

dade (sic) onde vi, pelas casas, carne humana salgada suspensa das vigas como *é costume entre nós fazer com toucinho e a carne de porco.*

(12) Suas armas são *arcos e flechas*, e quando avançam para a guerra *nenhuma parte do corpo cobrem em intuito de proteção*: e até nisto se parecem com os animais. Quanto em nós esteve, *esforçamo-nos por dissuadi-los de tão grosseiros costumes*, que nos prometeram abandonar.

(13) Vivem aqueles povos *cento e cinquenta anos* e raramente adoecem.

(14) *Muito temperado e ameno é o clima*, e, segundo me

Carta Bartolozzi

mes, porque vinte e sete dias comi e dormi com eles... encontramos nas suas casas *muita carne humana posta ao fumeiro.*

(12) São gentes bilicosas e entre eles muito crueis, e todas as suas armas e golpes são como disse Petrarca sujeitos ao vento, sendo *arcos, setas, dardos e pedras. Não usam defesa para o corpo, porque andam nós como nasceram.*

Repreendemo-los muito, mas não sei si emendarão.

(13) São gentes que vivem muitos anos porque, segundo suas sucessões muitos homens temos conhecido que tinham até quatro espécies de netos... encontrei um homem dos mais velhos que me assinalou com pedras ter visto 1.700 meses lunares que me parece ser *cento e trinta e dois anos*, tendo cada ano 13 meses lunares.

(14) Quanto à disposição da terra, digo que *é muito amena*,

Mundus Novus

assegurou, jamais se verificou ali *epidemia ou simples doença proveniente da corrupção do ar*. A não ser que pereçam de *morte violenta*, vivem por dilatados anos.

- (15) *Não são caçadores*; julgo por existirem ali *muitas espécies de animais ferozes*, e sobretudo de leões, ursos, inumeráveis serpentes e outras terríveis e horripilantes alimárias; e ainda por serem as *florestas muitíssimo extensas e vastas* e haver nelas árvores de imenso porte, razão porque não ousam os nativos, nós, sem proteção e sem armas, *expor-se a tão grandes perigos*.

- (16) Extremamente fértil e aprazível é a terra... As árvores mórmente ali vicejam sem cultura, e muitas dão frutos de *agradavel gosto e úteis ao corpo humano*; outras porém, nada produzem e nenhuns frutos ali existem semelhantes aos nossos. Polulam também,

Carta Bartolozzi

temperada e sadia... eles vivem muito tempo e não têm enfermidade, *nem pestilência ou corrupção de ar*, (morrem) de morte natural ou causada *por sufocação*.

- (15) Quando podem ter carne de animais e de passaros, comem-na, mas pouco porque *não têm cães e a terra é muito cheia de florestas que estão cheias de feras cruéis* e por isso *não penetram nas florestas a não ser em grande número*.

- (16) Esta terra é muito amena e cheia de inúmeras árvores verdes e muito grandes e que nunca perdem a folhagem, e todas têm odores suavíssimos e aromáticos e produzem muitíssimas frutas e *muitas delas de bom paladar e saudáveis ao corpo*. Os campos produzem

Mundus Novus

naquelas plagas inumeráveis modalidades de ervas e raízes, de que fabricam pão e excelentes alimentos. Têm eles outrossim muitas sementes, de todo em todo diversas das nossas... As árvores todas são ali odorosas e distilam goma, óleo ou outra essência, cujas propriedades, se conhecidas nos fossem, serviriam para guarnecer o corpo humano, em minha opinião. E, em verdade, *se o paraíso terrestre está localizado em alguma parte da terra, julgo que não dista muito daquelas regiões.*

(17) Não há quaisquer espécies de metal, exceto o ouro, de que são opulentíssimos aqueles sítios: e, não obstante, amostra alguma dele trouxemos conosco *nesta nossa primeira navegação.* Disso nos fizeram sabedores os habitantes, afirmando existir no interior das terras grandes quantidades de

Carta Bartolozzi

muitas ervas flores e raiz muito macia e boa e algumas vezes me admirei dos suaves odores das ervas e dos sabores dessas frutas e raízes, tanto que comigo pensava estar *perto do paraíso terrestre e achando-me entre estes alimentos podia acreditar estar próximo dele.*

(17) Porque fomos a descobrir... e não a procura de algum proveito, não nos enfadamos de procurar a terra... Os homens do país falam de ouro, outros metais e drogas muito milagrosas, mas eu sou daqueles como S. Thomé: o tempo fará tudo... Os seus habitantes *não dão valor a*

Mundus Novus

de ouro a que contudo nenhuma estimação ou preço votam.

(18) Pois acredito sinceramente que o nosso Plínio não chegou a tratar sequer da milésima parte dos tipos de papagaios e restantes aves e animais ali existentes, de tanta diversidade de aspecto e côres, que seria impotente para retratá-los o próprio Policleto, apesar de pintor e da sua consumada arte. Se pretendesse eu rememorar-te tudo quanto lá se encontra e escrever-te à cêrca das inúmeras espécies de animais e da infinita multidão destes, fôra isso tarefa demasiada, extensa e interminavel.

(19) E o céu recamado de formosíssimos astros e constelações: observei neles cêrca de vinte estrelas de tanto brilho quanto às vezes vemos em Venus e Júpiter. Examinei-lhes os movimentos e as órbitas e calculei-lhes com métodos geomé-

Carta Bartolozzi

-cousa alguma, nem ao ouro nem à prata.

(18) Que diremos da quantidade de pássaros, das côres das suas plumagens, cantos e quantos são e de que beleza? Não quero exceder-me nisto, porque tenho dúvidas se me darão credito. Quem poderá contar a infinidade de animais selvagens...

(19) ... revelaram-se a mim da parte do meridiano, inúmeros grupos de estrelas muito claras e belas, que sempre estão escondidas para os que habitam no sententrião, e nelas notei o maravilhoso artifício dos seus movimentos e as suas gran-

Mundus Novus

tricos as circunferências e os diâmetros, verificando serem da maior grandeza... Muitas outras pulquérrimas estrelas vim a conhecer, anotando-lhes cuidadosamente os movimentos, que procurei representar, à perfeição, por meio de diagramas, num como memorial da minha navegação.

(20) Consequentemente, de Lisboa, como deixei consignado, donde houveramos partido e que dista da linha equinocial trinta e nove graus e meio, velejamos até cinquenta graus além da referida linha: o que tudo perfaz em conjunto cêrca de noventa gráus como esta que atinge a quarta parte do círculo máximo, segundo o exato cálculo de mensuração a nós outros legado pelos antigos: é, pois, evidente que temos percorrido a quarta parte do globo.

Carta Bartolozzi

dezas medindo os diâmetros de seus círculos e figurando-as em desenho geométrico. Notei outros movimentos do céu, o que seria como cousa perigosa escrever-vos, mas de tôdas as cousas mais notáveis que nesta viagem me ocorreram, eu as anotei em um pequeno trabalho...

(20) Em conclusão fui à parte dos antipodas que, pela minha navegação é uma quarta parte do mundo; o ponto do meu zenith mais alto naquela parte formava um ângulo reto esférico com os habitantes dêste setentrião que estão na latitude de 40 gráus, e isto basta.

Verifica-se pela leitura atenta da carta *Mundus Novus*, conter ela uma série de contradições e de erros grosseiros de geografia e náutica. Apontemos, de acôrdo com Magnaghi, apenas as mais importantes

dessas contradições e os principais erros, para não alongarmos em demasia êste capítulo.

No começo da carta *Mundus Novus* diz Vespucci que em dias precedentes, teve a oportunidade de escrever “*de modo suficientemente amplo*” ao Medici e, logo depois declara que a carta que escreve “*apenas sucintamente expõe os fatos principais*”. Ora, si já tinha escrito “*de modo suficientemente amplo*”, que necessidade havia de ainda escrever “*sucitamente*” expondo os “*fatos principais*”? No final da *Mundus Novus* Vespucci manifesta a intenção de voltar à sua pátria dizendo “*e logo que o serenissimo rei se digne de restituir-me o terceiro* (a narração desta terceira viagem) *esforçar-me-ei por alcançar novamente a pátria e o repouso.*” Mas, linhas adiante declara: “*excogito comigo ainda agora efetuar uma quarta expedição*”, acrescentando que lhe foram prometidos dois navios “*devidamente equipados*”, e que para partir não espera sinão a ordem do rei. Tratando dos selvagens, diz Vespucci: “*gente essa que afirmo ser pacífica e tratavel*”, mas logo em outro ponto declara textualmente que “*se matam barbaramente*” e que “*se entredevoram uns aos outros e a carne humana lhes é comum entre as viandas.*”

Quanto aos erros de geografia e náutica, vejamos apenas os principais. A carta *Mundus Novus* diz: “*por vinte meses velejamos ininterruptamente para o meio dia*”. Mas si a viagem foi de maio de 1501 a julho de 1502, o tempo gasto nessa navegação é de quinze e não de vinte meses. Das Canárias se dirigiram para o Antártico desviando-se “*um pouco no sentido do ocidente, por efeito do vento a que chamam Vulturno*”. Acontece que êste vento sopra para E. S. E., ao passo que a direção da viagem é oposta, é O. S. O. Na final da *Mundus Novus* se lê: ... “*Já se me fez promessa de duas embarcações devidamente equipadas, para que me apreste a impellido pelo vento Áfrico, procurar novas terras na direção suéste*”. Porém o vento Áfrico sopra de O. S. O., isto é, do ocidente a direção da navegação é sudoéste e não suéste. Aproximados ao cabo de S. Roque, diz a carta *Mundus Novus*, “*deliberamos navegar na direção de léste ao longo do litoral*”, até que chegaram depois de 300 léguas em um recôncavo, “*onde o litoral se incli-*

nava para o meio dia ”, isto é, ao cabo de Santo Agostinho. Mas do cabo de S. Roque áquele de Santo Agostinho, a *costa corre francamente para o sul*, e do cabo de Santo Agostinho em diante toma a *direção S.O.* Diz ainda a *Mundus Novus* que nas costas do Brasil “há grande quantidade de pérolas”, quando essa frase é tirada de um trecho da viagem de Vespucci às costas de Pária.

Como já dissemos, não é admissível que Vespucci tenha escrito duas cartas ao Medici narrando a mesma coisa. E não é possível que tenha êle caído em tantas contradições como tem a *Mundus Novus*, que fosse capaz de cometer os erros grosseiros de geografia e náutica que apontamos, de vez que já tinha navegado bastante em 1499 na expedição Hojeda para não ser um neófito em tais ciências. Só um compilador podia aproveitar-se da carta “*Bartolozzi*” para transformá-la a seu sabor, enxertando fantasias, incorrendo em tantas contradições e praticando os erros náuticos e geográficos que apontamos na *Mundus Novus*.

Mas poderão dizer, por que não admitir que o contrário tenha acontecido? Por que razão a carta “*Bartolozzi*” não póde ser uma falsificação da carta *Mundus Novus*? O falsário então teria agido visando um destes dois objetivos: realçar a figura de Vespucci ou tornar mais atraente a leitura da narração da viagem ao Brasil. Mas quer num caso quer no outro, a carta então devia ter sido ainda mais ampliada. No entanto, a carta “*Bartolozzi*” não só é menos extensa que a *Mundus Novus*, como também está expurgada de tudo que é superfluo, de tudo que é inverossimil, de tudo que é contradição e erros grosseiros de geografia e náutica.

Quem adultera um documento qualquer, visa lucro ou resultado imediato. A nossa opinião de que a carta *Mundus Novus* é uma compilação, é uma adulteração da carta “*Bartolozzi*”, está plenamente justificada porque essa carta foi impressa e largamente difundida por quasi todos os países da Europa. O compilador obteve imediata recompensa pelo seu trabalho: seja si visou apenas ganhar dinheiro, seja si teve em mente enaltecer os méritos de Vespucci.

O que não é crível é que alguém naquela época tivesse a idéia de forjar uma carta tomando por base a *Mundus Novus*, apenas com o intuito de conserva-la encerrada nas páginas de um caderno, como ocorreu com a carta "*Bartolozzi*" que durante quase 3 séculos esteve completamente esquecida nas páginas do "*Códice Riccardiano 1910*". Lembremos ainda que na época em que o escriba do "*Códice Riccardiano 1910*" copiava em seu caderno a carta "*Bartolozzi*", pois faleceu em 1514, ainda ninguém sonhava pôr em dúvida as viagens de Vespucci, ainda não se tinham iniciado as polêmicas vespuccianas para que se cuidasse de refazer ou forjar documentos pró ou contra o Florentino. Acresce ainda esta circunstância. Este códice onde por cópia se acha a carta "*Bartolozzi*", contem também por cópia, cartas que diversos florentinos residentes em Lisboa e Sevilha enviaram a amigos em Florença, tais como de Girolamo Sernígi, Piero Rondinelli, Bartolomeu Marchioni, Tomaso Detti, Francesco Corbinelli, etc., sem que até hoje ninguém tenha posto em dúvida a honestidade desse escriba, sem que lhe atribuam a falsificação ou adulteração dessas cartas. Por que então se faz exceção quanto às cópias existentes nesse códice das cartas que Vespucci enviou a Lourenço de Pier Francisco de Medici?

Mas a verdade é que tudo explica a compilação a que nos referimos. Quando a carta *Mundus Novus* foi publicada pela primeira vez, toda a Europa estava ávida de conhecer o mais detalhadamente possível o que encerravam as terras do ocidente. Para satisfazer essa natural curiosidade, os "*repórteres*" daquela época, de comum acordo com os impressores, toda a vez que podiam obter uma cópia das cartas ou relatórios que os navegantes, ao voltarem de suas viagens a essa região, enviavam às pessoas amigas ou aos governos a quem serviam, mais por escopo comercial do que por outra cousa, compilavam tais comunicações, enxertavam narrações prenhes de toda a sorte de fantasia e as imprimiam com a possível urgência em folhetos que, como os jornais de agora, eram procurados e vendidos nas feiras, às portas das igrejas e em outros lugares onde o povo se aglomerava. Assim ocorreu com as viagens de Colombo, Vicente

Pinzon, Alonso Niño (*Libretto de tutta la navigatione del Re de Spagna*”, etc. 1504), com as de Ca’ da Mosto, Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral, etc. (*Paesi Novamente ritrovati*” etc. Vicencia, 1507), etc.

Julgamos ter provado suficientemente que a carta *Mundus Novus* não é de autoria de Vespucci, tendo sido compilada à sua revelia, provavelmente por um florentino: com o objetivo de lucro, ou quizá de elevar os méritos do seu conterrâneo da maneira que conhecemos.

CAPÍTULO III

A LETTERA A SODERINI

Mais conhecida por "*Lettera a Soderini*", existe uma descrição de quatro viagens ao Novo Mundo, atribuída a Vespucci e datada de Lisboa a 4 de setembro de 1504. Tal narração foi impressa em italiano e em latim.

A edição considerada princeps é a italiana, que tem como título: "*Lettera di Amerigo Vespucci delle isole nuovamente trovate in quattro suoi viaggi*". Trata-se de um opúsculo, formato quarto pequeno, mede 4 polegadas por 6 e três quartos e tem 32 páginas.

Os exemplares dêsse folheto são raríssimos, pois apenas temos notícia de cinco dêles a saber: o primeiro da Biblioteca do Museu Britânico; o segundo da Biblioteca Palatina de Florença; o terceiro da Biblioteca da Universidade de Princeton; o quarto, que possuía Varnhagen, mas cujo destino é ignorado; e finalmente o quinto que pertenceu ao marquês Gino Capponi, também extraviado.

Segundo expõe Vignaud (19), o bibliógrafo Peignot, em 1810, tendo encontrado um exemplar da *Lettera* anexado à carta do florentino André Corsali, de 1515, que foi impressa por Stefano di Carlo di Pavia, de Florença, em 1516, acreditou poder estabelecer a data da impressão do documento em estudo e indicou o ano de 1516. Algum tempo depois, o livreiro Tross, de Paris, descobriu um outro exemplar da *Lettera* que, também estava apenso à carta de Corsali, o que reforçou a opinião de Peignot que Harriette esposou, tanto assim, que na sua "*Bibliotheca Americana Vetustissima*", indicou o ano de 1516 como o da impressão da *Lettera*. Em seguida Galeani Napione examinando um exemplar da *Lettera* que estava ligado a um

(19) Obra citada, páginas 31 a 33.

opúsculo de São Basílio, impresso em 1506, para Piero Paccini de Pescia, de Florença, concluiu que Paccini fôra o editor da *Lettera*, mas que a impressão da mesma devia datar provavelmente de 1510, visto como Francisco Albertini no “*De Mirabilibus Novae et Veteris Urbis Romae*”, publicado em Roma nesse ano e onde faz elogios a Vespucci, não se refere à *Lettera*. Mas esse argumento de Napione não tinha consistência, porque Albertini também não faz alusão à *Quatuor Navigationes* publicada em 1507. Varnhagen, tendo comprado um exemplar da *Lettera*, notou por sua vez que a ele estava anexado o folheto de São Basílio e que no exemplar da Biblioteca Palatina de Florença, o mesmo fato era observado. Disso concluiu o sábio historiador brasileiro, que esses opúsculos tinham sido apenas na época de suas publicação e que, conseqüentemente, a impressão da *Lettera* devia ter sido em 1506, tendo sido feita nas oficinas de Piero Paccini. Após Varnhagen, o bibliógrafo Michel Kerney (20) confirmou a sua opinião, fazendo porém notar que Paccini era um livreiro de Florença que mandava imprimir livros e que, entre os impressores a quem dava serviço, se encontrava Gian Stefano di Carlo di Pavia, também de Florença. Ficou constatado que três obras editadas por Paccini em 1505, sem ter o nome do impressor, foram compostas com os mesmos tipos e demais materiais usados na impressão da *Lettera* e da carta de Corsali que data de 1516, sendo que trazia o nome do impressor: Stefano di Carlo di Pavia. Disso concluiu Michel Kerney, que Stefano se tinha tornado proprietário da livraria de Paccini, e, para obter lucros, anexava os opúsculos uns aos outros, quer os por ele impressos para Paccini, quer por conta própria. Dêsse modo se explica o fato de alguns exemplares da *Lettera* estarem apenas ora ao opúsculo de São Basílio de 1506, ora à carta de Corsali de 1516, impressos todos esses folhetos por Stefano. Em apoio dessa opinião de Kerney, temos o fato do florentino Girolamo Priuli fazer referência à publicação da *Lettera* no seu diário inédito, em 9 de julho de 1506.

(20) “The first four Voyages of Amerigo Vespucci”, Londres, 1885, nota na página 5.

À vista do exposto, a opinião hoje em dia aceita por todos, é que a *Lettera* foi impressa de 1505 a 1506 para o livreiro Piero Pacini, de Florença, pelo impressor da mesma cidade, Gian Stefano di Carlo di Pavia.

Como já declarámos, a edição italiana da *Lettera* não é endereçada a Soderini nem a nenhuma outra pessoa, si bem que se depreenda de seus dizeres ter sido escrita a essa alta personagem da República de Florença. O nome de Soderini todavia aparece em duas cópias manuscritas da *Lettera*: uma no “*Códice Riccardiano 1910*”, que estudaremos com detalhes; e outra da Biblioteca Magliabechiana (número 15, classe 37, código 209), manuscrito êste do século XVIII, portanto de uma época muito posterior a 1550, quando Ramusio publicou parte da *Lettera*, dando-a como endereçada a Soderini. Para o nosso estudo êsse manuscrito é destituído de qualquer valor crítico.

Alexandre Humboldt (21), devido ao número elevado de espanholismos existentes na *Lettera*, admitiu a possibilidade de que a carta original teria sido escrita em espanhol.

Levando quiçá em consideração êsse reparo de Humboldt e baseando-se entre outras cousas, no fato da edição latina da *Lettera* ter uma frase interpolada, a qual diz ter sido a carta “escrita determinadamente para Fernando, rei de Castella” (*ad Ferdinandum Castiliae Regem nominatim scriptas ad te quoque mittam*), o professor George Tyler Northup, da Universidade de Toronto, Canadá, publicou em 1916 na Princeton University Press, um valioso trabalho filológico sob o título “*Amerigo Vespucci Letter to Piero Soderini Translated with Introduction Notes*”, onde com raro brilhantismo procura provar que a verdadeira carta escrita por Vespucci e narrando as suas quatro navegações, êle a redigiu em espanhol e a endereçou ao rei Fernando da Espanha.

Não comportando êste nosso livro, devido a sua finalidade, a análise e crítica do referido trabalho do professor canadense, limitar-

(21) “Examen critique de l’histoire de la géographie du nouveau continent et des progrès de l’astronomie nautique aux quinzième et seizième siècles” — Paris, 1836-39, volume IV, página 157.

nos-hemos a citar dele os tópicos mais interessantes e que reforçam diversos dos nossos argumentos.

* *
 *
 *

Os que, como Varnhagen, Gaffarel, HARRISSE, Fiske, Vignaud, etc., afirmam que Vespucci realizou as quatro viagens tais quais descreve a *Lettera*, costumam apontar a *Quatuor Navigationes* como a maior culpada pelos ataques sofridos por êsse navegante.

Assim se manifestam porque a *Quatuor Navigationes* tendo substituído, como dizem, por *Pária* a palavra *Lariab*, que se encontra na descrição da primeira viagem da *Lettera*, atribue a Vespucci a intenção de querer para si a prioridade da descoberta da terra firme de *Pária*, que pertence a Colombo, o que não é verdade, porque de acôrdo com a *Lettera* o Florentino nunca reivindicou tal prioridade.

Aceitando porém como realizada a viagem de 1497, a que se refere a *Lettera*, atribuem a Vespucci a prioridade da descoberta de uma enorme extensão de terra firme que abrange os golfos de Honduras, Campeche, Mexico e as penínsulas de Yucatan e Florida.

Vejam, pois, si assiste razão aos que assim opinam louvando-se na *Lettera*.

A *Lettera*, apesar de ser um opúsculo maior e mais interessante do que a *Mundus Novus*, ornada de vinhetas originaes fazendo alusão às quatro viagens de Vespucci, portanto de aparência e leitura atraente, não conseguiu passar de uma única edição, o que não deixou de impressionar Vignaud (22) que procurou explicar essa anormalidade dizendo que a versão latina da mesma, feita pelos chamados eruditos de Saint-Dié em 1507, desviou a atenção dos humanistas do texto italiano que caiu no mais completo esquecimento.

(22) Obra citada, página 35.

Mas na Itália o interesse pelos descobrimentos marítimos era enorme, principalmente em Florença onde residiam os banqueiros que financiavam as expedições, e em Veneza que procurava manter o monopólio do comércio das especiarias, de modo que tudo justificava várias edições da *Lettera*. Sem levar em conta a tradução latina feita em Roma, por Leandro de Cozcò, a 25 de abril de 1493, da carta que Colombo escreveu a Rafael Sanchez, tesoureiro dos Reis Católicos, em 14 de março desse mesmo ano narrando a sua primeira viagem ao Novo Mundo, nós sabemos que o secretário da embaixada de Veneza, na Espanha, de nome Angelo Trevisan, enviou em 1501 ao almirante Doménico Malipiero uma narração das três primeiras viagens de Colombo e das de Vicente Yañes Pinzon e Alonso Ninõ à América, obtida de Pedro Martyr de Angleria, que Albertino Vercellese publicou em Veneza em 1504 com o título: "*Libretto de Tuta la Navegatione de Re de Spagna de le isole et Terreni Novamente Trovati*". Logo em seguida, em 1507, Francanzano da Montalboddo publicou em Vicência uma coletânea de descrições de viagens e descobrimentos marítimos sob o título: "*Paesi Novamente ritrovati et Novo Mondo de Alberico Vesputio Florentino intitulato*", onde além de reproduzir o *Libretto*, descreve entre outras viagens, pela primeira vez, a de Pedro Alvares Cabral ao Brasil e à Índia, de acôrdo com a narração que dela fez em 1501, ao almirante Doménico Malipiero o nuncio de Veneza em Lisboa, de nome Giovanni Matteo Cretico, e traduz para o italiano a *Mundus Novus*. Essa coletânea de Montalboddo teve tal sucesso que foi reeditada em 1508, 1512 e 1519 em Milão e em 1517 e 1521 em Veneza.

Ora, se assim é em realidade, se na Italia as narrações de viagens e descobertas marítimas despertavam vivo interesse, como se justifica a *Lettera* apesar de ser um opúsculo pequeno, apenas de 32 páginas, portanto de impressão rápida e barata, não passar de uma única edição, a feita em Florença em 1505 ou 1506?

Porque em Florença, onde havia natural curiosidade pelos descobrimentos marítimos, de vez que os seus banqueiros, tais como os Medici, os Marchioni, os Sernigi, etc., financiavam as expedi-

ções espanholas e portuguesas, a *Lettera* nunca foi impressa, exclusão feita da primeira edição?

Quer nos parecer que a razão reside no fato de ser ela considerada apócrifa em vista de serem conhecidas as verdadeiras cartas que Vespucci tinha escrito a Lourenço de Pier Francisco de Medici, seu patrão e amigo, as quais eram copiadas e recopiadas pelas pessoas que se interessavam por descrições de viagens. Reforça esta nossa opinião o fato singular do editor da *Lettera* procurar forçar a sua venda, para isso anexando-a, ora ao opúsculo de São Basílio impresso em 1506, ora à carta de Andréa Corsali estampada em 1516.

Acresce ainda esta circunstância posta em relevo por Magnaghi (23). A *Lettera* foi impressa em Florença e quem a publicou ocultou o local da impressão, a data e bem assim o nome do destinatário. Ora, isso só se justifica porque a *Lettera* foi forjada do começo ao fim e quem isso fez não ousou, mas só deixou supor fosse ela endereçada a Soderini para dar maior crédito aos incautos leitores.

Como acabamos de ver, a *Lettera* para nós é apócrifa e, assim sendo, passamos a justificar essa nossa opinião, quiçá temerária para os que esposam a tese defendida por Varnhagen, Vignaud etc.

De acôrdo com a *Lettera*, Vespucci partiu para as suas viagens e delas regressou nas seguintes datas;

<i>Partidas</i>	<i>Regressos</i>
1ª. viagem — 10 de maio de 1497	15 de outubro de 1498
2ª. viagem — 16 de maio de 1499	8 de setembro de 1500
3ª. viagem — 10 de maio de 1501	7 de setembro de 1502
4ª. viagem — 10 de maio de 1503	18 de junho de 1504

Como se vê, as viagens foram iniciadas tôdas no mês de maio, e, três delas no mesmo dia. É natural que procurassem zarpar em determinada época, porque a experiência indicava que ela era a

(23) Obra citada, I volume, página 125.

mais propícia para tirar vantagens dos ventos e correntes marítimas. Mas que três dessas viagens tenham se iniciado no mesmo dia (10 de maio) tanto partindo de Cadiz quanto de Lisboa, e que tenham durado quasi que o mesmo tempo, apesar de terem percorrido distâncias diferentes, não é admissivel. Por exemplo: na segunda viagem Vespucci atingiu apenas 5 graus de latitude sul e na terceira, foi até 50 graus. No entanto, de acôrdo com a *Lettera*, o tempo gasto tanto numa como noutra viagem, foi quasi que o mesmo.

Ora, Vespucci ou qualquer outra pessoa que entendesse de navegação, não podia ser o autor dessa disparatada distribuição de viagens. E, depois, tanto em Sevilha como em Lisboa, residiam florentinos que eram agentes de casas comerciais e bancarias de Florença, interessâdos nessas viagens. Êsses agentes escreviam aos seus amigos e parentes e principalmente aos patrões, relatando tais viagens e indicando as datas das partidas e chegadas das expedições, como podemos verificar pelas cartas de Pietro Rondinelli, Giovanni da Empoli, etc., que fazem alusão às de Vespucci. Assim sendo, êste navegante estava impossibilitado de mentir e seria um cretino se distribuisse as suas viagens como está na *Lettera*, pois em Florença não faltaria quem o apontasse como mentiroso.

Segundo a *Lettera*, Vespucci atingiu na segunda viagem um ponto no litoral da América do Sul situado a 5 graus de latitude sul, onde deparou com uma terra alagada, cheia de grandes rios não podendo aí realizar desembarque porque não havia local que não estivesse inundado. Pois na terceira viagem chegou a essa mesma latitude, mas desta vez encontrou uma terra amena e de boa aparência, que não estava alagada. Ora, si Vespucci tanto na segunda, como na terceira viagem, partiu quasi que no mesmo dia do mês de maio, certamente chegou tanto numa como noutra viagem, na mesma estação do ano ao Brasil. Portanto nada pôde explicar essa disparidade de aspecto do litoral brasileiro situado a 5 graus de latitude sul a que se refere a *Lettera*, a não ser o pouco cuidado com que essa carta foi compilada.

Não deixa de causar admiração, o modo como na *Lettera* estão distribuidas as narrações das quatro viagens. Elas vão progressiva-



Gravura do frontispicio do opúsculo "Lettera di Amerigo Vespucci delle isole nuovamente trovate in quattro suoi viaggi" (Lettera a Soderini).



MAGNIFICe domine. Dipoi della humile reuerentia & debite recõmendationi &c. Potra essere che uostra Magnificentia simara uigliera della mia temerita / et usada uostra sauidoria / cõ tãto absurdamẽte lo mimuoua a scriuere a uostra Mag. la p̃sente lettera tãto plĩssa: sappiendo che di cõtinuo uostra Mag. sta occupata nellĩ altri consigli & negotĩ sopra el buon reggimẽto di cõtesta

excelsa Repub. Et mi terra nõ solo presumtuoso / sed etiam perotioso / in pormĩ a scriuere cose nõ conuententi a uostro stato / ne dilecteuoli / & cõ barbaro stilo scripte / & fuora dognĩ ordine di humanita: ma la cõfidentia mia che tengo nelle uostre uirtu & nella uerita del mio scriuere / che son cose nõ si trouano scripte ne p li antichi ne p moderni scriptori / come nel pcesso conoscerà V.M. mĩsa essere usato. La causa principale chĩ mosse a scriuerul / fu p ruogho del p̃sente aporatore / che si dice Benuenuto Benuenuti nostro fiorẽtino / molto seruitore secõdo che si dimostra / di uostra Mag. & molto amico mio: el quale trouandosi qui in questa citta di Lisbona / mi prego che lo facessi parte a uostra Mag. delle cose per me uiste in diuerse plaghe del mondo / per uirtu di quattro uiaggi che ho facti in discoprire nuoue terre: edua per mando del Re di Castiglia don Ferrãdo Re. vi. per el gran golfo del mare oceano uerso loccidente: et laltre due p mandato del poderoso Re don Manouello Re di Porrogallo / uerso laustro: Dicendomi che uostra Mag. ne piglierebbe piacere / & che in q̃sto speraua seruirul: ilperche mi disposi a farlo: pche mi rendo certo chĩ uostra Mag. mi tiene nel numero de suoi seruidori / ricordãdomi come nel tempo della nostra giouentu ui ero amico / & hora seruidore: & andando a uditre eprincipiĩ di grãmatica sotto la buona uita & doctrina del uenerabile religioso frate di S. Marco fra Giorgio Antonio Vespucci: e consigli & doctrina del quale piacesse a Dio che lo haueffi seguitato: che come dice

mente diminuindo a partir da primeira até a última viagem. Das 32 páginas que a *Lettera* contém, a primeira viagem abrange 16 páginas, a segunda 7, a terceira 6 e a quarta viagem 3 páginas. Mas Vespucci, si tal descrição escreveu, devia saber perfeitamente que as duas primeiras viagens deviam despertar pouco interesse, muito menos que a terceira e a quarta. Nas duas primeiras viagens percorreu êle um trecho de mar já sulcado por Colombo e seus continuadores, sendo que os resultados dessas viagens já tinham sido dados à publicidade. Ao passo que nas últimas duas viagens ao Brasil, êle visitou uma região completamente desconhecida, razão bastante para fazer uma ampla e interessante narração do uso e costumes de seus habitantes, o que não fez. Mas isso ocorreu, porque como iremos ver, a *Lettera* foi forjada e quem a forjou já tinha aproveitado o conteúdo da *Mundus Novus* e da carta *Bartolozzi* para a descrição dos selvagens da região de Pária, nada portanto sobrando para narrar as viagens ao Brasil.

O professor Northup é de opinião que a *Lettera* é uma compilação e diz textualmente: “É um fato bastante conhecido que muitos dos tópicos que aparecem na carta a Soderini, referindo-se à primeira viagem, também são encontrados na *Mundus Novus*, que se refere unicamente à terceira viagem” (24). E logo em seguida acrescenta que a *Lettera* possui vários trechos que evidenciam intercalações; mas que estão no princípio e no fim, logares que facilitam tal processo.

Mas Magnaghi (25) vae muito além. Fazendo um elevado número de confrontos entre tópicos da *Lettera* e de documentos da época inclusive narrações de viagens, patenteia ser ela uma verdadeira colcha de retalhos. Assim na narração da primeira viagem, o compilador da *Lettera* recorreu à carta *Mundus Novus*, à de *Bartolozzi*, ao “*Libretto di tutta la navigatione del Re di Spagna*”, à descrição de Michele da Cuneo e até às viagens de Marco Polo. Quan-

(24) Obra citada, página 26.

(25) Obra citada. I volume, páginas 210 a 248.

to à segunda viagem, nota-se conter ela várias passagens da carta que de Sevilha escreveu Vespucci ao Médici em julho de 1500, da narração de Michele da Cuneo e, provavelmente, das descrições das viagens de Simone dal Verdi e de Alonso Ninõ. Em se tratando da terceira viagem observa-se que a narração dela foi feita, recorrendo à carta que de Cabo Verde, Vespucci enviou ao Medici em junho de 1501, à carta *Mundus Novus* e à de Giovanni da Empoli de 16 de setembro de 1504. Quanto à quarta viagem, exgotadas pelo compilador quase tôdas as fontes, a narração é curta si bem que se notem algumas passagens que foram inspiradas pela leitura das cartas de Piero Rondinelli e Giovanni da Empoli.

Com o escopo de justificar êsse conceito sôbre a *Lettera*, transcrevemos aqui alguns dos confrontos a que nos referimos, feitos por Magnaghi:

A Lettera

Mundus Novus

(1) ...e começamos nossa navegação em direção às ilhas Afortunadas, que hoje se chamam a Grã-Canária, que estão situadas no mar oceano no fim do Ocidente habitado, posto no terceiro clima...

(1) Fez-se a nossa navegação ao longo das Ilhas Afortunadas, assim ditas outrora, mas designadas hoje por Ilhas Grandes Canárias que ficam no terceiro clima e nas extremas partes habitadas do Ocidente.

A Lettera

Mundus Novus

(2) ... andam todos completamente nus, tanto homens como mulheres, sem cobrir suas vergonhas, do mesmo modo que saíram dos ventres de suas mães.

(2) Todos, de ambos os sexos, andam nus, não cobrindo quaisquer partes do corpo: e como saem do ventre materno...

A Lettera

- (3) São de mediana estatura, muito *bem proporcionados*; *sua carne é de côr que pende para o vermelho* como o pelo de leão. Creio que se andassem vestidos, seriam brancos como nós... os cabelos são longos e pretos... são muito ageis no andar e no correr...

A Lettera

- (4) A causa de suas guerras não é a ambição de reinar, nem de aumentar seus domínios nem desordenada cobiça, mas por antiga inimizade que tiveram entre si em tempos passados. Interrogados porque guerreavam, não sabiam apresentar outra razão, a não ser que assim fariam *para vingar a morte de seus antepassados ou de seus pais*.

A Lettera

... o parente mais velho *dêste se levanta e vai falando pelas estradas para que vão com êle vingar a morte daquele seu parente...*

Mundus Novus

- (3) Têm robusto corpo, de estatura mediana, bem dispostos e *bem proporcionados, de côr tirante a vermelho*, o que lhes advém, segundo penso, do fato de, por andarem nús, serem tismados pelo sol. O cabelo possuem-no abundante e negro. No andar e nos folguedos são expeditos e nobres.

Carta Bartolozzi

- (4) O que mais admiro nestas guerras... e não sabem que coisa seja *a cobiça como bens ou avidez de reinar*, o que me parece seja a causa das guerras e de qualquer ato desordenado. Quando lhes perguntávamos a causa, não sabiam apresentar outra razão a não ser que... *querem vingar a morte dos antepassados*.

Mundus Novus

- (5) *Arengando os jovens, conseguem os mais velhos dobrá-los para o que quiserem e excitá-los para as guerras...*

A Lettera

- (6) São mulheres muito fecundas e durante a gravidez não recusam nenhum trabalho. Seus partos são tão faceis que, depois de um dia dos mesmos vão por todos os lugares, *principalmente lavar-se* nos rios, e estão sadias como peixes.

A Lettera

- (7) São mulheres de corpo gentil, muito bem proporcionadas, porque não se vê nos seus corpos coisa ou membros mal feitos. Apesar de andarem completamente núas, são mulheres cheias de carnes, não se vendo aquelas partes de sua vergonha, que não pode imaginar, quem não *as viu pois as encobrem com as coxas*, salvo aquela parte que a natureza não cuidou, que é, falando honestamente o púbis.

A Lettera

- (8) Raras vêses vereis *os peitos caídos* em uma mulher, ou o *ventre caído ou enrugado*, por muito parir, *pois*

Carta Bartolozzi

- (6) São gente muito fecundas... As mulheres nos seus partos não fazem resguardo como as nossas, pois comem de tudo e apenas tenham parido vão no mesmo dia *ao campo e se lavam*.

Mundus Novus

- (7) As mulheres como já assinalei embora andem núas... sabem contudo ter o corpo bastante formoso e limpo: nem tão feias são como se poderia talvez imaginar, porque, sendo bem providas de carnes, menos se lhes põe à mostra a fealdade, que, pela maior parte, *lhes é naturalmente disfarçada pela exuberância da corpulência*.

Mundus Novus

- (8) É surpreendente nos pareceu que entre elas nenhuma se visse que tivesse *caídos os seios*; e as que já tinham

A Lettera

tôdas parece que nunca pariram.

Mundus Novus

dado à luz, em nada pela forma e contração do ventre, se distinguiam das virgens.

A Lettera

(9) Mostram-se muito desejosas de unir-se connosco, cristãos.

Mundus Novus

(9) Ao terem ensejo de copular com os cristãos, contaminavam e poluíam todo sentimento de recato, excitadas de incontida libidinagem.

A Lettera

(10) Não percebemos se estas gentes têm alguma lei, não se póde chama-los de mouros ou judeus. São piores que os gentios porque não vimos fazerem nenhum sacrificio e tão pouco têm casa de oração. Julgo que levam uma vida de *epicuristas*.

Mundus Novus

(10) *Nenhum templo e nenhuma lei possuem; nem contudo são idólatras... devem ser considerados antes epicuristas que estoicos.*

A Lettera

(11) Suas habitações são em comum e suas casas feitas em forma de cabanas, mas sólidamente construídas e feitas com grandes troncos de árvores cobertas de folhas de palmeiras resistentes

Carta Bartolozzi

(11) Habitam em comum em casas à moda de cabanas muito grandes feitas por gente que não tem ferro nem outro metal. Póde-se dizer que as suas cabanas, são casas admiráveis porque vi

A Lettera

às tempestades e aos ventos. Em alguns lugares são tão largas e compridas que, numa só casa, vimos que estavam 600 pessoas.

A Lettera

(12) Suas riquezas são penas de pássaros de muitas cores, rosários que fazem de ossos de peixes ou de pedras brancas ou verdes que colocam nas faces, nos lábios, ou nas orelhas... As riquezas que nesta nossa Europa e em outras partes usamos, como ouro, jóias, pérolas e outros luxos, não as têm em nenhuma conta.

A Lettera

(13) Comem pouca carne, exceto carne humana... porque comem todos os inimigos que matam ou fazem prisioneiros... admiram-se muito ouvindo-nos dizer que nós não comemos os nossos inimigos...

Carta Bartolozzi

que têm de comprimento 200 passos e 30 de largura, artificialmente construídas, e em uma destas casas estavam 500 a 600 pessoas.

Carta Bartolozzi

(12) ... não dão valor a coisa alguma, nem ao ouro nem à prata ou a outra jóia a não ser às coisas de plumagens ou de ossos, como se disse... costumam furar os lábios e as faces e depois põem nos furos ossos e pedras... de alabastro verde e branco ..

Mundus Novus

(13) ... pois vencedores e vencidos se entredevoram uns aos outros e a carne humana lhes é comum entre as viandas... admiram-se êles de não comermos nós outros os nossos inimigos...

A Lettera

(14) A maior prova de amizade que vos demonstram é dar-vos as suas mulheres e suas filhas, sendo que um pai ou uma mãe se têm por honrados quando vos trazem uma filha ainda moça virgem para dormirdes com ela... ficamos ali durante a noite, e nos ofereceram as suas mulheres de tal modo que não pudemos resistir.

A Lettera

(15) Verificamos que faziam pães de pequenos peixes que pescavam no mar aos quais davam-lhes uma fervura, depois os amassavam, faziam uma pasta ou pães que assavam nas brasas e assim comiam. Provamos e achamos que eram bons.

A Lettera

(16) ... porém andando na praia vimos na areia pegadas muito grandes...

As viagens de Marco Polo

(14) Eu vos digo que neste país existe um curioso costumè. E' que não se sentem envergonhados se um forasteiro ou outra pessoa fica com a mulher ou com a filha, ou com alguma mulher que more em sua casa, pois com isso tem prazer. (tradução da página 171 do "*I Viaggi di Marco Polo*" sob o cuidado de Ad. Bartoli, Firenze, 1863).

As viagens de Marco Polo

(15) Ainda vos digo que eles têm muitos bons peixes, e fazem biscoitos que cortam em pedaços e fazem-nos secar, e quando estão secos recolhem-nos e assim os comem, todo o ano como biscoitos. (Tradução da página 199 do "*I Viaggi di Marco Polo*", sob o cuidado de Ad. Bartoli, Firenze, ... 1863).

O Libretto

(16) E encontramos na areia as suas pegadas que eram muito maiores do que as nossas... (Tradução do capítulo CXII, do *Paesi*).

A Lettera

(17) Encontramos nesta costa corriam de suéste a noroés- de tanta força que não nos deixavam navegar e tôdas corriam de suéste a noroés- te... resolvemos virar os navios para o lado do no- roéste.

A Lettera

(18) ... vimos uma canoa que vinha de alto mar na qual havia muita gente. Resol- vemos apreza-la... e como nós nos fossemos aproxi- mando dela, puzeram os re- mos n'agua e começaram a navegar em direção a ter- ra. E como em nossa com- panhia viesse uma caravela de 45 toneis, muito veleira, a qual se pôs a barlavento da canoa... vendo nossa vantagem, deram força aos remos para fugir... e co- mo se viram cercados pela caravela e bateis, atiraram- se todos ao mar, que seriam 70 homens e estavam distan- tes da terra cêrca de 2 lé- guas, seguimo-los nos ba- teis durante todo o dia mas

A Carta de Sevilha de 28 de julho

(17) ... encontramos uma cor- rente de mar que corria de suéste a noroéste e era tão forte... resolvemos virar a proa para o noroéste.

Narração de Michele da Cuneo

(18) ... vimos vir de um cabo uma canoa, isto é, uma bar- ca... batendo remos que parecia um bergantim bem armado, no qual estavam 3 ou 4 *Camballi* com 2 *Cam- balle* e 2 índios que eram es- cravos aprisionados, aos quais chamam de *Camballi* os seus vizinhos daquela ou- tra ilha, tinham de pouco cortado também os membros genitais até o ventre, de mo- do que ainda estavam doen- tes; e tendo nós o batel do capitão em terra, visto que a dita canoa tentava fugir, saltamos no batel e demos caça à dita canoa... aprisio- namos a dita canoa com to- dos os homens e um *Cam- ballo* foi ferido por lança,

A Lettera

só pudemos aprisionar dois, que foi por acaso... e na canoa ficaram 4 jovens, os quais não eram de sua raça e traziam presos de outras terras. Tinham-nos castrados de tal modo que não possuíam membro viril e estavam com as chagas ainda frescas... disseram-nos por sinais que os haviam castrado para os comer... e soubemos que eram chamados Canibais, que eram tão ferozes que comiam carne humana.

A Lettera

(19) ... depois que andamos cerca de uma légua, deparamos com um vale onde encontramos cinco cabanas, que pareciam desabitadas mas onde achamos cinco mulheres, duas velhas e três donzelas tão altas que as olhamos com admiração. Quando nos viram tiveram tanto medo que não ousaram fugir; as duas velhas começaram a convidar-nos com palavras, trazendo-nos

Narração de Michele da Cuneo

pelo que pensavamos que estivesse morto; e deixando-o no mar por morto, vimolo depressa nadar... (Tradução da "*Raccolta Columbina*", III parte, volume II página 97).

A Carta de Sevilha de 28 de julho

(19) ... encontramos um caminho e puzemos a andar por ele 2 léguas e meia terra a dentro e descobrimos uma aldeia de cerca de 12 casas onde nada encontramos a não ser mulheres de tão grande estatura, que não havia nenhuma que não fosse mais alta que cada um de nós um palmo e meio. Logo que nos viram, tiveram grande medo de nós e a principal delas, que certo

A Lettera

muitas coisas de comer que puzeram numa cabana. Eram de estatura maior que a de um homem grande, e seriam de corpo como foi Francisco dos Albizi, porém de melhores proporções, de modo que estavam todos no propósito de levar três donzelas à força para Castela como curiosidade. Mas estando nesse propósito, começaram a entrar pela porta da cabana cerca de 36 homens muito maiores que as mulheres, e tão bem feitos que dava gosto vê-los.

A Carta de Sevilha de 28 de julho

era mulher discreta, com sinais nos levou a uma casa e nos mandou dar refrescos. Nós quando vimos mulheres tão grandes que sem dúvida eram criaturas fóra da estatura comum dos homens, resolvemos roubar duas delas, que eram jovens de 15 anos, para dar de presente a este Rei. E enquanto assim pensavamos, vieram 36 homens e entraram na casa onde estávamos bebendo. Eram de tão alta estatura, que cada um deles era mais alto estando de joelhos, que eu em pé. Em conclusão, eram da estatura de gigantes segundo os seus tamanhos, e a proporção do corpo correspondia à altura. Cada uma das mulheres parecia uma Pantasiléia e os homens Anteus.

À vista do exposto, é admissível que Vespucci possa ser o autor da *Lettera*? Quem como êle tinha, na verdade, realizado viagens ao Novo Mundo, acaso teria necessidade de recorrer a tantas fontes de servir-se de narrações alheias para descrever o que na realidade viu com os seus próprios olhos?

Diz Varnhagen (26) que os barbarismos da *Lettera* são uma das principais provas da sua autenticidade, e Vignaud (27) esposou essa opinião, como anteriormente já a tinham esposado outros historiadores de rénome. Será que Varnhagen, Vignaud e os que os acompanham, estão com a boa lógica? Ouçamos o professor George Tyler Northup que diz (28):

“O navegador florentino nasceu em 1451. Sabemos que êle nunca abandonou a Itália por longo periodo até 1490, quando partiu a serviço na Espanha, tendo dêsse modo crescido sómente falando o italiano. Na Espanha e mesmo em suas viagens, estava sempre em companhia de italianos, não perdendo a oportunidade de falar a lingua natal. Depois de 14 anos de residência na Espanha e Portugal, e do tempo passado em viagens, êle escreveu a carta a Soderini em 1504. Si a linguagem dessa carta, como nos foi transmitida na *Lettera*, representa o que Vespucci realmente escreveu, então devemos concordar que êle no decurso de 14 anos se esqueceu tanto de sua própria lingua que era incapaz de escrever uma linha sem violar os preceitos fundamentais da linguística italiana. Verificaremos então que êle se esqueceu de termos bastante usuais e comuns (29), substituindo-os por palavras e frases que êle tinha certeza de não formarem o menor sentido para os seus compatriotas. Mas será isso possível? Na idade de 39 anos os habitos linguísticos já estão adquiridos. Aprende-se uma língua estrangeira com dificuldade, e é muito mais improvavel esquecer-se a própria. O contrário do que se observa com pessoa que abandone ainda jovem a sua pátria. Um homem que possui suficiente inteligência para aprender com maestria

(26) Obra citada, página 67.

(27) Obra citada, páginas 33 e 34.

(28) Obra citada, páginas 28 a 31.

(29) A título de exemplo, aponta Magnaghi, obra citada, volume I, página 139, os seguinte espanholismos da *Lettera* com as palavras correspondentes em italiano: *savidoria* (*sapienza*), *usada* (*nota*), *patragne* (*fiabe*), *discanso* (*riposo*), *appartare* (*allontanare*), *brava* (*selvaggia*), *mando* (*comando*), *coditia* (*cupidigia*), *vaziar* (*vuotare*), *moza* (*giovane donna*), *cansar* (*stancare*), *alsi* (*cosi*), *achordar* (*stabilire*), *largho* (*lungo*), *breare* (*incatramare*), *adonde* (*dove*), *derrota* (*rotta*), *volta* (*ritorno*), *cavezuto* (*ostinato*), etc. etc.

uma lingua estrangeira, nessa idade, é muito improvavel que venha a ser um iletrado na sua própria. Pois bem. A única carta manuscrita e autógrafa de Vespucci que até agora conhecemos, é a datada de 9 de dezembro de 1508 e endereçada ao famoso cardeal Ximenez. Essa carta foi escrita em sua totalidade pelo próprio punho de Vespucci. Em absoluto não é obra de um secretário. Nós não nos deveríamos espantar se tal documento tivesse sinais do idioma italiano. Mas tal não acontece. A linguagem é no mais puro espanhol. Julgamos então que um homem capaz de se exprimir com tal desembaraço em uma lingua estrangeira, nunca seria capaz de escrever ininteligivelmente na sua lingua natal”.

Acrescentemos que qualquer florentino, e com mais forte razão Vespucci que era pessoa de cultura, si tivesse realmente escrito ao supremo magistrado de sua pátria, se teria esforçado para que a sua carta fosse expurgada de qualquer erro e, com maior empenho, de barbarismos como, em grande quantidade, contem a *Lettera*.

Devemos recordar que um elevado número de italianos que viveram longo tempo na Espanha e Portugal, quer como comerciantes e banqueiros, quer mesmo como navegantes tomando parte em várias expedições espanholas e portuguesas, tais como Bartolomeu Marchioni, Girolomo Sernigi, Piero Rondinelli, Andréa Corsali, Michele da Cuneo, Giovanni da Empoli, etc., nas suas correspondências a amigos, parentes e patrões residentes na Italia, sempre usaram a linguagem natal sem os barbarismos que notamos na *Lettera*.

Porque então querem fazer exclusão de Vespucci e admitir ser êle o único italiano que ficou impossibilitado de escrever a sua própria lingua, passando a redigir as suas cartas numa verdadeira algaravia?

Devido ao número de palavras do dialeto florentino que a *Lettera* contém e, por outro lado, levando-se em consideração os inúmeros barbarismos de origem espanhola que na mesma se notam, Magnaghi (30) chegou à conclusão de que o autor da compilação

(30) Obra citada, I volume, páginas 136, 141 e 245.

foi um florentino que, quando jovem, residiu na Espanha e que na época em que forjou a *Lettera* morava em Florença, porque só assim se póde explicar ter aproveitado o conteúdo das cartas que Vespucci em realidade escreveu ao seu patrão e amigo Lourenço de Pier Francisco de Medici.

Com que fim teria esse anônimo florentino compilado a famosa *Lettera*, quebra-cabeça dos estudiosos de Vespucci e de suas viagens? Si visou lucro, foi infeliz porque trabalhou apenas para os chamados eruditos de Saint-Dié que, só no ano de 1507, fizeram 7 edições da *Quatuor Navigationes*, ao passo que a edição florentina, como sabemos, não passou unicamente de uma. No caso de ter procurado enaltecer Vespucci, arranjando para êle quatro viagens afim de collocá-lo em grau de igualdade com Colombo, não podia ter tido idéia mais desastrada, porque a *Lettera* tem sido a fonte inesgotavel onde todos os detratores de Vespucci vão buscar sólidos argumentos para ataca-lo vantajosamente.

CAPÍTULO IV

“QUATUOR NAVIGATIONES”

Na pequena cidade de Saint-Dié, escondida nos Vosges, existia no começo do século XVI um pequeno grupo de eruditos que constituía por assim dizer uma academia que foi apelidada “Ginásio Vosgense”. Esses letrados que gosavam da proteção do duque Renato II de Lorena, eram influenciados pelo espírito do Renascimento e, na época em que se transferiram para essa cidade, as questões cosmográficas e geográficas empolgavam os humanistas de toda a Europa central e ocidental. As descobertas marítimas realizadas pelos portugueses ao longo das costas da África até à Índia, a de Colombo e de outros navegantes, eram o assunto predileto, sendo que as publicações das cartas de Colombo, e a atribuída a Vespucci com o título de *Mundus Novus*, tiveram várias edições e foram traduzidas para o latim, italiano, espanhol, francês e alemão.

Vautrin Lud, que é indicado como fundador do “Ginásio Vosgense”, que de ginásio só tinha o nome porque não ministrava instrução a ninguém, nem realizava reuniões de sábios ou literatos, concebeu a idéia de publicar uma nova edição da cosmografia de Ptolomeu, para isso montando uma tipografia e conseguindo o concurso de três jovens: Martin Waldseemüller, matemático, cosmógrafo e desenhista; Jean Basin Sandaucourt, literato; e Mathias Ringmann, humanista.

Pondo em execução a sua idéia, conseguiu Vautrin Lud publicar em Saint-Dié, a 25 de abril de 1507 uma introdução à cosmografia de Ptolomeu, cuja autoria é atribuída a Martin Waldseemüller (Martin Hylacomylus) e tendo por título: “*Cosmographiae introductio: cum quibusdam geometriae ac astronomiae principiis ad eam rem necessariis.*”

Esse opúsculo, dedicado ao imperador Maximiliano I da Alemanha, é de formato quarto pequeno, contem 52 folhas, e divide-se em duas partes. A primeira ocupa-se dos principios gerais da cosmografia, compreendendo nove pequenos capítulos que tratam da geometria, dos círculos do céu, da esfera, das cinco zonas, dos paralelos, dos climas, dos ventos e das divisões da terra. A segunda parte contem a descrição das quatro viagens de Vespucci ao Novo Mundo, com o título "*Quatuor Americi Vesputii Navigationes*".

O capítulo II da primeira parte trata do mundo conhecido por Ptolomeu e diz que *Americo Vesputio* ampliou o conhecimento do mesmo. No capítulo V lê-se que além dos povos conhecidos que habitam a zona tórrida, existem os que estão na grande extensão de terra recentemente descoberta por *Americo Vesputio*. O capítulo VII nos ensina que no sexto clima, na direção Antártica, encontra-se a região mais afastada da África, recentemente descoberta (Zanzibar, a pequena Java e a ilha Seula), assim como a parte do mundo que se pode chamar *Amerigen*, isto é, a terra de Amerigo, por assim dizer, ou *América*, pois foi *Amerigo* quem a descobriu.

Finalmente no capítulo IX se encontra este tópico que tem dado o que falar a todo o mundo: "*Nunc vero et hae partes sunt latius illustratae et alia quarta pars Americum Vesputium (ut in sequentibus andietur) inventa est, quam non video cur quis iure vetet ab Americo inventore sagacis ingenii viro Amerigem quasi Americi terram sive Americam dicendam; cum et Europa et Asia mulieribus sua sortita sunt nomina*". Isto é: "Agora, porém, que estas terras (Europa, Africa e A'sia) foram completamente exploradas, e uma outra parte, a quarta, foi descoberta por *Americum Vesputium* (segundo se verá mais adiante), por isso de nada sei que nos possa impedir de denomina-la, de direito, *Amerigem* ou *América*, isto é, a terra de *Americus*, em honra de seu descobridor *Americus*, um homem de mentalidade sagaz, uma vez que tanto a Europa como a Ásia receberam nomes de mulheres" (30 A). Também no mapa de Walde-

(30A) O nome certo de Vespucci é Amerigo e não Américo. Como provou Gustavo Uzielli ("*Atti del Terzo Congresso Geográfico Italiano*", Firenze, 1899, volume 11, página 466), tanto em Floren-

müller, de 1507, no trecho que corresponde ao Brasil, existe a legenda: — *América*.

Vignaud (31) esclarece êsse procedimento de Waldseemüller, propondo o nome *América* para designar o Novo Mundo do seguinte modo:

“Por agora, é preciso dizer que as razões que determinaram a escolha do nome de Vespucci para designar o Novo Mundo se explicam sem que seja necessário recorrer a nenhuma das suposições que a êsse respeito têm sido feitas.”

“Não é, como muitas vezes se tem dito, porque o autor da *Cosmographiae Introductio* ignorava a importância do feito de Colombo,

ça como em outras cidades da Toscana, o nome Amerigo era bastante usado não só como nome individual, mas também como nome de família. Na família de Vespucci, houve mais de um Amerigo, e ora lembramos que o seu avô também chamava-se Amerigo. Jules Marcou, de nacionalidade francesa, professor de geologia da Universidade de Cambridge, Estado de Massachusetts, Estados Unidos da América do Norte, a partir de 1884 até 1890, publicou em jornais e revistas, inclusive no boletim da Sociedade de Geografia de Paris, diversos artigos visando provar que o nome América provém de uma cadeia de montanhas da Nicarágua denominada Amerisque pelos indigenas dessa região.

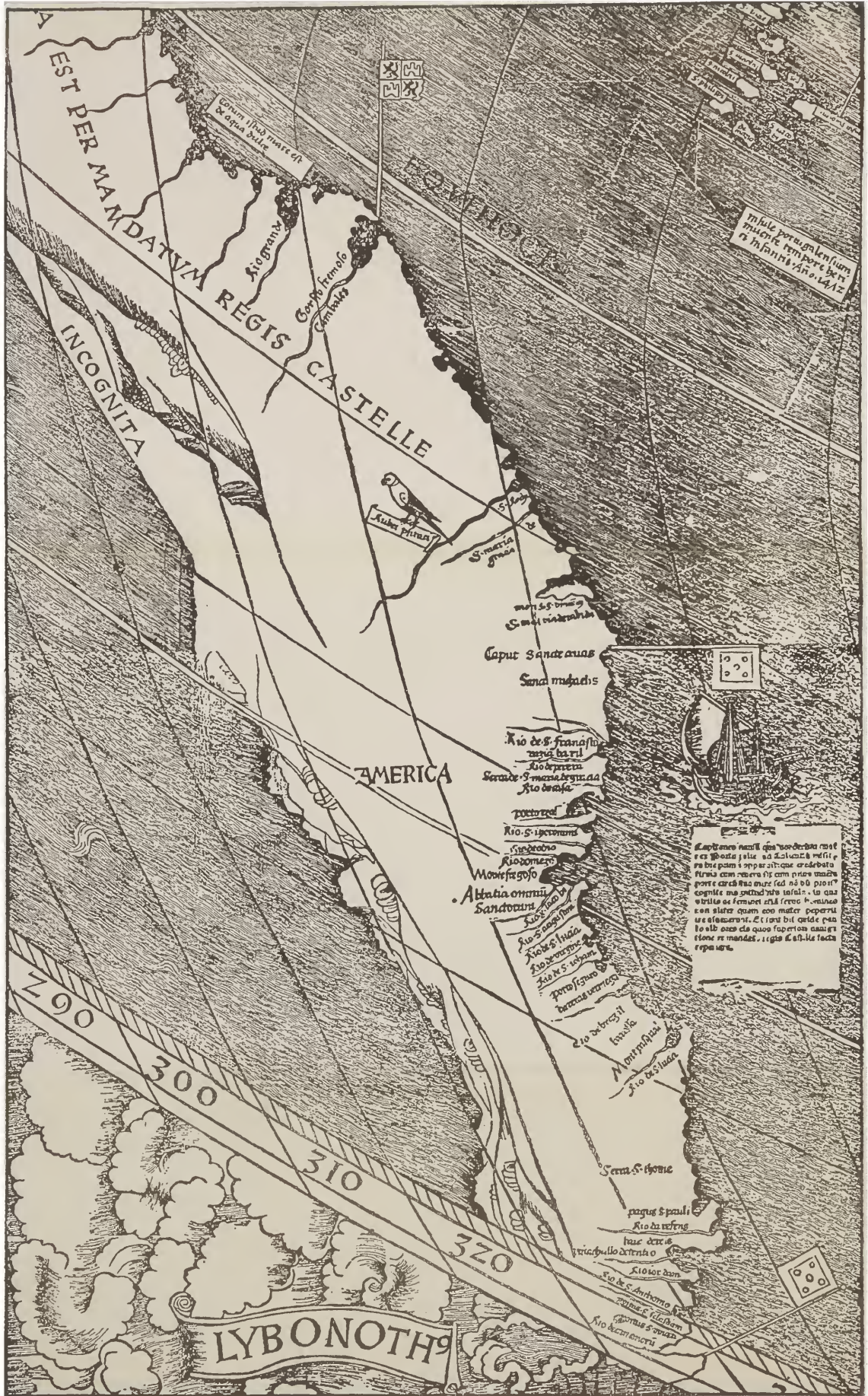
Tomas Lambert de Saint-Bris, em dezembro de 1888, expos à Sociedade de Geografia de Nova York o seu ponto de vista sobre a origem do nome América, dizendo que êle provém de uma região sagrada para os indigenas, situada na parte setentrional da América do Sul, chamada Can-Amaraca.

Em 1891, Alphonse Pinart, leu na Sociedade de Geografia de Paris um trabalho no qual procurou explicar que a palavra América tem a sua origem no nome de uma cidade destruída que se achava edificada na costa de Cumana, possivelmente onde se encontra hoje Barcelona, na Venezuela, cidade essa denominada Ameracapaná pelos indigenas.

Mademoiselle Lecocq, em 1892, no Congresso dos Americanistas reunido em Huelva, tentou provar que o nome América procede de Jamaica, ilha esta assinalada Tamaraque no mapa de Canerio, e Tamaraqua no de Ruysch, sendo que pela supressão e mutação de letras, estas duas ultimas palavras deram origem ao nome América.

Porém, como provou Henry Vignaud (“Americ Vespuce”, etc. Paris, 1917, páginas 244 a 254), todos êsses trabalhos tendo por escopo sustentar a tese de que a palavra América é indigena, não resiste ao embate da critica., visto que os argumentos são frageis e até absurdos.

(31) Obra citada, página 240.



Mapa de Waldseemüller de 1507, onde pela primeira vez é denominada América” a região que hoje é o Brasil.

Do facsimile de Fischer e von Wieser.

que essa sugestão foi apresentada. Em 1507 estava perfeitamente informada a êsse respeito toda a Europa culta. Nessa data havia já 15 edições diferentes, em espanhol, latim, italiano e alemão, da primeira carta de Colombo narrando a grande descoberta. Essa carta, é verdade, falava apenas das Antilhas. Mas o *Libretto* (32), publicado em italiano em 1504, havia tornado conhecida a terceira viagem, aquela na qual descobriu a terra firme e, sua carta de 1503, relatando a quarta ao continente, havia sido impressa em espanhol e traduzida em italiano em 1505.”

“Não se pôde supôr que essas publicações fossem ignoradas por eruditos como Lud, Ringmann e Waldseemüller, que eram geógrafos de profissão, como demonstram os seus trabalhos. Waldseemüller e seus colegas do “Ginásio Vosgense” conheciam pois todas as descobertas de Colombo quando propuzeram dar o nome de Vespucci a uma parte do Novo Mundo. O que é provavel, ou antes evidente, é que eles não compreenderam a verdadeira significação do feito do grande Genovês. Ainda não completamente informado a êsse respeito, Waldseemüller podia e devia acreditar que, mesmo depois de ter tocado em diferentes pontos de terra firme, Colombo não tinha descoberto a não ser um arquipelago, enquanto que Vespucci afirmava ter constatado a existência de um continente novo situado ao sul das ilhas descobertas pelo genovês Colombo, com as quais não podia ser confundido. Vê-se porque para Waldseemüller, o Novo Mundo não era o que hoje em dia entendemos por tal: era sómente essa parte da nossa América Meridional de que Vespucci tinha revelado a existência e da qual não se conheciam ainda os exatos limites”.

A verdade é que, quem se der ao trabalho de confrontar os mapas e globos do começo do século XVI, verificará facilmente que entre os cosmógrafos dessa época reinava grande confusão a respeito das terras do ocidente.

(32) Refere-se aqui Vignaud ao livro de Albertino Vercellese publicado em Veneza em 1504 sob o título: “*Libretto de Tutta la Navigazione del Re de Spagna de le isole e terreni novamente trovati*”.

Uns entendiam que as ilhas e terra firme descobertas por Colombo e seus continuadores, que hoje compreendem as Américas do Norte e Central, nada mais eram do que o prolongamento da Ásia, sendo que a América do Sul era um novo mundo que imaginavam ora ligado por um istmo a essa suposta região asiática, ora dela separado. Outros acreditavam que tanto a América do Norte como a Central e a do Sul, nada mais eram do que terras da Ásia. Um terceiro grupo de cosmógrafos levando em consideração a descoberta do Pacífico por Balboa, a viagem de Magalhães que revelou a grande extensão desse oceano, e as explorações da costa oeste do México e Califórnia por Cortez e seus companheiros, acertadamente admitiam que entre a costa oriental da Ásia e a ocidental da Europa, interpunha-se de polo a polo um grande continente. Dêste grupo convem citar Gerardo Kremer, chamado Mercator, que tanto no seu mapa de 1538 conhecido por *Orbis Imago*, como na esfera terrestre de 1541, desenhou o Novo Mundo completamente separado da Ásia, inscrevendo com letras bem visíveis as duas primeiras sílabas da palavra *América* no continente setentrional e as duas últimas no meridional, pondo assim em evidência a sua acertada concepção geográfica.

Vautrin Lud, um dos eruditos do “Ginásio Vosgense”, no seu trabalho “*Speculi Orbis Declaratio*”, publicado em Strasburgo em 1507, isto é, no mesmo ano em que foi estampada em Saint-Dié a “*Quatuor Navigationes*”, diz que o duque Renato II da Lorena recebeu de Portugal a versão francesa da *Lettera* e que Jean Basin fez a tradução para o latim. Por sua vez, a “*Quatuor Navigationes*” tem o seguinte título: “*Quatuor Americi Vesputii navigationes. Ejus qui subsequentem terrorum descriptionem de vulgari gallico in latinum transtulit*”. Assim, a dar-se crédito aos eruditos de Saint-Dié, a tradução latina de *Lettera* foi feita, não diretamente do texto original italiano, mas sim de uma versão francesa da mesma, procedente de Portugal. Essa opinião é esposada por historiadores de renome, entre eles Vignaud (33).

(33) Obra citada, páginas 45 e 46.

A *Quatuor Navigationes* é precedida de uma composição poética latina da autoria de Mathias Ringmann, e tem esta dedicatória: “*Illustrissimo Renato, Hierusalem et Siciliae Regi, duci Lotharingiae ac Barensi, Americus Vesputius humilem reverentiam et debitam recommendationem*”, cuja tradução é a seguinte: “Ao Ilustrissimo Renato, rei de Jerusalem e da Sicilia, duque de Lorena e de Bari, Amerigo Vespucci, humilde reverência com a devida recomendação.”

No exórdio, longo no começo, encontra-se a declaração de que a carta havia sido “escrita determinadamente para Fernando, rei de Castella” (*ad Ferdinandum Castiliae Regem nominatim scriptas, ad te quoque mittam*). Este tópico que é uma interpolação, nós a êle nos referimos ligeiramente no capítulo anterior.

Temos logo a seguir a frase onde Vespucci declara que “a causa principal que me move a escrever, foi o rogo do portador desta carta, Benevenuto, *humilde criado de Vossa Magestade*”. Linhas adiante, recordando o Florentino os laços de amizade que o ligam a Renato II, diz: “quando eramos jovens e junto estudavamos os rudimentos de gramática debaixo da direção *do meu tio Frei Jorge Antonio Vespucci*”. E, no fim do exórdio, diz que os antigos acreditavam que o âmbito do mar estava vazio e despovoado e que “dessa opinião foi também *o nosso poeta Dante*.” Na descrição da segunda viagem, querendo Vespucci dar idéia da estatura dos gigantes de uma ilha que descobriu, lembra o nome de uma pessoa florentina e diz que eram “tão grandes como Francisco de Albizi.” Quando inicia a narração da terceira viagem, Vespucci diz que o rei de Portugal o mandou chamar à sua côrte e “Voltou a enviar-me *Julião Bartolomeu Giocondo*, que residia em Lisboa, com o encargo de me levar a todo o transe”.

Mas nós sabemos que Benevenuto Benevenuti, *nunca foi humilde servidor* do duque Renato II de Lorena. Esclarece Santarem (34) que êste duque não podia ter sido condiscípulo de Vespucci porque

(34) “*Recherches historiques sur Americ Vespuce*”, Paris, 1842, páginas 56 a 58.

residiu em Joinville até a idade de 21 anos; quando em 1480 esteve na Itália, contava 29 anos e foi a Veneza negociar um tratado com a Senhoria. Por outro lado, o tio de Vespucci, frei Jorge Antonio, nunca se afastou de Florença. A frase final do exórdio, “*nosso poeta Dante*”, é hilare e dispensa qualquer comentário. Não deixa de causar admiração citar Vespucci, para indicar a altura dos gigantes da ilha Curaçao, o nome de Francisco de Albizi, indivíduo que Renato II não podia ter conhecido porque nunca esteve em Florença. O mesmo podemos dizer de Julião Bartolomeu Giocondo, que como diz a própria *Quatuor Navigationes* residia em Lisboa, cidade esta onde o duque Renato II nunca foi.

Por essas frases citadas da *Quatuor Navigationes* e pelo todo da mesma, fica evidenciado que a relação das quatro viagens de Vespucci, não foi em absoluto endereçada ao duque Renato II.

Há quem diga que Vespucci foi quem mandou traduzir para o francês a *Lettera* e enviou essa tradução ao duque Renato. Se isso fosse verdade, a primeira cousa que o Florentino teria feito era suprimir tudo o que na *Lettera* existe e que evidencia ter sido ela endereçada a Soderini.

Mas na realidade, tudo não passa da falta de competência de Jean Basin, aliás reconhecida pelo próprio Vignaud, (35) e da espartezza dos demais membros do “Ginásio Vosgense” que, tudo fizeram para ocultar a verdade, afim de esconder que a tradução era *ex-italica*, e fôra feita diretamente da *Lettera*, porque não queriam dedicar ao duque Renato a tradução de um trabalho já publicado, portanto do conhecimento público. Talvez tentassem por no mesmo grau de igualdade o duque Renato e o rei de Castela, para isso interpolando a frase a que nos referimos, e que diz que a relação das quatro viagens tinha sido “escrita determinadamente para Fernando, rei de Castela”.

(35) Diz esse americanista a página 223 da sua citada obra, referindo-se a Jean Basin: ...“mais divers passages de ce travail montrent que son auteur n'avait pas le sens critique très developpé”.

Passemos agora a provar que a *Quatuor Navigationes* não passa de uma péssima tradução feita diretamente da *Lettera*.

Diz Northup (36) que, “a melhor prova que a *Quatuor Navigationes* provém, em última análise, de uma fonte italiana, é fornecida por dois nomes geográficos que aparecem impressos em italiano: *Serra Liona e Li Azori*. Estas palavras sozinhas provam o fato, mas os disparates do tradutor mais facilmente nos fazem comprovar tal afirmativa. Onde a *Lettera* tem estampada corretamente a palavra *capanna* (cabana, choupana) a *Quatuor Navigationes* erradamente tem grafada *campana* (sino)”. Tal confusão não podia ter-se dado, na nossa opinião, si o tradutor tivesse sob as vistas um texto francês onde certamente não existiria *cloche*, *sonnette* ou *grelot*, mas sim *cabane*. Na *Lettera* existe seis vezes a palavra *Capo Verde* que foi traduzida na *Quatuor Navigationes* por *Campus Viridis*, isto é, *Campos Verdes*, erro que certamente não podia ocorrer si o tradutor tivesse que verter do francês para o latim a palavra *cap*.

Cita Magnaghi (37) inúmeros exemplos provando que a *Quatuor Navigationes*, ao contrário do que dizem os eruditos de Saint-Dié, não é nada mais que uma má tradução da *Lettera*. Transcrevemos aqui alguns deles. Na primeira navegação, existem na *Lettera* estas palavras: *sonagli et specchi, cente spalline*”, sendo que o certo seria “*sonagli et speochi, conterie e palline*”, isto é, guizos, espelhos, contas e bolinhas. Pois o tradutor latino escreveu: “*nolas specula, certos cristallinos*”. A frase da *Lettera* diz: “*per causa al suolo che di giá per sudicezza stava infecto*” (por causa do *solo* que por sujeira estava infecto). O tradutor latino traduziu *suolo* (solo) por *Phoebi*, forma poética de *Sol*. A *Lettera* termina deste modo “*Servitore Amerigo Vespucci in Lisbona*”, e a *Quatuor Navigationes* por sua vez finaliza com “*Americus Vespuccius in Lisbona*” sendo que *in Lisbona* não é absolutamente a tradução latina de *em Lisboa*. Na *Lettera* (quarta viagem) diz que aproaram em um porto com o nome de “*Badia di tutti e Sancti*”, sendo

(36) Obra citada, página 12 e 13.

(37) Obra citada, volume I, páginas 158 a 166.

badia (abadia) um erro tipográfico, pois o certo é *baía* (bahia). Pois o tradutor latino verteu: “*Omnium Santorum abbaciam*”. Na *Lettera*, por exemplo, é empregada a expressão navegar “*alla volta*”, e no texto latino é usada a palavra *gyrum*: “navigando septe giorni *alla volta* del mare”, isto é, navegando sete dias mar a dentro, afastando-se de terra, foi traduzido por “*septem dies per gyrum maris*”. No outro lugar da *Lettera* se lê: “fumo *alla volta di terra*,” fomos em direção à terra, que o tradutor latino verteu “*circa plagam ipsam in gyrum nos collegimus*”. Ignorando o significado de *continua* (“*continua con la (terra di cui) di sopra si fa metione*”), isto é, contigua com a terra que acima se faz menção, o tradutor acreditou que *continua* significasse *contra* e empregou êsse vocábulo. Diz a *Lettera*, referindo-se aos selvagens: “*erano di gesto e di viso molto brutti*”, isto è, eram de gestos e de rosto muito feios, que foi traduzido por “*vultu ac gestu corporis brutales admodum*”. *Brutales* não pôde ter sido sugerido a não ser do italiano *brutti* que falta no francês, sendo que o tradutor acreditou que aquela fôsse a palavra latina correspondente, já que está em contraste com os *gens benignissima et gratissima*” por êle usado pouco antes. Na *Lettera* se lê: “*et ci presentarono molte tortughe*” (tartarugas) e na “*Quatuor Navigationes*” se nota “*plurimos tortures... nobis obtulerunt*”. O tradutor acreditou que correspondesse a *tourterau*, e fez surgir as *rolinhas*, sem reparar que quem fazia a oferta eram pescadores, de modo que resultou uma frase como esta: “*psicium ingns abundat copia, ex quibus ipsi plurimos tortures ac quambonos pisces alios plures ultro nobis obtulerunt*”. Na descrição do iguano se lê na *Lettera*: “*dal naso si move una cresta come una sega, che passa loro per il mezzo della schiena*”, isto é, do nariz parte uma crista como *serra* que passa pelo meio do dorso. A tradução da palavra italiana *sega* foi feita para o latim com o emprego do vocábulo *seta*. Em francês a palavra italiana *sega* é *scie*, como tartaruga é *tortue*, de modo que, si o tradutor latino tivesse debaixo da vista um texto francês da *Lettera*, dificilmente poderiam surgir *seta* e *turtures*. Diz a *Lettera*: “*Malacha... sta in paraggio di 33 gradi dal polo antartico*”, isto é, Malaca está na posição de 33 graus do polo antár-

tico. Mas o tradutor latino verteu: “*in aspectu* triginta trium gradum”... Há na *Lettera*, quarta viagem, esta frase: “Era nave di 300 tonelli, nella quale andava tutta l’importanza della *flotta*”, cuja tradução é a seguinte: era nau de 300 toneis, na qual estava toda a importância da frota. Na *Quatuor Navigationes* tal tópico foi assim traduzido: “in qua note totius *turbe* totalis potentia erat”. A palavra *flotte* em francês, no sentido de reunião de navios, data sómente do século XVI; antes só era usada como correspondendo a reunião de pessoas e de objetos da mesma espécie. De modo que o tradutor não sabendo que no italiano, *flotta* corresponde ao latim *classis*, não encontrou palavra melhor que *turba*.

E dando por paus e por pedras, o tradutor latino de Saint-Dié traduziu da *Lettera* diversas frases para o latim que provocam até risos: “*navi di conserva*” (navios de companhia), por “*conservantiae naves*”; “*pigliamo nostro rinfrescamento*”, (fizemos nossa provisão de viveres), por “*nos ipsos refrigerando*”, isso quando os navios estavam nas costas da Serra Leoa, onde o calor é horrível.

Em conclusão: a *Quatuor Navigationes* nada mais é do que uma tradução muito mal feita da *Lettera*, o que põe por terra toda essa história inventada pelos astuciosos acadêmicos de Saint-Dié de que o duque Renato II recebera de Portugal a tradução francesa de uma carta escrita por Vespucci especialmente ao rei Fernando de Castela, narrando as suas quatro viagens ao Novo Mundo, a qual Jean Basin se encarregou de verter para o latim.

CAPÍTULO V

O CÓDICE RICCARDIANO 1910

Na Biblioteca Riccardiana de Florença, que pertenceu ao marquez Riccardi, existe um volume manuscrito que mede 28 centímetros por 21, contem 184 folhas de papel escritas em dupla coluna sendo a caligrafia bastante uniforme. Tal códice que é denominado "*Riccardiano 1910*", foi escrito nos últimos anos do século XV e nos primeiros do século XVI, por Piero Vaglienti, que faleceu em Florença em 1514.

A prova de que êsse manuscrito é da autoria de Vaglienti, se verifica por diversas passagens nele existentes. Assim, na primeira página figura o índice, com a declaração de que foi organizado "*per me Piero Vaglienti*". No documento número 17, que trata da causa do progresso do comércio português, se lê entre outras cousas o seguinte: "*che se si faceva mia volontà di me Piero Vaglienti*". Na página 131^a, existe uma nota "*d'una apologia mandata per me Piero Vaglienti alla magnifica nostra Singnoria di Firenze, per l'utile e bene della città e del popolo di essa*".

O códice em apreço contém em resumo e por extenso, além de escritos do próprio Vaglienti, cópias de documentos referentes a viagens ou descrições de povos e regiões distantes. Importantes são porém as cartas que os agentes de firmas florentinas de Lisboa remeteram à Itália, notadamente à Florença, narrando os resultados das viagens dos portugueses à Índia. Existem cópias de cartas contendo tais narrações da autoria de Girolomo Sernigi, Bartolomeu Marchioni, Tomaso Detti, Francesco Corbinelli, Piero Rondinelli, etc.

A relação completa dos escritos contidos nesse códice, em número de 33, foi publicada por Gustavo Uzielli (38) e é a seguinte:

- 1 — *Macho Polo (folha 1 a — 39 a)*. Cópia de diversos trechos dos “Milhões”.
- 2 — *E chonfini de l'Ungheria, e chome é situata (folha 39 a) — Nota della piú chomada via per andare al Santo Sepolchro (folha 39 b 40 a). — Nota del sito di Domascho (40 ab)*.
- 3 — *Nota d'una letera schrive Amerigo Vespucci di Chadisi, di loro ritorno de l'isole d'India (folha 41 a — 47 a)*. É a carta que Vespucci escreveu de Sevilha a Lourenço de Pier Francisco de Medici, a 18 ou 28 de julho de 1500.
- 4 — *Chopia d'una altra letera venuta di Lisbona da Bartolomeo Marchioni, soto di 27 di giungno anno 1501 (folha 47a — 48a)*. É a carta de Marchioni dando noticia da chegada da primeira nau da frota de Cabral que tinha ido à India.
- 5 — *Lettera di Bartolomeo sopradetto (folha 48ab)*. É a segunda carta escrita por Marchioni, nos primeiros dias do mês de julho de 1501, completando a notícia da viagem de Cabral à India.
- 6 — *Chopia d'una lettera schritta (da) Amerigho Vespuci de l'isola del Chapo Verde è nel mare oceano, a Lorenzo di Piero Francescho de Medici, solto di iij di giungno 1501 (folha 48b — 52b)*. É a carta que Vespucci escreveu de Cabo Verde a Lourenço de Medici.
- 7 — *Nota d'una lettera venuta d'Amerigho Vespuci a Lorenzo di Piero Francesco de Medici l'anno 1502 da Lisbona, della loro tornata dalle nuove terre, mandato a cerchare per la maestà de're di Portoghallo (folha 52b — 55b)*. É a descrição da viagem ao Brasil em 1501—02.

(38) “Paolo dal Pozzo Toscanelli e la circumnavigazione dell’Africa secondo la testimonianza di um contemporaneo”, Firenze, 1891, páginas 19 a 26.

- 8 — *Chopia d'una letera venuta di Lisbona della tornata delle 4 charovelle di chalichut cholle spezierie (folha 55b — 57a).* É a carta que Piero Rondinelli escreveu de Sevilha a 3 de outubro de 1502.
- 9 — *Nota d'una letera di Portoghallo, dé xx di maggio anno 1503, della ritornata delle nave di Chalichut de l'anno passato, luogo per luogo dove ànno tocho d'andata e di ritorno (folha 57a — 60b).*
- 10 — *Chopia d'una letera auta da Lisbona delle nuove terre trovate cholle spezierie l'anno 1499 a di X di luglio (folha 61a — 65a).* É a copia da carta de Girolomo Sernigi, descrevendo a viagem de Vasco da Gama.
- 11 — *Chopia della sichonda lettera di poi venne el Pidoto (folha 65a — 68a).* Trata êste documento da descoberta do caminho da India pelos portugueses, e dos prejuizos que com isso irão sofrer o Sultão da Babilonia e os venezianos.
- 12 — *Chopia d'una 3.^a letera di Lisbona di Chuido di meser Tomaso Detti, de di X d'aghosto 1499, di questo medesimo, che viene a verifichare tutto (folha 68a — 70b).* Refere-se às viagens dos portugueses à India.
- 13 — *Lettere o relazione, mutila in principio (folha 71a — 75b)*
- 14 — *Lettere di Francesco Corbinelli. Anepigr. (folha 76a — 77b)* Trata-se de uma carta dando noticia da chegada de navios portugueses que foram à India em 1501.
- 15 — *Lettere o relazione. Anepigr. anon. (folha 78a — 82a).* Refere-se êste documento à chegada de uma frota portuguesa a Lisboa em setembro de 1504, frota essa que tinha ido à India e voltava carregada de especiarias.
- 16 — *Nota d'una nuova provincia nuovamente trovata per l'armata del serenissimo re di Portoghallo nelle parte d'India (folha 82a — 83a).* Êste documento faz referencia à descoberta do porto de Astu, que diziam pertencer ao império do Preste João.
- 17 — *L'elogio del Toscanelli. (folha 83b — 84b).*

- 18 — *Relazione del Congo. Anepigr. (folha 85a — 100a). Trata da descoberta do Congo a mandado do rei D. João II de Portugal.*
- 19 — *Chopia d'una letera da Lisbona d'Amerigho di ser Nastagio Vespucci al magnifico ghofalonieri Piero Soderini, delle chose del nuovo viaggio fa farre e rre Manovelo re di Portoghalo delle parte d'India (folha 100b — 120b). É a cópia da Lettera a Soderini.*
- 20 — *Nota d'una lettera mandata de re Manovello re di Portoghalo alla Santità di Nostro Signore papa Giulio, l'anno de la'ancharnazion del Nostro Signore Jeso Christo mille cinquecento sete (folha 120b — 123a).*
- 21 — *Nota d'una letera nuovamente venuta di Portoghallo, la quale schrive da Mazanbiche, de'di 10 di genaio 1506 (folha 123a — 125a). Trata-se de uma carta escrita de Moçambique dando noticia da viagem até aquele ponto e dizendo que espera melhorar o tempo para proseguir viagem à India.*
- 22 — *Nota d'una nuova letera di Portoghallo che schrive d'India Afonso dal Borghetto chapitano de l'armata di mare de re di Portoghallo, la qual contiene chome a presso, e prima. La quale lettere é adiritta al vece re d'India, el quale si truova in ta' luogho per la sua maestà (folha 125a — 130a). Refere-se à carta que Afonso de Albuquerque escreveu da India a Portugal.*
- 23 — *Nota d'una altra letera schrive el giovane di Bartolomeo Marchionne a Piero Panciatici di Portoghallo (folha 130ab). Trata este documento de uma nau portuguesa aprisionada por um navio corsário biscainho.*
- 24 — *Notizie fiorentine (folha 130b — 131a).*
- 25 — *Nota d'una apologia mandata per me Piero Voglienti alla magnifica nostra Signoria di Firenze, per l'utile e bene della città e del popolo di essa (folha 131a — 138b).*

- 26 — *Chopia di più l'una letere di Portoghallo de 24 di maggio anno 1513 (folha 138b — 140b)*. Trata êste documento da chegada de uma nau de nome "Trindade" que tinha ido à India e voltava carregada de especiarias.
- 27 — *Una letera schrive a re Portoghallo al Santo Padre Lione de cimo della tornata delle nave tornate de l'India (folha 140b — 143b)*.
- 28 — *Sommario di storia fiorentina, dalla fondazione all'acquisto di Pisa (folha 145a — 149b)*.
- 29 — *Il tumulto dei Ciompi di Gino Capponi, Anepigr. (folha 149b — 164b)*.
- 30 — *Una pitizione fata per uno citadino (folha 165b — 167a)*. cioè la lettera di Donato Acciaiuoli.
- 31 — *Nottizia d'alchune parte de l'Anchorano di Maometto chavate d'esso Anchorano alchuno fioretto d'esso, chome a presso; e prima el proemio (folha 167a — 181a)*.
- 32 — *Anbasciata delli-Etiopi, la qual feciono al nostro Signore papa Eugenio quarto, a dì 2 di settembre anno 1442, in Firenze. (folha 181ab)*.
- 33 — *Chopia d'una letera della perdita di Negroponte, el quale fu preso dal Turco, a dì 11 di luglo anno domini 1470 (folha 181b — 184b)*.

O manuscrito de Valienti contém, como acabamos de vêr, exclusão feita da carta *Mundus Novus*, cópia das que Vespucci enviou a Lourenço de Pier Francisco de Medici, respectivamente de Sevilha em 28 de julho de 1500; de Cabo Verde a 4 de junho de 1501; e de Lisboa no começo de agosto de 1502. Essas cartas foram copiadas obedecendo à ordem cronológica: a primeira (28 de julho de 1500) ocupa as folhas 41a — 47a; a segunda (4 de junho de 1501) vae da folha 48b a 52b; a terceira (de começo de agosto de 1502) acha-se copiada nas folhas 52b a 55b. Estando todas as três cartas copiadas uma em seguida à outra, é sinal que Vaglianti teve em mãos ou os originais ou cópias delas, uma após

outra. A *Lettera*, vem muito depois, visto que foi copiada nas folhas 100b a 120b.

Verifica-se pelo exame atento do códice, que Vaglienti se interessava principalmente pelas descrições de viagens que chegavam por meio de cartas a Florença, cartas essas que andavam de mão em mão, *de vez que outras pessoas além de Vaglienti as copiaram, inclusive as de Vespucci ao Medici*, como se pôde verificar pelos códices “2112bis” e “Stroziano 318”, já por nós referidos. Vaglienti ao copiar a *Lettera*, diz que se trata “*della chose del nuovo viaggio fa farre e rre Manovello re di Portoghhallo della parte de l'India*”; considera o conteúdo da *Lettera* como narração de uma só viagem, não reparando que copiava além das viagens a mando do rei D. Manuel, também as duas primeiras atribuídas a Vespucci, a serviço do rei da Espanha. Isso evidencia que êle copiava sem malícia, maquinalmente, o que, principalmente sôbre viagens, lhe vinha ter às mãos.

Os historiadores que têm estudado a fundo a personalidade de Vespucci e suas viagens, estão divididos em dois grupos: os que aceitam como autênticos os textos das cartas que Vespucci escreveu a Lourenço de Pier Francisco de Medici e que Vaglienti copiou tôdas, sendo que mais dois escrivães copiaram a de 28 de julho de 1500 e a de Lisboa de 1502; e os que sustentam que autênticas são a carta *Mundus Novus* e a *Lettera*, e apócrifas as dos códices florentinos. Ao primeiro grupo pertencem Napione, Humboldt, Peschel, D’Avezac, Alberto Magnaghi e outros. O segundo grupo compreende Navarrete, Santarem, Varnhagen, Fiske, HARRISSE, Berchet, Vignaud, etc.

De todos os historiadores que tacharam de falsas as cartas dos códices florentinos, foi Varnhagen quem mais se esforçou para justificar o seu ponto de vista, tendo ido a Florença em 1858, com o objetivo de examinar tais códices, o que fez, publicando em seguida o resultado dessa sua pesquisa (39).

(39) “Bull. de la Societé de Géographie de Paris”, avril 1858; “Amerigo Vespucci”, etc. Lima, 1865, páginas 67 e 68.

O exame dos documentos florentinos feito por Varnhagen, infelizmente não foi demorado, razão pela qual êsse insigne historiador equivocou-se várias vezes ao emitir a sua opinião sôbre o valor e a autenticidade dos mesmos.

O primeiro argumento de que se serviu o Visconde de Porto Seguro para negar autenticidade à carta que Vespucci escreveu de Sevilha ao Medici em 28 de julho de 1500, existente por cópia em dois códices florentinos, no de Vaglianti e no de número 2112 bis, é que nela faltam os barbarismos que para êle constituem uma das principais provas da autenticidade da *Lettera*. Como já vimos no capítulo anterior, essa opinião de Varnhagen quanto a constituirem os espanholismos da *Lettera* a prova da sua autenticidade, não tem a solidez que êle quer emprestar, conforme demonstramos cabalmente recorrendo ao erudito estudo filológico de tal carta feito pelo professor Northup. Mas o curioso é que, ao contrário do que o Visconde de Porto Seguro afirma, as cartas florentinas não estão isentas desses barbarismos, sendo que a do *códice* 2112bis, que Varnhagen examinou quando esteve em Florença e que Bandini publicou em 1745, contém alguns deles, tais como: *estará, marozeano, salire, grossaria, al piè, istar di basso, bombe, adonde, problazione, origlia, codizia, alghoton, gente brava, commarcana, disnudi, mattanza, discansare*. O fato dessas palavras se encontrarem nas cartas que eram realmente de Vespucci, teria levado o forjador da *Lettera* a introduzi-las em maior número nessa narração, com o intuito de dar à sua falsificação um cunho de autenticidade. Em todo o caso, para evidenciar com que critério Varnhagen discute essa questão, diremos que ao publicar as cartas atribuídas a Vespucci (40), assinala em itálico na *Lettera* os barbarismos nela contidos e até palavras italianas de uso antiquado, que confunde com espanholismos, ao passo que na carta do *Códice* 2112 bis, não assinala nenhum. Dêsse modo se verifica que as palavras, que para Varnhagen são barbarismos na *Lettera*, passam a ser italianas na carta que a 18 ou 28 de julho de 1500, Vespucci remeteu de Sevilha ao Medici.

(40) “Amerigo Vespucci”, etc. Lima, 1865, páginas 34 a 64 e 69 a 77.

Na carta que de Lisboa enviou Vespucci em começo de agosto de 1502 ao Medici, de espanholismos só há as palavras *codizia* e *levare*. Isso se explica, diz Magnaghi (41), porque na viagem que o Florentino fez ao Brasil em 1501-02, fez-lhe companhia o seu conterrâneo Geraldo dal Verdi, com quem teve oportunidade de falar o seu idioma, sofrendo pouca influência da lingua dos seus companheiros de viagem, os portugueses. Tratando-se da carta de Cabo Verde, que descreve o princípio da viagem ao Brasil e o itinerário da frota de Cabral quando foi à India, os espanholismos não existem e abundam expressões puramente florentinas. A explicação póde ser que Vespucci, entre o regresso da sua viagem com Hojeda e a sua partida para o Brasil em 1501, tenha estado em contínuo contacto com os seus patrícios, tanto em Sevilha como em Lisboa.

Varnhagen, depois de examinar o *Códice 2112 bis*, além do de *Vaglienti*, onde como sabemos também existe uma cópia da carta que Vespucci enviou de Sevilha ao Medici, em 28 de julho de 1500, fez uma comunicação em 1858 à *Société de Géographie de Paris*. Num dos tópicos dêsse comunicado, o Visconde de Porto Seguro declara que “a escrita parece imitada para indicar maior antiguidade, e mesmo a tinta é muito pálida e muito desigual na sua palidez, o que faz crêr que a prepararam dêsse modo para a fazer passar por mais antiga. O papel é evidentemente florentino; e tem mesmo por filigrana uma flor, emblema dessa cidade. Mas admitindo ainda que Vespucci em Sevilha teve sempre logo depois de suas viagens papel fabricado em Florença para escrever, ou mesmo que o papel não seja florentino, nós temos um argumento sem réplica para provar a não autenticidade da carta pela sua assinatura. Le-se “*Amerigo Vespucci*”, com um *A* maiúsculo, dois *ee* alemães, depois do nome, o que não está de modo nenhum de acôrdo com a maneira de Vespucci assinar, como se póde ver no facsimile que nós publicamos no primeiro volume da nossa história, página 424” (42). Não sabemos

(41) Obra citada, volume II, página 13.

(42) “*Amerigo Vespucci, etc.* Lima, 1865, nota no rodapé da página 68.

explicar como é que Varnhagen que declara ter examinado o *Códice* 2112 bis, não percebeu que a carta de Vespucci nele contida, à semelhança da do *Códice Vaglianti*, não passa de uma simples cópia, não tendo havido da parte de seu autor a intenção de empalidecer a tinta nem de imitar a caligrafia e a assinatura de Vespucci com o escopo de fraude. Esse lamentavel equívoco do Visconde de Porto Seguro deu ensejo a Uzielli (43) para escrever: “É verdade que Varnhagen se bate contra moinhos de vento, esforçando-se por demonstrar que os códices florentinos não são autógrafos de Vespucci. Certo que não são e ninguém pretende que sejam”. Acrescentamos que a falta dos textos autógrafos das cartas *Mundus Novus* e *Lettera*, não constitue impecílio para Varnhagen considera-las autênticas.

Na sua crítica aos códices florentinos, Varnhagen deixa evidenciado que o seu objetivo é sustentar a todo o transe a autenticidade da viagem de Vespucci de 1497-98. Daí a sua intransigência em não aceitar como autêntica a carta que Vespucci enviou de Sevilha ao Medici em 28 de julho de 1500; ao passo que é mais condescendente tratando-se da de Cabo Verde de 4 de junho de 1501 e da de Lisboa de 1502, porque não contem os absurdos da de Sevilha e... foram falsificadas com mais arte.

Para Varnhagen (44) só são autênticas as cartas *Mundus Novus* e a *Lettera*, porque foram publicadas quando Vespucci era vivo e podia, portanto, protestar contra qualquer adulteração do que escrevera. Mas quando essas duas cartas foram impressas, Vespucci estava na Península Ibérica e lá permaneceu até à morte, sem nunca ter voltado à Italia. Admitamos, diz Magnaghi (45), que alguém tivesse enviado a Vespucci um exemplar de cada uma dessas cartas. Nesse caso, como poderia o Florentino protestar publicamente contra os dizeres de tais narrações cuja autoria era-lhe atribuída, si naquela época não existiam jornais nem cousa semelhante? Escrevendo car-

(43) “Atti del Terzo Congresso Geografico Italiano”, Firenze, 1899, volume II, página 482.

(44) “Amerigo Vespucci”, etc. Lima 1865, página 68.

(45) Obra citada, volume II, página 16.

tas aos editores de Florença, de Paris, de Saint-Dié para que as publicassem? Mas si assim procedesse, tais editores teriam o máximo cuidado de oculta-las ou consumi-las imediatamente. Devia então Vespucci escrever uma descrição verdadeira de suas viagens, dizendo que as que circulavam com o seu nome eram falsas, e tudo publicar? Mas Vespucci que estava na Espanha a serviço do rei Fernando, desfrutando grande prestígio e prestes a ser nomeado *Piloto Mayor*, certamente não iria retificar o que não escreveu, os absurdos da *Mundus Novus* e da *Lettera*, revelando dêsse modo segredos de navegação que podiam ser uteis principalmente a Portugal. Se Vespucci tivesse em realidade escrito a narração de suas viagens com a intenção de publica-la, visando com isso conquistar renome e gloria, certamente teria o necessário cuidado de expurga-la dos absurdos que conêm a *Mundus Novus* e a *Lettera*.

Mas quem teria interesse em falsificar as cartas existentes por cópia nos códices florentinos, si elas não contém nada que possa enaltecer Vespucci? Si ao contrário são cartas modestas em todos os sentidos, escritas em estilo familiar, onde o seu autor escreve só aquilo que melhor possa despertar a atenção da pessoa a quem são endereçadas, sem arrogância, sem vaidade, sem exagero?

Diz Varnhagen citando Humboldt, “que existem na história da literatura diversas épocas igualmente importantes pelo interesse que tinha em forjar livros com os nomes de homens célebres” (46). “Eis, com relação a nós, uma maneira de explicar a origem desses dois originaes no tempo da maior glória de Vespucci, no fim do século XVI ou começo do XVII, época à qual pertencem quasi todos os outros documentos contidos no famoso volume de Pier Vaglianti” (47). Neste tópico do Visconde de Porto Seguro há dois equívocos: primeiro que o Códice Vaglianti não é do fim do século XVI e começo do XVII, mas sim do fim do século XV e começo XVI; segundo

(46) “Examen critique” etc. volume IV, página 34 e 35.

(47) “Amerigo Vespucci”, etc. Lima, 1865, página 68.

que o fim do século XVI e começo do XVII, não foi o tempo da maior glória de Vespucci, porque justamente em 1601, foi que apareceu em Madrid a "*História General de los hechos de los Castellanos*" do cronista oficial da Espanha, Antonio Herrera y Tordesillas, onde Vespucci é atacado rudemente e acusado de por meio de intrigas e mentiras, ter feito dar o seu nome ao Novo Mundo.

Vejamos porém o que disse Humboldt, isto é, que houve épocas na história da literatura em que se forjaram livros com nomes de homens célebres, e isso na opinião de Varnhagen serve para explicar a fraude praticada por Piero Vaglienti. Sendo assim, como se explica não ter este falsificador publicado as cartas que forjou, atribuindo-as a Vespucci? Porque então preferiu que elas ficassem ocultas entre as páginas de um manuscrito que por séculos esteve coberto de pó, dormindo no armário de um arquivo? Será que Vaglienti forjou tais documentos com o intuito premeditado de estabelecer grande confusão aos pósteros que fossem estudar as viagens de Vespucci? O falsário refazendo ou alterando qualquer escrito de Vespucci não podia, nem mesmo ter por escopo defendê-lo, porque naquela época não se sonhava com o estudo crítico do Florentino e de suas viagens. Ao contrário, quem podia verdadeiramente ter interesse em ampliar, enriquecer de qualquer modo as narrações de tudo que fosse atraente para satisfazer a curiosidade dos leitores d'aquella época, eram como já referimos, os tradutores e os editores. Supôr, como diz Magnaghi (48), que um homem simples como Vaglienti, que copiava materialmente as cartas e descrições de viagens, e sobretudo as noticias mandadas por seus patrícios de Lisboa; um homem despido de qualquer idéia crítica, que copiou como já dissemos, a *Lettera*, julgando-a uma só viagem, e que não percebeu que esta carta contrasta com as cartas que Vespucci enviou ao Medici; supor que êste homem tenha rebuscado nas páginas da *Mundus Novus*

(48) Obra citada, volume II, página 19.

e nas da *Lettera* elementos para forjar três documentos (as cartas de Vespucci ao Medici) mais verossímeis, não deixa de ser um verdadeiro absurdo.

* *
*

Não vamos agora nos ocupar em provar a autenticidade da carta que Vespucci a 28 de julho de 1500, remeteu ao Medici. Quando estudarmos no capítulo posterior a êste a suposta viagem de Vespucci ao Novo Mundo em 1497-98, veremos por que razão Varnhagen e os que o acompanham fazem questão fechada de considerá-la apócrifa, veremos que a sua autenticidade se comprova em face de uma análise e crítica imparcial.

Em todo o caso, encaixa-se perfeitamente aqui o seguinte facto: Em 1892 a duqueza de Berwick y De Alba, publicou em Madrid os "*Autogafos de Cristobal Colón y papeles de America*", onde existe a "*Pesquisa contra Ojeda sôbre su primier viaje a las Indias*" mandada fazer por Colombo em São Domingos em 1500 e na qual existem os depoimentos de duas testemunhas: Juan Velasquez e o médico Alonso. Consta dessa pesquisa que desavindo Hojeda com essas testemunhas, as abandonou em S. Domingos, de volta de sua viagem ao Novo Mundo. Queixaram-se elas a Colombo que mandou instaurar inquerito. As citadas testemunhas entre outras cousas declararam que Hojeda na sua viagem de 1499 partiu de Cadiz a 18 de maio; que a frota era de dois navios; que a navegação se iniciou pela costa de Marrocos, tocando em várias ilhas do arquipelago das Canárias, a última das quais fora a Gomera. Essas declarações combinam perfeitamente com os dizeres da carta que a 28 de julho de 1500, Vespucci enviou de Sevilha a Lourenço de Pier Francisco de Medici, ao passo que discorda com os da *Lettera*, visto que nesta a partida foi a 16 de maio; eram em número de 3 os navios; e a derrota foi via Cabo Verde, tendo a frota tocado na ilha do Fogo para se abastecer de água e lenha.

Vejam, obedecendo à ordem cronológica, a carta que de Cabo Verde enviou Vespucci ao Medici em 4 de junho de 1501, que trata

do começo da sua viagem ao Brasil e descreve a navegação feita pelos portugueses à Índia.

Como sabemos, Varnhagen sustenta que essa carta é apócrifa, mas faz para ela uma concessão: não tem os absurdos da de Sevilha e forjaram-na com mais arte. Humboldt, Trubenback, Uzielli, Magnaghi e outros, inclusive C. Malheiros Dias (49) e Jaime Cortesão (50), reputam-na autêntica.

Vespucci no início da carta ora em estudo, diz que partiu de Lisboa no dia 13 de março de 1501 e que “tanto navegamos que passamos à vista das Ilhas Afortunadas, que hoje se chamam das Canárias, e passamo-las de largo tendo nossa navegação ao longo da costa da África, e tanto navegamos que chegamos aqui a um cabo que se chama Cabo Verde, que é o princípio da província da Etiópia e está no meridiano das Ilhas Afortunadas, tem de latitude 14 graus da linha equinocial, onde por acaso encontramos surtos dois navios do rei de Portugal que estavam de volta da parte da Índia oriental, que são daqueles mesmos que partiram para Calicut há 14 meses, que foram 13 navios com os quais eu tive grandíssima conversação, não tanto sobre a viagem, mas a respeito da costa da terra que percorreram, das riquezas que encontraram, daquilo que possui, de que tudo em resumo se fará menção nesta a Vossa Magnificência, não por meio de cosmografia, porque não foi nessa frota cosmógrafo nem nenhum matemático, o que foi grande erro”.

Esta carta de Vespucci ao Medici é anterior, de mais de 2 meses, à carta confidencial escrita pelo rei D. Manuel ao rei Fernando da Espanha, datada de Lisboa a 28 de agosto de 1501, descrevendo a viagem de Cabral à Índia (51). Na “Relação do Piloto Anônimo”,

(49) “História da Colonização Portuguesa do Brasil”, volume II, página 190 a 194.

(50) “A Expedição de Pedro Alvares Cabral”, Lisboa, 1922, páginas 45 e 46.

(51) “História da Colonização Portuguesa do Brasil”, volume II, páginas 165 a 167.

(52) que como sabemos foi publicada no "*Paesi novamente retrovati*," etc. de Fracanzano da Montalboddo, coletânea esta impressa em Vicência em 1507, se lê no livro III, capítulo LXXXI o seguinte: "chegamos ao cabo de Boa Esperança no dia de pascoa florida e daí fez bom tempo com o qual atravessamos e viemos à primeira terra junto ao *Cabo Verde, Bezeguiche, e aí encontramos com 3 navios os quais nosso rei de Portugal mandava a descobrir a nova terra*". Esta concordância da carta de Vespucci com a "Relação do Piloto Anonimo" quer quanto à data, quer quanto aos fatos (a frota de Cabral ao voltar da Índia chegou em Cabo Verde nos primeiros dias de junho de 1501), constitue para Humboldt (53) a prova irrefutável da autenticidade da carta que estamos apreciando, de vez que Vaglianti não podia estar ao par dos detalhes dêsse encontro de Vespucci em Cabo Verde com a frota de Cabral.

Existe um outro fato referido na carta de Cabo Verde, que concorda também com a "Relação do Piloto Anonimo". Diz a carta: "De Albarcon atravessam o estreito do Mar Vermelho e vão a Meca, onde foi um navio da dita frota, que neste momento aqui chegou neste cabo". Na "Relação do Piloto Anonimo", livro III, capítulo LXXXI do "*Paesi*", existe êste tópico: "Uma nau que perdemos de vista quando fomos para lá (Calicut), foi ter à boca do estreito de Meca e esteve numa cidade onde perderam o batel com toda a gente que tinha. *E assim, chegou a nau sómente com seis homens*", etc. Esta nau era aquela sob o comando de Diogo Dias, irmão de Bartolomeu Dias.

Na carta de Cabo Verde diz Vespucci ao Medici, que "em verdade o que digo, creia é muito mais de memória, porque isso me contou um homem digno de fé, *que se chama Gaspar, e que tinha*

(52) A "Relação do Piloto Anonimo" foi escrita por Giovanni Matteo Cretico, nuncio de Veneza em Lisboa, tendo por base documento português. Foi enviada ao almirante Domeniro Malipiero por Trevisan, secretário da embaixada de Veneza na Espanha, em fins de 1501. Vide estudo detalhado no nosso livro "*O Descobrimento do Brasil*", Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1946.

(53) "*Examen critique etc.*, volume V, páginas 66 e seguintes.

viajado do Cairo até uma província que se chama Malaca, a qual está situada na costa do Mar Indico”. Este Gaspar de quem Vespucci diz ter colhido as informações que sobre a Índia transmite ao seu patrão e amigo Lourenço de Pier Francisco de Medici, é o mesmo Gaspar a que faz alusão Leonardo Ca’ Masser na sua *Relazione* escrita de 1506 a 1507 (54), quando descreve a primeira viagem de Vasco da Gama à Índia; é aquele a quem aludem Castanheda, Damião de Góes, João de Barros e Jerônimo Osório, um hebreu de origem polaca nascido em Alexandria, donde passou para a Índia, sendo que Vasco da Gama conseguiu convertê-lo ao cristianismo e batizá-lo com o nome de Gaspar da Gama. Prestou êle serviço como interprete ao Gama, e nessa qualidade participou da frota de Cabral. E’ admissível que Vaglianti estivesse ao par dêsses detalhes a que nos referimos, para poder fazer a alusão que a carta de Cabo Verde faz, com tanta precisão, ao interprete Gaspar?

Diz Magnaghi (55), referindo-se à carta de Cabo Verde: “Mas existe, em fim, uma prova decisiva da autenticidade desta carta. Vespucci, no fecho da carta diz: “E para maior clareza da verdade se encontra presente *Geraldo Verdi, irmão de Simão Verdi*, de Cadiz, o qual vem em minha companhia e se vos recomenda”. Sabe-se que Simão dal Verde ou Verdi, era um florentino residente na Espanha naquele tempo. Temos dele duas cartas relativas à segunda e terceira viagem de Colombo (56), que provam como êle esteve em correspondência com pessoas de Florença. Vespucci ou alguém, teria ousado inventar a circunstância de um irmão de Simão Verdi, viajar em sua companhia? Ao contrário esta circunstância fornece do mesmo modo, uma nova garantia de autenticidade também da terceira carta, a que Vespucci escreveu ao Medici, de volta da viagem. Em Florença os parentes e amigos de Geraldo Verdi teriam

(54) Publicada no “*Archivio Storico Italiano*”, apêndice II, Florença, 1845, página 13.

(55) Obra citada, volume II, páginas 37 e 38.

(56) “*Raccolta Colombiana*”, parte III, volume II, páginas 78 a 82.

sabido perfeitamente si êle tinha ou não estado em viagem com Vespucci. Também isto foi inventado por Vaglienti”?

O erudito hestoriador português C. Malheiros Dias (57), defendendo a autenticidade da carta em estudo, diz: “Um saliente êrro cronológico avulta nesta altura da narrativa: a indicação do ano de 1499 como o da partida da esquadra de Cabral”. Não há absolutamente nenhum erro, quando a carta em apreço diz: “Questa frotta del Re di Portoghalo, parti di Lisbona l’anno 1499, del mese d’Aprile”, etc. visto que no calendário florentino, o ano de 1500 corresponde ao de 1499, e o mez de março ao de abril.

Tratando-se da carta que de Lisboa remeteu Vespucci ao Medici em começo de agosto de 1502, descrevendo a sua viagem ao Brasil, carta esta publicada pela primeira vez por Bartolozzi em 1789, recorrendo não ao *Códice Vaglienti*, mas ao *Stroziano* 318, julgamos não ser necessário defender a sua autenticidade, primeiro porque ninguem a ataca de rijo, e depois porque ela nada mais é do que a continuação da de Cabo Verde que acabamos de estudar, pois que diz de início: “A última escrita a Vossa Magnificência foi da costa de Guiné de um lugar que se chama Cabo Verde, pela qual subestes qual o princípio da minha viagem e, pelo presente, *será dito com brevidade o meio e o fim dessa, que é isto que segue agora*”.

* * *

Henry Vignaud (58) esposando a tese de Varnhagen, também sustenta que as cartas dos códices florentinos são apócrifas, mas não traz à discussão nenhum novo argumento de valor, apenas repetindo, “mutatis mutandis”, os do Visconde de Porto Seguro. Assim procedendo, comete o erro de confundir os dois códices onde existem, por cópia, a carta que Vespucci enviou de Sevilha ao Medici em 28 de

(57) “História da Colonização Portuguesa do Brasil”, volume II, página 191.

(58) “Americ Vespuce”, Paris, 1917, páginas 59 a 62.

julho de 1500, chamando de 2112 *bis* o *Códice Vaglienti* e considerando o 1910, que é o próprio *Vaglienti*, como aquele publicado por Bandini, quando em realidade este historiador publicou o 2112 *bis*.

Diz Vignaud, referindo-se a Piero Vaglienti, que "*il a laissé des mémoires mais non une très bonne renommée,*" e chama a atenção do leitor para a nota n.º 195 que se encontra na página 154 do volume I da sua obra: "*Histoire Critique de la Grande Intreprise de Christophe Colomb*" (59). Neste livro e na página indicada, nós encontramos este tópico; "*Le caractère moral de ce Vaglienti n'est pas très élevé; sa véracité et l'authenticité des pièces qu'il a recueillies ont été mises en question par des juges compétents, par Varnhagen et par Santarem, entre autres, dont l'opinion, sur ce point n'est pas rejetée par le professeur Luigi Hugues et par M. Berchet. M. Uzielli croit, au contraire, à la veracité du personnage, ainsi qu'à l'authenticité des documents que nous lui devons et des études critiques plus récentes paraissent lui avoir donné raison sur ce point. Voyez son article: "Piero Vaglienti dans le n.º I du "Toscanelli", Florence, 1893, p. p 27 et sq."*

"*Parece, diz Vignaud, lhe ter dado razão neste ponto,*" modo habil dêsse americanista ilustre não dar as mãos à palmatória de Uzielli. O trabalho dêste sabio historiador italiano que abalou o juizo temerario que Vignaud fazia de Piero Vaglienti, prova de acôrdo com documentos existentes nos arquivos de Florença o seguinte (60): que os Vaglienti, desde o seculo XIV, foram quase todos ourives; que na história da arte florentina durante o Renascimento, ha elogiosas referências a mais de um membro dessa familia; que Giovanni Vaglienti, pae de Piero, também tinha sido ourives e que, ao falecer entre 1446 e 1451, deixou êsse seu filho com pouca idade; que Piero em vez de dedicar-se à arte, preferiu a carreira de comerciante de tecidos, associando-se a um dos membros da nobre familia florentina dos Dei, de nome Milano; que deixando mais ou menos

(59) Obra citada, página 59.

(60) Revista "Toscanelli", número 1, Florença, Janeiro de 1893, páginas 27 a 34.

em 1471 a sociedade com Milano Dei, se estabeleceu Piero em Pisa com casa comercial, prosperando os seus negócios; que em 1475 casou-se êle com uma dama de nome Margarida, com a qual teve quatro filhos; que quando Carlos VIII em setembro de 1494 entrou em Pisa, os pisanos se insurgiram contra Florença e as casas comerciais e mesmo as particulares dos florentinos foram saqueadas, inclusive a de Piero; que ficando êle arruinado, apressadamente se transportou com tôda a sua familia para Florença; que nessa cidade passou Piero a trabalhar por conta de Nicola Sernigi, da firma Sernigi de Lisboa, que incorporava por sua conta navios às frotas que o rei de Portugal enviava à India em busca das especiarias; que apesar dêsse emprego, o que Piero ganhava não bastava para o sustento de sua familia, pelo que se viu obrigado a vender a Nicola Sernigi a casa que possuia na “Via di Santa Chiara”, morada querida de seus antepassados; que Piero não tinha sido um falsificador de documentos do fim do século XVI ou começo do XVII, mas sim um contemporâneo de Vespucci; que a vida de Piero, nos seus menores detalhes, é a de um homem probo que, assim preferiu morrer em 1514, a praticar qualquer falcatrua.

Á vista de tudo que expusemos nos capítulos anteriores e neste, cremos que estamos habilitados a estudar judiciosamente as viagens de Vespucci, uma vez que separamos o joio do trigo, uma vez que conhecemos quais são as cartas autênticas dêsse navegante, quais as apócrifas a êle atribuidas.

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO I

A SUPOSTA VIAGEM DE VESPUCCI EM 1497

Como já demonstramos no capítulo anterior, as cartas de Vespucci existentes por cópia nos códices florentinos, notadamente no “*Riccardiano 1910*”, são as únicas que, à semelhança de Peschel, D’Avezac e Magnaghi, reputamos autênticas. A que de Sevilha, em 18 ou 28 de julho de 1500, enviou o Florentino ao seu amigo e patrão Lourenço de Pier Francisco de Medici, narrando a sua viagem ao Novo Mundo em 1499, começa com a seguinte frase: “*Faz bastante tempo que não tenho escrito a Vossa Magnificência; isso aconteceu por não haver ocorrido coisa alguma digna de memória.*”

Oscar Peschel (61) comentado essa passagem da carta, diz que é lógico concluir-se que, si Vespucci tivesse realizado qualquer viagem anteriormente à de 1499, êle teria disso informado o Medici e, “*ipso facto*”, não teria começado a carta do modo como começou.

Como se vê, o argumento de Peschel é convincente, mas nós, citando-o, não pretendemos fugir à discussão, que diz com a suposta viagem de Vespucci em 1497-98. Ao contrário, vamos debater o assunto.

Louvando-se na *Lettera*, que já evidenciamos ser um documento forjado, uma verdadeira “colcha de retalhos”, Varnhagen, Harrisse, Fiske, Vignaud e outros historiadores, afirmam que Vespucci entre 10 de maio de 1497 e 15 de outubro de 1498, realizou uma viagem ao Novo Mundo, durante a qual descobriu os golfos de Honduras, Campeche, Mexico, e as penínsulas de Yucatan e Florida, pertencendo-lhe, portanto, a prioridade do descobrimento da terra firme da América.

(61) “*Geschichte der Erdkunde*”, München, 1865, página 309, nota I.

Acontece, porém, que até hoje não foi encontrado nos arquivos espanhóis qualquer documento que faça alusão a essa viagem, e nem tão pouco os cronistas espanhóis daquela época a ela fazem a menor referência. Isso se explica, diz Vignaud, (62) porque “essa primeira viagem de Vespucci foi uma das expedições clandestinas como as muitas que então se realizaram”. Mas esse argumento não procede porque, como diz a *Lettera* no exórdio, a expedição foi “a mando do rei de Castella D. Fernando VI”, e ao descrever o início dessa viagem diz... “porque o rei D Fernando de Castela tendo de mandar quatro navios para descobrir novas terras no ocidente, fui escolhido por Sua Alteza para ir nessa frota a fim de ajudar a descobrir.”

Outro argumento a que recorre Vignaud (63) para justificar o silêncio, que dessa viagem do Florentino guardam os arquivos e os historiadores espanhóis, é que “a primeira viagem de Vespucci não tendo sido seguida de nenhuma outra na mesma região, esqueceram as descobertas que êle tinha feito, as quais não foram nem verificadas, nem confirmadas por nenhuma tomada de posse.”

De modo que, para Vignaud, apenas decorridos poucos anos após a referida viagem de Vespucci, esqueceram completamente o seu brilhante feito, e os documentos daquela época apenas registraram que só em 1502-1503 é que Colombo tocou no cabo Honduras que batizou com o nome de Punta Caxinas, fundeou na bahia de Trujillo de onde rumou para o sul percorrendo as costas de Honduras, Nicaragua, Costa Rica, Veragua, Panamá e o golfo de Darien, de onde em maio de 1503 voltou para Cuba; que só em 1512 é que Juan Ponce de Leon descobriu a Florida.

As viagens livres e clandestinas para o ocidente, interessando umas e outras o governo espanhol, foram autorizadas pela *cédula* de 10 de abril de 1495, sob certas condições, entre as quais a de partirem tôdas do porto de Cadiz, para facilitar os respectivos registros. Mas a 23 de abril de 1497, a referida *cédula* de 1495 era revogada.

(62) Obra citada, página 130.

(63) Obra citada, página 134.

e os privilégios de Colombo a que se refere a *capitulación* de 17 de abril de 1492, eram renovados (64).

Como a *Lettera* diz que Vespucci partiu para essa suposta viagem a 10 de maio de 1497, segue-se que ela teve início quando Colombo já estava novamente em pleno gozo de seus privilégios. Embora só a 2 de junho de 1497 tenha sido revogada a “licença general para descobrir”, não é admissível que Colombo, que se achava na Espanha (desde junho de 1496 a 30 de maio de 1498), ao ter conhecimento do aprestamento dessa expedição destinada a uma região sob sua jurisdição não fizesse valer os seus privilégios; não é crível que estando no apogeu de sua glória, tentassem menosprezar os seus direitos.

No famoso processo conhecido por “*Pleitos de Colón*”, em que o governo espanhol procurou anular os privilégios hereditários dos descendentes do Almirante, ficou evidenciado pertencer-lhe a prioridade do descobrimento da terra firme do Novo Mundo em 1498. Nesse processo onde depuzeram mais de 100 testemunhas, apesar de tudo ter deligenciado o Fiscal para prejudicar os herdeiros de Colombo, ninguém se apresentou a disputar-lhe tal primasia. Hojeda, em 8 de fevereiro de 1513, respondendo à 5ª. pergunta do Fiscal, declarou ter sido o primeiro navegante, *após o Almirante*, que descobriu a terra firme; “el primero hombre que vino á descubrir *despues que el Almirante*, e descubrió al mediodía la tierra firme” (65). Caso qualquer outro navegante tivesse descoberto alguma porção de terra firme, anteriormente a Colombo, si de fato Vespucci tivesse realizado a viagem de 1497 como narra a *Lettera*, não é possível que, em hipotese alguma, Hojeda, que era inimigo rancoroso de Colombo, fosse guardar sigilo sôbre tal acontecimento, ao prestar o seu referido depoimento ao Fiscal. Recordemos que Hojeda devia estar ao par dessa viagem de Vespucci, si de fato êle a realizou, pois o teve como companheiro na expedição de 1499.

(64) Navarrete, obra citada, volume II, página 225 a 229.

(65) Navarrete obra citada, volume III, página 528.

Diz Vignaud (66) que nos "*Pleitos de Colón*" apenas se discutia a prioridade da descoberta da "Costa das Perolas" realizada por Colombo em 1498, e não de Honduras e da região do noroeste, descobertas de Vespucci em 1497, razão pela qual nenhuma testemunha podia ter feito referência a essa viagem do Florentino. Há manifesto equívoco da parte desse erudito americanista. Nesse processo não ficaram absolutamente restringidas, à questão de Pária, as perguntas feitas às testemunhas pelo Fiscal. Na sexta pergunta o Fiscal tratou da descoberta da província de Darien; nas sétima e oitava da fóz do Amazonas e do cabo de S. Agostinho; nas nona e décima de Veragua; nas décima nona e vigésima da ilha Espanhola, etc. Por sua vez, nas "*Probanzas del Almirante*", perguntas foram feitas às testemunhas sobre todas as descobertas de Colombo, inclusive Pária, Darien e Veragua (67). Será admissível que tendo o Fiscal feito perguntas às testemunhas sobre as viagens de Cristóbal Guerra, Pedro Alonso Niño, Juan de la Cosa, Alonso de Hojeda, Rodrigo de La Bastidas, Vicente Yañez Pinzon, Diogo de Lope, etc., se tivesse esquecido de Vespucci e da sua importantíssima viagem de 1497, caso de fato ele a tivesse realizado?

Varnhagen (68), visando defender a todo o transe a autenticidade da viagem de 1497, procura identifica-la com a que refere a carta, que de Burgos, em 23 de dezembro de 1506, o veneziano Girolamo Vianello, capitão a serviço da Espanha, escreveu à Senhora de Veneza. Esta carta narra uma viagem realizada naquela época por Juan de la Cosa e Vespucci, em direção ao poente e a 800 léguas a sudéste da ilha Espanhola. Diz a carta em apreço: "*El vene qui do navilli de la India, de la portione del re mio signor, li qual furono a discoprir, patron Zuan biscaino et Almerigo fiorentino, li qual sonno passati per ponenti et garbino lige 800 di là de la inscula Spag-*

(66) Obra citada, página 133.

(67) Navarrete, obra citada, volume III, páginas 529, 530, 539, 341, 553, 554, 557, 562, a 573.

(68) Obra citada, página 120.

nola"... (69). Isto é: Acabam de chegar dois navios pertencentes ao rei meu senhor que foram realizar descobertas na India. Eram patrões João Biscaíno e Amerigo Florentino, os quais navegaram a oeste-sudoeste 800 léguas além da ilha Espanhola"... Nessa viagem Vespucci não podia ter tomado parte, porque de vários documentos existentes nos arquivos espanhóis e datados de 1505 e 1506, consta que elle se achava na Espanha até 23 de agosto de 1506 (70). Esclarece Humboldt (71) que Vianello deve ter-se equivocado, pois ouvindo de Juan de la Cosa a narrativa de várias de suas viagens realizadas em terra firme, entre ellas a de 1504-06, terá confundido esta com a realizada em companhia de Hojeda e Vespucci em 1499-1500, de modo que, tratando-se da viagem de 1504-06, o nome de Vespucci por um erro de memória, foi associado ao de Juan de la Cosa. Porém Varnhagen é de opinião que a data da carta de Vianello está errada, que em vez de 1506 deve ler-se 1498, isto é, o erro abrange nada menos que três algarismos! Mas segundo provou Humboldt (72), Juan de la Cosa não realizou nenhuma viagem no período de 1497 a 1498, portanto não podia ter sido o companheiro de Vespucci na suposta viagem de 1497-98.

Tratando-se da carta de Vianello, escreveu Uzielli (73) que, para resolver a questão referente à data da mesma, bastava ir a Veneza e examinar o manuscrito. Porém os criticos e aqui vae uma alusão a Varnhagen, preferiram discutir comodamente essa questão em seus gabinetes até que em 1881, foi publicada a parte do texto dos "Diários de Marino Sanuto" que continha a carta de Vianello, ficando evidenciado ser ela datada de 1506.

(69) "Raccolta Colombiana", parte III, volume II, páginas 185 a 187.

(70) Navarrete, obra citada, volume III, páginas 292 a 294.

(71) "Examen critique", etc. volume V, página 166.

(72) "Examen critique", etc. volume V, página 163.

(73) "Atti del Terzo Congresso Geografico Italiano", Firenze, 1899, volume II, página 469.

Um dos mais fortes argumentos para negar ter Vespucci realizado a viagem de 1497, é o seguinte álibi referido por Humboldt (74): Vespucci desde a metade do mês de abril de 1497, até o fim de maio de 1498, estava na Andaluzia ocupado com o aprestamento da terceira viagem de Colombo. Munhoz encontrou em realidade nos "*Livros de gastos de armadas*" conservados nos arquivos da *Casa de contratacion de Sevilha*, documentos autênticos provando que Vespucci, a partir de dezembro de 1495, esteve à testa da Casa Berardi, de Sevilha, encarregado de armar expedições ultramarinas: o tesoureiro Pinelo, em data de 12 de Janeiro de 1496, fez-lhe um pagamento de 10.000 maravedis, e Vespucci continuou com tal encargo em Sevilha e San Lucar, desde a metade de abril de 1497 até a partida de Colombo para a sua terceira viagem em 30 de maio de 1498. Diz Navarrete, (75) referindo-se a êsse facto que, tendo falecido Berardi em dezembro de 1495, "*Vespuche se encargó de tener la cuenta con los... Maestres... del frete y sueldo que habiesen de haber, segun el asiento que el dicho Juanoto fizo con ellos y del mantenimiento, etc. Para lo cual recibí... Amérigo de Pinelo 10.000 mars. em 12 de Enero de 1496*". Siguíó Vespuccio disponendo todas las cosas hasta despachar la armada en Sanlucar." Acrescenta Navarrete em nota no rodapé da citada página: "Hallanse estas noticias en el lib. 2.º de los gastos de las armadas de las Indias que existe en la contratacion de Sevilha, de onde lo extractó Munhoz". A' vista do exposto, Vespucci não podia ter realizado a viagem de 10 de maio de 1497 a 15 de outubro de 1498, a que se refere a *Lettera*.

Henry Harrisse (76) contesta o álibi, mas sem ter-se dado ao trabalho de ir a Sevilha para examinar os "*Libros de gastos de armadas*", e assim provar de quem é o equívoco: si de Munhoz, Na-

(74) "*Examen critique*", etc. volume IV, página 273.

(75) Obra citada, volume III, página 317.

(76) "*The Discovery of North America*", página 354 a 362.

varrête e Humboldt; ou dos que como êle, sustentam que o Florentino realizou a viagem de 1497.

Um dos argumentos a que recorre HARRISSE (77) para justificar ter Vespucci realizado a viagem em apreço é o seguinte: “As 68 cartas endereçadas a Amerigo Vespucci, que nós extraímos do “*Carteggio*” dos Medici em 1868, e escritas de 1488 até novembro de 1491, enquanto êle ainda residia na Italia, mostram-no como tendo-se dedicado unicamente a assuntos comerciais. Um documento recentemente trazido à luz, e datado de 30 dezembro de 1492, está assinado: “*Amerigho Vespucci, mercante fiorentino in Sybilia*”, bem como o recibo de 12 de janeiro de 1496, mostra ocupações da mesma espécie. Mas quando é feita novamente referência à sua pessoa em se tratando da viagem transatlântica de Alonso de Hojeda, o qual levantou ferros de Cadiz a 16 de maio de 1499, aí o próprio comandante em chefe da esquadra fala dêle não como mercador ou feitor por parte do armador, mas sim como piloto profissional: “*Juan de la Cosa, piloto, é Merigo Vespuche e outros pilotos.*” E dessa época em diante êle aparece unicamente como navegador ou comandante de expedições marítimas, terminando por ser nomeado em 22 de março de 1508, “*Piloto Mayor*” de Espanha. Não é muito provavel que Vespucci tenha passado de uma feita, do escritório de Berardi, para a nau capitânea de Hojeda, como piloto. Certamente êle devia ter adquirido muita experiência náutica antes de receber tal missão em uma frota, que velejando com a bandeira real, era enviada através do Atlântico para descobrir novas terras. Esta dedução nos leva a crêr que entre 1496 a 1499, Vespucci levou uma vida errante no mar, e, portanto, é possível que tenha navegado de maio de 1497 a outubro de 1498, que é o tempo declarado por êle (na *Lettera*) como tendo percorrido de costa 870 léguas de uma região continental em direção noroeste”.

Com essa lógica, HARRISSE ver-se-ia embaraçado si tivesse de explicar, onde teria Vespucci aprendido a navegar quando, partindo

(77) “*The Discovery of North America*”, página 356.

como diz a *Lettera*, para a viagem de 1497 ia, “*ajudar a descobrir*”, missão esta muito mais importante que a de piloto na frota de Hojeda.

Não são sólidos, pois, êsses argumentos de HARRISSE, porque é impossível apurar-se com segurança, à semelhança do que ocorre com outros famosos navegantes, tais como Colombo, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Fernão de Magalhães, etc., onde, em que época e como, o Florentino aprendeu a navegar. O que sabemos, é que êle percorreu uma vasta extensão do litoral léste da América do Sul.

Magnaghi (78), analisando meticolosamente a descrição que da viagem de 1497 faz a *Lettera*, prova sobejamente as inúmeras incoerências que ela contem, principalmente as de ordem geográfica.

A título de exemplo, citamos algumas delas. As referências quanto à latitude, longitude, distâncias e direção da naveção, são todas erradas, o que não se coaduna com a capacidade cosmográfica de Vespucci. Há erro de latitude de 10 graus, o que em absoluto não se póde atribuir ao Florentino que era perito em calcular as alturas (79), tanto assim que indicou para o cabo de S. Agostinho a latitude certa de 8 graus sul (80). Contem a *Lettera* uma prolixa descrição dos usos e costumes dos habitantes de Honduras, Yucatan e golfo de Campeche, apontado-os como selvagens canibais, quando na realidade pertenciam eles à raça semi-civilizada dos Mayas. Se a expedição realizou o périplo do Yucatan e da Florida, é de se estranhar que a *Lettera* não faça a menor alusão à existência dessas importantes penínsulas. Tendo a frota, na qual ia Vespucci, navegado sempre bem próxima do litoral da enorme extensão de terra que percorreu, os seus tripulantes deviam forçosamente ter avistado as embocaduras dos rios Grande, Colorado, Mis-

(78) Obra citada, volume II, páginas 65 a 105.

(79) Pedro Martyr de Angleria — “*De Orbe Novo*”, década III, livro V, capítulo I.

(80) Navarrete, obra citada, volume III, páginas 319 a 320.

ssippi, Alabama e Apalachicola, mas disso não nos dá notícia a *Lettera*.

O próprio Harrisse (81) que defende com calor a autenticidade da viagem de Vespucci, ora em estudo, confessa-se embaraçado ao procurar explicar o verdadeiro percurso realizado pelo Florentino dizendo: “A narrativa nos diz que as 870 léguas foram navegadas ao longo da costa, sempre à vista da terra: *“navigāmo allungo della costa sempre a vista della terra, tanto che corremmo dessa 870 leghe tutta via verso el maestrale”*. Si isso aconteceu, em qualquer das hipóteses, não devia existir o grande intervalo que aparece nos mapas de Cantino, Canerio, Ruysch e Schöner a oeste do golfo de Venezuela ou Maracaibo. A costa continuaria em direção oeste além de Darien, Panamá, e depois em direção norte costeando Honduras, Yucatan e o golfo do Mexico”. “A configuração dessa parte nos mapas Luso-Germanos (com exceção dos de Stobnicza e Waldseemüller) não está portanto de acordo com os dados fornecidos pela primeira viagem de Vespucci”. Mas, convem aqui assinalar que o globo de Stobnicza e o mapa de Waldseemüller, a que se refere Harrisse e que assinalam terras além do golfo de Maracaibo, foram confeccionados respectivamente em 1512 e 1513, quando o litoral, quasi todo da América Central e da Florida, já tinha sido explorado por Colombo e seus continuadores, tais como Pinzon, Solis, Nicuesa, Juan de la Cosa, Ponce de Leon, etc.

Ao que recorrem, porém, com mais insistência os que tentam sustentar a autenticidade da viagem, é à cartografia americana vetustíssima e, em particular, ao planisfério de Cantino onde, a noroeste da ilha *Isabella*, existe desenhado um pedaço de terra em forma de península que identificam com a da Florida, cuja descoberta atribuem a Vespucci em 1497.

Harrisse é o mais ardoroso defensor dessa proposição, e sustenta que Vespucci colaborou na confecção do mapa de Cantino,

(81) “The Discovery of North America”, páginas 358 a 359.

fornecendo ao cartógrafo os dados relativos à sua viagem de 1497, que figuram nesse planisfério.

Diz textualmente êsse erudito americanista (82): “O mapa de Cantino foi feito em Lisboa, e antes de outubro de 1502. Amerigo Vespucci residiu nessa cidade de agosto de 1498 até maio de 1499; de setembro de 1500 até maio de 1501 e também setembro de 1502. Ele era *cartógrafo famoso*, e como já vimos atrás, acompanhou Alonso de Hojeda na expedição que pela primeira vez levantou topograficamente a região a oeste de Pária. Finalmente, possuímos o testemunho direto de Pedro Martyr d’Angleria, o qual afirma que existia um mapa dos descobrimentos portugueses, no qual dizia-se ter Amerigo Vespucci posto a mão: ...“*muitos pergaminhos que os marinheiros chamam cartas de marear, uma das quais haviam desenhado os portugueses, na qual dizem que poz a mão Amerigo Vespucci, florentino, homem perito em essa arte*”... (83).

“Isto foi escrito antes de decorridos três meses após a morte de Vespucci. Nós não devemos nos esquecer que Pedro Martyr conheceu-o pessoal e oficialmente por longos anos”.

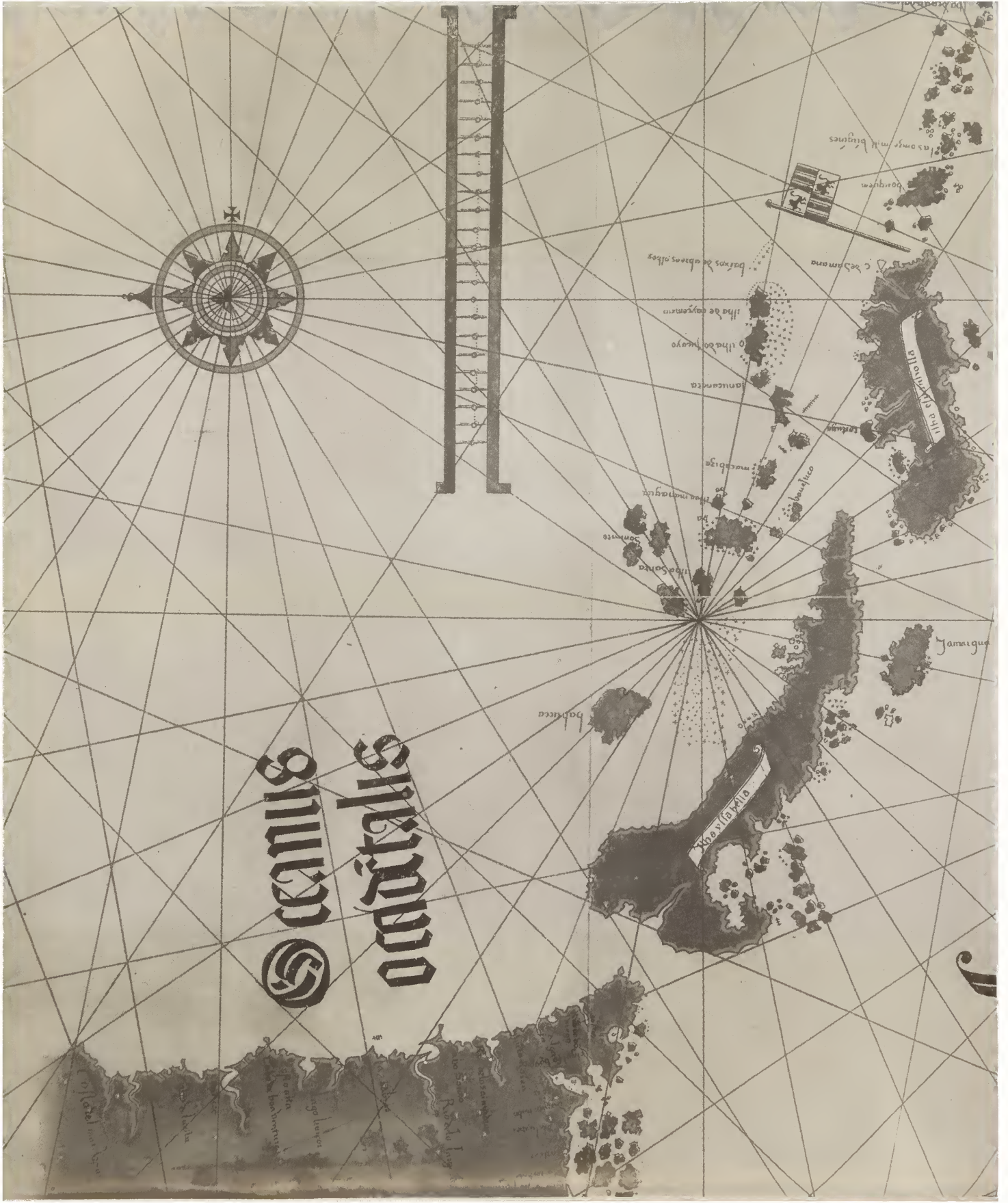
“Será que todos êsses fatos não nos autorizam a acreditar que o famoso Florentino forneceu os informes, direta ou indiretamente para a seção em questão do mapa de Cantino, o qual, podemos dizer ter sido baseado, com referência a êsses fatos, em dados de Vespucci”?

O tópico citado por Harrisse, de Pedro Martyr, apenas serve para evidenciar que Vespucci era um habil cartógrafo, no que não pomos a menor dúvida, mas é preciso frisar que o mapa no qual diziam ter o Florentino posto a mão, achava-se na cidade de Burgos, na Espanha, como informa o próprio Pedro Martyr (84), não podendo ser o de Cantino que, de Lisboa foi enviado para Italia, a Hercule D’Este, duque de Ferrara.

(82) “The Discovery of North America”, páginas 333 e 334.

(83) Angleria, década II, livro X, folhas 41.

(84) “De Orbe Novo”, edição argentina, 1944, década II, livro X, capítulo I, página 189.



A suposto Florida no mapa de Cantino, a noroeste da ilha Isabella. Do facsimile de Henry Harrisse, no seu livro: "Les Corte Real"

Devemos recordar que na época em que foi desenhado em Lisboa o mapa de Cantino, outros também foram delineados, sendo que conhecemos os de Canerio, Hamy, Pedro Reinel, Kunstmann II e III. Em qual dêles teria colaborado Vespucci?

Seja como fôr, si, como diz HARRISSE, era Vespucci um *cartógrafo famoso* (“*renowned cartographer*”), custa-nos acreditar ter êle auxiliado o desenhista do mapa de Cantino, diante dos gravíssimos erros que êsse planisfério contem, e que êle HARRISSE poz em relevo às páginas 76, 77, 87 e 136 da sua monografia editada em 1883 em Paris sob o título: “*Les Carte Real*”. Basta dizer que nesse mapa o litoral brasileiro, percorrido duas vezes por Vespucci, está irregularmente desenhado, sendo que ao sul do trópico de Capricórnio projeta-se erradamente para lêste.

Em 1924 o erudito geógrafo e historiador norte-americano George E. Nunn, publicou um valioso e elucidativo trabalho (85) sobre a terra em forma de península, que se vê no mapa de Cantino a noroeste de uma ilha em forma de cogumelo, denominada “*Isabella*”, estudo êsse que evidencia laborarem em grave erro os que como Varnhagen, HARRISSE, Vignaud, etc., sustentam que Vespucci realizou a viagem de 1497, na qual descobriu entre outras regiões, a península da Florida.

Diz George E. Nunn (86) o seguinte:

“O formato da terra (suposta Florida do mapa de Cantino) parece derivar das descrições dos litorais descobertos por Colombo na sua segunda viagem. Na “*Informacion y Testemonio*” de Fernando Peres de Luna, na parte referente ao juramento dos pilotos e demais tripulantes, de que Cuba era continente, há uma passagem que parece ser a origem do aparecimento do contorno encontrado no mapa de Cantino, a qual diz ” (87):

(85) “*The Geographical Conceptions of Columbus*”, páginas 91 a 141.

(86) Obra citada, páginas 108 a 115.

(87) Navarrete, obra citada, volume II, páginas 171 a 172.

“En la carabela Niña, que ha por nombre Santa Clara, jueves doces dias del mes Junio, año del Nacimiento de nuestro Señor Jesucristo de mil é quatrocientos é noventa é quatro años, el muy magnifico Señor D. Cristobal Colon, Almirante mayor del mar Océano, Visourey é Governador perpetuo de la isla de San Salvador, é de todas las otras islas é tierra-firme de las Indias descubiertas é por descubrir por el Rey é por la Reina nuestros Señores, é su Capitan general de la mar, requirió á mi Fernand Perez de Luna Escribano público del número de la Cibdad Isabela (88), por parte de sus Altezas, que por quanto el habia partido de la dicha cibdad Isabela com tres carabelas por venir á descubrir la tierra-firme de las Indias puesto que ya tenia descubierto parte della el otro viaje que acá primero habia hecho el año passado del Señor de mil é quatrocientos é noventa é tres años, y no habia podido saber lo cierto dello: porque puesto que andoviese mucho por ella non habia fallado personas en la costa de la mar que le supiesen dar cierta relacion dello, porque eran todos gente desnuda que no tiene bienes propios, ni tratan, ni van fuera de sus casas, ni otros vienen á ellos, segund dellos mismo supo, y por esto no declaró afirmativo, que fuese la tierra-firme, salvo que lo pronunció dubitativo, y la había puesto nombre *la Juana*, á memoria del Principe D. Juan nuestro Señor, y agora partió de la dicha Cibdad Isabela á viente y quatro dias del mes de Abril é vino á demandar la tierra de la dicha *Juana* mas propinca de la isla Isabela (89), la qual es fecha como un giron que va de Oriente á Occidente, y la punta está de la parte Oriente propinca á la Isabela viente é dos leguas...”

“Esta declaração deve ser estudada em conjunto com outras que também relatam a primeira viagem. Com referência à terra descoberta, Colombo disse” (90) :

(88) Localizada na costa norte da ilha Haiti.

(89) A quarta ilha descoberta por Colombo na sua primeira viagem, uma das Bahamas.

(90) Navarrete, obra citada, volume I, página 298.

“Quando yo llegué á *la Juana* segui la costa della á poniente, y la fallé tan grande que ensé que seria tierra firme la provincia de Catayo; y como no fallé así villas y lugares en la costa de la mar, salvo pequeñas poblaciones, con la gente de las cuales non podia haber fablas, porque luego fuian todas, andava yo adelante por el dicho camino, pensando de non errar grandes ciudades é villas; y al cabo de muchas leguas, visto que non habia innovacion, y que la costa me levava al setention”...

“Além disso Martin Alonso Pinzón comunicou (91) a Colombo em 30 de outubro de 1492, que êle acreditava que a terra era continental seguindo em direção ao norte e que era muito grande (“y que toda aquella tierra era tierra firme, pues, iba tanto al Norte y era tan grande”). De acôrdo com Las Casas, Colombo determinou a latitude como sendo 42 graus norte. Todavia, Las Casas duvida muito dessa posição, e com razão, pois deve ela ser 21 graus de latitude norte (92). A diferença pôde, entretanto, ser perfectamente explicada, quando Navarrete (93) nos informa que tal aconteceu por serem os quadrantes da época divididos em meios graus. (“Los cuadrantes de aquel tiempo median la doble altura; y por consiguiente los 42° que dice distaba de la equinocial hácia el N. deben reducirse a 21.º de latitude N.”) De qualquer modo, parece-nos que tal informação errônea de latitude, deve ter influido bastante no desenho do mapa de Cantino.”

“Vamos agora examinar os dados que possuímos. Julgava-se que existia um continente, chamado *Juana* por Colombo. Tal continente, até onde se conseguiu apurar, tinha a forma triangular. A costa sul corria para o norte. A distância da costa léste até a ilha *Isabella* era de 22 léguas. A ilha Española não foi mencionada na “Informacion y Testemonio” de Fernando Peres de Luna, em conexão com a posição da terra triangular.”

(91) Bartolomeu Las Casas — “Historia de las Indias”, Madrid, 1875, volume I, página 322.

(92) Las Casas, obra citada, volume I, páginas 324 e 338.

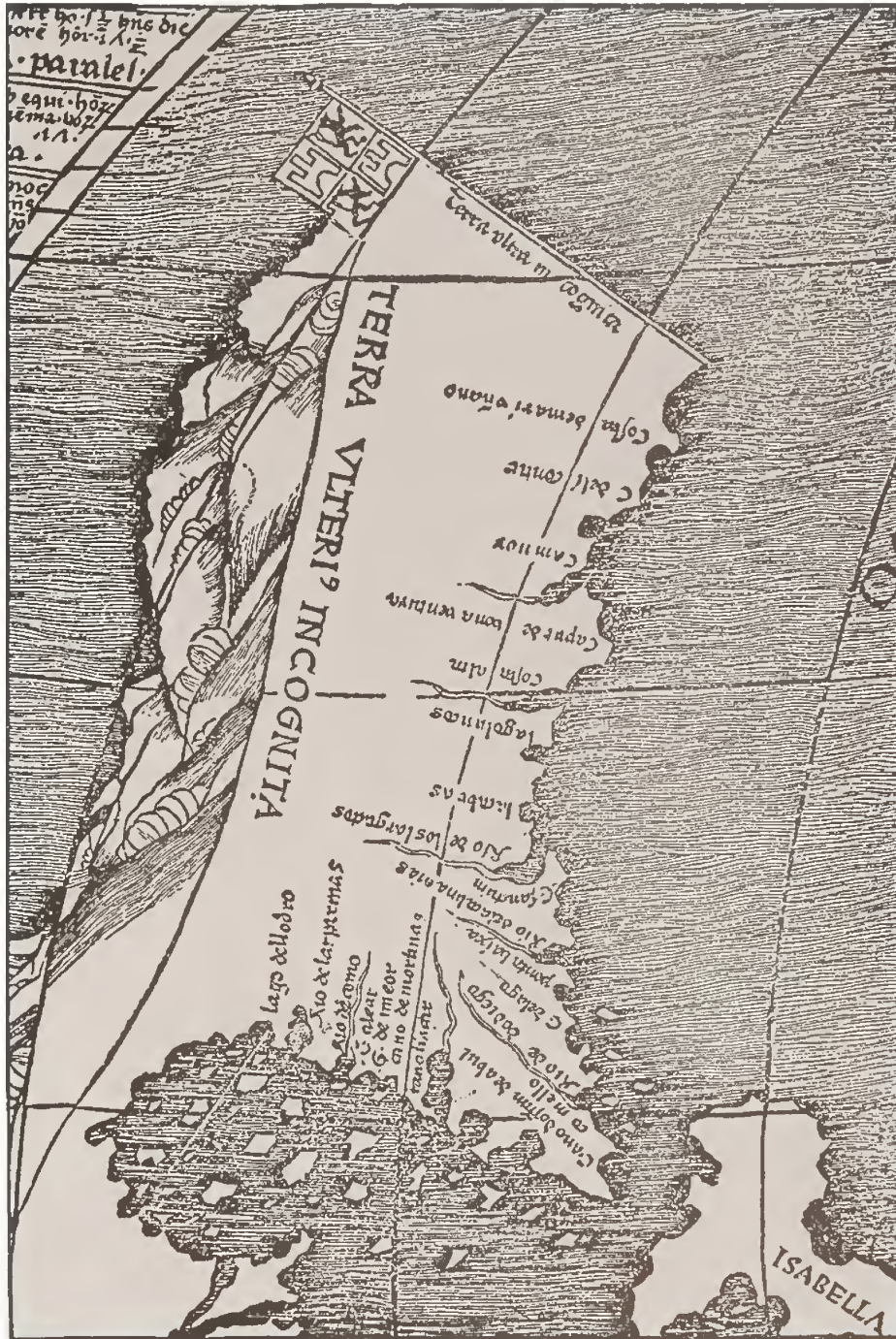
(93) Obra citada, volume I, nota 4 no rodapé da página 188.

“Examinando o mapa de Cantino, vemos que tais dados foram evidentemente incluídos nele: a costa da terra a noroeste tem a forma de um triângulo, e a ilha *Isabella* está colocada a leste entre a terra e a *Epañola*. Cuba não aparece; mas no mapa de Wadsemüller de 1516 o qual, a julgar pela forma e nomenclatura, seguiu a mesma fonte do de Cantino, nós encontramos na terra triangular a legenda: “*Terra de Cuba Asie Partis*” (93 A). Aqui temos o indício, que nos revela este mistério que é um embaraço para Harris. Colombo e seus companheiros foram, inconscientemente, os causadores do erro, apesar de que nunca poderiam de modo imaginário representar a geografia do Novo Mundo como fez Cantino. Em resumo, o erro foi devido à interpretação dada às descrições de Colombo pelos cartógrafos, que não tinham estado na terra para verificar “de visu”, e que tentaram harmonizar as informações discordantes da melhor maneira possível”.

“Agora si pesquisarmos mais alguns fatos, verificaremos no mapa de Canerio, o qual muito provavelmente foi feito logo depois do de Cantino, que na terra de forma triangular em direção a oeste correspondente ao ponto mais distante da costa sul de Cuba, percorrido por Colombo na sua segunda viagem, a terra volve na direção sul e um delta com três aberturas aparece aí como um caso estranho e notável da costa. Com relação a estes fatos, Pedros Martyr afirma na sua narração da quarta viagem de Colombo, “que dentro de uma distância de oito léguas elle descobriu três rios de água clarissima, nas margens dos quais cresciam caniços da grossura da perna de um homem.” O delta de Canerio, conforme Varnhagen (94), é a foz do Mississipi. Mas se é realmente a do Mississipi, ela aparece de modo estranho a oeste, em lugar do lado norte da costa do golfo. Si, entretanto essa terra representa Cuba, a qual Colombo acreditou que fosse terra da Ásia (como a configuração

(93-A) O globo do cosmografo Schöner de 1520, reproduz o trecho em estudo do mapa de Cantino, (suposta Florida) inscrevendo nele a palavra: Cuba.

(94) Obra citada, página 30.



A terra a noroéste da ilha **Isabella** no mapa de Waldsemüller de 1507. Reproduzido do livro de George E. Nunn: "The Geographical Conceptions of Columbus".

do globo de Behaim e do mapa de Martellus), então tudo se torna mais simples e claro. Como nós já vimos nos estudos anteriores, a costa norte de Cuba corresponderia à costa oeste de Cathay; a costa sul seria a costa sul de Mangi; e em direção a oeste, a terra deveria, teoricamente, voltar-se para o sul; a terra a oeste seria Ciamba. O fato da costa dirigir-se ao sul foi aceito no verão de 1494 como prova de que Cuba era uma parte do continente asiático (95). A quarta viagem de Colombo foi baseada na mesma teoria.”

Após ter feito um estudo o mais minucioso possível da nomenclatura da terra a noroeste da ilha *Isabella* do mapa de Cantino, provando que ela provém quasi toda do resultado da primeira e segunda viagem de Colombo, assim conclue George E. Nunn:

“Resta-nos discutir a razão do grande intervalo no mapa de Cantino entre a ilha Española e o “C do fim de abril” (da terra em estudo), o qual foi preenchido pela inserção da ilha *Isabella*.”

“Tudo que necessitamos aqui será fazer um breve sumário, visto que todas as concepções geográficas de importância já foram discutidas detalhadamente em estudos anteriores. Ptolomeu fez o mundo conhecido estender-se aproximadamente 180 graus de oeste a leste, Marinus de Tyro, 225. Colombo acreditou, como Marinus de Tyro, que a terra, do cabo de S. Vicente em Portugal até Cattigara, o limite leste do mundo conhecido, cobria 225 graus de longitude. O trabalho dos cartógrafos medievais acrescentou ao mundo, conforme era conhecido dos antigos, aproximadamente 60 graus: — então 285 graus era a estimativa antes da viagem de 1492. De acordo com o cálculo de Colombo, contando de oeste a leste, devia haver 285 graus do primeiro meridiano ao ponto extremo da Ásia, o “cabo do fim de abril”, ou o cabo Alpha e Omega, o que deixaria 75 graus desse ponto de partida em direção oeste até o continente asiático. O fim oeste da ilha Española era usualmente colocado entre 50 e 60 graus oeste do primeiro meridiano. Como consequência, o extremo

(95) Navarrete, obra citada, volume II, páginas 171 a 178.

léste de Cuba estando imediatamente oposto ao oéste de Española, estaria entre 15 e 60 graus muito distante em direção léste para representar o léste da Ásia de acôrdo com tais cálculos. Quando, portanto, um cartógrafo desenhasse um mapa do mundo inteiro, o continente asiático teria de ser colocado, de acôrdo com a terra aí existente, a uma grande distância através do Atlântico. O que se segue foi ter sido a teoria de Colombo usada para o traçado do mapa através do Atlântico em direção oéste: ao passo que a teoria de Ptolomeu foi adotada para delinear o mundo léste da costa oéste de Europa. Este processo é evidente no globo de Behaim, no mapa de Waldseemüller de 1507, e outros mapas que mostram a distância de 180 graus do cabo de S. Vicente até o lado léste do Sinus Magnus. Realmente, são vários os mapas do princípio do século XVI que representam distintamente ambas as teorias. O mapa de Waldseemüller de 1507 é um dos primeiros exemplares do mundo inteiro desenhado de tal modo a aproveitar as duas teorias. O mapa de Johan Ruysch (1508) adota as estimativas de Colombo como base, o que Waldseemüller não fez inteiramente. Outros cartógrafos trabalhando entre 1492 a 1507, evitaram essa dificuldade não representando o mundo todo. La Cosa, por exemplo, omite o espaço, mais ou menos de 140 graus, entre Calicut, na India, e um ponto oéste de Cuba. Aparentemente, foi a dificuldade em reconciliar as teorias geográficas de Colombo e Ptolomeu, que levou Pedro Martyr (96) a dizer: “Não é sem razão que os cosmógrafos deixaram indeterminados os limites da India do Ganges, e não falta quem acredite que as costas da India não distam muito das praias espanholas.”

“É evidente, portanto, que o argumento de HARRISSE, de que a terra continental do mapa de Cantino não póde ser a costa léste da Ásia, porquanto ela já está representada, é insustentavel.”

Resumindo, diz George E. Nunn:— “A terra a noroéste da ilha *Isabella* (do mapa de Cantino) não é a Florida. Esta terra

(96) “De Orbe Novo”, década I, livro III, capítulo III.

foi desenhada na crença de que era o continente asiático. As idéias, então correntes sobre o leste da Ásia, conforme podemos observar no globo de Behaim e no mapa de Henricus Martellus Germanus, foram adotadas, apesar de que o golfo foi colocado um pouco mais ao norte do que devia ser. Já demonstramos como isso viria comprometer as descobertas de Colombo e Caboto. As terras realmente exploradas e denominadas com a impressão de serem o leste da Ásia foram: Cuba descoberta por Colombo; e a costa nordeste da América do Norte, descoberta e explorada por João Caboto e os Cortes Reais.”

“O cartógrafo ao tentar resumir um conjunto de dados confusos — teóricos, documentados, cartográficos e orais — produziu aquilo, conhecido por mapa de Cantino”.

O estudo erudito que, em parte transcrevemos, da autoria do citado geógrafo norte-americano, é por assim dizer o tiro de misericórdia nessa questão que diz respeito à descoberta da Florida por Vespucci, na sua suposta viagem de 1497; por sua vez reduz às suas naturais proporções a exagerada importância que certos historiadores, notadamente os portugueses, emprestam ao planisfério de Cantino.

CAPÍTULO II

A VIAGEM HOJEDA — VESPUCCI DE 1499.

Temos notícia da viagem de Hojeda à América do Sul em 1499, não só pelas declarações de Nicolas Perez e Andres de Morales nas “*Probanzas del Fiscal*”, (97) como pelo depoimento do próprio Hojeda nesse processo a 8 de fevereiro de 1513, o qual sê encontra transcrito por Navarrete e é do seguinte teor (98):

“Alonso de Hojeda dice, que la verdad de esta pregunta es que este testigo es el dicho Hojeda, que vino á descubrir: el primero hombre que vino á descubrir despues que el Almirante, é descubrió al mediodia la tierra firme, é corrió por ella ansi 200 leguas hasta Pária, é salió por la boca del Drago, é allí conosció que el Almirante habia estado em la isla de la Trinidad junto con la boca del Drago, é de allí corrió é descubrió la costa de la tierra firme, fasta el golfo de las perlas é bojó la isla Margarita y la anduvo por tierra á pie, porque conosció que el Almirante no sabia della nada mas de habella visto yendo su camino, é de ahí fué descubriendo toda aquella costa de la tierra firme desde los Frailes hasta en par de las islas de los Gigantes, el golfo de Venecia que es en la tierra firme, la tierra firme, y la provincia de Quinquibacoa, y en toda esta tierra firme 200 leguas antes de Pária, e de la de Pária hasta las perlas, é desde las perlas hasta Quinquibacoa: que lo que este testigo descubrió, nunca nadie lo habia descubierto ni tocado en ello asi el Almirante como otra persona, y que en este viage que este dicho testigo hizo, *trujo consigo á Juan de la Cosa, piloto, é Morigo*

(97) Navarrete, obra citada, tomo III, páginas 525 — 527.

(98) Idem, Idem, página 528.

Vespuche e otros pilotos: que fué despachado este testigo par el dicho viage por mandado del dicho D. Juan de Fonseca, obispo de Palencia, por mandado de SS.AA.”

A' vista do depoimento ora transcrito de Hojeda, e de outras informações, temos que, partindo êle de Cadiz na primavera de 1499, tocou nas Canárias, de onde rumou para sudoeste até aproar em um ponto do litoral sul-americano distante de Pária 200 léguas. Daí navegou até Pária, saiu pela boca do Dragão, seguiu acompanhando a costa da terra firme até a ilha Margarida, de onde rumou para aquela *de los Gigantes* (Curacao). Continuando a viagem, penetrou no *golfo de Venecia* (Venezuela ou Maracaibo) e daí passou à pequena península de Quinquibacoa. Deste ponto navegou para Haiti, chegando a *Yaquimo ou Puerto del Brasil* (Jacmel) a 5 de setembro de 1499, conforme atesta uma carta que, de S. Domingos, enviou Colombo aos reis Católicos (99).

De Haiti, segundo Las Casas, partiu em março de 1500 para a Espanha, (100) fundeando em Cadiz em abril desse ano. Isto se deduz do depoimento de Nicolas Perez ao responder a 3.^a pergunta do Fiscal, segundo o qual Hojeda tinha voltado poucos dias depois de Alonso Niño e Christobal Guerra, sendo que estes dois navegantes regressaram a 6 de abril (101).

* *
*

Como é hoje do dominio pacífico da história, ter Amerigo Vespucci tomado parte nessa viagem de Hojeda, passamos agora a resumir a descrição dela de acôrdo com a carta que êle enviou de

(99) Bartolomeu Las Casas. — “*Historia General de las Indias*” — Madrid, 1875, volume II, páginas 393 — 394.

(100) Obra citada, volume II, página 427.

(101) Henry Harrisse — “*The Discovery of North America*”, Paris, 1892, página 676; Navarrete, obra citada, edição argentina, volume III, página 525.

Sevilha a 28 de julho de 1500 a Lourenço de Pier Francisco de Medici, carta essa existente por cópia no "*Codice Riccardiano 1910*".

Diz Vespucci que, por encargo do Rei da Espanha, partiu de Cadiz em 18 de maio de 1499 *com duas caravelas* para ir realizar descobertas do lado do ocidente, pelo que se dirigiu às ilhas das Canárias onde fez provisão do necessário. Partindo da ilha Gomerá rumo sudoéste, ao cabo de 24 dias de navegação avistaram terra que estava distante do porto de Cadiz 1300 léguas. Arream os bateis para realizar desembarque, mas logo verificaram a impossibilidade de conseguir êsse objetivo, dado o fato da terra ser baixa e espessa a vegetação. À vista disso, voltaram aos navios e navegaram rumo sul porque, diz Vespucci, a sua intenção era ver si podia dobrar um cabo que Ptolomeu chama de Cattigara, junto ao Sinus Magnus. Assim navegando, observaram um fenomeno por eles nunca visto, tal aquele de poderem beber água doce a 25 léguas afastados da terra. Verificou Vespucci que isso ocorria devido à junção das águas de dois caudalosos rios: um que corria de oéste para léste, tendo 4 léguas ou 16 milhas de largura; e outro que corria de sul para norte e era largo 3 léguas ou 12 milhas. Ora, dizemos nós, ao sul do ponto onde a frota tentou desembarque, só existem dois rios que, à primeira vista, podem ser identificados com aqueles a que se refere o Florentino: o Amazonas e o Tocantins ou melhor o Pará. Mas ponderando-se bem, força é concordar com a opinião de Magnaghi (102) quando diz que Vespucci entrando no estuário do Amazonas a sudoéste da ilha Caviana, queria aludir ao ramo principal da esquerda, e ao outro grande estuário que se dirige de sul a norte e que fica à direita da ilha dos Porcos.

Resolveram então penetrar em um dêsses dois estuários — Vespucci não esclarece em qual dêles —, com os bateis que transportavam 20 homens e mantimentos para 4 dias. No fim de 2 dias de navegação avançaram rio a dentro cerca de 15 léguas, notando sempre que a terra era baixa e espessa a mata, percebendo também sinais

(102) Obra citada, volume II, páginas 145 — 146.

de ser ela habitada. Lembrando-se, porém, de que os navios estavam ancorados em lugar perigoso caso o vento soprasse de través, resolveram voltar às caravelas, o que fizeram.

Navegando para o sul e afastados do litoral, após terem percorrido 40 léguas, encontraram uma corrente marítima que corria de sudéste para noroéste. Era tão forte que não só punha em risco os navios, como também impedia a navegação apesar do vento favorável que soprava. Era uma corrente de tal modo forte, que as do estreito de Gibraltar e do farol de Messina, assemelhavam-se a tanques onde a água está sempre estagnada. Assim sendo, resolveram virar as proas dos navios e navegar rumo noroéste. Como é fácil notar, Vespucci neste trecho descreve a grande corrente equatorial que se bifurca nas proximidades do cabo São Roque: indo um ramo para noroéste e outro para sudoéste, isto é, para o litoral norte brasileiro. Diz Magnaghi (103) que nos mapas vetustíssimos americanos, tais como aqueles de Juan de la Cosa, Cantino, Hamy, Canerio, Ruysch e Waldseemüller, nota-se um trecho do litoral, pouco depois da fóz do Amazonas até o cabo S. Roque, onde não figura nenhum nome. Esse trecho, opina Magnaghi, corresponde áquele que Vespucci diz ter percorrido afastado da costa numa extensão de cerca de 40 léguas.

Passa em seguida Vespucci a descrever a navegação quanto à latitude e à longitude, abordando questões de cosmografia e astronomia, concluindo por afirmar ter atingido 6 graus e 30 minutos de latitude sul, isto é, ultrapassando o cabo de São Roque (103A).

(103) Obra citada, volume II, página 147.

(103A) No Terceiro Congresso Geografico Italiano, realizado em Florença em 1898, o professor G. Marinelli ("Atti del Terzo Congresso Geografico Italiano", Firenze, 1899, volume 1, página 146) declarou que a Vespucci pertence "o merito de ter instituido um novo metodo de determinar as longitudes por meio das distancias lunares e das ocultações". Na carta que o Florentino enviou de Servilha ao Medici em 18 ou 28 de julho de 1500, explica o seu processo para determinar a longitude. Esse metodo usado pela primeira vez por Vespucci, apesar dos erros, devido à imperfeição dos meios de observação, tinha a vantagem

Depois que a expedição interrompeu a navegação para o sul devido à corrente equatorial, rumou ela para o noroeste e navegou sempre até que foi ter a uma ilha situada a 10 graus de latitude norte, que provavelmente é a Trindade. Nesta ilha encontraram os selvagens denominados "*Canibais*" que Vespucci descreve dizendo que andavam nus e que comiam carne humana. Partiram depois dessa ilha e entraram em um golfo que o Florentino diz ser aquele conhecido por Pária, onde depararam com um rio caudaloso que tornava doce a água do golfo, o qual deve ser o ramo mais ocidental do Orenoco. Realizaram o desembarque nesse local, tendo tido boa acolhida da parte dos selvagens, os quais informaram Vespucci serem antropófagos os habitantes da Trindade.

Sairam do golfo de Pária pela boca do Dragão e navegaram ao longo da costa avistando sempre aldeias de indígenas com os quais traficaram. Depois de ter percorrido 400 léguas, chegou Vespucci à conclusão de que estava em presença de terra firme a qual, segundo diziam, ficava no confim da Ásia pelo lado do oriente e em seu princípio pelo lado do ocidente. Essa opinião Vespucci fundamenta, entre outros motivos, pela fauna que não podia ser de ilha, pois na terra eram avistados animais que se confundiam com leões, serpentes enormes, porcos selvagens, etc.

Depois dessas 400 léguas percorridas, diz Vespucci que começaram a encontrar selvagens que recusavam qualquer contacto com os tripulantes dos navios e que sempre os recebiam de modo agressivo quando com os bateis tentavam realizar algum desembarque. Dêse modo aconteceu certo dia descerem em terra e daí resultou um sangrento combate entre 26 homens dos navios e elevado número de indígenas. Nesse combate mataram 150 selvagens e foram incendiadas 180 de suas cabanas, mas por sua vez tiveram muitos

de basear-se em fenomenos que se podem observar com mais frequência, o que não ocorre com os eclipses da Lua, processo que foi usado por Colombo e outros navegantes para determinar as longitudes, sempre também com erros.

feridos, tanto assim que, após voltarem aos navios, procuraram um porto onde durante 20 dias o médico esteve tratando dos feridos, sendo que todos sararam, menos um que por ter sido ferido no peito, do lado esquerdo, faleceu.

Continuando a navegar, foram ter a uma ilha que ficava afastada da terra firme 15 léguas, a qual supunham desabitada. Desembarcaram nela 11 homens que penetraram terra a dentro 2 léguas e meia, encontrando uma aldeia de selvagens gigantes, tanto os homens como as mulheres, que os trataram muito bem dando-lhes de comer e de beber, ilha denominada *dos gigantes*, hoje identificada como a Curacao. Desta foram a uma outra que ficava distante 10 léguas, onde depararam com uma coisa inesperada: uma aldeia edificada sôbre estacas de madeira, recordando Veneza. Aí tiveram combate com seus habitantes, dos quais se apoderaram de grande quantidade de algodão, observando também que as traves das habitações eram de pau-brasil. É possível que seja a ilha *Aruba* que figura nos mapas de Juan de la Cosa e de Canerio, com o nome de "*isola de brasil*".

Dessa ilha navegaram mais 300 léguas pela costa da terra firme, vendo sempre selvagens e muitas vezes com êles combatendo; sendo que de uma feita fizeram 20 prisioneiros, entre os quais 7 interpretes que não se entendiam entre si. Diz Vespucci que depois de terem navegado 700 léguas, estando os navios avariados e a tripulação fatigada, resolveram ir até a ilha de Haiti, que distava do ponto onde estavam 120 léguas, onde chegaram após 7 dias de navegação.

Esclarece Magnaghi essa questão que diz respeito às 700 léguas dizendo: "Aqui evidentemente não se trata 700 novas léguas percorridas. Vespucci quiz dar apenas idéia das léguas percorridas a começar do golfo de Pária: são 400 atrás citadas e as 300 percorridas de *Aruba* em diante. Do contrário com 300 léguas chegariam pelo sudoeste ao golfo de Darien, e desse ponto não podiam pôr certo atingir Haiti em 7 dias de navegação. Por outro lado, tam-

bém os mapas de Juan de la Cosa, e de Canerio, terminam em direção léste na pensinsula de Guajra, a ocidente do golfo de Maracaibo. Do que se é forçado a admitir que as 300 léguas foram contadas no percurso feito na costa do golfo e parte na do lago de Maracaibo até a saída, tanto mais que um golfo assim largo e profundo, terra a dentro, devia sugerir-lhes a possibilidade da existência de uma passagem. Depois do que Vespucci devia ainda percorrer um trecho da penisula Guajra além do cabo de la Vela, talvez até a fóz do Madalena. A distância de 120 léguas “segundo o ponto dos pilotos” no qual se achava da Espanhola (Haiti), cerca de 7 graus e 30 minutos, tendo cada grau aproximadamente 16 léguas, corresponde quasi que exatamente; e 7 dias empregados correspondem também ao tempo que Oviedo disse que gastavam os navios de Haiti para atingir terra firme (de 5 a 7, segundo o lugar da costa para onde se dirigiam) (104).

Narra Vespucci que em Haiti ficaram 2 mezes reparando e abastecendo os navios e, isso feito, partiram rumo norte onde após 200 léguas de percurso, foram ter a uma ilha onde aprisionaram 232 selvagens destinados a ser vendidos como escravos. Tomaram o rumo de Castela, atingindo em 67 dias de navegação a ilha dos Açores. Daí partiram para seu destino, mas devido a ventos contrários foram forçados a ir às Canárias e em seguida à ilha da Madeira, de onde finalmente rumaram para Cadiz, onde chegaram em meado de junho de 1500.

Estiveram nessa viagem 13 meses, navegaram cerca de 5000 léguas ou 20 mil milhas e passaram a linha equinocial até 6 graus e meio de latitude sul do lado ocidental. Dos escravos que aprisionaram, morreram 32 durante a viagem, de modo que venderam apenas 200. O lucro da viagem foi insignificante, deduzidas as despesas: apenas 500 ducados para serem repartidos entre 55 pessoas.

Diz finalmente Vespucci que o rei da Espanha mandou armar 3 navios para êle ir outra vez realizar descobertas e que, si fizesse

(104) Obra citada, volume II, páginas 159 — 160.

essa viagem, esperava descobrir a ilha Taprobana que fica entre os mares Indico e Gangetico.

* *
*

À vista do depoimento de Hojeda nas "*Probranzas de Fiscal*" que transcrevemos no início deste capítulo, e tendo-se em vista a narração que, da sua viagem, fez Vespucci a Lourenço de Pier Francisco de Medici em carta expedida de Sevilha 28 de julho de 1500, duas questões de capital importância necessitam ser elucidadas, sendo elas as seguintes:

1.º — Qual o ponto do litoral sul-americano onde Hojeda abordou em 1499, quando diz que ficava êle 200 léguas antes de Pária?

2.º — Como se explica o fato de Vespucci ter declarado na sua citada carta, não só ter atingido a fóz do Amazonas onde penetrou 15 léguas, mas passado a equinocial e percorrido o litoral brasileiro até 6 graus e 30 minutos de latitude sul, ao passo que Hojeda não disse uma só palavra sôbre êsses acontecimentos quando depoz perante o Fiscal?

* *
*

Vejamos a primeira questão.

O erudito historiador brasileiro Joaquim Caetano da Silva, estudando o descobrimento do Oyapoc e Amazonas, assim se refere ao ponto do litoral sul-americano onde pela primeira vez aportou Hojeda quando da sua viagem de 1499 (105):

"Vicente Pinzon qualifica de descoberta seu reconhecimento do cabo da Consolacion, — *descobrió*; êle emprega a mesma expressão

(105) Joaquim Caetano da Silva — "*L'Oyapoc et L'Amazone*", Paris, 1899, volume II, páginas 382 a 387.

para a costa compreendida entre esse cabo e o Amazonas, — *descubrió*; a mesma expressão para o Amazonas, — *descubrió*; a mesma expressão para a provincia dos Paricuras, — *descubrió*. Porém, quanto à costa compreendida entre a provincia dos Paricuras e a boca setentrional do golfo de Pária, limita-se êle a dizer que a percorreu, — *corrió de luengo*.

“Por que esta diferença? É que, nestas últimas paragens, Vicente Pinzon tinha sido antecipado por Christovão Colombo em 1498, e por Alonso de Hojeda em 1499. O que se refere a Colombo é bem conhecido; todo o mundo sabe que foi a a costa meridional da península de Pária a, que êle descobriu. Mas desconhecem a descrição completa do trecho descoberto por Hojeda. Nós temos, todavia, para essa questão uma indicação precisa, fornecida pelo próprio Hojeda.”

“Êste descobridor foi uma das numerosas testemunhas arroladas pelo Fiscal no grande processo movido contra os herdeiros de Christovão Colombo. Êle depoz em S. Domingos, a 8 de fevereiro, de 1513, sôbre os diferentes quesitos do inquerito. Seu depoimento se encontra no terceiro volume de Navarrete, — dividido em seis pedaços segundo os quesitos que tinha que responder. À página 544 de Navarrete, está a resposta que Hojeda deu sôbre a sua viagem de 1499:”

“Alonso de Hojeda dice, que la verdad de esta pregunta és que este testigo es el dicho Hojeda, el primer hombre que vino á descubrir despues que el Almirante, é descubrió al mediodia la tierra firme, e corrió por ella *ansi 200 leguas hasta Pária... descubrió toda esta tierra firme 200 léguas antes de Pária, é de la de Pária hasta Quinquibacoa.*”

“Baseando-se nesta declaração, Navarrete (tomo III, página 5), Irving (tomo III, página 23), Humboldt (“*Examen Critique*”, tomo I, página 313, tomo IV, página 196), acharam que a extremidade meridional da descoberta de Hojeda deve ser colocada nas costas de *Surinam*. E. M. D’Avezac, no capítulo X de seu trabalho de 1857 e na primeira das duas cartas anexas a êsse trabalho, afirma, que

o ponto mais meridional que possa assinalar a descoberta de Hojeda é o *Maroni*”.

“Mas essas conclusões baseiam-se em mapas modernos e sobre estimativas arbitrárias da légua de Hojeda; ao passo que nós temos, para explicar de maneira positiva a declaração de Hojeda, um documento tão importante como se êle fosse fornecido por esse mesmo navegador. É a carta de seu primeiro piloto. Hojeda nos mostra, no fim de sua resposta sobre a viagem de 1499, que êle tinha então como primeiro piloto Juan de la Cosa: “*y que en este viage que este dicho testigo hizo, trujo consigo à Juan de la Cosa, piloto, è Morigo Vespuche e outros pilotos.*”

“E Pedro Martyr de Angleria no último livro da sua segunda década, livro escrito em 1514 e impresso em 1516, recomenda, para o conhecimento das costas da América, uma carta em pergaminho que tinha feito Juan de la Cosa, *compagnon* de Hojeda, “*Ionnes de la Cossa, fagedae comes*”. Ora, em julho de 1832, os senhores Alexandre de Humboldt e Walckenaer encontraram em Paris um mapamundo em pergaminho com a seguinte legenda: “*Juan de la Cosa lafizo enel puerto de S: mj^o. en año de 1500*”, “Juan de la Cosa o fez no porto de Santa Maria (da bahia de Cadiz) no ano de 1500.” Esta data é preciosa. De volta à bahia de Cadiz no começo do ano de 1500, talvez mesmo no fim de 1499, Juan de la Cosa não partiu a não ser em outubro de 1500. Esse mapa deve pois conter, e contem em verdade, não somente as descobertas de Hojeda, nas quais êle tinha tomado parte, não somente as explorações de Lepe, de volta à Espanha em junho de 1500, mas também as descobertas de Vicente Pinzon, de retorno a 30 de setembro, sendo que um de seus navios tinha sido comandado pelo seu sobrinho Diego Hernandez Colmenero, que tinha também acompanhado Hojeda (Navarrete, tomo III, páginas 544-550), e que, por consequência, estava perfeitamente em condições de coordenar entre eles as descobertas de um e de outro.”

“O original do mapa de Juan de la Cosa conservado até 1852 na biblioteca dos barão Walckenaer, passou então para a Espa-

nha estando guardado no Deposito Naval de Madrid. Mas, sem falar das cópias, mais ou menos infieis, publicadas por Humboldt e M. La Sagra em seus atlas, o público deve a M. Jomard, depois do mês de agosto de 1846, um fac-simile do mapa-mundi de Juan de la Cosa, com o qual êsse escrupuloso sábio enriqueceu seu "*Monuments de la geographie*".

"Estudemos, nesse equivalente do original, o trabalho do primeiro piloto de Hojeda. O mapa de Juan de La Cosa assinala o equador e o trópico de Cancer; êle tem nos seus dois grandes lados uma longa escala, dividida em espaços, sendo que cada um é repartido em seis pequenas sub-divisões. Pedro Martyr nos previne de que essa escala "conforme o uso espanhol, não indica milhas, mas léguas"; e comparando-a com a distância do equador ao trópico, vê-se que esta distância, de 23 graus e meio, corresponde a 32 espaços e quasi dois terços, do que segue-se que Juan de la Cosa dava a cada grau 16 léguas e dois terços, que cada espaço de sua escala valia 12 léguas, e cada sub-divisão 2 léguas. Que isso basta ou não para poder reduzir em metros a légua de Juan de la Cosa, pouco nos importa. Nós não temos que determinar o valor absoluto da légua desse marinheiro, mas sómente o valor relativo, no mapa que êle nos legou."

"Meçamos agora na carta de seu primeiro piloto, as 200 léguas de Hojeda. Mas a partir de que ponto? Da boca meridional ou da boca setentrional do golfo de Pária? Nem de uma, nem de outra. Hojeda não fala em golfo; ele diz simplesmente Pária — "200 leguas hasta Pária", "200 leguas antes Pária". Ora, o nome Pária, sómente empregado, significou em todos os tempos *la tierra de Pária, a península de Pária*. Foi a península que deu o seu nome ao golfo, e não o golfo à península. Em seu depoimento de 6 de abril, de 1513 (Navarrete, tomo III, página 540), o piloto Juan Rodriguez, companheiro de Christovão Colombo em sua viagem de 1498, exprime-se nestes termos: "*reconocieron una isla que se llama Trinidad, é de alli llegaron á Pária, que es tierra firme*". Mas o próprio Hojeda acredita às suas primeiras declara-

ções uma frase que explica bem: “toda esta tierra firme 200 léguas antes de Pária, e de *la* de Pária hasta Quinquibacoa.” A que póde referir-se em espanhol a palavra *la*, si não à terra firme?”

“Christovão Colombo tinha descoberto toda a costa interna da terra de Pária, desde o cume da península até a sua base. Vê-se claramente na carta do grande homem (Navarrete, tomo I, páginas 242-264, no texto de M. Irving (tomo II, páginas 102-127), e nas cartas de Navarrete e do ilustre Norte-Americano. O ponto de ligação da descoberta de Hojeda com aquela de Colombo, é pois a base da península de Pária, no fundo do golfo onde essa longa península montanhosa constitue a parte mais saliente. Pois bem. No mapa de Juan de la Cosa, 200 léguas de litoral, contadas da base da península de Pária para sudéste, vêm dar em uma bahia em cujo limite occidental está escrito *motes*, isto é, *môtes*, e cujo limite oriental é formado por uma longa ponta, situada na latitude setentrional de *quatro graus e meio*, e tendo ao sul o nome de “tierra de S: Ambrosio.” Esta bahia é aquela do Oyapoc. A latitude de sua ponta oriental prova-o claramente — *quatro graus e meio*. Esta indicação é confirmada pela de *môtes* no outro lado da bahia, isto é, por essas *montanhas* características do Oyapoc, que deviam ter impressionado Vicente Pinzon e Lepe, nas viagens que fizeram do sul para o norte, pelas quais se regulou Juan de la Cosa quanto à parte meridional de seu mapa.”

Portanto, segundo a opinião de Caetano da Silva, o ponto do litoral sul-americano onde Hojeda aportou em 1499, está situado a 4 graus e meio de latitude norte, na bahia do rio Oyapoc.

Ouçamos mais uma grande autoridade em cartografia americana vetustissima, tal seja Orville Derby (106) que diz: “Hojeda no seu depoimento no processo Colombo, em 1513, afirmou que tinha descoberto 200 léguas da costa ao sul do cabo Pária. Esta distância (contada conforme as léguas da época que vêm represen-

(106) “Os mapas mais antigos do Brasil”, na “Revista do Instituto Histórico e Geografico de S. Paulo”, volume VII, ano de 1902 páginas 236 a 237.

tadas na reconstrução pelo barão do Rio Branco do mapa padrão espanhol de 1536), daria o ponto do primeiro descobrimento da terra nas proximidades da fóz do Oyapoc, ou um pouco mais ao sul; em todo o caso um tanto ao norte da fóz do Amazonas. Êste ponto nos mapas modernos é um tanto mais distante do cabo Pária do que é o cabo de la Vela, o outro extremo da viagem de Hojeda. De completo acôrdo com esta afirmação, o autor do mapa Kunstmann número II representa um trecho ao sul do cabo Pária um tanto mais comprido do que o trecho ao oeste daquele cabo, sendo para notar que não figura feição topográfica alguma que possa com certa probabilidade ser referida ao Amazonas. O desenho dêste trecho da costa neste mapa é bastante tosco e denteado, dando cinco indentações maiores que evidentemente figuram barras de rios, das quasi sómente uma (rio de Aues) é distinguida por um nome. Destas a mais setentrional, pela sua posição com referência ao cabo Pária e a ilha de Trindade e ainda mais pela inscrição referente à água doce, representa indubitavelmente a fóz do Orenoco. A que segue ao sul, com nome de rio de Auas (aves), deve então ser o Essequibo, e neste caso a terceira, situada no fundo de uma grande inflexão da costa deve ser o Corentyne; a quarta o Oyapoc, e a quinta e ultima (bem como maior) deve ser a baía de Maricá. Conforme esta identificação o ponto em que a expedição (Hojeda) encontrou primeiro a terra devia ter sido a ilha de Maricá, ou no cabo Norte; e, correspondente com esta identificação, a reentrancia do desenho acima referida à barra do Corentyne se acha colocada corretamente a cerca de meia distância entre o extremo sul do trecho representado e o cabo Pária.”

À vista do exposto, temos que tanto na opinião de Caetano da Silva, como na de Orville Derby, Hojeda apartou pela primeira vez em 1499, em terras do Brasil.

Diz o professor Duarte Leite (107): “Houve sempre uma zona litigiosa cujo extremo ocidental, com o correr dos tempos,

(107) “Os falsos precursôres de Cabral”, na “História da Colonização Portuguesa do Brasil”, volume I, página 198.

atingiu o equador e o Amazonas. Em 1519 ainda o rio era pelos castelhanos incluído na sua esfera. Assim o dá a entender o diploma que instituiu brasão aos descendentes dos Pinzones, no qual *el Brasil*, pertencente a Portugal, é citado depois de *el gran rio*; e temos disso um testemunho mais explícito, embora não revestido de caracter official. Enciso afirma, naquele mesmo ano, que a linha de demarcação caía entre os rios *Mar dulce* e *Marañon*, e mais perto do primeiro. Se o *Mar dulce* tem de ser identificado com o Amazonas, o Brasil estava pois a oriente d'êle; todavia as pretensões portuguezas transpunham semelhante divisória e em 1524, no congresso cosmográfico de Bedajoz, recuavam-na para o poente. Cinco anos depois; Diogo Ribeiro, cartógrafo portuguez ao serviço de Carlos V desde julho de 1523, riscava nos seus mapas o meridiano de demarcação pelo ponto da costa americana situada no equador, e deixava o *Marañon* inteiramente na esfera portuguesa. O colapso de Portugal, absorvido em 1580 por Castela, relegou para plano inferior a questão dos limites, mas parece já ter encontrado ampliados os do Brasil. Em 1637, na doação de Bento Maciel Parente, o rei das Espanhas declara que a *repartição das indias do Reino de Castella* entre o Rio de Vicente Pinzon, o actual Oyapoc, distante 40 léguas do cabo do Norte; para êle a costa brasileira avançava até 4 graus de latitude boreal, exactamente como hoje. Depois da restauração de Portugal em 1640, D. João IV persistiu na mesma doutrina, confirmada depois de múltiplas peripécias pelo tratado de Utrecht em 11 de abril de 1713. Finalmente a prolongada disputa entre a França e Portugal à cêrca do rio de Vicente Pinzon, herdada pelo Brasil quando em 1822 se tornou independente, foi resolvida em favor d'êste pelo laudo arbitral suíço, proferido em 1 de dezembro de 1900. Tomando pois na acepção que chamaremos historia, e através das indicisões resultantes da imperfeita convenção de Tordesilhas, pôde o Brasil primitivo considerar-se limitado ao norte pelo Amazonas e distinto do actual Brasil, que abrange mais a região entre êste rio e o curso do Oyapoc, terminando no cabo d'Orange.”

No caso de prevalecer este conceito do professor Duarte Leite, não é Hojeda precursor de Cabral.

* *
*

Resta-nos agora procurar esclarecer o fato de Vespucci em sua carta expedida de Sevilha a 28 de julho de 1500 a Lourenço de Pier Francisco de Medici, declarar não só ter atingido a fóz do Amazonas onde penetrou 15 léguas, como também ter atravessado a equinocial e atingido um ponto do litoral brasileiro, situado a 6 graus e meio de latitude sul, quando êsses fatos são silenciados por Hojeda no seu já citado depoimento nas "*Probanzas del Fiscal*".

Francisco Adolpho de Varnhagen, penegirista de Vespucci, a quem sem favor algum emprestamos o título de sábio, explica esse silencio de Hojeda dizendo que é verdade que, no seu depoimento, este navegante espanhol não disse nada a respeito da abordada no Brasil, da qual Vespucci nos dá noticia. Mas que também é incontestavel que, além de não ter sido êle interrogado a não ser sobre a descoberta da terra firme ou Pária, podia querer fazer, como diversas outras testemunhas, uma declaração restrita, sobretudo quanto ao aproamento no Brasil, porque si dissesse a verdade, iria provar que tinha desobedecido às instruções recebidas, segundo as quais não devia tocar em terras que, pelo Tratado de Tordesillas, pertenciam a Portugal. Por outro lado, esse navegante espanhol devia recordar-se, do que lhe tinha acontecido quando, ligando pouca importância à determinação de respeitar os dominios portugueses, desembarcou na ilha de Santiago, uma do arquipelago de Cabo Verde (108).

Mas êsses argumentos de Varnhagen esposados por Vignaud (109) são inconsistentes:

(108) "*Amerigo Vespucci, son caractère, ses écrits*", etc. Lima, 1865, página 106.

(109) Henry Vignaud — "*Amerigo Vespucci*", Paris, 1917, página 142.

1.º — porque Juan de la Cosa no seu mapa de 1500, não teve receio de inscrever uma legenda declarando positivamente que o *cabo de la Consolacion* (S. Agostinho) tinha sido descoberto por Pinzon em 1500;

2.º — porque nas "*Probanzas del Fiscal*", declarou Pinzon que "es verdad que descubrió desde el cabo de Consolacion, *que és en la parte de Portugal* é agora se llama cabo de S. Agostinho, é que descubrió todo la costa"... (110).

3.º — porque o proprio Hojeda interrogado pelo Fiscal "si saben que Vicente Yañez Pinçon y los que conél fueron a descubrir descubrieron fasta la parte de lebante a la costa que está descubierta fasta la punta que llaman de Santa Cruz e de San Agostin, de aqui entre la voca del ryo grande donde hallaron el agua dulce que entraba enla mar", respondeu que, "lo save como en ella se contiene porque los vyó este testigo yr a descubrir e vyó la figura que a sua Altezas truxeron, *porque este testigo avya ya descubrierto un pedazo de la myma costa primero que ellos*" (111).

E, quanto ao ocorrido com Hojeda na ilha de Santiago, ha manifesto equívoco da parte de Varnhagen. Êste navegante espanhol viu-se processado e condenado, não por ter desembarcado nessa ilha, mas devido ao fato de ter se apoderado de 4 navios portugueses surtos no porto da mesma e bombardeado a cidade (112).

Quando Hojeda e Vespucci atingiram um ponto do continente sul-americano, provavelmente situado mais ou menos a 5 graus de latitude norte, se separaram: Hojeda para seguir para noroeste e Vespucci para continuar a viagem em direção ao sul (113). Acontece que a 30 de agosto deixava Hojeda o continente

(110) Navarrete, obra citada, edição argentina, volume III, página 531.

(111) "Historia da Colonização Portuguesa no Brasil", volume I, página 208.

(112) Navarrete, obra citada, edição argentina, volume II, documento XIX no apêndice, página 486.

(113) Confirma que os navios da frota se tinham separado, o depoimento de Cristóbal Garcia nos "Pleitos de Colon", "*Probanzas del Fiscal*", prestado a 1.º de outubro de 1515, quando diz: "que al

para ir a Haiti, onde chegou a 5 de setembro. Dêse modo teve êle apenas dois mêses para explorar a costa, o que não podia ser suficiente. Narra Las Casas que quando Colombo teve noticia da chegada de Hojeda, escreveu aos Reis Católicos dizendo: "*Hojeda llegó ha cinco dias al puerto adonde es el brasil (Yaquimo); dicen estos marineros que, segun la brevedad del tempo que no puedê haber descubierto tierra*" (114).

Na sua carta ao Medici datada de Sevilha a 28 de julho de 1500, diz Vespucci que "*o tempo que estivemos na linha equinocial ou afastada dela cerca de 4 ou 6 graus, foi nos meses de julho e agosto*", sendo que linhas antes havia declarado "*haveis de notar que esta navegação foi nos mêses de julho, agosto e setembro.*" Segue-se que, em quanto Hojeda aportava em Haiti, Vespucci percorria o litoral sul, isto é, o litoral norte do Brasil.

Portanto o Florentino inegavelmente explorou uma extensão de terra muito maior da explorada por Hojeda, porque após ter passado a equinocial, voltou para noroeste, avistou a ilha da Trindade, explorou a costa de Pária, desembarcou na ilha dos Gigantes, naquella que lhe fez recordar Veneza, daí navegou 300 léguas ao longo da costa e de um ponto distante 120 léguas de Haiti, em 7 dias de navegação atingiu essa ilha.

À vista do exposto, quer nos parecer que Hojeda nada disse no seu citado depoimento a respeito de Vespucci e da sua navegação, *unicamente por vaidade*, por não desejar dividir com o Florentino, que era falecido, os bons resultados alcançados pela expedição de 1499-1500.

tiempo quel dicho Hojeda é Juan de la Cosa vinieron á descubrir de tierra firme, este testigo estaba en Santo Domingo, é allí vinieron los sobredichos en un barquete, que habian perdido los navios, é con obra de quince ó veinte hombres, que los otros se les habian muerto ó quedado". (Navarrete, obra citada, edição argentina, volume 111, página 528).

(114) Bartolomeu Las Casas— "*Historia de las Indias*" — Madrid, 1875, volume 11, páginas 393-394.

Em síntese: ha controversia quanto a ter Hojeda, na viagem de 1499, abordado terras do Brasil, e feito o longo percurso a que se refere o seu depoimento de 8 de fevereiro de 1513, nas "*Probanzas del Fiscal*".

Tratando-se de Vespucci, a moderna crítica histórica admite ter êle, separando-se de Hojeda, navegando para o suêste até atingir, pelo menos, o cabo de S. Roque, de onde virou a prôa para noroêste e fez o percurso a que nos referimos. Assim sendo, a prioridade do descobrimento do Brasil lhe pertence.

CAPÍTULO III

A EXPEDIÇÃO DE 1501-1502

O único cronista português que dá notícia do envio, pelo rei D. Manuel, de uma expedição exploradora ao litoral brasileiro em 1501, é Antonio Galvão na sua obra publicada em Lisboa em 1563 sob o título:— “*Tratado dos Descobrimentos*”. A passagem do livro de Galvão fazendo referência à expedição ora em estudo é muito sucinta e diz: “Neste mesmo anno de 501 e mês de Mayo partirã tres nauios da cidade de Lixboa por mando del Rey dom Manuel, a descobrir ha costa do Brasil, e foram a ver vista das Canarias, e da hi o cabo Verde, tomarã refresco em Beziguiche, passada a linha da parte do sul, foram tomar terra no Brasil em cinco graus daltura, e forã por ella ate trinta e dous pouco mais ou menos, segundo sua cõta, donde se tornaram no mes de Abril por auer já lá frio, e tormenta, poseram nesta descobrimento e viagê quinze meses, por tornarem a Lixboa na entrada de Setembro” (115). Como é facil verificar, Antonio Galvão deu esta sumária nota da viagem da expedição de 1501, tomando-a da carta *Mundus Novus* ou da *Quatuor Navigationes*.

O silêncio do demais cronistas portugueses, tais como Castanheda, João de Barros, Damião de Góes, Gaspar Correa, Jeronimo Osorio e outros sôbre a expedição de 1501, bem assim a falta de de qualquer documento nos arquivos portugueses provando a passagem de Vespucci por Portugal, levou o Visconde de Santarem a escrever a 15 de julho de 1826 a famosa carta a Navarrete, onde

(115) Antonio Galvão — “*Tratado dos descobrimentos*”, 3.ª edição, Porto, 1944, páginas 150 a 151.

há êste tópicó: “Nem nas chancelarias originaes del rei D. Manuel desde 1495 a 1503 inclusive, nem nos 82.902 documentos do corpo chronologico, nem nos 6.095 do corpo das gavetas, nem nos numerosos maços das cartas missivas dos reis e outras personagens apparece em documento algum o nome de Vespucci” (116).

Porém hoje em dia, com as pesquisas feitas nos arquivos europeus, notadamente nos italianos, por ocasião da comemoração do quarto centenário do descobrimento da América, de que resultou virem à luz preciosos documentos que provam de modo irrefutavel as viagens de Vespucci ao Novo Mundo e, particularizando, ao Brasil, todos os argumentos de que se serviu Santarem para negar as viagens do Florentino, esboroaram-se como um castelo de cartas.

Das viagens atribuidas a Vespucci, a mais comprovada de todas, é justamente aquêla ao Brasil em 1501-1502.

Piero Rondinelli escrevendo de Sevilha para Florença em 3 de outubro de 1502, dando notícia da chegada de navios que tinham ido à India, documento êste existente na Biblioteca Riccardiana de Florença, diz: “*Amerigho Vespucci arèm qui fra pochi dì, el quale à durato asai fatiche e à'uto pocho profitto, che pure meritava altro che l'ordine: é re di Portoghhallo arendò le terre che lui dischopperse a certi Christiani nuovi, e sono obrighati a mandare ongni anno 6 navili e dischoprire ongni anno 300 leghe avanti, e fare una forteza nel dischoperto e mantenella detti 3 anni, e'l primo anno non paghano nulla, e'l secondo el 1/6, el terzo el 1/4, e fanno chonto di portare verзино asai e schiavi, e forse vi troveranno chose d'altro profitto*” (117). Isto é: Amérigo Vespucci estará aqui dentro em poucos dias, o qual suportou bastantes fadigas e teve pouco proveito, pois merecia mais que a ordem; e o rei de Portugal arrendou a terra *que êle descobriu* a certos cristãos novos que são obrigados a mandar cada ano 6 navios para descobrir cada ano

(116) Navarrete, obra citada, edição argentina, volume III, páginas 309 a 314.

(117) “Raccolta Colombiana”, parte III, volume II, páginas 120 e 121.

300 léguas além e a construir uma fortaleza no (território) descoberto e mante-la nos ditos 3 anos; e no primeiro ano nada pagam, no segundo um sexto, no terceiro um quarto, e fazem conta de trazer pau brasil e escravos, e talvez achem outras coisas de proveito.”

Na carta que Giovanni da Empoli escreveu de Lisboa em 16 de Setembro de 1504 a seu pae residente em Florença, narrando a sua viagem à India com Afonso de Albuquerque, documento esse arquivado na Biblioteca Nacional de Florença, Códice Magliabeciano, há uma passagem que diz: . . . *“e dessa partiti et navichando pure in decta volta, ci trovamo tanto avanti come la terra della Vera Croce, è sì nomata, altra volta dischoperta per Amerigho Vespucci, nella quali si fa buona somma di chassia et di verzino,”* etc. (118). Isto é: . . . *“e partindo d’ái e navegando na dita volta, nos achamos tanto avante com à terra de Vera Cruz, assim chamada, em tempo descoberta por Amerigo Vespucci, na qual se faz boa soma de canáfistula e pau-brasil”*, etc.

Como acabamos de ver, existem dois documentos de indiscutível valor, fazendo claras alusões à viagem de Vespucci do Brasil, porém sem precisar a data da mesma. Mas o Florentino na carta a Lourenço de Pier Francisco de Medici, expedida de Cabo Verde a 4 de junho de 1501, esclarece que a partida da expedição foi de Lisboa, a 13 de maio dêsse ano.

Em 12 de outubro de 1502, o embaixador de Veneza na Espanha, Pietro Pasqualigo, enviou de Saragossa à Senhoria uma carta sumariando notícias que lhe foram transmitidas por Giovanni Francesco Affaitato, em carta expedida de Lisboa em 10 de setembro dêsse mesmo ano. Nesse despacho de Pasqualigo há um tópico que diz: . . . *“le carovele, mandate l’anno passà a scoprir la terra di Papagá. o ver di Santa Croce, a 22 luio erano ritornate; e il capetaneo referiva aver scoperto più de 2500 mìa di costa nova, nè mai aver trovato fin de ditta costa”* (119). Isto é: . . . *“as cara-*

(118) “Raccolta Colombiana”, parte III, volume I, página 180 e 181.

(119) “Raccolta Colombiana”, parte III, volume I, página 91.

velas, *mandadas* o ano passado a descobrir a terra dos papagaios ou de Santa Cruz, a 22 de julho tinham tornado; e o capitão referia ter descoberto mais de 2500 milhas de costa nova, e não ter nunca achado o fim dela.”

Assim, pois, a carta de Pasqualigo à Senhoria de Veneza, confirma plenamente a de Vespucci ao Medici, isto é, a partida em 1501 de uma expedição portuguesa encarregada de explorar o litoral brasileiro, na qual tinha êste navegante tomado parte.

Sobem porém de importância para provar ter Vespucci participado em 1501 da expedição portuguesa ao Brasil, os fatos ocorridos na reunião havida em Sevilha a 13 de novembro de 1515, dos quais nos dão notícia os documentos existentes na *Casa de la Contratacion* dessa cidade, publicados por Muñoz e depois por Navarrete. Nessa junta não tiveram assento pessoas obscuras, rudes marinheiros, como ocorreu no célebre processo conhecido por “*Pleitos de Colon-Probanzas del fiscal*”. Tomaram parte nela os mais famosos pilotos da Espanha e aí se cuidou de estudar o melhor meio de ser estabelecida a linha de demarcação, de que cogitava o Tratado de Tordesillas.

Vindo à balha a questão referente à posição geográfica do cabo de S. Agostinho, foi por Sebastião Caboto, piloto mor da Espanha, declarado: “Que hasta verse el dicho cabo de S. Agustín, e correrse la costa hasta los términos que estan limitados por el Rey nuestro Señor y el Rey de Portugal no se puede determinar cosa ninguna que bien determinada sea *si no se da crédito à una navegacion que Amérigo, que haya gloria, hizo, que dice que partió de la isla de Santiago, que es á cabo Verde al poniente al susudueste 450 leguas, é dice asi: que hallándose em 8.º, pudiendo poner por el ueste la proa, que se habrá doblado el cabo. Lo cual creo ser asi, por quanto el mismo lo tomó el altura en el dicho cabo, y era hombre bien experto en las alturas.*” João Vespucci, sobrinho de Amerigo, disse o seguinte: “Digo que el cabo de S. Agustín esta 8.º de la liena equinocial hácia el sur ...é esto lo digo por dicho de Amérigo Vespucci ...que fué allá dos viages al dicho cabo, é

allí tomó el altura muchas veces, é desto tengo escritura de su mano propia, cada dia por qué derrota iba, é cuántas leguas hacia; é dice que se corren con la isla de Santiago, nornordeste sursudueste, é hay 420 leguas. Así que, señores, si S.A. quiere, por este dicho de Amérigo se podrá averiguar; é si no hay otro remedio, que S.A. arme una carabela é otra el Rey de Portugal, é que se envíe á ver lo cierto.” Nuño Garcia declaró:, que se debe dar crédito á Amérigo ...el cual fué al cabo de S. Agustin, y tomó su derrota desde la isla de Santiago, que es al occidente del cabo Verde al sursudueste 400 leguas y mas 50; y me decia muchas veces que podia poner el cabo en 8,º haciendo yo cartas en su casa y despues de sus dias lo mismo he hecho. Y aunque Andres de Morales diga lo contrario y diga que fué á descubrir por el Rey de Portugal, no creo yo que si él lo hiciera maliciosamente, que me lo mandara á mí poner estando en Castilla” (120).

Quanto à cartografia, temos o planifério de Cantino que, como sabemos foi desenhado em 1502 em Lisboa e por cartógrafo português, presumidamente oficial, como diz Duarte Leite (121). Esse mapa que foi o primeiro, ou um dos primeiros a ser delineado após o descobrimento do Brasil por Cabral, evidencia que, depois do feito dêste capitão, houve uma viagem de exploração do litoral brasileiro por frota portuguesa, desde um ponto denominado cabo de S. Jorge, que ora identificam com o cabo de S. Agostinho, até cerca de 40 graus de latitude sul.

À vista do que até agora temos exposto neste capítulo, podemos afirmar que Vespucci partiu de Lisboa em 1501 com uma expedição portuguesa que ia explorar o litoral brasileiro, e que dessa viagem regressou em 1502.

O estudo das viagens do Florentino, como temos visto, constitue uma série de intrincados problemas a serem resolvidos devido às inu-

(120) Navarrete, obra citada, edição argentina, volume III, páginas 319 a 320.

(121) “Historia da Colonização Portuguesa do Brasil,” volume II, página 426.

meras controvérsias que sôbre elas existem. Com referência àquela de que ora nos ocupamos, importa considerar: qual tenha sido o seu comandante; si teve ou não cunho oficial; qual a extensão do litoral atlântico da América do Sul por ela percorrido; que papel nela representou Vespucci.

Tratando-se do nome do comandante, nada de positivo se sabe, apesar das mais acuradas investigações até hoje feitas. Os panegiristas de Vespucci apontam-no como o comandante. Capistrano de Abreu é de opinião que foi André Gonçalves. Varnhagen crê que tenha sido D. Nuno Manuel. Outros indicam Gonçalo Coelho ou Gaspar de Lemos. Nós não temos a pretensão de poder indicar um nome para o comandante dessa expedição, e defender de modo convincente essa nossa opinião. Mas conjeturas por conjeturas, não deixa de ter cabimento ter sido o comandante quem levou a boa nova do descobrimento e quem conhecia o caminho de ida e volta, isto é, Gaspar de Lemos.

O professor Dr. Duarte Leite é de parecer que a expedição de 1501, na qual embarcou Vespucci, não foi estipendiada pelo governo português mas sim pelo mercador e banqueiro florentino residente em Lisboa de nome Bartolomeu Marchioni, de parceria com os cristãos novos (judeus conversos), tendo o comando sido confiado a Fernão de Loronha ou Noronha. Para chegar a essa conclusão, o referido professor luso entende que se deve ler "*Quaresma*" o nome da ilha "*Anaresma*" assinalado à cerca de 9 graus de latitude sul, no planisfério de Cantino. Após êsse conceito, procura identificar a ilha em apreço com a atual Fernão de Noronha, e, dêsse modo, atribue a sua descoberta à expedição de Noronha que, de torna viagem a Lisboa, avistou essa ilha nos ultimos dias da *quaresma* de 1502 (122).

Mas a ilha Fernão de Noronha está a 3 graus e 50 minutos de latitude sul e a "*Anaresma*" a 9 graus; aquela afastada do litoral

(122) O "mais antigo mapa do Brasil", na "Historia da Colonização Portuguesa do Brasil", volume II, páginas 253 a 255 e 275 a 279.

brasileiro 60 léguas e esta quasi que o dobro, isto é, 104 léguas. Ora, como não é admissivel que os pilotos portugueses, no dizer do professor Leite, “os mais peritos de quantos então sulcavam os mares”, tivessem fornecido dados tão errados ao cartógrafo que desenhou o mapa de Cantino, somos propensos a admitir que se trata de uma ilha imaginária, pois convem pôr aqui em relevo que, exclusão feita do planisfério de Cantino, *nenhum dos mapas portugueses ou de protótipos portugueses desenhados antes de 1503* (Kunstmann 11 e 111, Pesaro, e de Hamy), que é o da descoberta da ilha Fernão de Noronha, traz esta ilha ou nome que foi eliminado no mapa de Nicolay de Canerio que, como sabemos, é uma cópia melhorada do planisfério de Cantino, quiça obra do cartógrafo que o desenhou.

Nós sabemos pelo relatório de Lunardo de Ca' Masser, escrito de 1506 a 1507, cujo texto e tradução se encontram no volume da Academia das Ciências de Lisboa, comemorativo do quarto centenário do descobrimento da América, que Fernão de Loronha ou Noronha era concessionário e associado de cristãos novos que arrendaram a “Terra de Santa Cruz.” Por outro lado, pela carta que Piero Rondinelli enviou de Sevilha a Florença em 3 de outubro de 1502, fica evidenciado que êsse arrendamento foi pelo prazo de três anos. Como D. Manuel ao conceder a 6 de outubro de 1503 certos privilégios a mercadores alemães, diz que o contrato de arrendamento de Fernão de Loronha terminava em 1505 (123), segue-se que êsse contrato só poderia ter sido assinado nos ultimos meses de 1502. Acresce esta circunstância. Não é admissivel que Loronha e os cristãos novos assinassem o contrato de arrendamento da “Terra dos Papagaios”, submetendo-se às clausulas de grande responsabilidades que conhecemos, sem que previamente tivessem notícias seguras dessa região e do que nela podiam explorar com objetivo de lucros. Portanto, só depois do retorno da expedição de

(123) Arquivo da Torre do Tombo-Chancelaria de D. Manuel, livro 22, folhas 25.

1501-02, é que o contrato foi firmado entre as partes interessadas, e só depois disso é que Noronha partiu para o Brasil.

Tudo induz a admitir que a expedição de Noronha zarpuu de Lisboa no começo de 1503 para a "Terra de Santa Cruz", pois os últimos meses do ano de 1502 eram impróprios para uma navegação a essa região, visto que, como diz Duarte Leite, "a experiência portuguesa da travessia atlântica recomenda seu começo no decurso do primeiro semestre; e neste período partiram tôdas as armadas da Índia, às quais o "*Esmeraldo*" aconselha o primeiro trimestre, dando preferência a fevereiro" (124). É bem provável, que Fernão de Noronha tendo partido para o Brasil, no decurso do primeiro semestre de 1503, tenha a 24 de junho dêsse ano descoberto a ilha *S. João*, hoje Fernão de Noronha, que lhe foi doada a 16 de janeiro de 1504, com a declaração de que a tinha *descoberto recentemente* (125).

As notícias que então tinham, principalmente em Portugal, da terra achada por Cabral, não eram animadoras. Os seus habitantes eram selvagens que viviam completamente nus, alguns até antropófagos. Quanto à existência de metais, preciosos ou não, nenhum sinal. Abundância só de pau-brasil, papagaios e macacos. Assim sendo, achamos muito difícil que Bartolomeu Marchioni (126), que tinha nessa ocasião toda a sua atenção voltada para os magnos problemas relacionados com o comércio das especiarias e drogas do Oriente, fôsse desviar qualquer de seus navios que partiam para a Índia, de onde voltavam carregados de mercadorias, que valiam somas fabulosas, para manda-los ao Brasil em busca de papagaios, macacos e pau-brasil.

Após o descobrimento do Brasil por Cabral, não se conhece nenhum documento que, direta ou indiretamente, faça alusão a ter-

(124) "Duarte Pacheco e o Brasil", no "Jornal do Comercio" do Rio de Janeiro, 7 e 14 de julho de 1929.

(125) "Alguns Documentos da Torre do Tombo, Lisboa, 1892, página 460.

(126) Diz Jaime Cortesão ("Revista Portuguesa", São Paulo, 1930, tomo I, fascículo I): "O grande conselheiro e auxiliar financeiro da empresa dos descobrimentos e da organização do comércio da Índia, durante os reinados de D. João II e D. Manuel, foi o florentino Bartolomeu Marchioni".

se Bartolomeu Marchioni associado a qualquer expedição enviada ao Brasil antes daquela da nau *Bretôa*, armada por êle, seu sobrinho Benedito Moreli, Francisco Martins e Fernão de Noronha, a qual partiu de Lisboa a 22 de fevereiro de 1511 para a "*terra do brasil*". Mas nessa época, êsse modo de agir de Marchioni se justifica. O comércio das especiarias e drogas do Oriente, não mais constituia para êle uma espécie de monopólio, visto que D. Manuel tinha permitido que firmas alemãs, tais como as casas Függer, Welszer, etc., também armassem navios e os incorporassem às armadas que partiam para a Índia, afim de trazerem aos mercados da Europa as preciosas mercadorias dessa região asiática.

Até aqui, temo-nos limitado a contestar ter sido a expedição de 1501 estipendiada por Marchioni de parceria com judeus convertidos e comandada por Fernão de Noronha. Vejamos agora si ela partiu a mando de D. Manuel, portanto à custa da corôa.

Pedro Martyr de Angleria diz que Vespucci: "*navegou até o Antártico, muitos graus além da linha equinocial, com os auspícios e estipêndios dos portugueses*" (127). Giovanni Matteo Cretico, nuncio de Veneza em Lisboa, na descrição que fez da viagem de Cabral ao Brasil e à Índia, mais conhecida por "*Relação do Piloto Anônimo*", enviada por Trevisan, secretário da embaixada veneziana na Espanha, ao almirante Domenico Malepiero, diz que de volta de Calicut para Portugal, a frota de Cabral encontrou-se em Cabo Verde com três navios que o rei D. Manuel mandava para explorar o litoral brasileiro. São estas as palavras textuais desse tópico da "*Relação do Piloto Anônimo*", já por nós citado neste livro: "*Chegamos ao cabo de Boa Esperança no dia de páscoa florida e daí fez bom tempo com o qual atravessamos e viemos à primeira terra junta com o Cabo Verde, em Bezeguichse, e aí encontramos com três navios que o nosso rei de Portugal mandava a descobrir a nova*

(127) "*De Orbe Novo*" (*Décadas del Nuevo Mondo*), Buenos Aires, 1944 década II, livro X, capítulo I, página 189.

terra” (128). Por sua vez Vespucci na carta de que Cabo Verde enviou ao Medici em 4 de junho de 1501, declarou que: “*fui chiamato, stando a Sibilial dal Re di Portoghallo, e mi pregó che mi disponesi a servillo per questo viaggio i nel quale mi imbarcai a Lisbona*”... (129). Isto é... “fui chamado, estando em Sevilha, pelo rei de Portugal, e pediu-me que me dispusesse a servi-lo nesta viagem e para qual me embarquei em Lisboa”...

Tôdas essas citações poderão ter pouco valor para se poder afirmar ter D. Manuel mandado em 1501 uma expedição afim de explorar o litoral brasileiro, como aconselhava Cabral (130) e da qual tinha participado Vespucci.

Mas quando deparamos com um documento, *tal seja um termo lavrado por tabelião público de Lisboa* que declara pôr o seu sinal público em testemunho da verdade, não podemos deixar de reconhecer que êle tem valor irrestringivel para elucidar de uma vez por tôdas a questão em aprêço.

Tal documento é um ato notarial de Valentim Fernandes, *tabelião público de Lisboa*, lavrado em 20 de maio de 1503, para acompanhar a imagem de um tupí e a pele de um jacaré, enviados a Bruges por um mercador flamengo, ato êsse cujo original em latim pertence ao célebre Códice de Conrado Peutinger da Biblioteca de Stuttgart. Dêsse documento consta a descrição da viagem de Cabral ao Brasil e há uma passagem referente à expedição portugueza enviada ao nosso país em 1501 a qual diz: “*Passados dois anos, uma outra armada do mesmo cristianissimo rei, destinada a êsse*

(128) “Paesi Noumente trouati e Novo Mondo da Alberico Vesputio Florentino intitulado”. Edição fascimular daquela de 1508, feita pela Princeton University, 1916, página 99.

(129) Henry Vignaud, obra citada, página 403.

(130) “E perguntou (Cabral) a todos se nos parecia bem mandar a nova do achamento desta terra a Vossa Alteza pelo navio dos mantimentos, para melhor a mandar descobrir e saber dela mais do que nós agora podíamos saber, por irmos de nossa viagem. E entre muitas falas que no caso se fizeram, foi por todos ou a maior parte dito que seria bem” (Carta de Pero Vaz de Caminha a D. Manuel, folha 6).

fim, tendo seguido o litoral daquela terra por quasi 760 léguas, encontrou nos povos uma só lingua, batizou a muitos e, avançando, para o sul chegou até à altura do polo antártico, a 53 graus, e tendo encontrado grandes frios no mar voltou à patria.” E depois de algumas outras palavras, vem o fecho dêsse documento que diz: “É eu Valentim Fernandes, da Morávia, tabelião público por ordem do mesmo rei de Portugal, li a carta presente diante da régia majestade, dos seus barões, supremos capitães e pilotos ou governadores dos seus navios da supracitada terra dos antípodas com o novo nome de terra de Santa Cruz e todos unanimemente confirmaram e eu coligi tudo isto dum livro scrito por mim, mediante a narração de dois homens da terra acima referida, e abaixo assinados, que durante 20 meses lá moraram e afirmo que tudo é verdadeiro pelo que vi e me relaaram. Em tesemunho do que aponho aqui o meu signal público, a 20 de maio de 1503, por assim o ter escrito acima. Valentim Fernandes esta carta em verdade”, etc. (31).

De acôrdo com as cartas que de Cabo Verde e de Lisboa, escreveu Vespucci a Lourenço de Pier Francisco de Medici, respectivamente em 1501 e 1502, a expedição partiu de Lisboa a 13 de maio de 1501, e, após 64 dias de navegação, com parada em Cabo Verde para abastecimento, chegou a um ponto do litoral brasileiro de onde rumou para sudoeste acompanhando a costa, correndo cêrca de 800 léguas e atingindo 50 graus de latitude sul, de onde voltou para Portugal devido ao intenso frio. Segundo a carta por nós citada, que Pasqualigo enviou à Senhora de Veneza em 12 de outubro de 1502, a expedição voltou ao porto de Lisboa a 22 de julho de 1502.

Varnhagen (132) diz que o chefe da expedição, “com o calendário na mão, foi sucessivamente batizando as diferentes paragens da costa, designando à posteridade o dia em que a elas aportava, do modo seguinte”:

(131) A. Fontoura da Costa — “Cartas das Ilhas de Cabo Verde de Valentim Fernandes”, Lisboa, 1939, páginas 91 a 96.

(132) “História Geral do Brasil”, 3.a edição, Companhia Melhoramentos de S. Paulo, I volume, páginas 93 e 94.

a 28 de agosto no cabo de *S. Agostinho*,
a 29 de setembro no rio de *São Miguel*,
a 30 de setembro no rio de *João Jerônimo*,
a 4 de outubro no rio de *São Francisco*,
a 21 de outubro no das *Virgens*,
a 1 de novembro na baía de *Todos os Santos*,
a 13 de dezembro no rio *Santa Luzia*,
a 21 de dezembro no cabo de *São Thomé*,
a 25 de dezembro na baía do *Salvador*,
a 1 de janeiro no rio de *Janeiro*,
a 6 de janeiro na *Angra dos Reis*,
a 20 de janeiro na ilha *S. Sebastião*,
a 22 de janeiro no porto de *S. Vicente*.

Henry Harrisse (133) apresenta uma outra relação de nomes que damos a seguir, indicando os antigos mapas onde os colheu e declarando que eles provêm de uma única viagem, da expedição de 1501 de que participou Vespucci. Tais nomes são os seguintes:

S. Roxho, ou *R. Roque* (Canerio, Waldseemüller) 16 de agosto.
Rio de S. Iena ou *S. Helena* (Canerio, Waldseemüller) 18 de agosto.

Rio de S. Augustin (Canerio, Waldseemüller, Schöner) 28 de agosto.

Rio de S. Jacinto, ou *Iacinctus o Martyr* (Schöner) 11 de setembro.

San Miguel (Cantino, Canerio, Waldseemüller, Schöner) 24 de setembro.

R. de S. Ieronymo (Canerio, Schöner) 30 de setembro.

R. de S. Francisco (Cantino, Waldseemüller, Schöner) 4 de outubro.

R. d'Virgine ou *11.000 Virgens* (Canerio, Schöner) 21 de outubro.

R. de S. Lucia (Canerio, Ruysch, Waldseemüller, Schöner) 13 de dezembro.

Serra de S. Thoma (Canerio, Waldseemüller, Schöner) 21 de dezembro.

(133) "The Discovery of North America", Paris, 1892, página 335.

- Baia de Reis* ou *Epifania* (Canerio, Ruysch, Schöner) 6 de janeiro.
R. de S. Antonio (Canerio, Ruysch, Waldseemüller, Schöner) 7
de janeiro.
P. de S. Sebastian (Canerio, Waldseemüller, Schöner) 20 de
janeiro.
P. de S. Vicentio (Canerio, Ruysch, Waldseemüller, Schöner) 22
de janeiro.

De acôrdo com Varnhagen e HARRISSE, quanto a ter a expedição de 1501 batizado as diferentes paragens da costa de conformidade com o calendário, estão Peschel, Sophus Ruge, Fiske, Luigi Hugues, Gallois, etc., ao passo que Duarte Leite (134) é de parecer que as datas não correspondem às descobertas.

Na nossa opinião, a nomenclatura do mapa de Canerio representa o resultado da exploração feita pela expedição de 1501. Si existem alguns nomes que parecem intercalados, dando-nos a idéia da vinda, quiçá, de uma expedição anterior àquela de que participou Vespucci, isso se explica facilmente. Os navios, devido provavelmente à mudança ou velocidade dos ventos, a temporais, e outras coisas, nem sempre navegavam juntos, mas distanciados uns dos outros, de modo que cada um ia denominando os lugares por sua conta. Assim, por exemplo, um navio navegando na frente teria descoberto a 30 de setembro um rio que batizou *S. Jerônimo* e, um outro que tinha ficado atrás alguns dias de viagem, teria a 4 de outubro denominado êsse mesmo rio *São Francisco*. Depois ao serem recolhidas de cada capitão de navio as informações para o desenho dos mapas, elas se embaralharam e nomes foram sobrepostos.

Os mapas de Canerio, Kunstmann II e III, Pesaro, Waldseemüller de 1507 e Ruysch de 1508, indicam pela nomenclaturas, que a expedição foi até *Cananor*, mudado mais tarde para *Cananéa*, posição esta situada aproximadamente a 25 graus de latitude sul, sen-

(134) "O mais antigo mapa do Brasil", na "História da Colonização Portuguesa do Brasil", volume II, páginas 269 a 275.

do provavel que os elementos para o desenho dêsses mapas foram colhidos entre pilotos portugueses. Mas no mapa de Pesaro a costa vae até 47 graus, e no referido planisfério de Waldseemüller de 1507, ela apesar de não ter nomenclatura além de *Cananor* ultrapassa 40 graus e chega até cêrca de 50 de latitude sul, com uma configuração aproximada da realidade. Na dissertação que o monje Marco Benevenuto acrescenta ao Ptolomeu de 1508, diz que a terra de “Santa Cruz” vae estreitando-se até 37 graus de latitude austral e que a percorreram até 50 graus. No mapa de Ruysch do mesmo Ptolomeu, numa legenda na costa do Brasil, abaixo de Cananéa, se lê: “*Naute lusitani partem hanc terre huius observauunt et usque ad elevationem poli antartici 50 gradum pervenerunt, nomdum tamen ad eius finem austrium*”. Isto é: “Navegantes portugueses observaram esta parte desta terra e chegaram até a elevação de 50 graus do polo antártico, sem chegar ao seu fim meridional.” Nos globos de Lenox de 1510, de Bernardo Silvano (Ptolomeu de 1511), e de Strobnicza de 1512, a costa ultrapassa 40 graus de latitude sul porém sem nenhum nome.

Todavia, a ausência de nomenclatura além de Cananéa, em direção ao sul, não é elemento suficiente para se negar ter a expedição de 1501, da qual participou Vespucci, atingido 50 graus. Devemos ter em mente que a linha de demarcação que passava na embocadura do Amazonas, segundo o mapa de Diogo Ribeiro de 1529, também cortava a entrada do estuário do Rio da Prata, a 35 graus de latitude sul. Isso explica porque *os primeiros mapas portugueses e de origem portuguesa*, não vão além de Cananéa. E’ que apesar de Vespucci ter explorado a costa muito mais ao sul dêsse porto, o Governo Português tinha naturalmente o mais vivo interesse em ocultar que a costa se prolongava em direção a sudoéste, o que dava direito à Espanha, pelo tratado de Tordesillas, de reivindicar êsse trecho de terra firme, que mais tarde Magalhães verificou que não era pequeno.

Como já referimos, em Cananéa termina a nomenclatura dos mapas de Canerio, Kunstmann II e III, Pesaro, Waldseemüller de

1507 e Ruysch de 1508. Mas no do cartógrafo português de nome Reinell, a serviço da Espanha, desenhado mais ou menos em 1516, e no *Padron Real* de 1523 atribuído ao sobrinho de Amerigo, de nome João Vespucci, existente na Biblioteca Real de Turim, além de Cananéa existem diversos nomes, todos de origem portuguesa, sendo que no mapa de Reinell termina a nomenclatura com *o cabo de S. Maria* no estuário do Rio da Prata, ao passo que no *Padron Real* vai além, indicando o resultado da expedição de Fernão de Magalhães até o estreito. “Mutatis mutandis”, a nomenclatura do mapa de Reinell é reproduzida no de 1523, o que evidencia que os dois cartógrafos, pelo menos no trecho compreendido entre Cananéa e o estuário do Rio da Prata, obtiveram os dados na mesma fonte. Com exceção feita da expedição de Fernão de Noronha ao Brasil em 1503-1504, que não atingiu altas latitudes sul, não se tem notícia segura (135) de qualquer outra portuguesa ou mesmo espanhola ao sul, antes da de Solis de 1515. Assim é admissível que esses cartógrafos tenham colhido os elementos para a nomenclatura de seus mapas, além de Cananéa, recorrendo a Vespucci ou alguém, que participou como ele da expedição de 1501.

No *Padron Real* de 1523, está assinalado pela primeira vez o porto de *S. Julião*, cerca de 49 graus e 15 minutos de latitude sul, onde Magalhães passou o primeiro inverno na região antártica, sendo que do seu roteiro consta que esse porto está a 49 graus e 30 minutos. No calendário, o dia de *S. Julião* ocorre a 28 de fevereiro, ao passo que Magalhães entrou nesse porto a 31 de janeiro. Por outro lado, o nome *S. Julião* não estava em voga naquela época na Península Ibérica, tanto assim que não o vemos em nenhum mapa

(135) Discute-se ainda hoje, si realmente em 1514 uma expedição portuguesa composta de 2 navios, a que faz referência a “*Newen Zaytung auss Pessillg Landt*”, tenha ido até a foz do Rio da Prata. Mas admitindo-se que a viagem a que se refere a “*Newen Zaytung Pessillg Landt*” se tenha realizado, seria difícil a Reinell, então a serviço da Espanha, obter minuciosas informações sobre o percurso por ela feito e os pontos em que tocou, de modo a tudo assinalar no seu referido mapa desenhado em 1516.

desenhado por cartógrafos portugueses ou espanhóis. Como Vespucci na expedição de 1501 chegou a S. Vicente a 22 de janeiro e a 24 em Cananéa, tinha êle 35 dias para vencer a distância de 25 graus de latitude, que é a que separa Cananéa do porto de S. Julião. Na sua viagem da costa de Venezuela a Haiti, diz Vespucci que em 7 dias percorreu 120 léguas, ou 7 graus e 30 minutos, isto é, um grau por dia. Portanto, navegando por dia pouco menos de 45 minutos, teria êle a 28 de fevereiro atingido o porto que denominou S. Julião, nome êste familiar aos florentinos e que Magalhães conservou. Devemos nos lembrar que, quando êste famoso navegante teve que enfrentar nesse porto a revolta chefiada por Cartagena, entre outros argumentos de que lançou mão para obrigar a maruja a obdece-lo, disse que era necessário, pelo menos ir tanto à frente, quanto tinha ido Amerigo Vespucci (136).

Porque, como diz Magnaghi (137), Magalhães não se recordou de qualquer outro navegante, se outros tivessem atingido aquelas latitudes? Si Magalhães não estivesse convencido que, efetivamente Vespucci tinha ido, pelo menos, até 50 graus de latitude sul, teria a isso feito alusão?

Lemos alhures que, devido aos rigores do frio e à ausência de qualquer riqueza, não é provavel que Vespucci tenha ido além de Cananéa, atingindo uma alta latitude austral. Essa alegação não procede porque, justamente numa zona frígida como é a Groenlan-

(136) Fernando Lopez de Gomara — “*Historia General de las Indias*”. Tradução italiana publicada em Veneza em 1560, parte 11, capítulo 92, páginas 125 e 125 verso: “Magaglianes rispose che gli sarebbe grandissima uergogna ritornaresene de li; per si poca fatica di fame et freddo, senza uedere lo stretto che cercaua, o il fine di quella terra, perche presto si passarebbe quel freddo, e la fame si rimediarebbe con il buon ordine, e tassa che andaua, cō molta pesca, e caccia che poteuano fare, per que sto che nauigassero alcuni giorni, como uenisse la primauera, fine a saglire a settante cinque gradi, poi che si nauigauano Scotia, Noruega, Islandia, poi che era arriuato appresso de li Americo Vespuccio, e caso che non trouassero quello che tanto difenderaua, che se ne ritornarebbe, loro e la maggior parte della gente”.

(137) Obra citada, volume II, página 224.

dia, Terra do Lavrador, Terra Nova e adjacências, sem a menor aparência de riqueza, Caboto, os Cortes Reais, Cartier, etc. realizaram nessa época viagens de exploração.

Seja porém como fôr, a maior prova de que Vespucci com a expedição de 1501, chegou a uma latitude muito mais ao sul de Cananéa, está no ato notarial do *tabelião público* de Lisboa, Valentim Fernandes, já por nós transcrito páginas atrás, onde se diz que tal expedição atingiu uma alta latitude austral, de onde voltou para Portugal devido ao intenso frio.

Nós sabemos que os monarcas portugueses, a começar por D. Diniz, que contratou o genovês Emmanoel Pessagno e mais vinte oficiais da Ligúria para instrutores da marinha lusa, não só sempre aceitaram como até solicitaram a colaboração de estrangeiros para a realização de seus empreendimentos marítimos, o que em absoluto, não pode diminuir as legítimas glórias do Infante D. Henrique, de Diogo de Azambuja, de Diogo Cão, de Pero de Alenquer, de Bartolomeu Dias, de Vasco da Gama, e de tantos outros que levaram a mares desconhecidos a bandeira das cinco quinas.

Vespucci antes de ser nomeado piloto-mor da Espanha, cargo de grande responsabilidade, tinha *o posto de capitão*, como fácil é verificar-se de vários documentos dos arquivos espanhóis (138). Isso evidencia que êle tinha sido, pelo menos na Espanha, comandante de navio, seguramente na expedição de Hojeda. Os seus conhecimentos de cosmografia e náutica são atestados por seus contemporâneos. Pedro Martyr de Angleria escreveu que: "*João Vespucci, florentino, sobrinho de Amerigo Vespucci, acima citado, a quem seu tio lhe deixou em herança a perícia da arte de navegar e de calcular os graus*" (139). Sebastião Caboto, como já vimos,

(138) Navarrete, obra citada, edição argentina, volume III, página 295, 296, e 303.

(139) "De Orbe Novo" ("Décadas del Nuevo Mondo"), Buenos Aires, 1944, década II, livro VI, capítulo II, página 170.

referindo-se a Vespucci, disse que êle "*era hombre bien experto en las alturas*" (140)..

Ora, o rei D. Manuel estando ao par da capacidade de Vespucci, quiçá como diz Jaime Cortesão. (141), por intermédio do rico mercador florentino de Lisboa, Bartolomeu Marchioni, resolveu convidá-lo a participar da expedição que preparava para enviar ao Brasil, afim de explorar o seu litoral. Vespucci aceitou o convite, e partiu com a expedição. Mas no desempenho de que missão? Naturalmente na qualidade de cosmógrafo, ficando a seu cargo, entre outras coisas, determinar as posições geograficas, principalmente as latitudes, no que era reconhecida autoridade.

Resumindo: desempenhou Vespucci na expedição de 1501-1502, funções consultivas, principalmente de ordem cosmografica, e si ela atingiu uma tão alta latitude austral, certamente foi devido à directa interferência desse navegante e cosmógrafo florentino.

Os historiadores portugueses admitem que Vespucci tenha participado da expedição em estudo, porém como simples mercador.

Mas nós perguntamos: em 1501 quando da partida do Florentino para o Brasil em frota portuguesa, estava em pleno vigor a "politica de sigilo" dos monarcas lusitanos? Os modernos historiadores de Portugal respondem pela afirmativa. Era Vespucci um individuo bastante capaz para realizar com habilidade espionagem por conta de Castela? Tôdos acreditam que sim. Então como explicar a sua presença na expedição? Que de extraordinario ocorria com o Florentino, a ponto de fecharem os olhos em se tratando de espionagem? A resposta vem espontaneamente: é que D. Manuel necessitava dos seus conhecimentos nauticos e cosmograficos, de vez que os seus mais habéis pilotos e cosmógrafos tinham embarcado na armada de Cabral, que ainda não tinha voltado, desfalcada de seis naus que naufragaram.

(140) Navarrete, obra citada, edição argentina, volume III, página 319.

(141) "A Expedição de Pedro Alvares Cabral", Lisboa, 1922, página 187.

Porém, si isso não basta, temos mais este argumento. Vespucci certamente gosava de prestígio na Espanha, pois tinha sido agente nesse país dos riquíssimos banqueiros Medici, e tomara parte na expedição Hojeda, de 1499-1500, como piloto. E' admissível que tendo o Florentino uma bôa posição social em Sevilha fosse deixar essa cidade para arriscar a vida em uma frota que, pela primeira vez, ia explorar mares e terras desconhecidos, sabendo de antemão que nela não passaria de simples mercador? Mas mercador para vender a quem, ou para comprar o que? Acaso a terra achada por Cabral não era habitada por selvagens nus, com abundância só de macacos e papagaios?

Rematando: foi Vespucci de tôdos os navegantes do seu tempo, o que percorreu a maior extensão do litoral da América do Sul, visto que na expedição de Hojeda foi desde 6 graus e meio de latitude sul até à fôz do Madalena, e como a de 1501-1502, desde o cabo de S. Roque até o porto de São Julião que fica bem próximo do estreito de Magalhães.

CAPÍTULO IV

A EXPEDIÇÃO DE 1503-1504

Como vimos no capítulo anterior, nos arquivos de Portugal não existe nenhum documento pelo qual se possa inferir ter Vespucci participado de uma expedição portuguesa enviada ao Brasil em 1501-1502.

Isso não obsta que hoje em dia, à vista dos documentos espanhóis publicados por Navarrete, dos italianos, principalmente os transcritos na *Raccolta Colombiana*, bem como do existente na biblioteca de Stuttgart (*Códice Conrado Peutinger*) publicado em 1860 por Frederico Kunstmann e traduzido para o português em 1939 por A Fontoura da Costa (142), se possa afirmar ter Vespucci tomado parte na expedição de 1501, como figura de relevo.

O mesmo, porém, não ocorre com a expedição de 1503-1504 cuja chefia atribuem a Gonçalo Coelho e da qual pretendem tenha participado o Florentino. Nem nos arquivos portugueses, nem nos italianos, nem nos espanhóis, nem em nenhum outro da Europa, existe qualquer documento, que direta ou indiretamente a ela faça a menor referência.

A falta de qualquer notícia dessa viagem de Vespucci nos documentos florentinos é de grande significação. Não é admissível que Piero Vaglienti que tinha todo o empenho em copiar na sua coletânea de viagens, tudo o que vinha de Lisboa, não tenha tido conhecimento de qualquer carta de Vespucci ou dos florentinos residentes naquela capital, narrando a nova viagem ao Brasil.

(142) “*Cartas das Ilhas de Cabo Verde de Valentim Fernandes*”, Lisboa, 1939, páginas 91 a 96.

Em 1566 o cronista português Damião de Góes (143) nos diz que: “No mesmo ano (1503) mandou (D. Manuel) Gonçalo Coelho com seis naus à terra de Santa Cruz, com que partiu do porto de Lisboa aos 10 dias do mês de junho, dos quais por ainda terem pouca notícia da terra, perdeu quatro e as outras duas trouxe ao Reino, com mercadorias da terra, que então não eram outras, que pau vermelho, a que chamam brasil, bugios e papagaios.” Teve Góes essa passagem da sua crônica repetida, “mutatis mutandis”, em 1571, pelo bispo de Silves, D. Jeronimo Osório (144).

Porém, como já tinha notado Humboldt (145), fácil é verificar-se que a sucinta notícia dada por Góes dessa expedição: número de navios, finalidade da viagem, pouco conhecimento do Atlântico Sul pelo comandante, a volta com carregamento de pau brasil, etc., nada mais é do que um apanhado da narração da *quarta viagem* de Vespucci contida na *Lettera*, cuja tradução latina, como sabemos, tinha sido amplamente divulgada por tôda a Europa. Mas Damião de Góes não foi o único a recorrer à referida tradução latina da *Lettera*, pois que dela se socorreram quasi todos os cronistas dos séculos XVI e XVII, inclusive como já vimos: Antonio Galvão e o famoso historiador oficial da Espanha, Antonio de Herrera y Tordesillas, ao narrar a viagem realizada por Hojeda em 1499. Assim, o único documento, si assim podemos dizer, que descreve a viagem de Vespucci ao Brasil, em uma expedição portuguesa, que zarpou de Lisboa em 10 de maio de 1503, é a *Lettera* que, como já sustentamos, é apócrifa.

Na *Lettera*, a narração da *quarta viagem* é bastante resumida, o que não se justifica porque, tratando-se de descrever pela primeira vez a tão alta personalidade como era Soderini, uma viagem que não tinha sido descrita a ninguém, devia o seu autor ter dito alguma coisa de novidade, de interessante, não se limitando, como

(143) “Cronica do Felicissimo Rei D. Manoel”, Coimbra, 1926, parte I, capítulo LXV, página 145.

(144) “Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manoel”, tradução de Francisco Manoel do Nascimento, Lisboa, 1804, volume I, página 189.

(145) “Examen critique”, etc., volume V, página 120.

fez ao incoerente relato do naufrágio da nau capitânea e da rixa de Vespucci com o comandante da expedição. Mas isso se explica, porque o compilador não teve à sua disposição nenhum novo material ao forjar a *quarta viagem* de Vespucci de vez que já tinha aproveitado tudo o que podia conter a carta *Mundus Novus* e as que o Florentino enviara ao referido Medici em 1500, 1501 e 1502, respectivamente de Sevilha, Cabo Verde e Lisboa. Notando que a sua narração além de ser resumida era despida de interesse, procurou o compilador um pretexto para poder justificar tão sensível falha, tal o de logo no início da descrição, emprestar a Vespucci estas palavras: “Falta-me dizer as coisas que vi na *quarta viagem* ou jornada, e tanto por estar cansado e também porque ela se não fez como eu tinha proposito, por causa de uma desgraça que nos succedeu no golfão do mar Atlântico, como Vossa Magnificiência em resumo não tardará em vêr no contexto.” Não podemos concordar que Vespucci, que nas suas cartas ao Medici sempre primou por ser extremamente polido, fôsse dizer ao supremo magistrado da sua patria, de Florença, que seria breve no seu relato, por estar cansado. A desgraça é o naufrágio da nau capitânea que bateu num dos escolhos da ilha Fernão de Noronha, episódio principal de tôda a narração.

Ao terminar a *quarta viagem*, há na *Lettera* este tópico: “Depois de 77 dias e de tantos trabalhos e perigos, entramos neste porto a 18 de junho de 1504, Deus seja louvado, onde fomos muito bem recebidos de modo incrível, porque tôda a cidade nos julgava perdidos, porque outros navios da frota se perderam pela soberba e loucura do nosso capitão, pois assim paga Deus ao soberbo.” Se a expedição, como diz a *Lettera*, partiu “com o proposito de ir descobrir no Oriente uma ilha chamada “Malaca”, não se justifica ter toda a Lisboa se regosijado com seu inesperado regresso, julgando-a perdida, uma vez que o referido empório oriental das especiarias estava bastante afastado de Portugal e, “ipso facto”, a viagem de ida e retorno exigiria muito mais que um ano. Quanto a dizer que parte dos navios da expedição se perdeu pela soberba e

loucura do comandante e que “assim paga Deus ao soberbo”, interpretamos isso como desculpas inaceitáveis porque, si Vespucci, como diz a *Lettera*, após o naufrágio da nau capitânea, que ocorreu ao chegar a frota nas proximidades do litoral brasileiro, tinha ficado com o comando independente de dois navios, podia perfeitamente agir por sua própria conta, de modo proveitoso, procurando como fez na expedição de 1501-02, uma passagem no extremo sul do continente americano para atingir pelo ocidente as cobiçadas Molucas.

A descrição do naufrágio da capitânea e dos fatos disso decorrentes, é ilógica. Quando ela a 10 de agosto de 1503, bate em cheio nos escolhos de Fernão de Noronha, Vespucci recebe ordem de ir com a sua nau procurar nessa ilha um bom surgidouro, ao passo que todos os restantes navios, compreendido o seu batel tripulado por 9 homens, ficam para auxiliar o salvamento da nau em perigo de sossobrar, sendo como diz a *Lettera*, que a ilha distava do local do sinistro 4 léguas. Mas nem a 4 léguas, nem a 4 milhas de Fernão de Noronha, existem baixios contra os quais pudesse espatifar-se a nau capitânea. Diz C. Malheiros Dias (146): “O mais oriental dos ilheus adjacentes à ilha, - das Fragatas, - situado na sua parte meridional, está dela separado por uns escassos 700 metros. Sobrevinda a esquadra da costa africana e viajando no rumo precitado (susudoéste), a ilha deve ter sido abordada pela face voltada ao oriente, na sua extremidade mais setentrional. Foi então nas escapas do ilheu da Rata que a nau do capitão-mor sossobrou? Seria uma interpretação inadapável ao texto. A *Lettera* dá o naufrágio como sucedido a quatro léguas da ilha, e o ilheu da Rata dista uma milha marítima, aproximadamente, dela, sendo o último e o maior de um pequeno grupo de rochas que se estendem ao nordéste de Fernão de Noronha, numa linha que é sensivelmente o prolongamento do eixo maior da ilha. Entre Rata e Fernão de Noronha contam-se os minúsculos ilheus do Meio,

(146) “A Expedição de 1503”, na “Historia da Colonização Portuguesa do Brasil”, volume II, página 309.

Sela Gineta e Rasa, e arrumados a léste outros conglomerados de rochas vulcânicas, um dos quais tem o nome de S. José. Debalde se procurará nas cartas hidrográficas menção de baixios ou penedias à distância de 4 léguas ou 4 milhas, muito embora seja esta zona marítima das mais conhecidas do Atlântico e frequentada por permanente navegação. Tanto do lado oriental como do lado ocidental, os maiores transatlânticos da carreira do Brasil passam livremente. A realidade geográfica opõe desmentido categórico aos fatos narrados na "*Lettera a Soderini*."

Vespucci, que a mandado do capitão-mor tinha ido à ilha em procura de um bom surgidouro onde pudessem surgir todos os navios, o encontra e aí espera durante 8 dias a frota, que não aparece. No fim do oitavo dia vê aproximar-se uma náu e, com receio que esta não veja a sua, vai ao encontro dela, pensando que trazia o seu batel e os seus marinheiros. Ao emparelhar-se com ela vem a saber que a capitânea naufragára, que a sua tripulação tinha sido salva, e que tôda a frota, compreendido o seu batel e os 9 marujos que a guarneciam, tinham ido mar em fóra, isto é, tinha sido o seu navio abandonado, entregue a sua propria sorte, o que causou grande aborrecimento a todos, por se acharem a mil léguas de distância de Lisboa e com pouca gente. Este tópico da *Lettera* constitue outra inverdade. Ouçamos mais uma vez o erudito historiador luso C. Malheiros Dias (147). "Não é crível que Vespucci tenha permanecido oito dias na ilha Fernão de Noronha sem avistar a frota de qualquer de suas numerosas eminências. Na sua maior largura, a ilha mede pouco mais que dois quilómetros, desde os ilheus dos Gémeos à ponta do Fumo. Das suas colinas (Morro Francês, Atalaia Grande, Atalaia Pequena, Morro Branco, Bôa Vista, Ponteira, Cural, Alto dos Cajuzeiros, etc.) contempla-se livremente o oceano em tôda a circunferência do horizonte. Como é, pois, que Vespucci, mandado pelo capitão-mor à procura de um ancora-

(147) "A Expedição de 1503", na "Historia da Colonização Portuguesa do Brasil", volume II, página 312.

douro, perdeu de vista a esquadra?” Depois de examinar a questão que diz com o local onde teria fundeado Vespucci, terminando por admitir que êle surgiu na bahia de Santo Antonio, na extremidade nordêste da ilha, assim conclue Malheiros Dias: “Da náu aí ancorada não se avistaria a frota, que devia pairar do outro lado da ilha, e se Vespucci a contornou pelo sul até encontrar fundeadouro propício o percurso seria bem de quatro léguas desde a ponta Tamoió à bahia de Santo Antonio. Procuramos a hipótese mais favorável à interpretação verosimel do texto; mas êste não resiste as objeções, que imediatamente ocorrem ao analista. Depois de ancorada a nau, bastaria subir a um dos cômos perpendiculares ao fundeadouro para se abranger com a vista o oceano circunjacente. Enviado pelo capitão-mor à procura de ancoradouro para a frota, era natural, senão obrigatório, que Vespucci postasse atalaias nos montes circunvizinhos para assinalar à armada o surgidouro. Isolada nas solidões atlânticas, das colinas de Fernão de Noronha avista-se o oceano para todos os pontos do quadrante. Como é que Vespucci não viu mais a frota? Se o capitão-mor o enviara à procura de fundeadouro, esperaria pelo resultado da comissão. Não é crível que voluntariamente abandonasse um navio quando acabava de perder outro, desfalcando assim a armada em duas das suas seis unidades.” Acrescentemos que o fato de dizer a *Lettera* que o batel não tinha sido devolvido a Vespucci, parece ter sido inventado com o fito de mostrar a impossibilidade em que êle se achava de manter contacto com a frota.

Continuando, diz a *Lettera* que os dois navios voltaram à ilha onde fizeram provisão de água e lenha e depois partiram com o vento entre o sul e sudoeste, “porque tínhamos regimento do Rei que mandava que qualquer navio que se perdesse da frota ou do seu capitão, fosse ter à terra da viagem passada”. “*Descobrimos nela um porto a que pusemos o nome de Bahia de Todos os Santos e prouve a Deus dar-nos tão bom tempo que em dezessete dias tomamos aí terra, que distava da ilha bem umas 300 léguas*”. Mas a bahia à que se refere este tópico da *Lettera*, foi descoberta pela ex-

pedição de 1501-1502 e acha-se assinalada no planisfério de Cantino que, como sabemos, foi desenhado em 1502. Portanto, mais uma incoerência da *Lettera*.

Prossegue a *Lettera* dizendo que na citada bahia, Vespucci não encontrou nem o capitão-mor nem qualquer outro navio da frota, e que após ter aí esperado o resto da expedição pelo espaço de 2 meses e 4 dias, resolveu ir percorrer o litoral. Depois de ter navegado 260 léguas, deitou ferros a 18 graus de latitude sul em um porto onde levantou uma fortaleza e onde permaneceu 5 longos meses, findos os quais, regressou a Lisboa com carregamento de pau brasil, deixando nessa fortaleza, ou melhor feitoria, 24 *homens cristãos*. Mas o compilador devia saber pelo seu próprio relato, que os dois navios tinham uma equipagem reduzida, devido entre outras coisas, aos 9 homens da nau de Vespucci, que guarneciam o batel que fôra mar em fóra com a frota. Assim, não podia dispôr de gente suficiente para desembarcar 24 homens destinados não só a construir a feitoria, como a ficar a defende-la. Acontece, porém, que a *Lettera* diz que êsses 24 homens foram recolhidos do navio capitânea, que tinha naufragado, certamente por ordem do capitão-mor. Então não é verdade o que diz a passagem da *Lettera* por nós atrás citada, quando afirma ter o comandante da expedição abandonado a nau de Vespucci ao Deus dará. Como acabamos de ver, recebeu o Florentino o auxilio de uma nau que o acompanhou em toda a sua viagem e, além disso, 24 homens de reforço com os quais fundou uma feitoria, certamente por determinação do comandante da frota.

Tudo, pois, nos induz a dar crédito que êsse episódio do naufrágio, ainda não explorado nas três prescendentes viagens narradas na *Lettera*, tenha sido fantasiado, e que a ilha, que o compilador cita como teatro da desgraça, êle a foi encontrar na carta que Giovanni da Empoli enviou de Lisboa a Florença em 16 de setembro de 1504, quando de volta da India, para onde partira em 1503 com Afonso de Albuquerque. Essa carta de Empoli devia andar de mão em mão em Florença, tanto assim que foi copiada por um escriba e faz parte do *Códice Magliabecchiano*, que é do século XVI e se

encontra na Biblioteca Nacional de Florença. Diz a citada carta de Empoli, em um dos seus tópicos (148): “Et navichando nella decta volta al piè di 28 giorni, una sera havemo vista d’una terra la quale già pegli altri era suta trovata, em prosumptione non già per cosa ferma, et chamasi isola de Presumptione.” Isto é: “E navegando na dita volta ao cabo de 28 dias, numa tarde tivemos vista d’uma terra que já tinha sido achada por outros, por conjecturas e não já por coisa firme, e chama-se *ilha de Presunção*.” Ramusio identificou essa ilha a que se refere Empoli, com a da *Ascensão*, mas assim procedendo, praticou um erro porque a ilha da *Ascensão* foi descoberta por João da Nova em 1501. A frota de Afonso de Albuquerque si tivesse avistado a ilha de *Ascensão*, que está a cêrca de 8 graus de latitude de sul, não teria sido impelida à costa do Brasil, como diz Empoli. De modo que a *ilha da Presunção* deve ser a atual Fernão de Noronha.

A referência, que faz a *Lettera* do desembarque de 24 *homens cristãos* destinados a levantar uma feitoria, foi tirada de um outro documento florentino, da carta de Rondinelli de 3 de outubro de 1502, tantas vezes por nós citada, na qual há um tópico dizendo que a terra por Vespucci descoberta, tinha sido arrendada a *certos cristãos novos*, que eram obrigados a mandar cada ano *seis navios* (*as seis naus* da expedição de Vespucci) para descobrir cada ano 300 léguas além do descoberto (*as 260 léguas* ao sul da Bahia a que alude a *Lettera*), e a construir uma fortaleza, etc.

Na carta que Vespucci escreveu de Lisboa ao Medici, no começo de agosto de 1502, dá a entender que o rei de Portugal estava indeciso quanto a confiar-lhe qualquer outra missão referente à navegação, dizendo textualmente: “Por ora estou aqui em Lisboa esperando aquilo que o Rei me determinará.” Mas decorridos alguns dias após ter Vespucci escrito ao Medici, resolveu voltar à Espanha e disse teve ciência Rondinelli que, escrevendo de Sevilha para Florença

(148) “*Raccolta Colombiana*”, parte III, volume I, página 181.

em 3 de outubro de 1502, disse o seguinte: “*Amerigo Vespucci estará aqui dentro em poucos dias, o qual suportou bastantes fadigas e teve pouco proveito, pois merecia mais que a ordem*”.... Este tópico da carta de Rondinelli é confirmado em parte pela missiva que a 5 de fevereiro de 1505, Colombo escreveu ao seu filho Diogo (149) onde, referindo-se a Vespucci diz: “*La fortuna le ha sido contraria como á otros muchos. Sus trabajos non le han aprovechado tanto como la razón requiere.*” Pelo exposto somos levados a concluir que, ou o rei de Portugal despediu Vespucci por não julgar viavel o seu projecto que, como iremos ver, consistia em procurar as Molucas dobrando o extremo sul do novo continente; ou êle achando que não tinha sido recompensado de modo satisfatório pelos serviços prestados na viagem ao Brasil em 1501-1502, resolveu voltar definitivamente à Espanha. Seja como fôr, mas louvando-nos na carta de Rondinelli, a conclusão é que Vespucci não se achava em Portugal em 1503, data da sua suposta partida para o Brasil.

* *
*

Sabemos pela carta de Rondinelli e pelo relatório de Lunardo Ca' Masser, que a “Terra de Santa Cruz” foi em fins de 1502 arrendada a Fernão de Noronha e a “*certos cristãos novos*”. Dando cumprimento às obrigações dêsse contrato com a Corôa, os *cristãos novos* e mais Noronha, organizaram uma expedição ao Brasil com fito puramente comercial, a qual partiu de Lisboa no primeiro semestre de 1503, dela não participando Vespucci.

De quantos navios se compunha essa expedição, em que dia e mês zarpou de Lisboa, em que data chegou ao Brasil, em que porto deitou ferros, o que de extraordinário com ela ocorreu e quando regressou ao Reino, são pontos obscuros que ainda não foram esclarecidos.

(149) “*Raccolta Colombiana*”, Scritti II. nº 57, página 253.

Uma prova irrefutável de que Fernão de Noronha esteve no Brasil em 1503, temos nos dizeres do documento datado de 16 de janeiro de 1504 e assinado pelo rei D. Manuel, ao fazer-lhe doação da ilha de S. João, hoje Fernão de Noronha. Nessa carta de doação há a declaração formal de que tal ilha tinha sido *recentemente descoberta* por Noronha. (...“ilha de S. João que ora novamente achou e descobriu cincoenta léguas no mar da nossa terra de Santa Cruz...”) (150). Si a ilha tinha sido *recentemente descoberta*, é claro que o fôra no dia 24 de junho de 1503.

(150) “Alguns Documentos da Torre do Tombo”, Lisboa, 1892, página 460.

Na época dos descobrimentos marítimos, era comumente empregada a expressão “novamente descoberta”, “novamente achada”, tanto em italiano, como em espanhol, francês português, para traduzir a idéia de “recentemente”, “há pouco”, “agora” descoberta ou achada.

Passamos a exemplificar.

No planisfério que Alberto Cantino mandou desenhar em Lisboa, em 1502, para Hercule D’Este, duque de Ferrara, mapa êste que menciona as descobertas de Colombo, Cabral, Cortes Reais e a dos espanhóis no Novo Mundo, ha no verso, parte superior, lado direito, os seguintes dizeres: “Carta de navegar per le Isole novamente trovati in le parte de L’India dono Alberto Cantino Al S. Duca Hercole”.

Em 1504 foi publicado em Veneza por Albertino Verellese um livro sobre os descobrimentos realizados no Novo Mundo por Colombo e outros navegantes a serviço da Espanha, com o título: “Libretto de Tutta la navigatione del Re de Spagna de le Isole et terreni novamente trovati”.

Entre 1505 e 1506, foi publicada em Florença a Lettera a Soderini descrevendo as supostas quatro viagens de Vespucci ao Novo Mundo, com o seguinte título: “Lettera di Amerigo Vespucci delle isole novamente trovati in quattro suoi viaggi”.

Francazano de Montalboddo, publicou em Vicencia, em 1507, uma serie de descrições de viagens e descobertas, inclusive a da América por Colombo e a do Brasil por Cabral, intitulando esse seu livro: “Paesi novamente ritrovati et Novo Mundo da Alberico Vesputio florentino intitolato”.

Em 5 de setembro de 1493, a rainha Izabel enviou a Colombo uma carta que de inicio diz: “Don Cristobal Colon, mi Almirante del Mar Oceano, Viso-rey e Gobernador de las islas nuevamente halladas em las Indias”.

A coletânea de Montalboddo acima citada, foi em 1515 traduzida para o francês com o seguinte título: “Sensuyt le nouveau monde & navigations faicts par Emric Vespuce Florentin. Des pays & isles nouvellement trouvez auparavant a nous inconneuz tant en l’Ethiophe que Arrabie, Calicut et aultres plusieurs regions estranges. Translate de italien en langue françoise par Mathurin du Redouer licencié en loix”.

Em 1532, foram publicadas em Paris as “Décadas do Novo Mundo” de Pedro Martir de Angleria, que trata do descobrimento da América por Colombo

Como Gonçalo Coelho exercia as funções de escrivão da Fazenda Real é possível ter participado da expedição de Noronha como personagem de grande destaque, tendo por encargo fiscalizar a execução do contrato de arrendamento da “Terra de Santa Cruz”.

Isso talvez possa explicar ter Damião de Góes atribuído a Gonçalo Coelho o comando da expedição que o compilador da *Lettera* forjou, e que êsse cronista na sua bôa fé sumariou, confundindo-a com a de Noronha.

e das viagens realizadas a esse continente pelos navegantes espanhóis, com os dizeres: “*Extract ov Recveil des isles nouellment trouues en la gran Mer Oceane au temps du Roy Despaigne Fernand & Elizabeth sa famme, faict premierement en latin par Pierre Martyr de Millan, & despuis translate en languaige françoys.*”

Nas “*Décadas da Asia*” de João de Barros, década 1, livro V, capítulo 11, deparemos com este tópico: “Pedralvares vendo que por razão de sua viagem outra coisa não podia fazer, dali expediu um navio, capitão Gaspar de Lemos, com a nova pera el Rei Dom Manuel do que tinha descoberto: o qual navio com sua chegada deu muito prazer a el-Rei, e a todo o Reino assim por saber da boa viagem que a frota levava como pela terra que descobrira. Passados alguns dias enquanto o tempo não servia, fizeram sua aguada, quando veio a tres de maio que Pedralvares se quis partir por dar nome aquela terra por ele novamente achada, mandou arvorar uma cruz mui grande no mais alto lugar de uma arvore e ao pé della se disse missa”.

E, para remate, transcrevemos aqui um tópico da carta que D. Manuel enviou aos Reis Católicos (segundo a cópia do arquivo de Veneza), datada de Lisboa a 28 de agosto de 1501, anunciando o retorno da frota de Cabral que tinha ido á India, e que diz:

“O dito meu capitão com treze naus partiu de Lisboa a nove dias de março do ano passado e nas oitavas da Pascoa seguinte chegou a uma terra que novamente descobriu a que pôs nome Santa Cruz, em que achou as gentes nuas como na primeira inocência, mansas e pacificas, a qual pareceu que Nosso Senhor, milagrosamente quis que se achasse porque é muito conveniente e necessaria á navegação da India, porque alí carregou suas naus e tomou agua, e pelo caminho grande que tinha para andar não se deteve para se informar das coisas da dita terra, sómente dalí me enviou um navio a notificar-me como a achara, e seguiu seu caminho pela via do cabo de Boa Esperança”.

CAPÍTULO V

A CONCEPÇÃO GEOGRÁFICA DE VESPUCCI

Na "*História da Colonização Portuguesa do Brasil*" volume I, introdução, páginas LV e LVI, existe esta passagem:

"O primeiro mapa do novo continente é, pois português (151) e consequência das viagens simultâneas de Corte Real e Pedro A'l-vares, completada esta última por uma série de expedições clandestinas, realizadas entre os anos de 1500 e 1502 boreal e austral do continente americano. Resultante da concordância destas diversas informações geográficas, aparece a *imagem* da América, a primeira fixação pictural da idéia da unidade continental, fundada na observação direta. Até êsse momento, nenhum documento, de qualquer natureza ou procedência, permite atribuir à Espanha e aos seus navegadores a concepção da unidade continental das terras do Ocidente. Existe, sim, um outro documento anterior, mas que só confirma a prioridade da surpreendente concepção portuguesa do continente ocidental. E' a carta de Pasqualigo, escrita de Lisboa aos 18 de outubro de 1501, relatando a chegada de um dos navios de Corte Real no regresso da Terra Nova: "*qual terra... etiam credono conjungersi con le Andilie, che furono discoperte per li reali di Spagna, et con la terra dei papagá, noviter trovata per le nave di questo re che andorono in Calicut.*" Esta carta encontrada pelo historiador Ranke na biblioteca Marciana, foi comunicada a Humboldt. A surpresa do genial geógrafo devia ter sido grande perante um documento em que se provava que já antes da primeira viagem

(151) Há manifesto equívoco. O primeiro mapa da América é aquele de Juan de la Cosa, desenhado em Puerto Santa Maria d'Andaluzia em 1500.

de Colombo a Honduras e Verágua se sabia em Portugal que as nevosas terras setentrionais do Ocidente se ligavam sem solução de continuidade às terras das aves faladoras, no hemisfério austral. Perante a revelação prodigiosa, que abalava tantas das suas convicções, Humboldt, incrédulo, exclama: "*cette divination qui proclame, malgré l'absence de tant de chaînons intermédiaires, une liason continentale entre le Brésil et les terres glacées du Labrador, est très surprenante.*"... Faltou a Humboldt o conhecimento do planisfério de Cantino. Este documento lhe teria demonstrado a realidade do que chamou adivinhação."

Humboldt escreveu o tópico ora citado há mais de um século e há 65 anos Henry Harrisse demonstrou cabalmente o equívoco de que tinha sido vítima o genial geógrafo alemão.

Disse Harrisse (152) naquela época:

"Quando Alexandre de Humboldt escrevia seu "*Examen critique*", Leopoldo Ranke lhe deu conhecimento de uma carta que acabava de descobrir entre os manuscritos da Marciana."

"Impressionado pela importância desse documento, o eminente historiador da geografia do novo continente deu-se pressa em anunciá-lo em seu "*Examen critique*" com estas palavras: "Eu provarei na "*Troisième Section*", publicando uma carta inédita e copiada recentemente por Ranke dos arquivos de Veneza, que, mesmo antes da viagem de Colombo a Honduras e Veragua, no mês de outubro de 1501, já sabiam em Portugal que as terras do Norte, cobertas de neves e gelo, eram contíguas às Antilhas e a "Terra dos Papagaios" recentemente achada."

"Esta terceira seção nunca foi publicada e não se sabe qual o fim que teve o manuscrito. Quanto à carta anunciada por Ranke, apesar das insistentes buscas nos arquivos venezianos em 1867 e 1880, não podemos descobri-la, mesmo nos "*Diarii di Sanuto*", cujo manuscrito, é preciso confessar, estava quasi ilegível devido ao desbotamento da tinta e a velhice do papel."

(152) "Les Corte Real", Paris, 1883, páginas 129 a 134.

“Tendo recentemente iniciado novas pesquisas em Veneza, principalmente nas relações enviadas da Espanha e Portugal, que Ranke tinha consultado em 1829, e essas investigações não dando resultado, Bartolomeo Cecchetti, erudito superintendente dos arquivos, teve a gentileza de dedicar os seus esforços no que diz respeito aos *“Diarii de Marin Sanuto”*, onde, no ano de 1501, encontrou de fato a carta tão procurada.”

“É o despacho que enviou Pietro Pasqualigo à Senhoria de Veneza, em 18 de outubro de 1501, participando a chegada a Lisboa, em 9 e não a 8 do dito mês, da primeira caravela de Gaspar Corte Real.”

“Nessa missiva, os dizeres são quasi idênticos aos que Pasqualigo enviou a seus irmãos no dia seguinte; mas nota-se uma frase importante que não é encontrada na carta particular datada de 19 de outubro.”

“Em seguida a passagem: “Eles percorreram cerca de 600 ou 700 milhas de costa dessa terra sem jamais encontrar fim, o que leva a crer que é terra firme. Esta terra faz parte da outra terra descoberta o ano passado, no setentrião,” encontra-se efetivamente a frase referida por Humboldt, a qual, no original está sim redigida:

“Etiam credeno conjungersi con le Andillie, che furono scoperte per li reali di Spagna, et con la terra dei papagá, noviter trovata per le nave di questo re che andorono in Calicut.” Isto é: “Também crêem estar ligadas com as Antilhas que foram descobertas pelos reis de Espanha e com a terra dos papagaios recentemente achada pelas naus deste rei que foram a Calicut.”

“Deve-se concluir dessa frase que os portugueses acreditavam na existência d’uma costa se prolongando sem solução de continuidade, do Brasil à ilha da Terra Nova, em consequência de uma exploração verdadeira de Gaspar Corte Real, ou de outro navegante português realizada antes de 1502? Absolutamente não.”

“Os leitores notarão logo a forma dubitativa da frase: *“As gentes da caravela crêem — “credeno questi di la caravela...”*. Em seguida, Pasqualigo dá as razões, que servem de base a êsse modo de expressar: *“El creder questo se moveno, prima, perchê, havendo*

corsa la costa de ditta terra per spazio de 600 et piú milia non hanno trovato fin alcuno.” Literalmente: “Esta opinião procede antes de tudo por terem percorrido a costa na distância de mais de 600 milhas sem ter encontrado o fim.”

“A carta endereçada por Pasqualigo a seus irmãos indica um motivo suplementar que parece ter estado na imaginação de Gaspar Corte Real, e, com razão, mais provante ainda: *“Questo in stesso li fa credese la moltitudine de fiumare grossissime che anno trouate, la: che certo de una Ensula none haria mai tanto et cosi grosse.”* Isto é: “Eles acreditam isso por causa da multidão de grandes rios que eles lá encontraram, pois, certamente, uma ilha não teria nunca tantos e assim caudalosos.”

“Enfim, o motivo referido por Cantino da demora prolongada de Corte Real nas novas terras, é que êsse navegante não queria voltar a Portugal antes de ter certeza si essa região era uma ilha ou terra firme: *“Che vole intendere se quella é insula, o pur terra ferma.”* É a esperança de que participava Pasqualigo quando escrevia à Senhoria: *“Expetasse di zorno in zorno l’alta caravella capitania, da la qual distinctamente si intenderá la qualita et condition ch’è la sopradita terra, per discoprir quanto piú potrà de quella.”* Isto é: “Êspera-se de dia a dia a outra caravela capitânea, pela qual positivamente se saberá a natureza e condições da sobredita terra, para descobrir quanto mais dela poder.”

“Infelizmente, Corte Real jamais voltou e si os portuguezes tiveram no ano de 1501 conhecimento da natureza exata das regiões transatlânticas, isso não foi seguramente por meio das expedições dos Cortes Reais.”

Depois de outras ligeiras considerações, conclue HARRISSE deste modo:

“A carta revelada por Ranke não implica, pois, como pensava Humboldt, que em Lisboa, em 1501, se soubesse de ciência própria que as terras do norte eram contíguas ao Brasil.”



Não faz muito tempo, um outro historiador de notável saber, Jaime Cortesão, visando defender a tese de pertencer a navegantes portugueses a prioridade da concepção de que as terras do ocidente eram um novo mundo, um continente interposto entre a Europa e a Ásia, aduziu alguns argumentos, que passamos a apreciar.

Começa Cortesão (153) por afirmar: “Hoje, e graças à publicação de novos documentos, pôde afirmar-se com efeito, que Pedro Alvares e os seus capitães trouxeram de sua viagem mais do que a suspeita, a persuasão de ter descoberto com a terra de Vera Cruz, um Mundo Novo, quer geográfico, quer humano.”

Em seguida passa êsse historiador a citar os novos documentos.

O primeiro é a segunda carta que, nos primeiros dias de julho de 1501, o mercador e banqueiro Bartolomeu Marchioni enviou a Florença (154), na qual descreve a viagem de Cabral à Índia e onde há êste tópico: “*Este rei (D. Manuel) achou recentemente nesta (viagem) um novo mundo, mas é perigoso navegar sôbre a extensão desses mares.*” O segundo documento é o ato notarial de Valentim Fernandes, já por nós citado neste trabalho, lavrado em Lisboa a 20 de maio de 1503, para acompanhar a imagem d’um tupí e a pele de um jacaré, enviados a Bruges por um mercador flamengo, onde existe esta passagem: “*Uma armada de 13 grandes naus do poderossimo D. Manuel I, rei de Portugal, etc., descobriu, por desígnio da Divina Providência, áquem do Ganges, num mar desconhecido e abaixo da linha equinocial, um outro mundo, ignorado de tôdas as outras autoridades, no ano de Cristo de 1500 e no ultimo dia do mês de Abril.*”

Após essas duas citações, impressionado com as expressões “*novo mundo*” e “*outro mundo*” nelas contidas, conclue Cortesão: “O conjunto destas referências leva-nos a admitir que o conceito d’um Novo Mundo fôsse pela primeira vez formulado pelos desco-

(153) “A Carta de Pero Vaz de Caminha”, edição — “Livros de Portugal Limitada,” Rio de Janeiro, 1943, páginas 83 e 84.

(154) Vide o inteiro teor dessa carta no nosso trabalho “O Descobrimto do Brasil”, páginas 144 a 146.

bridores de Vera Cruz” (155). Acontece, porém, que como acertadamente diz Vignaud (156): “Cette expression (Nouveau Monde) se trouve fréquemment dans les auteurs du temps, qui l’emploient le plus souvent au sens figuré. En parlant des régions nouvellement découvertes, tant em Afrique qu’à l’Occident, quand on disait le “Nouveau Monde” on entendait généralement par là les régions récemment connues et inexplorées jusqu’alors, mais non des contrées dont l’existence n’était pas établie avant leur découverte et qui étaient distinctes de l’Asie.” Haja vista Colombo, que tendo morrido com a suposição de ter descoberto a costa léste da Ásia (Cipango e Chatay), declarou após a sua terceira viagem de 1498, na qual descobriu a terra firme de Pária, dirigindo-se aos Reis Católicos, . . . “Vuestras Altezas tienen acá *otro mundo*,” (157) e acrescentou: “cometi viage nuevo al *nuevo cielo e mundo*, que fasta entonces estaba en oculto” (158). Mais concludente é o mapa esboçado em 1503, por Bartolomeu Colombo, com o escopo de representar as terras até então descobertas pelo seu irmão, as quais denomina Ásia, mas onde na região que compreende as terras de Pária existe esta sugestiva inscrição - “*Mondo Novo*.”

Páginas adiante (159), diz o erudito historiador luso que, “o conceito de Novo Mundo foi inicialmente formulado pelos tripulantes da armada de Cabral, e encontrou em Caminha o seu primeiro intérprete.” Acontece, porém, que esse epistológrafo datou do seguinte modo a sua famosa carta: “Deste Porto Seguro *da vossa ilha* de Vera Cruz.” Cortesão não vê nisso nenhuma séria objecção à sua afirmativa, declarando que, “o vocábulo *ilha* tinha então, como outros de caracter geográfico, significação mais lata” (160). Mas nós sabemos que, tanto os navegantes como os cartógrafos da-

(155) Obra citada, página 86.

(156) “*Americ Vespuce*”, Paris, 1917, página 194.

(157) Navarrete, obra citada volume I, página 386.

(158) Navarrete, obra citada, volume I, página 388.

(159) Obra citada, página 111.

(160) Obra citada, página 110.

quela época, o de que mais questão faziam era justamente distinguir as ilhas de terra firme, e vice-versa. Na carta que Alberto Cantino escreveu a Hercule D'Este, Duque de Ferrara, em 17 de outubro de 1501, há esta passagem com referência à descoberta de Gaspar Corte Real na região setentrional da América: ...*“laltro compagno ha deliberato andar tanto por quella costa que vole intendere se quella é insula, o pur terra ferma”* (161). Isto é: “outro companheiro deliberou percorrer bastante aquela costa, porque quer saber si ela (terra) é ilha ou também terra firme.” Ainda com relação à descoberta de Gaspar Corte Real, Pietro Pasqualigo escrevendo aos seus irmãos em 19 de outubro de 1501, tem a preocupação de informa-los de que a região recentemente achada, ao que parece, não era ilha mas sim terra firme, justificando essa sua opinião deste modo: *“per la costa de la quali scorseno forsi miglia dc. in dcc. ne mai trouareno fin: per el che credeno sia terra ferma.”* Isto é: “pela costa da qual (terra) percorreram cêrca de 600 ou 700 milhas, e não encontraram fim, pelo que crêem que seja terra firme” (162). Na “Relação do Piloto Anônimo”, vê-se que também havia o máximo interesse em ser esclarecido si a terra descoberta por Cabral era ilha ou terra firme, tanto que quem a escreveu cuidou de dizer: *“la terra e grande e non sapiamo se glie isola o terra ferma”* (163). Isto é: “a terra é grande e não sabemos se é ilha ou terra firme.”

Como sabemos, o nome com o qual baptisaram a terra recentemente achada por Cabral, foi “Ilha de Vera Cruz.” Mas logo que perceberam o engano, tiveram pressa em denomina-la, “Terra de Santa Cruz.” Por que essa mudança de denominação, si, como diz Cortesão, “o vocábulo *ilha* tinha então, como outros de caracter geográfico, significação mais lata”?

(161) “Les Corte Real”, página 208.

(162) “Les Corte Real”, Paris, 1883, páginas 211 e 212.

(163) Francanzano da Montalboddo — “Paesi novamente ritrovati” etc. Milano 1508. Edição fac-similar da Princeton University Press 1916, página 78.

Podíamos citar inúmeros exemplos a favor da nossa opinião, mas êsses que aí estão são bastantes para provar que na época dos descobrimentos marítimos, havia grande empenho por parte dos navegantes em esclarecer, sempre que possível, si as terras por eles descobertas eram ilhas ou terra firme.

Desse modo, denominando Caminha *ilha*, a terra recém-descoberta por Cabral, é evidente que tanto êle como os demais tripulantes da segunda armada à India, inclusive Mestre João que escreveu a D. Manuel dizendo que quatro eram as ilhas encontradas, não podiam ter o conceito, como pretende Cortesão, de que acabavam de descobrir um novo mundo.

* *
*

Da acôrdo com as cartas de Vespucci existentes nos códices florentinos, principalmente no "*Riccardiano* 1910", podemos dizer alguma coisa de positivo sôbre qual tenha sido o conceito que ele fazia das terras do ocidente.

Na carta que a 28 de julho de 1500, enviou de Sevilha ao Medici, descrevendo a sua viagem de 1499-1500, diz Vespucci que após ter atingido a costa da Guiana, fizera-se de vela pondo a proa ao sul, "porque a minha intenção era vêr se podia dobrar um cabo que Ptolomeu denomina cabo Cattigara, junto ao *Sinus Magnus* que, de acôrdo com a minha opinião, não estava muito distante dele, segundo os graus de longitude e latitude, como aqui abaixo se dará conta." Êsse cabo, segundo Ptolomeu, estava a 9 graus de latitude sul.

Navegando de contínuo no referido rumo, estando afastado da terra 40 léguas e a 6 graus de latitude austral, diz Vespucci que encontrou uma corrente maritima que correndo de suéste para noroés-te, o impedia de prosseguir, pelo que "resolvemos virar a proa para o noroés-te e navegar para o norte."

Assim velejando descobriu uma ilha a 10 graus de latitude norte, certamente a Trindade, penetrou no golfo de Pária de onde

saiu pela boca do Dragão e, “depois de havermos navegado de contínuo cêrca de 400 léguas por uma costa, concluimos que esta era terra firme que digo ficar no confim da Ásia pelo lado do oriente, e em seu princípio pelo lado do ocidente, porque muitas vêzes aconteceu vermos diversos animais como leões, cervos, porcos selvagens, coelhos e outros animais terrestres que não se encontram em ilhas mas em terra firme.”

Quasi ao terminar a carta, diz Vespucci: “Arma-me aqui êste rei 3 navios para que novamente vá descobrir, e creio que estarão prestes em meados de setembro. Queira Nosso Senhor dar-me saúde e boa viagem, que na volta espero trazer importantes noticias e descobrir a ilha Taprobana que fica entre os mares Indico e Gangético.”

A’ vista do que acabamos de expôr, Vespucci após ter realizado a viagem de 1499-1500, em parte com Hojeda, participava do mesmo conceito de Colombo e da maioria dos cosmógrafos da época: as terras do ocidente eram os prolongamento da Ásia.

Na carta que a 4 de junho de 1501 enviou de Cabo Verde ao Medici, quando no início da viagem ao Brasil, após descrever o itinerário das frotas portuguesas (Gama e Cabral) que tinham ido à India, diz Vespucci: “até aqui (referindo-se a Conimat na costa ocidental do Indostão) navegaram as frotas de Portugal”, e acrescenta: “Eu tenho esperança nesta minha navegação *de vêr e percorrer grande parte do acima dito (do descoberto)*, e descobrir muito mais, e na minha volta farei de tudo boa e verídica descrição.” E, fechando a carta, acrescenta o Florentino: “Esta viagem, que ora faço, vejo que é perigosa quanto à franquesa do nosso humano viver. No entanto faço-a com ânimo franco para servir a Deus e ao mundo.”

Comentando essas duas passagens da carta de Vespucci, diz Magnaghi (164): “Era ainda a idéia antiga, a crença de dobrar essa extremidade da Ásia para atingir pelo oêste a terra encontra-

(164) Obra citada, volume 11, página 30.

da pelos portugueses nas suas viagens a léste. Nas palavras de Vespucci: *ver e correr grande parte do descoberto*, está o projeto audaz de realizar a volta do mundo, que talvez não estivesse ainda no pensamento de Magalhães. Passado para oéste — sempre na crença que a nova terra fosse a Ásia — êle teria atingido a Índia oriental, e provavelmente, uma vez lá chegando, teria prosseguido avante como 20 anos depois fizera a nau “*Vitória*”. Opinião igual a essa de Magnaghi, já tinham expendido Sophus Ruge (165) e Jean Denucé (166) ao afirmarem pertencer incontestavelmente a Vespucci a gloria de ser o primeiro a admitir a possibilidade de ser atingida a Índia passando pelo extremo meridional da América.

Vespucci, quando da viagem de 1501-1502, à medida que avançava para o sul, devia ter percebido que a região era povoada por selvagens e que todos os pontos em que a terra era abordada, estavam desertos ou pouco povoados por esses homens sem nenhuma civilização, o que em absoluto não condizia com as notícias dos viajantes, que tinham percorrido o sudoéste da Ásia, que diziam habitado por densa e civilizada população. Ao atingir 50 graus de latitude sul, latitude essa elevada a que não chegava a Ásia de Ptolomeu, ao notar que a costa recuava sensivelmente para oéste, devia então Vespucci ter tido nítida compreensão de que não podia mais admitir que fosse a Ásia a região que costeava. Convencido ficou de que entre a costa ocidental da Europa e a oriental da Ásia, devia interpor-se uma enorme massa de terra, um continente, e que êste podia ser dobrado na sua parte sul.

De volta a Lisboa, Vespucci teria exposto ao monarca português, D. Manuel, a sua idéia de serem procuradas as Molucas dobrando a extremidade sul do novo continente. Seja porque os

(165) “Geschichte des Zeitalters der Entderckungen”, Berlin, 1881, terceira parte, capítulo 111. Tradução portuguesa por Manuel d’Oliveira Ramos: “Historia da Época dos Descobrimentos”, página 407.

(166) “Magallan, la question des Moluques et la première circumnavigation du globe”, nas “Memoires de l’Acad. Royale de Belgique”, classe des Lettres et des Sciences morales, 11 serie, tomo IV, Bruxelles, 1908-1911.

cosmógrafos portugueses julgassem mais viável atingir esse arquipélago pelo oriente, seja porque a rota proposta era privativa de Castela pelo tratado de Tordesillas, seja por qualquer outro motivo plausível, o certo é que o projeto de Vespucci foi recusado e as terras por êle exploradas foram arrendadas, como sabemos, aos judeus conversos aos então chamados “*cristãos novos*”.

Em consequência disso, voltou Vespucci à Espanha e expos aos Reis Católicos o que já expuzera a D. Manuel, o seu cometimento, que foi muito bem acolhido e ao qual se dedicou até à morte.

Com as seguintes palavras descreve Magnaghi (167) a atividade de Vespucci na Espanha, procurando por em execução a sua idéia de serem atingidas pelo extremo sul da América as cobichadas Molucas.

“Desde 5 de fevereiro de 1505 nós podemos seguir Vespucci quasi que passo a passo até o dia de sua morte; e vemo-lo sempre em contínua e grande atividade nos serviços da *Casa de Contratacion* e da Côrte, primeiro como perito e de pois como *Piloto Mayor*, a organizar expedições de descobertas e, sobretudo, para a procura da passagem a sudoeste. Entre os conhecimentos obtidos devido à viagem de Vespucci, o que mais podia interessar a Espanha, era que na nova terra o ponto extremo atingido ao sul se achava a diversos graus a oeste da linha de demarcação: pelo que à Espanha pertencia o direito de procurar aí a passagem. Assim, Vespucci depois de ter recebido em abril de 1505 a carta espanhola de naturalização, teve logo o encargo de preparar com Pinzon uma frota “para ir á descobrir el nacimiento de la especiaría”. Isso foi, segundo Naverrete (obra citada, volume II, página 321), o resultado da conferência que Vespucci teve com a Côrte. Ora, é supérfluo repetir que, depois de ter atingido uma latitude tão austral sem ter encontrado nenhuma região das especiárias, Vespucci devia necessariamente ter trocado de idéia com relação a pertencer à Ásia a nova terra: Cattigara (cabo) era colocado por Ptolomeu a nove graus ao sul e a

(167) Obra citada, volume 11, páginas 236 a 245.

península de Malaca, antes da viagem de Diogo Lopes de Serqueira a Malaca e Sumatra em 1509, figurava sempre nos mapas terminando a trinta e tres graus ao sul. Depois êle sabia com certeza que a terra que tinha explorado não mais podia fazer parte da Ásia, e que para atingir a terra das especiárias (onde bastante mais tarde, chegou em 1511, Antonio de Abreu), necessitava dobrar ao sul a massa continental por êle explorada até cincoenta graus de latitude sul, e subir depois o novo oceano situado no outro lado a noroeste. Pelo que não mais ficava isolado unicamente Cipango, de acôrdo com a concepção de Toscanelli e Martim Behaim, em um único oceano; mas entre dois oceanos se collocava enfim a América do Sul. Desta se ignorava ainda, naturalmente, a forma a oeste; mas a sua configuração triangular se vê adivinhada e audazmente desenhada em globos anteriores de um decenio à viagem de Magalhães, como nos de Stobnicza e Glareano, e ainda em documentos cartograficos anteriores, como no mapa de Waldseemüller de 1507 e no do Ptolomeu de Bernardo Silvano da Eboli de 1511, onde ha um mundo novo nitidamente assinalado ao sul, ao passo que ao norte flutuam ainda massas insulares indistintas, que só raramente dão idéia de constituir uma única terra. E o traçado, que aparece em alguns, de um caminho navegavel para a India por sudoeste, em documentos cartográficos anteriores a 1519, não é talvez simplesmente oriundo de considerações teoricas dos cosmógrafos, baseadas na simples descrição da viagem; mas de elementos de um mapa que provavelmente havia desenhado Vespucci.”

“Ninguém tinha atingido aquela latitude depois do Florentino, e em vista do projeto por êle idealizado ter sido acolhido e prosseguido com tanta insistência pela Espanha, de 1505 a 1519, nós temos quasi a certeza que aquele homem devia ter encontrado ou o principio do estreito, ou qualquer elemento, qualquer indicio positivo da sua existência. Quem sabe si êle o adivinhou pelo continuo e rapido curvar da costa para oeste, e dêsse constante adelgaçamento pôde compreender que a massa continental estava proxima de seu termo; ou também sabendo que a Africa terminava a 34.º sul e que a Ásia

acabava, segundo o que se sabia da península de Malaca, a 33.^o, deduziu teoricamente que a nova terra não podia ir muito além; quiçá também percebeu que os rios se tornavam cada vez menos extensos e menos profundos. Nós não sabemos, nem tão pouco queremos fazer de Vespucci um homem mais importante do que êle foi. Mas podemos pensar: que a Magalhães não bastava estar convencido de que as Molucas estavam no hemisfério espanhol; que a Espanha não teria arriscado uma expedição como aquela da procura da passagem a sudoeste, si o seu *Piloto Mayor* não a tivesse deixado de posse de elementos que faziam prever um resultado feliz.”

“Os preparativos da primeira expedição duraram longo tempo. Um documento de 15 de setembro de 1505 (Navarrete, obra citada, volume II, páginas 317-318), informava ao rei Filipe I que a frota, ordenada pelo rei Fernando, não podia partir antes de fevereiro de 1507. Trata-se de uma carta dos oficiais da *Casa de Contratacion* confiada ao proprio Vespucci “el cual va informado de todas las circunstancias de la dicha armada, y lleva memorial de las cosas que se han de proveer demas de lo que esta ya proveido”. Vespucci aparece aqui como homem de confiança da *Casa de Contratacion*; êle leva consigo também cópia dos memoriais expedidos pelo governador e pelos oficiais da Espanhola. Nessa ocasião lhe foi confiada uma “Memoria de los oficiales de la *Casa de Contratacion* para o capitán Amerigo Vespuche” (Navarrete, volume II, página 319) contendo instruções de caracter reservado, e sobretudo o encargo delicadissimo de colher informações sobre a correspondencia trocada entre os dois soberanos - Fernando e Filipe.”

“Mas o objetivo e o destino dessa expedição devia levantar suspeitas e provocar queixas na Côrte Portuguesa, o que moveu o Governo Espanhol a suspende-la, destinando a outro uso os três navios que se aprestaram na Biscaia: dois foram mandados à Espanhola, e o terceiro serviu para a viagem de Pinzon-Solis à Honduras em 1508 (Navarrete, volume II, página 322”).

“A 7 de novembro de 1507 o Rei convidou Vespucci e Juan de la Cosa para irem a Burgos, onde já se achavam Fonseca (bis-

po), Vicente Yañez Pinzon e Juan Dias de Solis. O resultado dessa *Junta* foi mantido em segredo; mas segundo Denucé (obra citada, página 62), as seguintes deliberações foram tomadas: 1.º — nomeação de um *Piloto Mayor* que foi feita a 22 de março de 1508; 2.º — envio de Solis-Pinzon (carta real de 23 de maio de 1508) ao norte de Veragua com o encargo de procurar um canal ou mar aberto que fosse ter a mares mais ocidentais; 3.º — expedição de Nicuesa à la Cosa a Darien. Pelo que diz respeito ao segundo objetivo, sabe-se que a dualidade de comando redundou no fracasso da expedição, tanto que Solis ao voltar para Sevilha (14 de novembro de 1509) foi preso (Herrera, obra citada, I, VII, 9). Quanto ao terceiro, em dois documentos de Francisco Corner (embaixador de Veneza na Espanha), respectivamente de 19 de junho e 16 de julho de 1508 (*Reccolta Colombiana*, parte III, volume I, páginas 94-95), têm-se duas notícias relativas a Vespucci: a primeira diz que o Rei deu 19 mil ducados a “Amerigo e João Biscaíno (la Cosa), os quais vão a sua custa tomar posse das ilhas recentemente achadas, as quais eles chamam terra firme”. Mas evidentemente Vespucci não deve ter tomado parte na expedição, porque no segundo documento de data posterior, Corner afirma que “Amerigo Florentino que é aquele que vae descobrindo as ilhas, me disse que é para ir prover-se de bons navios em Biscaia, os quais todos, parece, quer revestir de chumbo e ir pela rota do poente encontrar as terras que encontram os portugueses navegando pelo levante, e partirá infalivelmente êste mês de março”. (Entende-se do proximo ano). O encargo de realizar a viagem foi aceito por Solis, mas o rei de Portugal protestou contra essa expedição e a viagem foi adiada “sine die”. Além disso consta que o Governo Português procurou atrair ao seu serviço reputados pilotos espanhóis, sendo que Herrera (I, VIII, 112) diz que em 1511 os portugueses procuraram obter mapas de Vespucci.”

“Depois da conquista de Malaca houve um despertar de atividade da parte de Portugal, pois parece que começaram a espalhar notícias que Malaca estava no hemisfério ocidental; e constava que

êsse conceito tinha partido, precisamente, pela primeira vez, de Vespucci, pois que em um mapa-mundi de fôrma esférica o navegador florentino tinha situado *Maluca* no hemisfério espanhol. Isso se deduz da carta que Alonso Cuaco enviou ao rei da Espanha, datada de S. Domingos a 22 de junho de 1518, publicada nos "*Documentos ineditos da India*", I, I, 296-1883. Vespucci morreu a 22 de fevereiro de 1512; e a êle sucedeu, no cargo de *Piloto Mayor*, Juan Dias de Solis, o qual pôde realizar em 1515 a viagem que tinha sido por largo tempo projetada e preparada pelo seu antecessor, viagem, como é sabido, de resultado infeliz, porque Solis foi morto e devorado pelos selvagens na costa do Prata."

"Ao grande navegador florentino não será pequena gloria, pertencer-lhe além da prioridade do projeto de Magalhães, como se evidencia explicitamente da carta de Corner, ter também precedido o grande navegador português na concepção, apesar de errada em alguns graus, de que a terra das especiarias estava no hemisfério espanhol."

CAPÍTULO VI

ALGUNS COMENTARIOS SÔBRE A CIÊNCIA NÁUTICA DOS PORTUGUESES NOS SÉCULOS XV E XVI

Os historiadores portugueses, por desmedida vaidade nacional, costumam fazer grande alarde dos conhecimentos náuticos de seus navegantes do fim do século XV e começo XVI, menosprezando os de outras nacionalidades, principalmente os espanhóis e italianos. Há já vista o que a respeito de Vespucci escreveram principalmente o almirante Gago Coutinho e o professor Duarte Leite. Este último, referindo-se ao Florentino, disse textualmente ter sido êle um "obscuro mercador, fátuo e invejoso de gloria alheia, tão fértil de imaginação quanto de trapças, pessimo astrónomo e nauta incompetente, arvorado pela credulidade universal em descobridor audaz e cosmografo insigne" (168).

Não seria tarefa difficil alinhavarmos algumas linhas com o escopo de apontar os exageros de tais historiadores. Entretanto preferimos simplesmente transcrever aqui, respeitando os textos originaes, o que sôbre a capacidade náutica dos navegantes portugueses escreveram dois eruditos americanistas que, ao nosso ver, reduziram tudo às suas naturais proporções, dando a cada um o que de direito lhe pertence.

Diz Roberto Levillier (169) o seguinte a respeito do assunto em apreço: "Salta a la vista de inmediato el propósito de Duarte

(168) "Historia da Colonização Portuguesa do Brasil", volume 11, página 398.

(169) "America la Bien Llamada", Buenos Aires, 1948, volume 1, páginas 164 a 167.

Leite (“*História da Colonização Portuguesa do Brasil*”, volume I, páginas 114 e 115) de sublimar la ciencia náutica portuguesa y rebajar la de España y sus pilotos. Aquí tenemos ejemplos. Refiriéndose a Vespucci, escribe: “Ora as alturas do pólo fornecidas por este pretenso grande nauta e astrónomo andam quási sempre erradas de alguns graus, cousa que já não era permitida a *um bom piloto português* do fim do século XV. Serve de exemplo a latitude de 15.º boreais dada na mesma segunda navegação, a qual foi escrita depois de 1503, à costa próxima da Ilha dos Gigantes (Curazao), que na realidade apenas conta de 11.º a 12.º. Não admira que tal sucedesse, pois Vespucio, da mesma forma que os demais pilotos espanhóis do tempo, determinava as latitudes, se é que já o fazia ao tempo, por imperfeitissimas observações da pólar, ao passo que os portugueses, bem mais adiantados na astronomia náutica, as achavam pela altura meridiana do sol e pelas tábuas da sua declinação, método ainda hoje correntemente usado pelos marítimos. Os navegadores espanhóis que se aventuraram aos mares do sul, privados do recurso àquela estrela-guia, ficavam adstritos a conjecturas e estimativas grosseiras. Em 1498, Colombo, que só conhecia este processo grosseiro, achou 5.º para a altura da polar ao anoitecer, na ilha da Trindade. Calculamos em 2.º o erro mínimo desta observação; se ela é dada como exprimindo a latitude, o erro regula por 4.º. Mestre José Vizinho, já em 1485 determinava latitudes na Guiné por alturas solares. O antigo regimento das alturas acha-se transcrito do *Regimento do astrolabio e do quadrante* (1509?), exemplar de Munich reproduzido por Joaquim Bensaude na edição facsimilar de 1914, feita a expensas do governo português. Na introdução, o ilustre editor nota que o regimento já devia ter transpirado em Espanha no ano de 1508. O geógrafo Enciso, na sua *Summa de Geografia* (1519), faz-lhe bastantes empréstimos sem o citar. Os portugueses depressa aprenderam a guiar-se nos mares austrais pelo Cruzeiro do Sul e pelas estrelas *Soel* e *Solibar*. Vejam-se as páginas 22 e 37 do *Livro de Marinharia* (1514) de João

de Lisboa, editado em 1903 pelo general Brito Rabelo. Este erudito reporta a 1506 a preparação do Regimento do Cruzeiro do Sul”.

“Vamos por partes. Es pura leyenda que la ciencia náutica portuguesa tuviese, a fines del siglo XV, secretos para medir alturas, que no poseyese la española. Iban marinos portugueses en los barcos de Castilla, y castellanos o italianos en los de Portugal, y los conocimientos eram universales, siendo las *Tablas Alfonsinas*; el inglés Holywood (Sacrobosco) autor del *Tratado de la Sphera*; Regiomontano (Müller), alemán autor de las *Efemérides* publicadas em 1474; Zacuto, de la Universidad de Salamanca, autor hispano-árabe, del cual se tradujo y publicó en 1496 en latin, el *Almanaque Perpetuo*, las fuentes en que bebieron Vizinho, Duarte Pacheco, Lisboa, Magalhães, Faleiro y demás pilotos portugueses” (170).

“En la época de Colón y de Vespucio, anterior a 1500, ningún pueblo europeo, como es bien sabido, tenía superioridad sobre los demás en materia astronómica. Las latitudes eran dudosas, las longitudes casi invariablemente erradas, y porque los *bons pilotos portugueses* cometían tantos errores como los castellanos o italianos, Duarte Pacheco indica a los lectores de su *Esmeraldo de Situ Orbis* (1505-1518) la posición de los promotorios y lugares de Africa

(170) “Com os espanhóis a nossa ligação é bastante mais íntima, tanto que não falta quem chame “peninsular” à ciência náutica portuguesa de quatrocentos. A preparação dos conhecimentos astronómicos dos portugueses, que permitiram chegar à possibilidade da orientação no alto mar, tem, certamente, o seu mais antigo fundamento na cópia dos “*Libros del Saber de Astronomia*”, que D. Afonso X, de Castela, “o Sabio”, ofereceu a seu neto, o rei de Portugal, D. Diniz. Os portugueses não inventaram o astrolábio ou a astronomia; o seu mérito consiste em terem adaptado à náutica o astrolábio terrestre e os conhecimentos astronómicos que lhes foram transmitidos pelos astrologos espanhóis, na sua maioria judeus. Judeus vindo de Espanha eram também alguns dos componentes da “Junta dos Matematicos”, de D. João II, como Abraão Zacuto e Mestre Moisés, além do bispo D. Diego Ortiz; vários portugueses frequentaram centros de cultura espanhóis, especialmente Salamanca, os últimos dos quais, dignos de nota, teriam sido Mestre Margalho e Pedro Nunes. Esta ligação basilar da ciência náutica portuguesa com a astrologia ou astronomia espanhola dos séculos XIII, XIV e XV, é talvez um dos aspectos mais notáveis e mais interessantes da história das relações científicas e espirituais das duas nações ibéricas”. (Armando Cortesão — “*Cartografia e Cartografos portugueses dos séculos XV e XVI*”, Lisboa, 1935, volume I, Introdução, página XXXV).

visibles desde el mar para que “pueda navegarse a lo largo de la costa con más seguridad”. Esto revela que en esa época bojaban sin perder de vista la costa o por estimativa, guías más fidedignas para ellos y más seguras en su experiencia, que los cálculos “pela altura meridiana do sol e pelas tabuas da sua declinação”.

“Pacheco era en efecto, um *bom piloto português*, pero si el grado excelso de la ciencia náutica lusitana no permitía, desde fines del siglo XV, según Duarte Leite, caer en errores de latitud, como explicar que cometiese en su *Esmeraldo* estas faltas, amén de otras menores que pasamos por alto? Coloca el Cabo San Roque, que está en 5.º 30' S. en 3.º 30' S. y así lo tira al mar; Bahia de Todos os Santos, en 15.º 40' y está en 12.º 56'; el Cabo Frio, en 25.º y está en 23.º 30'; la isla de Santo Amaro en 28.º 30' y está en 24.º 30'; Génova, en 42.º 30' y está en 44.º 23'; Constantinopla en 43.º y está en 41.º; Cabo de Caterina en 4.º 30' S. y está 1.º 53' S.; Rio Feroso en 7.º N. y está en 5.º 46'; Cabo Feroso en 5.º 50' N. y está en 4.º 16' N.; Santo Tomé en 3.º N. y está en 1.º 32' N. Da la misma latitud de 24.º N. para la isla de Arguim en el Atlántico, y el Cabo Guardafuí en la Boca del Mar Rojo. Ahora bien; la isla está en 20.º N. y el Cabo Guardafuí en 12.º N.... Kimble ha trazado el mapa que correspondería a las distancias de un punto a otro, por Duarte Pacheco, conjuntamente con las latitudes, y así como éstas son bastantes exactas, aquélas darían por resultado un Africa que terminaría por 27.º de latitud, en vez de 34.º 40' ”.

“Es pueril intento querer presentar a los cosmógrafos y pilotos portugueses del siglo XV como sabios calculadores, gracias a los cuales, críticos embelesados pueden hoy darse el lujo de despreciar a los de otras nacionalidades. La ignorancia en ciertas materias y la ingenuidad crédula que procedía de la Edad Media, fueran en esa hora de transición brusca, patrimonio heredado del que participaban todos los navegantes, por ilustres que fuesen. La única superioridad de los nautas portugueses sobre los de su tiempo, fué, antes de Colón, la mayor experiencia marina adquirida gracias al impulso dado a la navegación de ultramar por don Enrique, y bien

le costó a ese gran hombre obligar a sus pilotos a poner a un lado temores que hoy parecen absurdos. Catorce veces hubo de mandar sus barineles al océano, antes de que cruzaran el Cabo Nam, porque creían los tripulantes que las aguas, más allá, hervían. Igualmente fué penoso haverlos pasar la línea ecuatorial, pues se decía y la fé venia de muy antiguo, que el sur del ecuador era inhabitable. Lo hicieron, no porque cálculos sabios les permitieran tomar las alturas, sino porque eran valerosos y siguieron adelante, estimando groseramente las distancias a ojo de buen cubero, sin alejarse nunca de la tutela de la costa, por la inseguridad que entonces sentían. Esa misma inseguridad la revela Maese João, e astrólogo de la expedición de Cabral, en 1500, en las disidencias que revela, entre sus cálculos y los que hacían los pilotos de la flota, respecto de distancias y latitudes. Todavía en 1574 escribía lo siguiente Salazar refiriéndose a los pilotos de su tiempo: “O, cómo ha podido Dios, en su omnipotencia, colocar este sutil e importante arte de navegar en mentes tan opacas y manos tan torpes, como las de estos pilotos! Es de verlos preguntarse unos a otros: “Cuántos grados calcula Vuestra Señoría? uno dice dieciseis, otro veinte escasos, y aquel trece y medio. Luogo preguntan “a qué distancia pone Vuestra Señoría la tierra”? Uno contesta 40 leguas, éste y aquél 92! Y si fuera tres os trescientos, están todos en desacuerdo entre sí y con la verdad”.

“Bien se ve que a casi un siglo de distancia de Colón, Vespuccio y Duarte Pacheco Pereira, y a pesar de las tablas de latitudes de Munich y de Evora y las obras de Lisboa, de Nuñez y de Gaspar de Medina y de Alonso de Santa Cruz, la náutica estaba todavía en la infancia”.

“Entre los cosmógrafos existía gran divergencia de conceptos acerca de la proporción de tierra y de agua en el globo, y ésta naturalmente se reflejaba en el saber de los pilotos. La mayoría creía que el agua era de una superficie menor que la tierra; pero ni Esdras, ni Toscanelli, ni Monetario cometieron um error de cálculo tan considerable como Duarte Pacheco, pues él estimaba el agua da séptima parte del globo, o sea menos del 15%, y como sabemos es

el 72%. Es claro que al restringir así la extensión oceánica, debía disminuir, a su juicio, las distancias entre Asia y Europa, como entre Europa y las nuevas tierras descubiertas. De ese cálculo erradísimo sale este dislate, peor que los de Colón: “temos sabido que das prayas e costa do mar destes reynos de Portugal e do promontorio de finisterre y de cualquier outro lugar da Europa & de Africa e de Asia *hatravesando alem todo ho oceano d̄retamente ha oucidente ou ha loest segundo horden de marinharia por 36 grados! de longura que seram seiscentas & quarente & oyto leguoas de caminho contando a desoyto leguoas por graao he hachada esta terra nom navegada pellos navios de vossa alteza*”. De manera que él consideraba de 36.º la distancia desde cualquier punto de Portugal o de Europa al Nuevo Mundo por mar. Y si el lector quiere medirla en un mapamundi correcto, observará que de la costa europea a la de Estados Unidos, una de las líneas más cortas como la de Oporto a Boston, pasa de 62.º. De Greenwich a Terranova hay 56.º, del Cabo Verde a Nicaragua, 67.º. El error, para un *bom piloto português*, es más que regular! de 20 a 31 grados!”

Depois de outras considerações, assim se refere Levillier ao cosmógrafo José Vizinho: “En cuanto al eminente cosmógrafo José Vizinho, que en todo se inspiró em Zacuto, de Salamanca, es cierto que debía calcular las latitudes con tablas de declinación y observación meridiana del sol; pero cometió errores graves. Colón, en su tercer viaje, dedujo al calcular una latitud de 5.º norte, que debía hallarse sobre paralelo de las islas frente a Sierra Leona; ésa había sido lá latitud atribuída a ese punto por Maestro Vizinho, y Colón tenía un profundo respeto po él. Sin embargo, esa eminencia portuguesa, que calculaba con el superior método astronómico, engañó al genovés, pues las islas frente a Sierra Leona no están en 5.º, sino en 9.º 30'! El error era de 4.º 30', varación que no siendo permitida entonces a un experto piloto, segun Duarte Leite, mal puede tolerarse en un maestro “bem mais adiantado na astronomia nautica” que los españoles, como lo eran por definición para dicho crítico, todos los cosmógrafos y pilotos portugueses”.

“Errores se leen también en la carta de 1505, de don Manuel a los Reyes Católicos y son graves. Qué cosmógrafo portugués hizo decir al soberano que el Cabo de Buena Esperanza estaba en 31 grados, cuando se encuentra en 34.º 25'; Puerto Seguro en 14.º, estando por 17.º, y Calicut en 5.º, estando en 11.º 20'?”

“Es una ilusión como dijimos, prestar a los nautas portugueses del siglo XV una superioridad científica que no existe en la bibliografía, ni transparente en los hechos. Fueron los primeiros en navegar en forma continuada en el océano; bordejando a lo largo de la costa de Guinea y del Congo, siguiendo con los ojos los promontorios, como quien cruza un canal difícil, amparado por boyas laterales, o usa del pasamano al cruzar un puente movediza. Si no son muchos, fueran varias las expediciones portuguesas que salidas de islas del Atlántico con rumbo al occidente, no volvieron o lo hicieron sin descubrir. En cambio, bastó a las tripulaciones españolas de Colón y los Pinzones, *la misma modesta ciencia primitiva e insegura de la época*, para cruzar sin pasamanos, antes que nadie, todo el ancho del Océano occidental, descubrir la varación magnética, hallar un Nuevo Mundo, volver, y volver muchas veces más, siguiendo los rumbos que le marcaban nuevas islas, estrellas y latitudes. Denigrir, denigrir sistemáticamente lo ajeno para destacar lo propio, es estéril entretenimiento, frente a la *Verdad documentada y sabida*”.

Tratando-se da prioridade do uso da tabua das declinações solares para determinar as latitudes nas viagens em alto mar, assim se manifesta o grande mestre Alberto Magnaghi (170): “E ora si presenta, in relazione con tutto ciò, una grossa questione: a chi, e in qual misura, spetti il merito di aver preparato e applicato la tavola delle declinazioni solari per le determinazione della latitudini nei viaggi in alto mare. Anche qui vediamo entrare in gioco —

(170) “Una curiosa documentazione dei servigi resi dal Portogallo alle Scienze Geografiche nell'Epoca delle Grandi Scoperte”. “Revista Geografica Italiana”, Firenze, 1934, fascicolo VI, Novembre-Dicembre 1934, páginas 160 a 168.

e purtroppo vi ha gran parte — l'amor proprio nazionale: dei Portoghesi da un lato, e dei Tedeschi dall'altro. Una tradizione, a lungo conservatisi, aveva sino a poco tempo fa ammesso, che questa tavola si trovasse nelle "*Ephemerides*" del Regiomontano (pubblicate nel 1474 e calcolate per gli anni 1475-1506); ma già da vari anni lo studioso portoghese Joaquim Bensaude aveva constatato che quest'opera dell'astronomo di Norimberga, che Martino Behaim avrebbe introdotto in Portogallo, non contiene affatto la tavola delle declinazioni solari. Il Bensaude trattò a fondo e a varie riprese quest'argomento, animato — forse un pò troppo — dallo scopo di esaltare l'indipendenza della scienza della Penisola Iberica in genere, e del Portogallo in ispecie, dalla scienza tedesca del Rinascimento. I portoghesi invece avrebbero conosciuto queste tavole (delle declinazioni solari, e le altre occorrenti per la navigazione astronomica) nell'opera di Abraham Zacuto, pubblicata, è vero, solo nel 1496 a Leiria, ma — dice il Bensaude — già da vari anni circolante manoscritta nella Penisola Iberica (si vuole, diciamolo sin d'ora, fare in modo ch'essa potesse servir di base per i lavori della famosa "Junta" adunatasi non dopo il 1485). E il Sig. Lallemand (Charles Lallemand, "*Les services rendus par le Portugal aux sciences géographiques*", "*Annuaire pour l'an 1934, publié par le Bureau des Longitudes*", Paris, 1934) si affretta, naturalmente, ad accettare queste conclusioni; dopo aver rilevato che le "*Ephemerides*", del Regiomontano non contengono affatto la famosa tavola, afferma che "*par contre, l'Almanach perpetuum* d'Abraham Zacuto redigié à Salamanque en 1473 et dont il existe une édition portugaise de 1496 contenait, pour ce genre de calculs, des tables que l'on trouve reproduites, deux ans plus tard, dans les "*Ephemerides*" de Regiomontanus".

"Ma, anche senza riprendere a fondo l'esame delle questione, il che ci porterebbe troppo lontano, se noi si facciamo a studiarne i termini con un pó d'attenzione e senza preconcetti, troviamo che non valeva forse la pena di sollevare attorno ad essa tanto scalpore; perchè, in conclusione, la tavola delle declinazioni anzitutto *si ritro-*

va in un'altra opera dal Regiomontano, e in secondo luogo prima assai che in questa e in quella di Zacuto era già fissata in opere di astronomi arabi. Abraham Zacuto (1450-1510), la cui opera, scritta in ebraico, era stata tradotta in latino e pubblicata come s'è detto dal suo discepolo José Vizinho, aveva professato astronomia a Salamanca dal 1474 al 1492; nel quale anno aveva dovuto lasciare la Spagna in seguito a persecuzione religiosa ed era passato al servizio del Re di Portogallo. Le tavole che più c'interessano sono quattro "Tabule Solis" che dànno la longitudine geocentrica al Sole per quattro anni, tre comuni e uno bisestile, per ogni giorno dell'anno per ciascuno dei segni dello Zodiaco e per il ciclo 1473-1476. La composizione dell'Almanacco si fa salire al 1473, perchè questo è l'anno radice, da cui si comincia a computare il ciclo. E v'è inoltre la famosa "Tabula declinationis Solis ab equinoctiali", destinata a far conoscere la distanza in gradi e minuti del Sole dall'Equatore per dedurre, togliendo o aggiungendo quest'angolo all'altezza meridiana del Sole in un dato giorno, la latitudine di un dato luogo. E questo è il gran merito che Bensaude attribuisce a Zacuto, d'aver riunito in un sol volume gli elementi necessari per la determinazione delle latitudini; mentre (e il Bensaude lo grida e lo ripete in modo assordante) nelle "Ephemerides" del Regiomontano il secondo elemento manca. Egli non ignora però che questo è riportato in altra opera dell'astronomo tedesco ("Tabula directionum", etc. pubblicata nel 1475); ma afferma che i marinai avrebbero dovuto, per servirsene, possedere le due opera e saperle utilizzare.

Affermazione, come si vede ben curiosa: quasi che per essi avesse dovuto riuscire di grave e insuperabile impaccio servirsi contemporaneamente dei dati forniti da due opere! *Alla peggio, in un mezzo foglio avrebbero potuto copiarsi la tavola delle declinazioni e aggiungerla alle "Ephemerides"*. Quello che intanto è certo è il fatto — e ammettiamo pure che in Portogallo, e altrove questa tavola delle declinazioni fosse nota assai prima che uscisse l'opera del Regiomontano — *che si trovava già stampata 21 anno prima della pubblicazione dell'opera di Zacuto*. Se questi l'avesse già riportata

nell'opera manoscritta noi non sappiamo; ma in ogni modo il merito non sarebbe stato tanto grande, dato che (lo vedremo fra poco) la tavola era nota da qualche secolo. Ma per prevenire l'osservazione che Zacuto abbia potuto prenderla dall'astronomo tedesco, il Bensaude (*Les Legendes* ecc. vol. 2.^o pag. 174) grida trionfante che mentre per Regiomontano la massima declinazione è di 23.^o 30', per Zacuto è di 23.^o 33'; cosicchè non s'accorge che quest'ultimo *si limita a copiare* un dato che poteva valere circa *due secoli prima*, mentre Regiomontano offre un dato corretto, verosimilmente in base ad osservazioni sue, e che corrisponde al vero”!

“E, sempre in riferimento al merito che si vuol riconoscere a Zacuto per la pubblicazione della tavola delle declinazioni e alla possibilità che l'opera sua fosse utilizzata già prima manoscritta, è opportuno rilevare che la tavola famosa è già riportata nelle note manoscritte di Colombo in un foglio di guardia dell'esemplare da lui posseduto della “*Imago Mundi*”. Anche per Colombo, come in Zacuto e in altri anteriori e posteriori, l'inclinazione dell'Eclittica, e quindi la declinazione massima del Sole è di 23.^o 33'. Ma non è detto che Colombo avesse attinto codesta tavola da Zacuto. Noi non sappiamo quando egli scrisse le sue annotazioni; probabilmente fra il 1488 e il 1491, e in ogni modo prima che fosse pubblicata l'opera di Zacuto (1496). Ora se copie di Zacuto giravano manoscritte, esse erano in ebraico, poichè la prima traduzione in latino è precisamente quella del suo discepolo Vizinho pubblicata in quest' anno. E siccome Colombo non conosceva l'ebraico, vuol dire che avrà copiato la tavola da qualche manoscritto latino; e questi potevano circolare nella Penisola Iberica e dappertutto già da un pezzo”.

“Ma sappiamo poi *con certezza* che Zacuto stesso derivava le sue cognizioni astronomiche da una lunga tradizione che per tramite degli Ebrei risaliva agli Arabi e quasi sicuramente ai Greci. E anche Zacuto — è da aggiungere — non intendeva affatto scrivere un trattato che servisse ad usi nettamente pratici; ad es. per la gente di mare; ma egli apparteneva a quella stirpe d'astrologhi, per lo più Ebrei, che nel M. Evo s'applicarono con passione a ricercare nei

movimenti degli astri il segreto dei destini umani. Ora in un Trattato del quadrante composto a Montpellier verso il 1292 abbiamo una tavola delle declinazioni solari e quattro tavole, in gradi e minuti con la longitudine del Sole per ogni giorno per un ciclo di 4 anni; e su questo modello furono stabilite due secoli dopo le tavole di Zacuto. Anzi Zacuto conserva l'angolo dell'Eclittica di 23.^o 33'. E l'autore di questo trattato ci mette anche sulla strada per comprendere quale fosse la fonte sua per quel che riguarda la *tabula declinationis*: questa è detta *secundum Albategni*, il grande astronomo arabo (856-929), la cui opera è stata così profondamente e completamente illustrata dal Carolo Alphonso Nallino, "*Al Battani sine Abatenii opus astronomicum*"... Milano, 1907. Da questa derivano sostanzialmente anche le famose Tavole Alfonsine del secolo XIII, che oltre alla "Tabla de la declinacion del Sol" contengono quattro tavole delle longitudini solari per il consueto ciclo di quattro anni, e derivano pure tutte de altre opera manuscritte di cui il Bensaude si dà un abbondante catalogo."

"Ma in tutto questo i Portoghesi non hanno nulla a che vedere, e prima della pubblicazione a Leiria nel 1496 dell'*Almanach perpetuum* di Zacuto non v'è niente che autorizzi ad ammettere che essi abbiano recato un diretto ed efficace contributo ai progressi dell'applicazione dell'astronomia nautica. Vero è che il Bensaude chiama tutti codesti scrittori come rappresentanti delle *sciences peninsulaires*; ma erano Ebrei i quali, se vengono ora elevati al grado di rappresentanti delle sudette *sciences* come appartenenti ai *peuples iberiques*, non erano certo considerati come altrettali nel tempo in cui vissero. E qualche cosa ne seppe lo stesso Zacuto, che dopo esser fuggito da Salamanca dovette pure, dopo qualche tempo, abbandonare anche il Portogallo e prender la via Tunisi e, in fine, di Salonicco per evitare un trattamento.... troppo caloroso da parte dell'Inquisizione".

"Il più antico, e sin qui unico documento che accenni esplicitamente ad un'azione concreta dei portoghesi in fatto di lavori di astronomia nautica, rimane sempre l'accenno del Barros al compito affidato da Giovanni II alla famosa "Junta" che, in ogni modo,

dovette essersi adunata nella seconda metà del 1485, perchè uno dei membri di essa, José Vizinho, il traduttore di Zacuto, nel marzo di quest'anno era sulle coste di Guinea. Se a questa data, e come frutto dei lavori della "Junta" si debba attribuire il famoso libretto conservato nella Biblioteca Reale di Monaco e pubblicato dal Bensaude: "*Regimento do astrolabio e do quadrante pera saber ha declinaçam e ho logar do soll em cada huum dia e asy pera saber ha estrella do norte*", rimane ancora da dimostrare, ad onta che il Bensaude sia inclinato a dar come certa la cosa; ma se anche così fosse, non si tratta di un gran che".

"Ma, per ritornare a Zacuto, a' dimostrare che l'opera sua non segnò quel progresso che vogliono ora gli storici portuguesi e affini, potrebbe valere il fatto che il Nunes (171) nella sua classica opera (1546) non ricorda mai nè Zacuto nè Vizinho, mentre fa spessissimo il nome del Campana, del Cardano, di Marco Beneventano, di Oronzio Fineo, e soprattutto dei tedeschi Werner, Walther, Stoeffler, Peurbach e in special modo del Regiomontano. E così siamo andati, senza volerlo, al di là di quello che si proponevamo nel confutare le affermazioni del Sig. Lallemand per quel concerne la priorità e l'indipendenza della scienza nautica portoghese: ma è bene ripetere che i famosi elementi calcolati da Zacuto, le 4 tavole delle longitudini del Sole per il ciclo di 4 anni e la tavola delle declinazioni *erano in sostanza noti da secoli, ed erano di provenienza araba*".

(171) Magnaghi refere-se a Pedro Nunes, judeu nascido em 1502 em Alcácer-do-Sol e falecido em Coimbra a 11 de agosto de 1578. Pedro Nunes a quem A. Fontoura da Costa ("*A Marinharia dos Descobrimentos*", Lisboa, 1939, página 26) chamou de "aguiã dos matematicos portugueses", estudou medicina na Universidade de Lisboa, onde conquistou o titulo de doutor. Abandonando a medicina e dedicando-se ao estudo da matematica, principalmente da astronomia, mudou-se temporariamente para Salamanca, onde na universidade dessa cidade espanhola, ampliou os seus conhecimentos matematicos. Foi cosmógrafo-mor de Portugal e além de traduzir diversas obra sobre

Sommaire

- I) — Les lettres attribuées à Vespucci, publiées en 1504 et 1506, que nous connaissons par le "*Mundus Novus*" et la "*Lettera a Soderini*", sont apocryphes.
- II) — Les lettres authentiques n'existent que sous forme de copie. Ces copies se trouvent dans le Manuscrit 1910, au département des manuscrits de la Bibliothèque Riccardiana, à Florence. Ces lettres adressées à Lorenzo di Pier Francesco de Medici, furent écrites respectivement en 1500, à Séville; en 1501, au Cap Vert; et en 1502, à Lisbonne.
- III) — Selon la teneur du Manuscrit Riccardiano 1910, Vespucci n'aurait fait que deux voyages en Amérique. Le premier, en 1499, effectué partiellement avec Hojeda; le second, en 1501 pour D. Manuel du Portugal.
- IV) — Les déclarations du navigateur espagnol Hojeda faites à S. Domingos, le 8 février 1513, au "*Pleitos de Colon*" — "*Probanzas del Fiscal*", prouvent que Vespucci, a fait partie de son expédition.
- V) — L'expédition portugaise envoyée au Brésil en 1501, pour en explorer le littoral, fut réalisée aux frais de la Couronne.

Ceci est confirmé:

- a) — par la communication faite par Pietro Pasqualigo, écrite à Saragossa en date du 12 octobre 1502, au Gouvernement de Venise;
- b) — par l'acte notarié de Valentim Fernandes, notaire à Lisbonne, du 20 mai 1503;
- c) — par le "*Rapport du Pilote Anonyme*", publié en 1507 par Montalboddo dans son ouvrage "*Paesi*

Novamente Ritrovati et Novo Mondo da Alberico Vesputio Florentino intitulado”;

d) — enfin, par la lettre de Vespucci écrite au Cap Vert en 1501 et adressée à Lorenzo di Pier Francesco de Medici.

VI) — Vespucci a fait partie de l'expédition portugaise au Brésil.

Ceci est confirmé par :

a) — la lettre que Piero Rondinelli a écrite à Séville le 3 octobre 1502 à destination de Florence;

b) — la lettre que Giovanni da Empoli a écrite à Lisbonne, également à destination de Florence;

c) — le “*Orbe Novo*” de Pedro Martir de Angleria, Décade II, Livre X, chapitre I;

d) — les déclarations des pilotes espagnols à la Réunion des Pilotes, qui eut lieu à Seville en 1515;

e) — par la lettre que Vespucci a écrite à Lisbonne en 1502 et adressée à Lorenzo di Pier Francesco de Medici.

VII) — De la teneur des lettres que Vespucci a écrites au sedit Medici, et dont les copies se trouvent dans le Manuscrit Riccardiano 1910, il ressort qu'on ne peut aucunement affirmer que Vespucci ait été le chef de expédition portugaise envoyée au Brésil en 1501.

VIII) — Il semble, en outre, inadmissible que Vespucci, qui jouissait d'un grand prestige auprès des Rois Catholiques, qui était l'agent commercial de la Maison de Medici en Espagne, ait abandonné ce pays, poussé uniquement par le désir de connaître de nouvelles terres. Tout ce que l'on peut dire en tenant compte de la logique et du bon sens, c'est que ce ne peut-être que pour remplir une mis-

sion de toute particulière importance que Vespucci ait pu faire partie de l'expédition portugaise de 1501.

- IX) — Les connaissances exceptionnelles et les hauts mérites de Vespucci comme cosmographe furent loués et reconnus par tous à la Réunion des Pilotes Espagnols qui eut lieu à Seville en 1515.

Dans une lettre de Philippe I, de 23 août 1505, il est donné certains conseils d'ordre technique aux officiers *de la Casa de la Contratacion*; il est tout particulièrement recommandé à leur commandant de ne pas s'embarquer pour les Moluques sans prendre préalablement conseil de Vicente Pinzon et de Vespucci, dont les connaissances nautiques font autorité.

D'autre part les documents qui se trouvent dans les archives de Seville, portant les dates respectives de 1506 et de 1507, établissent que Vespucci est "*Capitan*", titre exclusivement réservé, en termes de navigation, aux commandants de navires ou de flottes.

- X) — Ce fut Vespucci qui eut, le premier, l'idée d'aller aux Moluques en passant par l'extrême sud de l'Amérique. Dès qu'il eut terminé ses voyages au Brésil de 1501 et 1502, il se rendit en Espagne en vue de réaliser ce projet.
- XI) — Quand on lit attentivement l'acte de nomination de Vespucci, par lequel ce dernier est élevé au poste de Pilote Major d'une puissance maritime comme l'état l'Espagne à cette époque, on ne peut nier que les hautes charges qui lui furent confiées étaient de toute première importance.
- XII) — Enfin, il est inadmissible de penser que, si Vespucci avait été comme on l'a prétendu par la suite, un mauvais astronome et un navigateur incapable, il eût pu, durant l'exercice de ses fonctions de Pilote Major, tromper sur son compte et mystifier les hauts fonctionnaires de la marine et les surintendants chargés de l'expansion coloniale de l'Espagne.

Summary

- I) — The letters attributed to Vespucci, published in 1504 and 1506, known as "*Mundus Novus*" and *Lettera a Soderini*" are apocryphal.
- II) — Copies of the authentic letters exist in the "*Codice 1910*" of the library Riccardiana de Florence, addressed to Lorenzo de Pier Francesco de Medici, from Seville in 1500, from Cabo Verde in 1501 and from Lisbon in 1502.
- III) — According to the letters in the "*Codice Riccardiano*" 1910," Vespucci made only two voyages to America. The first in 1499 with Hojeda and the second in 1501-1502 on the service of the King D. Manuel of Portugal.
- IV) — That Vespucci took part in the expedition made by Hojeda in 1499 is testified to by the deposition of that Spanish Sailor in the "*Pleitos de Colon*" — "*Probanzas del Fiscal*" made in São Domingos on the 8th of February, 1513.
- V) — The portuguese expedition sent to explore the coast of Brazil in 1501 was financed by the Throne. This is testified to by a despatch by Pietro Pasqualigo, dated the 12th of Octobre 1502 addressed to his "*Senhoria*"; by a notary's act made by Valentim Fernandes, public notary in Lisbon on the 20th of May 1503; by the "*Anonymous Narrative*" published by Montalboddo in his collection entitled "*Paesi Novamente Retrovati*", etc. by the letter written by Vespucci from Cabo Verde in 1501 to Lorenzo de Pier Francesco de Medici.
- VI) — That Vespucci participated in the Portuguese expedition is evidenced by the following: a letter which Piero Rondinelli wrote from Seville to Florence on the 3rd of October 1502, and a letter which he wrote from Lisbon also to Florence on the 16th of Stpeember 1504 Giovanni da

Empoli; the "*Orbe Novo*" of Pedro Martir de Angleria in decade II, volume X, chapter I; the statements of the Spanish pilots made in the meeting which they held in Seville on the 13th of November 1515; the letter which Vespucci sent in 1502 to Lorenzo de Pier Francesco de Medici from Lisbon.

- VII) — From the letters which Vespucci wrote to the afore-mentioned Medici, copies of which exist in the "*Codice Riccardiano 1910 't*" it is not possible to assert that he had been Commander of the Portuguese fleet sent to Brazil in 1501.
- VIII) — It is not however admissible that Vespucci who enjoyed prestige with the Catholic Kings and who had been agent for the important House of Medici in Spain, should abandon this country solely moved by the desire to become acquainted with new lands. It is logical to believe that only in order to carry out a mission of great importance, he would have taken part in the Portuguese expedition to Brazil in 1501.
- IX) — In the afore-mentioned meeting held in Seville by the Spanish pilots, Vespucci's qualities as a cosmographer were praised; King Philipp the First in a letter dated on the 23rd of August 1506, recommended the officers of the "*Casa de la Contratacion*", that before departing to the Molucas with fleet designated for that purpose, their commander should first obtain the opinions of Vicente Pinzon and Vespucci, both recognized authorities on nautics; from documents which exist in the archives of Seville dated in 1506 and 1507 it is evidenced that Vespucci was a captain, which rank was only conferred when relating to navigation, to commanders of ships or fleets.
- X) — It was Vespucci who first had the idea of going to the Molucas passing the extreme meridional of America. In

order to carry out this project he transferred himself to Spain shortly after his return from the voyage to Brazil in 1501-1502.

- XI) — When reading with the proper attention the decree nominating Vespucci to the post of *Pilot Major* of a Naval power such as Spain was in those times, it is evident the positions with which he was entrusted were of the utmost importance.
- XII) — In view of the hypothesis that Vespucci was a bad astronomist and an incompetent sailor, it is not admissible that during the years in which he exercised the capacity of Pilot Major, he should have been able to elude those whose duty was to superintend the very important services connected with the colonial expansion of Spain.

TERCEIRA PARTE
(DOCUMENTOS)

MUNDUS NOVUS

Carta a Lourenço di Pier Francesco de Medici

(Texto latino da primeira edição datada de Augusta 1504, com as alterações da edição de Jehan Lambert, de Paris).

Amerigo Vespucci envia muito saúdar a Lourenço Pietro de Medici.

Em dias precedentes, tive oportunidade de escrever-te, de modo suficientemente amplo acêrca do meu regresso daquelas novas regiões que procuramos e descobrimos a mandado do Sereníssimo Rei de Portugal, em esquadra e a expensas suas. É lícito é chamar-lhes, a essas regiões, o Novo Mundo: não sómente porque entre os nossos antepassados nenhum conhecimento houve a respeito delas, se não também porque a quantos nos ouçam a propósito constituem elas objeto de completa novidade. E neste ponto de muito nos avantajamos à opinião dos avoengos: pois assegura a maior parte deles não existir terra para além da linha equinocial e na direção do sul, mas tão sómente o mar que denominam Atlântico; e, se alguns dentre êles afirmaram que terra existia ali, disseram, do mesmo passo, que por muitos motivos não seria habitável essa terra. Ora, demonstrou claramente esta minha última navegação ser infundada e de todo em todo oposta à verdade semelhante crença, porquanto encontrei eu, naquelas plagas meridionais, um continente habitado por maior número de populações e animais do que o seja a nossa Europa ou Ásia, ou Africa; e, além disso, o clima que ali se me deparou é mais temperado e ameno que o de qualquer outra região de nós conhecida; como mais adiante compreenderás, quando expusermos suscintamente apenas os

fatos principais e as coisas mais dignas de anotação e memória por mim vistas ou ouvidas nesse novo mundo: o que tudo abaixo se esclarecerá.

A catorze de maio de 1501, por ordem do precitado monarca, partimo-nos de Lisboa, em três navios e com próspero curso, em demanda de novas regiões do sul, e por vinte meses velejamos ininterruptamente para o meio dia. E' o seguinte o roteiro de tal viagem.

Fêz-se a nossa navegação ao longo das Ilhas Afortunadas, assim ditas outrora, mas designadas hoje por Ilhas Grandes Canárias, que ficam no terceiro clima e nas extremas partes habitadas do ocidente. Dali, através do oceano, costeámos todo o litoral africano e uma faixa do território da Etiópia até o Promontório Etiópico, deste nomeado por Ptolomeu, e que agora dos nossos se intitula Cabo Verde e dos etíopes Beseghice. Jaz aquela região, Mandinga, dentro da zona tórrida, catorze graus ao norte do equador e é habitada por gentes e populações de raça negra. Reparados que ali fomos de fôrças, e providos de quanto necessitava a nossa peregrinação, levamos âncoras e desfraldamos as velas aos ventos; e, dirigindo para o Antártico a nossa derrota através do vastíssimo oceano, desviamo-nos um pouco no sentido do ocidente, por efeito do vento a que chamam Vulturno; e desde o dia em que zarpamos do referido promontório, navegamos por espaço de dois meses e três dias sem que terra alguma se nos antolhasse. Aquilo que sofremos na imensidade do mar, que perigos de naufrágios e que incômodos de corpo tivemos de suportar e de que inquietações de espírito nos vimos oprimidos, tudo isso eu o deixo à meditação daqueles que, pela experiência de muitos casos, sabem perfeitamente o que seja aventurar-se alguém a arrostar o incerto, intentando esquadrinhar o que ignora.

E, para tudo resumir numa só palavra, saberás que, dos sessenta e sete dias em que navegamos, tivemos quarenta e quatro consecutivos de chuvas; trovões e relâmpagos: e tão escuros, que nem sol durante o dia, nem céu sereno durante a noite jamais víramos. Donde sobreveio apoderar-se de nós tão grande mêdo, que já quase tôda esperança de vida houveramos perdido. Mas, por entre tantas e tão rudes

intempéries do mar e do céu, aprouve ao Altíssimo revelar-nos um continente, novas terras e todo um desconhecido mundo: e, tanto que o contemplamos, de tão intenso júbilo nos sentimos dominados, quanto lícito seja imaginar-se poder acontecer a quem das caprichosas vicissitudes de uma adversa fortuna venha a encontrar salvamento.

A sete de agosto de 1501 (1), lançamos âncoras no litoral das mencionadas regiões, tributando agradecimentos ao nosso Deus, em solene acção de graças e com celebração de uma missa cantada. Reconhecemos então não ser aquela terra uma ilha, e sim um continente, pois não sómente se estende por longuíssimo litoral que a não circunda, mas também é repleta de infinito número de habitantes. Nela, efetivamente, achamos inumeráveis gentes e povos e espécies de todos os animais fozes encontrados em nossas regiões, e muitas outras de nós nunca vistas e acêrca de cada uma das quais seria longo discorrer. Grande foi a clemência que Deus nos manifestou, fazendo-nos abordar àquelas paragens: pois já faltavam lenha e água e, pelo consequente, tão só por mais alguns dias poderíamos tolerar a vida do mar. A Êle, portanto, honra, gratidão e acção de graças.

Deliberamos navegar na direcção de léste, mas ao longo do litoral e sem nunca perdê-lo de vista. E tanto que o percorrêramos algum tempo, chegados fomos a um recôncavo, onde o litoral se inclinava para o meio dia: e desde o sitio em que pela primeira vez tocamos terra até aquela anfractuosidade medeiam aproximadamente trezentas léguas. No decorrer desta navegação, por muitas vêzes saltamos em terra e amistosamente tratamos com aquêle povo, conforme ao depois saberás. Esquecera-me de escrever-te que do promontório de Cabo Verde até ao início daquele continente se perfaz um total de mais ou menos setecentas léguas: embora imagine eu que

(1) — “A sete de agosto de 1501”. O texto latino de Vignaud traz “ — 1500”, millesimo quingentesimo. Trata-se de um erro tipográfico porque, no texto original da edição de Augusta, existente na New York Public Library se lê: “millesimo quingentesimo primo.”

hajamos navegado para mais de mil e oitocentas, em parte pelo desconhecimento das regiões e pela imperícia do capitão do navio, e em parte por fôrça das tempestades e dos ventos, que nos impediam a reta derrota, compelindo-nos a frequentes desvios. E, se a mim, que possuía conhecimentos cosmográficos, me não houvessem lançado as vistas os companheiros, não haveria capitão de navio ou guia nosso de navegação que ao cabo de quinhentas léguas soubesse dizer onde estaríamos. Pois que estávamos perdidos e errantes e apenas os instrumentos destinados a calcular a altura dos corpos celestes nos puderam revelar a nossa exata posição: eram êles o quadrante e o astrolábio, onde todos quiseram certificar-se dela. Desde então, por êsse motivo, me cumularam todos de especial deferência. Mostrei-lhes que, desconhecendo embora a carta de marear, mais versado era eu na arte de navegação do que todos os pilotos do universo globo: pois não possuem êles qualquer conhecimento, a não ser daqueles lugares por onde costumam sempre navegar.

Quando, porém, o referido ângulo de terra nos proporcionou uma inclinação do litoral para o sul, resolvemos costeá-lo de bem perto, a investigar o que houvesse naquelas regiões. Perlustramos dessa guisa cêrca de seiscentas léguas e repetidas vêzes saímos em terra. Conversávamos e convivíamos com os moradores dos diversos sítios, que cordialmente nos recebiam, e entre êles em certos casos nos demorávamos de quinze a vinte dias consecutivos, de modo amistoso e hospitaleiro, conforme mais abaixo compreenderás.

Uma parte do território dêsse novo continente fica situada na zona tórrida, além da linha equinocial em direção ao polo Antártico: porque começa a oito graus além da referida linha.

Navegamos paralelamente a êsse litoral, até que, ultrapassando o trópico de Capricórnio, descobrimos o polo Antártico, cinquenta graus mais alto que o horizonte daqueles povos. Estivemos a dezessete graus e meio próximos do próprio círculo Antártico. E que coisas hei visto e conhecido da natureza daqueles povos e sôbre os seus costumes e afabilidade, sôbre a fertilidade da terra; a salubridade do clima, a configuração do céu e dos corpos celestes, e, prin-

principalmente, das estrelas fixas da oitava esfera, jamais vistas ou estudadas dos nossos antepassados: tudo isso é o que passo a narrar-te sucessivamente.

Em primeiro lugar o que concerne às populações. Tão grande é a multidão de gente que encontramos naquelas plagas, quanta ninguém poderia enumerar, — como se lê no Apocalipse, — gente essa que afirmo ser pacífica e tratável. Todos, de ambos os sexos, andam nus, não cobrindo quaisquer partes do corpo: e como saem do ventre materno assim caminhavam até a morte. Têm robusto corpo, de estatura mediana, bem disposto e bem proporcionado, de côr tirante a vermelho, o que lhes advém, segundo penso, do fato de, por andarem nus, serem tismados pelo sol. O cabelo possuem-no abundante e negro. No andar e nos folguedos são expeditos e nobres. Formoso lhes é o rosto, que entretanto a si próprios se deformam, perfurando as faces, os lábios, o nariz e as orelhas. E não creias sejam pequeninas tais perfurações, ou que apenas possuam uma só delas: pois a alguns vi eu que só no rosto ostentavam sete orifícios, qualquer dos quais da capacidade de uma ameixa. Esses orifícios fecham-nos êles com pedras azuis, fragmentos de mármore, belíssimos cristais de alabastro, alvíssimos ossos, ou com outros objetos engenhosamente trabalhados segundo o seu uso. Se contemplesse algo de extranhamente insólito e monstruoso, como, por exemplo, a um homem que trouxesse, tão só nas faces e nos lábios, nada menos que sete pedras, algumas das quais de palmo e meio de extensão, — por certo que não deixarias de ficar estupefato. Por muitas vêzes, efetivamente, avaliei pesarem essas sete pedras dezesseis onças. Além disso, em cada orelha, perfurada de três orifícios, trazem êles outras pedras pendentes em anéis. Este costume, porém, é próprio exclusivamente dos homens: as mulheres não perfuram o rosto, mas tão só as orelhas. Há entre êles outro costume, excessivamente monstruoso e aberrante da mais requintada credibilidade humana. (2) E vem a ser que, de libidinosas, fazem as mulheres

(2) — O texto latino de Vignaud diz “humanam crudelitatem”. Trata-se de um erro tipográfico, porque o texto original da edição de Augusta diz: “humanam credulitatem”.

entumescer o membro genital dos maridos, de maneira tão desmesurada que vem a parecer hediondo e repelente: e conseguem elas isto com algum ardil de sua parte e com mordedura de animais venenosos. Por causa disto muitos dos maridos se tornam eunucos, perdendo o membro, que, por falta de cuidado, lhes apodrece. Não usam quaisquer panos, nem de lã nem de linho, nem de algodão, não sómente porque não precisam deles, mas também porque não possuem bens próprios, mas tudo lhes é comum, vivendo juntamente, sem rei nem lei, sendo cada qual o senhor de si próprio. Casam-se quantas vêzes querem: e copula o filho com a mãe, o irmão com a irmã, o primo com a prima, e qualquer com a primeira mulher que tope. E também quantas vêzes o desejam desfazem os casamentos, nos quais nenhuma formalidade observam.

Nenhum templo nenhuma lei possuem, nem contudo são idólatras. Que mais poderei dizer? Vivem segundo a natureza e devem ser considerados antes epicuristas que estoicos. Não há entre êles mercadorias nem comércio. As tribos guerreiam entre si sem qualquer arte e disciplina. Arengando os jovens, conseguem os mais velhos dobrá-los para o que quizerem e excitá-los para as guerras, onde se matam barbaramente uns aos outros. E a quantos da guerra conduzem cativos, conservam-nos não por lhes pouparem generosamente a vida, mas a fim de serem mortos para sua alimentação: pois vencedores e vencidos se entredevoram uns aos outros e a carne humana lhes é comum entre as viandas. Não tenhas nenhuma dúvida quanto à veracidade dêste fato, porque já lhes pareceu natural a um pai o direito de devorar a esposa e os filhos e eu próprio conheci um homem, com quem também falei, do qual se divulgava a fama de ter comido mais de trezentos corpos humanos. E, outrossim, permaneci por vinte e sete dias em certa cidade, onde vi, pelas casas, carne humana salgada suspensa das vigas, tal como é costume entre nós fazer com toucinho e carne de porco. Digo mais: admiram-se êles de não comermos nós outros os nossos inimigos, não lhes usando às refeições a carne, que dizem ser saborosíssima.

Suas armas são arcos e flechas, e quando avançam para a guerra nenhuma parte do corpo cobrem em intuito de proteção: e até nisto se parecem com os animais. Quanto em nós esteve, esforçamo-nos por dissuadi-los de tão grosseiros costumes, que nos prometeram abandonar. As mulheres, como já assinaei, embora, andem nuas e sejam extraordinariamente senxuais, sabem contudo, ter o corpo bastante formoso e limpo: nem tão feias são, como se poderia talvez imaginar, porque, sendo bem providas de carnes, menos se lhes põe à mostra a fealdade, que, pela maior parte, lhes é naturalmente disfarçada pela exuberância da corpulência. É surpreendente nos pareceu que entre elas nenhuma se visse que tivesse caídos os seios; e as que já tinham dado à luz, em nada, pela forma e contração do ventre, se distinguiam das virgens, às quais também se assemelhavam em outras partes do corpo, que deliberadamente deixo de especificar por motivo de natural decôro. Ao terem ensejo de copular com os cristãos, contaminavam e poluíam todo sentimento de recato, excitadas de incontida libidinagem.

Vivem aquêles povos cento e cinquenta anos e raramente adoecem; quando são acometidos de alguma enfermidade, curam-se a si mesmos com certas raízes de ervas.

São êstes os fatos mais notáveis que entre êles observei.

Mui temperado e ameno é o clima, e, segundo me asseguraram, jamais se verificou ali epidemia ou simples doença proveniente da corrupção do ar. A não ser que pereçam de morte violenta, vivem por dilatados anos: creio que por soprarem sempre ali os ventos meridionais, principalmente aquêle a que chamamos Euro, que é para êles o que para nós outros o Aquilão. São dados à pesca, pois piscoso lhes é o mar, abundante de todo gênero de pescados. Não são caçadores: julgo que por existirem ali muitas espécies de animais ferozes, e sobretudo de leões, ursos, inumeráveis serpentes e outras terríveis e horripilantes alimárias; e ainda por serem as florestas muitíssimo extensas e vastas e haver nelas árvores de imenso porte, razão porque não ousam os nativos, nus, sem proteção e sem armas, expor-se a tão grandes perigos.

Extremamente fértil e aprazível é a terra daquelas regiões: ricas de numerosas colinas e montes, infindos vales e caudalosos rios; irrigada de frescas fontes e coberta de larguíssimas, espessas e quase impenetráveis florestas, povoadas de tôdas as variedades de animais. As árvores mórmente ali vicejam sem cultura, e muitas dão frutos de agradável gôsto e úteis ao corpo humano; outras, porém, nada produzem e nenhuns frutos ali existem semelhantes aos nossos. Prolulam também, naquelas plagas, inumeráveis modalidades de ervas e raízes, de que fabricam pão e excelentes alimentos. Têm êles outrossim muitas sementes, de todo em todo diversas das nossas. Não há quaisquer espécies de metal, exceto o ouro, de que são opulentíssimos aquêles sítios: e, não obstante, mostra alguma dele trouxemos conosco nesta nossa primeira navegação. Disso nos fizeram sabedores os habitantes, afirmando existir no interior das terras grande quantidade de ouro, a que, contudo, nenhuma estimação ou preço votam. Há grande cópia de pérolas, como em outra ocasião já te escrevi.

Se pretendesse eu rememorar-te tudo quanto lá se encontra e escrever-te acêrca das inúmeras espécies de animais e da infinita multidão dêstes, fôra isso tarefa demasiado extensa e interminável. Pois acredito sinceramente que o nosso Plínio não chegou a tratar sequer da milésima parte dos tipos de papagaios e restantes aves e animais lá existentes, de tanta diversidade de aspectos e côres, que seria impotente para retratá-los o próprio Policleto, apesar de pintor de consumada arte. As árvores tôdas são ali odorosas e destilam goma, oleo ou outra essência, cujas propriedades, se conhecidas nos fôsem, serviriam de guarnecer o corpo humano, em minha opinião.

E, em verdade, se o paraíso terrestre está localizado em alguma parte da terra, julgo que não dista muito daquelas regiões.

Estão elas situadas, como disse, na direção do sul, em tamanha suavidade de temperatura que lá jamais se experimentam gélidos invernos nem férvidos calores.

Límpidos são o céu e a atmosfera na maior parte do ano, isento de densos vapores; as chuvas ali caem miúdas e duram de três a

quatro horas, desfazendo-se em forma de cerração. É o céu recamado de formosíssimos astros e constelações: observei neles cerca de vinte estrêlas de tanto brilho quanto às vêzes vemos em Vênus e Júpiter. Examinei-lhes os movimentos e as órbitas e calculei-lhes com métodos geométricos as circunferências e os diâmetros, verificando serem da maior grandeza. Contemplei naquele céu três Canopos, dois realmente brilhantes e um obscuro. O polo Antártico não é adornado com uma Ursa Maior e outra Menor, como se ostenta o nosso Artico, nem próximo a êle se vê qualquer estrêla scintilante; e dentro as que em volta dêle giram com mais breve circuito três há que apresentam a figura de um triângulo retângulo: nelas, a semicircunferência, o diâmetro, tem cerca de nove graus e meio. Com estas, ao surgirem, divisa-se do lado esquerdo um Canopo branco de excepcional tamanho; e, quando chegam ao meio do céu, oferecem a seguinte configuração:

(figura)

Após estas, notam-se duas outras, cuja semicircunferência, cujo diâmetro conta doze graus e meio: com elas se percebe outro Canopo branco. Seguem-se a estas outras seis estrêlas, as mais belas e fulgentes entre tôdas as restantes da oitava esfera e que, na parte mais elevada do firmamento, têm uma semicircunferência, um diâmetro, de trinta e dois graus. Volteia rapidamente com elas um Canopo sem brilho, de enormes proporções; vêm-se na Via Láctea, e têm um conspecto do teor seguinte, quando na linha meridiana:

(figura)

Muitas outras pulquérrimas estrêlas vim a conhecer, anotando-lhes cuidadosamente os movimentos, que procurei representar, à perfeição, por meio de diagramas, num como memorial da minha navegação. Êste canhenho, detêm-no atualmente consigo o Sereníssimo Rei, que espero mo restituirá. Naquele hemisfério observei coisas não consentâneas com as teorias dos filósofos. Duas vêzes, por

volta da meia noite, um arco-íris branco foi visto não sómente por mim, mas também por todos os marinheiros. Semelhantemente, vimos muitas vêzes a lua nova no dia em que está em conjunção com o sol. Noite por noite, naquela parte do céu, "um mundo de vapores no ar flutua" (3) e perpassam ardentes meteoros.

Disse há pouco: "naquele hemisfério"; falando-se com propriedade, não é êle a rigor um autêntico hemisfério, se comparado a êste nosso: mas, como se lhe aproxima da forma, assim me aprouve chamá-lo.

Consequentemente, de Lisboa, como deixei consignado, donde houveramos partido e que dista da linha equinocial trinta e nove graus e meio, velejamos até cinquenta graus além da referida linha: o que tudo perfaz em conjunto cêrca de noventa graus, soma esta que atinge a quarta parte do círculo máximo, segundo o exato cálculo de mensuração a nós outros legado pelos antigos: é, pois, evidente que temos percorrido a quarta parte do globo. E, conforme tal raciocínio, nós que habitamos Lisboa, aquém do equador, trinta e nove graus e meio de latitude norte, estamos para com êles, que demoram além do equador, cinquenta graus (4) de latitude sul, — na relação de um ângulo de cinco graus em linha transversal. Para que mais claramente compreendas: uma linha perpendicular que, estando nós em posição vertical, se baixasse de um ponto do céu situado acima da nossa cabeça, a nós outros nos cairia sôbre a cabeça mesma: a êles, porém, cair-lhes-ia sôbre a ilharga ou as costas. Donde succede que estamos nós em uma linha vertical, e êles em linha transversal; formando-se a figura de um triângulo retângulo, de que somos os catetos e êles a base, tirando-se a hipotenusa do nosso vértice (zênite) para o deles: tal como se vê do esquema. É basta de cosmografia.

(3) — "Um mundo de vapores no ar flutua": verso de Raimundo Corrêa, do soneto "Anoitecer", que traduz com fidelidade a expressão "discurrunt innumeri vapores".

(4) — "Cinquenta graus de latitude sul". O texto latino de Vignaud diz "quinhentos graus", "gradu quingentesimo". Outro êrro tipográfico, porque o texto original da edição de Augusta diz: "gradu quinquagesimo".

(figura)

E foram essas as mais notáveis coisas que observei na minha última navegação, a qua chamo o meu terceiro capítulo (jornada.) Os outros dois foram as duas outras navegações que, por determinação do Sereníssimo Rei das Espanhas, empreendi na direção do occidente, e durante as quais fui registrando as maravilhas realizadas pelo nosso Deus, sublime artífice de tôdas as coisas. Organizei destarte um diário de memoráveis recordações, e, se algum dia tiver lazer, colligirei as reminiscências de tôdas essas obras extraordinárias e portentosas e farei delas um compêndio de geografia ou de cosmografia: para que possa perdurar na posteridade a lembrança do meu nome: e proclamado seja o imenso trabalho de Deus onipotente, trabalho êsse desconhecido, em parte, dos antigos e dos sabidos. Rogo, pois, a Deus clementíssimo que me prolongue os dias de vida, a fim de que, com sua benvola ajuda e para salvação de minha alma, consiga eu levar a cabo a mais bela disposição da minha vontade. Os roteiros das duas outras jornadas conservo-os eu em meu gabinete: e, logo que o Sereníssimo Rei se dignar de restituir-me o terceiro, esforçar-me-ei por alcançar novamente a pátria e o repouso. Procurarei então aconselhar-me com os entendidos, e oxalá possa ser dêles estimulado e assistido para a conclusão daquele trabalho.

Peço-te perdão de te não haver enviado a minha última navegação, ou, para melhor dizer, o meu último capítulo, de acôrdo com o que te prometera na carta precedente. Já sabes a razão: é que ainda não pude reaver das mãos do Sereníssimo Rei o original.

Excogito comigo ainda agora efetuar uma quarta expedição, objetivo de que zelosamente cuido: já se me fêz promessa de duas embarcações devidamente equipadas, para que me apreste a, impellido pelo vento Africo, procurar novas terras na direção de suêste. E nesta jornada muito penso realizar para glória de Deus, proveito dêste reino e honra de minha velhice, e nenhuma outra cousa aguardo a não ser o beneplácito do Sereníssimo Rei. Consinta Deus o que preferível fôr. Saberás o que vier a succeder.

Jucundo, o tradutor, verteu esta carta do idioma italiano para o latino, a fim de que possam todos os latinistas compreender quão inumeráveis maravilhas se descobrem diariamente, e para que se humilhe a arrogância daqueles que vivem a perscrutar o céu e a majestade divina, intentando saber mais do que é lícito: porquanto, apesar do longuíssimo tempo decorrido desde que o mundo é mundo, é desconhecida a vastidão da terra e o que nela se contém.

GLÓRIA A DEUS

Ao professor dr. Celestino Correia Pina, muito agradecemos a presente tradução que fez especialmente para este livro da carta "Mundus Novus", recorrendo ao texto latino publicado por Henry Vignaud em 1917, na sua monumental obra intitulada "Americ Vespuce".

LETTERA A SODERINI

Carta de Amerigo Vespucci das ilhas recentemente descobertas em quatro de suas viagens.

Magnífico Senhor.

Depois da humilde reverência e devidas recomendações etc.

Pode ser que Vossa Magnificência se maravilhará da minha temeridade e de que, conhecida vossa sabedoria, eu me mova, absurdamente, a escrever a Vossa Magnificência a presente carta tão prolixa, sabendo que continuamente está ocupado nos altos conselhos e negocios sôbre o bom governo dessa excelsa República. E ter-me-á não só como presunçoso mas também como inútil, o pôr-me a escrever coisas não convenientes a vosso estado, não deleitáveis e escritas em estilo bárbaro e fora de tôda ordem de humanidade. Porém, a confiança que tenho nas vossas virtudes e na verdade do que escrevo, que são coisas que não se encontram mencionadas nem nos modernos escritores, como no contexto conhecerá V.M., faz-me ser ousado. A causa principal que me moveu a escrever-vos, foi o rôgo do presente portador chamado Benevenuto Benevenuti, nosso florentino, grande servidor segundo tem demonstrado de V.M., e muito meu amigo, o qual achando-se aqui nesta cidade de Lisboa, me pediu que desse parte a V.M. das coisas que vi nas diversas partes do mundo, em virtude de quatro viagens que fiz para descobrir novas terras: duas por ordem do Rei de Castela, Dom Fernando VI, pelo grande gôlfo do mar oceano para o ocidente, e outras duas a mandado do poderoso Dom Manuel, Rei de Portugal, para o austro. Disse-me que V.M. teria prazer nisso e que com isso esperava servir-vos, pelo que me dispuz a fazê-lo, pois estou certo de que V.M. me tem no número dos seus servidores, recordando-se como no tempo da nossa juventude era eu vosso amigo e agora servidor, quando

íamos ouvir os princípios de gramática sob o bom exemplo e doutrina do venerável religioso de S. Marcos, frei Giorgio Antonio Vespucci, cujos conselhos e doutrina quisera Deus que eu os tivesse seguido, pois como disse Petrarca: “eu seria outro homem diferente do que sou”. De qualquer modo que seja, não me lamento porque sempre me tenho deleitado com coisas virtuosas, e ainda que estas minhas patranhas não sejam convenientes às vossas virtudes, direi como disse Plínio a Mecenas: “vos costumáveis em outro tempo deleitar-vos com os meus gracejos”. Ainda que V.M. esteja de continuo ocupado com os negócios públicos, alguma hora tomareis para descanso a fim de consumir um pouco de tempo em coisas ridículas ou divertidas, como a erva-doce que se costuma pôr em cima das deliciosas comidas para dispô-las a uma melhor digestão, assim podereis, para descanso das vossas tantas ocupações, mandar ler esta minha carta, para que vos afasteis um tanto do continuo cuidado e assíduo pensamento das coisas públicas e se eu fôr prolixo, peço perdão ao meu Magnífico Senhor.

Vossa Magnificência saberá que a razão de minha vinda a êste Reino da Espanha foi para negociar mercadorias, e que segui êsse propósito cêrca de quatro anos, durante os quais vi e conheci as desvairadas mudanças da fortuna e como mudava ela êstes bens caducos e transitórios, e como uma vez mantem o homem na sumidade da roda e outra vez o afasta de si e o priva dos bens que se podem dizer passageiros, de modo que, conhecido o continuo trabalho que põe o homem em conquistá-los, submetendo-se a tantos incômodos e perigos, deliberei abandonar as mercadorias e pôr o meu fim em coisa mais louvável e firme. Dispus-me a ir ver parte do mundo e suas maravilhas, e para isso me ofereceram oportunidade o tempo e o lugar, porque o Rei Dom Fernando de Castela tendo de mandar quatro navios para descobrir novas terras no ocidente, fui escolhido por Sua Alteza para ir nessa frota a fim de ajudar a descobrir. Partimos do pôrto de Cadiz no dia 10 de maio de 1497 e tomamos nosso caminho pelo grande gôlfo do mar oceano,

na quel viagem estivemos 18 meses e descobrimos muita terra firme e infinitas ilhas, grande parte delas habitadas, das quais os antigos escritores não fazem referência, creio porque não tiveram notícias. Se bem me recordo, algures eu li que se julgava estar êste mar oceano despovoado e que dessa opinião foi Dante, nosso poeta, no XXVI capítulo do Inferno, onde simula a morte de Ulisses. Nesta viagem vi coisas maravilhosas, como verá Vossa Magnificência.

Como acima disse, partimos do pôrto de Cadiz com quatro navios de conserva e começamos nossa navegação em direção às Ilhas Afortunadas, que hoje se chamam a Grã-Canária, que estão situadas no mar oceano no fim do Ocidente habitado, postas no terceiro clima, sôbre as quais se eleva o pólo do setentrião fora do horizonte 27 graus e meio, e distam desta cidade de Lisboa pelo vento entre meio-dia e sudoeste 280 léguas, onde estivemos 8 dias abastecendo-nos de água, lenha e outras coisas necessárias. Feitas as nossas orações, dali partimos e demos vela ao vento, começando nossa navegação para o poente, tomando uma quarta do sudoeste. Navegamos tanto que ao cabo de 37 dias fomos ter a uma terra que julgamos ser terra firme, a qual dista das Ilhas das Canárias, mais ao ocidente cêcade 1.000 léguas fora do habitado e dentro da zona tórrida, porque encontramos o pólo do setentrião a uma altura de 16 graus fora do seu horizonte, e tinha 75 graus ao ocidente das Ilhas das Canárias, segundo mostravam os nossos instrumentos. Ancoramos nossos navios a uma légua e meia da terra e arriamos nossos batéis guarnecidos de gente e armas e dirigimo-nos à terra. Antes que chegássemos a ela, vimos muita gente que andava ao longo da praia, com o que muito nos alegramos, e vimos ser gente nua. Mostraram ter mêdo de nós, creio porque nos viram vestidos e com outra aparência. Todos se retiraram para um monte e, apesar dos sinais de paz e amizade que lhes fizemos, não quiseram vir conversar conosco, de modo que, já vindo a noite e porque os navios estavam surtos em lugar perigoso, por estar em costa brava e sem abrigo, concordamos no outro dia partir daqui e ir procurar algum pôrto ou enseada onde abrigássemos nossos navios. Navegamos pelo noroés-

te e assim corríamos a costa, sempre avistando a terra e de continuo vendo gente pela praia. Depois de navegar dois dias encontramos lugar bastante seguro para os navios e surgimos a meia légua de terra, onde vimos muita gente. Nesse mesmo dia fomos a terra com batéis e desembarcamos 40 homens com boa ordem. Os habitantes da terra mostravam-se todavia receiosos de negociar conosco e não nos foi possível convencê-los a que viessem conversar conosco. Porém nesse dia tanto insistimos em oferecer-lhes nossas coisas, guisos, espelhos, contas, bolinhas e outras ninharias, até que alguns dêles se animaram e vieram negociar conosco. Tendo feito boa amizade com eles e vindo a noite, nos despedimos e voltamos aos navios. Ao amanhecer do dia seguinte, vimos que havia na praia incalculável número de homens que traziam consigo suas mulheres e filhos. Fomos a terra e vimos que todos vinham carregados com seus mantimentos — que são aquêles que em outro lugar descreverei. Antes que atingíssemos a terra, muitos dêles se puzeram a nadar, pois são grandes nadadores, e vieram receber-nos à distância de um tiro de besta com tanta amizade, como se nos conhecessem de há muito tempo. Desta sua amizade tivemos muito prazer.

O que de sua vida e costumes conhecemos foi que andam todos completamente nus, tanto homens como mulheres, sem cobrir suas vergonhas, do mesmo modo como saíram dos ventres de suas mães. São de mediana estatura, muito bem proporcionados; sua carne é de uma côr que pende para o vermelho como o pêlo de leão. Creio que se andassem vestidos, seriam brancos como nós. Não têm no corpo nenhum pêlo, salvo os cabelos que são longos e pretos, principalmente as mulheres, que são por isso formosas. De rosto não são muito bonitos, porque o têm largo, parecendo-se com os tártaros. Não deixam crescer o pêlo das sobranceiras, nem das pestanas, nem de nenhuma parte, salvo na cabeça, pois têm o pêlo por coisa feia. São muito ágeis no andar e no correr, tanto os homens como as mulheres, de modo que estas não levam em conta correr uma ou duas léguas, o que muitas vêzes vimos, e nisto levam grandíssima vantagem a nós outros cristãos. Nadam de modo in-

crível, as mulheres melhor que os homens, porque muitas vezes vimos que andavam nadando duas léguas dentro do mar, sem nenhum apoio. Suas armas são arcos e flechas, muito bem fabricados, apesar de não terem ferro nem outra espécie de metal duro. Em lugar de ferro, usam pôr dentes de animais ou de peixes, ou um pedaço de madeira dura, aguçado na ponta. São bons atiradores, acertando onde querem; em alguns lugares as mulheres usam êstes arcos. Têm outras armas, como lanças crestadas ao fogo e uns bastões com as empunhadeiras muito bem trabalhadas. Fazem guerra entre si com gentes que não da sua língua, mui cruelmente, sem poupar a vida a ninguém, salvo para dar maior sofrimento. Quando vão à guerra levam consigo as suas mulheres, não para combater, mas para levar-lhes o mantimento, pois uma mulher pode levar uma carga nas costas, trinta ou quarenta léguas, o que um homem não faz, o que vimos muitas vezes. Não costumam ter nenhum capitão, não andam em ordem, pois cada um é senhor de si. A causa de suas guerras não é a ambição de reinar, nem de aumentar seus domínios, nem desordenada cobiça, mas por intriga de inimizade que tiveram entre si em tempos passados. Interrogados porque guerreavam, não sabiam apresentar outra razão a não ser que assim faziam para vingar a morte de seus antepassados ou de seus pais. Não têm rei nem senhor e não obedecem a ninguém, pois vivem em plena liberdade. Quando resolvem fazer guerra pela morte ou prisão de algum dêles, o parente mais velho dêste se levanta e vai falando pelas estradas para que vão com êle vingar a morte daquele seu parente, e assim se movem por compaixão. Não aplicam justiça nem castigam ao malfeitor, nem o pai ou a mãe castigam os filhos. Maravilha ou não nunca vimos questões entre êles.

Mostram-se simples no falar e são muito maliciosos e sagazes naquilo que lhes interessa. Falam pouco e em voz baixa. Usam os mesmos acentos que nós, porque formam as palavras, ou no palato, ou nos dentes, ou nos lábios, salvo que usam outros vocábulos para indicar as coisas. Muitas são as diferenças das línguas, pois de 100 em 100 léguas encontramos mudança de linguagem, de modo que

não se entendiam uns com os outros. A maneira como vivem é muito barbara, porque não comem a horas certas, mas tôdas as vêzes que querem e não se incomodam que a vontade lhes venha mais à meia-noite do que de dia, pois a tôda hora comem. Comem no chão sem toalha ou qualquer outro pano, porque têm os seus alimentos em bacias de barro que fabricam, ou em meias cabaças. Dormem em rêdes muito grandes, feitas de algodão e suspensas no ar. Apesar dessa maneira de dormir parecer incômoda, digo que é agradável. Dormimos melhor nessas rêdes que nos colchões. São gentes limpas e asseôdas de corpo, porque de continuo se lavam. Quando, perdoando a expressão, esvaziam o ventre, fazem tudo para não serem vistos. Enquanto em tudo são limpos e decentes, ao fazerem água são entretanto sujos e desavergonhados, porque, estando conversando conosco, sem se afastarem ou sem se envergonharem, deixavam sair tal fealdade, pois nisso não têm nenhuma vergonha.

Não usam entre si o casamento, pois cada um toma quantas mulheres quer, e quando as querem repudiar, as repudiam, sem que lhes seja tido por mal, nem por vergonha à mulher, pois nisto tem tanta liberdade a mulher como o homem. Não são muito ciumentas, são luxuriosas fora de medida, muito mais as mulheres que os homens. Deixo de contar, por decôro, os artificios de que se servem para satisfazer sua desordenada luxúria. São mulheres muito fecundas e durante a gravidez não recusam nenhum trabalho. Seus partos são tão fáceis que, depois de um dia dos mesmos, vão por todos os lugares, principalmente lavar-se nos rios, e estão sadias como peixes. São tão desamorosas e cruéis, que, se se zangam com os maridos, logo recorrem a um artifício com o qual matam a criança no ventre e abortam, razão por que matam inúmeras criaturas. São mulheres de corpo gentil, muito bem proporcionadas, porque não se vê nos seus corpos coisa ou membro mal feito. Apesar de andarem completamente nuas, são mulheres cheias de carnes, não se vendo aquelas partes de suas vergonhas, que não pode imaginar, quem não as viu, pois as encobrem com as coxas, salvo aquela parte

que a natureza não cuidou, que é, falando honestamente, o púbis. Em conclusão, não têm pudor de suas vergonhas, assim como nós não temos de mostrar o nariz ou a bôca. Raras vêzes vereis os peitos caídos em uma mulher, ou o ventre caído ou enrugado, por muito parir, pois tôdas parece que nunca pariram. Mostram-se muito desejosas de unir-se a nós cristãos. Não percebemos se estas gentes têm alguma lei, não se pode chamá-los de mouros ou judeus. São piores que os gentios porque não vimos fazerem nenhum sacrificio e tão pouco têm casa de oração. Julgo que levam uma vida de epicurista. Suas habitações são em comum e as casas em forma de cabanas, mas sôlidamente construídas e feitas com grandes troncos de árvores, cobertas de fôlhas de palmeiras e resistentes às tempestades e aos ventos. Em alguns lugares são tão largas e compridas que numa só casa vimos que estavam 600 pessoas. Vimos povoações apenas com 13 casas onde estavam quatro mil almas. De oito a dez anos mudam as povoações. Interrogados porque assim faziam, responderam que era por causa do solo, pois pelas imundícies ficava infeto e corrompido, causando-lhes doenças em seus corpos, o que parecia boa razão. Suas riquezas são penas de pássaros de muitas côres, rosários que fazem de ossos de peixes ou de pedras brancas ou verdes que colocam nas faces, nos lábios ou nas orelhas, e outras muitas coisas que nós de modo algum estimamos. Não usam comércio, não compram nem vendem. Em conclusão, vivem e contentam-se com o que a natureza lhes dá. As riquezas que nesta nossa Europa e em outras partes usamos, como ouro, jóias, pérolas e outros luxos, não as têm em nenhuma conta, e apesar de possuí-las em suas terras, não trabalham para havê-las, nem as apreciam. São liberais no dar e só raramente vos negam alguma coisa. Por sua vez são muito francos no pedir quando se mostram vossos amigos. A maior prova de amizade que vos demonstram, é dar-vos as suas mulheres e suas filhas, sendo que um pai ou uma mãe se têm por honrados quando vos trazem uma filha ainda moça virgem para dormirdes com ela. Desse modo dão prova do máximo de sua amizade.

Quando morrem usam diversos modos de exéquias. Alguns são enterrados com água e alimentos na cabeceira, porque pensam que têm de comer. Não têm nem usam cerimônias com luzes nem com prantos. Em alguns outros lugares usam o mais bárbaro e inumano enterramento, sendo que quando um doente ou enfêrmo está quase que no último passo da morte, os seus parentes o levam a um grande bosque e colocam entre duas árvores uma daquelas suas rêdes onde dormem. Depois o metem nela e dançam ao redor um dia todo. Chegando a noite põem na cabeceira água com alimentos, de modo que se possa alimentar durante quatro ou seis dias. Deixam-no só e voltam às suas habitações. Se o enfêrmo se arri-ma por si mesmo, come, bebe e vive, torna à aldeia onde os seus o recebem com cerimônia. Mas poucos são aquêles que escapam, e morrem sem serem mais visitados e aquela é a sua sepultura. Têm muitos outros costumes que, para não ser prolixo, não os relato. Usam nas suas enfermidades vários modos de cura, tão diferentes dos nossos, que nós admirávamos como podia alguém se salvar. Muitas vêzes vi que a um enfêrmo de febre, quando a tinha elevada, o banhavam da cabeça aos pés com muita água fria e depois faziam um grande fogo ao seu redor, fazendo-o virar e re-virar durante duas horas até que o cansavam e deixavam dormir, e muitos saravam. Com isto usam muito a dieta e ficam três dias sem comer; também a sangria, não no braço, mas na coxa, nas costas e na polpa da perna. Provocam o vômito com ervas que põem na bôca e usam outros remédios que seria longo contar. Sofrem muito de fleuma e do sangue por causa dos seus alimentos, que são principalmente raízes de ervas, frutas e peixes. Não têm sementes de trigo nem de outros grãos e comem comumente uma raiz de uma planta da qual fazem farinha muito boa, chamam-na Iúca, e outros que dominam Cazabi e outros Inhame. Comem pouca carne, exceto carne humana, pois saberá Vossa Magnificência que nisto são tão inumanos que ultrapassam todos os costumes bestiais, porque comem todos os inimigos que matam ou fazem prisioneiros, tanto homens como mulheres, com tanta ferocidade que só em dizer cau-

sa horror, que dirá em ver, como me aconteceu infinitas vêzes em muitas partes. Admiram-se muito ouvindo-nos dizer que nós não comemos os nossos inimigos, creia isto por verdade Vossa Magnificência, e também que seus outros costumes são tão bárbaros que seria difícil descrevê-los. Como nestas quatro viagens vi tantas coisas diferentes dos nossos costumes, me dispus a escrever uma miscelânea a que chamo "As Quatro Jornadas", onde relato a maior parte das coisas que vi, mui detalhadamente, segundo o meu débil engenho, a qual ainda não publiquei porque tenho tal desprazer das minhas próprias coisas, que não encontro graça nessas que escrevi, apesar dos muitos que me animam a publicá-la. Nela se verá cada coisa por miúdo, de modo que não me alargarei mais neste capítulo, porque no prosseguimento da carta veremos muitas outras coisas que são particulares e, quanto ao geral, isto basta.

No princípio não vimos coisa de muito proveito na terra, salvo alguma amostra de ouro; creio que a causa é que não sabíamos a língua. Quanto ao sítio e disposição da terra, não pode ser melhor. Concordamos em partir e ir mais adiante costeando de continuo a terra, na qual fizemos muitas escalas, tendo conversado com muita gente e, no fim de alguns dias, fomos ter a um pôrto onde passamos por grandíssimo perigo, porém graças ao Espírito Santo nos salvamos. Foi deste modo: Entramos em um pôrto onde encontramos um povoação edificada sôbre a água como Veneza. Eram cerca de 44 casas grandes em forma de cabanas suspensas sôbre paus muito grossos e tinham suas portas ou entradas a modo de pontes levadiças, podendo-se de uma casa ir a tôdas, devido às pontes levadiças que se estendiam de casa em casa. Quando as gentes delas nos viram, mostraram ter mêdo de nós e imediatamente levantaram tôdas as pontes e, estando nós a ver essa maravilha, vimos vir por mar cerca de 22 canoas, que são os feítios de seus navios, feitas dum só árvore, as quais vinham ao redor de nossos batéis. Como se admirassem de nosso aspecto e traje, se afastaram e assim procedendo, fizemo-lhes sinais para que se aproximassem de nós, assegurando-lhes a nossa amizade. Visto que não vinham, fomos a êles, mas não nos esperaram, antes foram a terra e com sinais nos

disseram que esperássemos, pois logo valtariam. Foram direitos a um monte e não tardaram muito. Quando voltaram traziam consigo 16 moças e entraram com elas nas suas canoas, vieram com elas aos batéis e em cada um deixaram quatro, coisa que nos causou tanta admiração como V.M. pode compreender. Meteram-se com suas canoas entre nossos batéis, falando conosco de tal modo que julgamos sinal de amizade. E estando nisto, vimos vir muita gente que vinha das casas nadando pelo mar e aproximando-se de nós sem nada de suspeito. A êsse tempo apareceram nas portas das casas várias mulheres velhas dando grandíssimos gritos e arrancando os cabelos em sinal de tristeza, o que nos fêz suspeitar, recorrendo cada um às armas. Imediatamente as moças que estavam nos batéis se jogaram ao mar, os das canoas se afastaram e começaram a atirar setas com seus arcos e, os que vinham nadando, trazia cada um uma lança debaixo d'água, que escondia o mais que podia. De modo que, conhecida a traição, começamos não só a nos defender, como a atacá-los fortemente e fizemos soçobrar com os batéis muitas das suas almadias ou canoas, como assim chamam. Fizemos estragos e todos fugiram a nado, abandonando as suas canoas e, com muito dano, foram nadando à terra. Morreram dêles cerca de 15 ou 20 e tiveram muitos feridos. Dos nossos foram feridos 5 e todos se salvaram graças a Deus. Aprisionamos 2 de suas moças e 2 homens e fomos às suas casas encontrando só 2 velhas e um enfermo. Tomamos-lhes muitas coisas mas de pouco valor e não quizeremos incendiar as casas porque não queríamos ter encargo de consciência. Voltamos aos nossos batéis com 5 prisioneiros, fomos aos navios e pusemos em cada um, um par de ferros nos pés, menos às moças, as quais fugiram quando veio a noite com um dos homens, de modo o mais subtil do mundo. No dia seguinte concordamos em sair dêste pôrto e seguir mais adiante. Navegando de continuo ao longo da costa vimos outra gente, distante da anterior, cerca de 80 léguas, que era mui diferente na lingua e nos costumes. Concordamos surgir e fomos com os batéis à terra, vendo na praia muitíssimas gentes que bem podiam ser quatro mil almas. Apenas nos

aproximamos não nos esperaram e puseram-se a fugir para os bosques, abandonando suas casas. Saltamos em terra e fomos por um caminho que conduzia ao bosque e a um tiro de besta encontramos suas cabanas onde haviam feito grandes fogueiras e em duas delas estavam cozinhando seus alimentos e assando muitos animais e várias espécies de peixes. Vimos que assavam um animal que parecia uma serpente, porém que não tinha asas, de aparência tão feia que nos espantou muito. Caminhando pelas suas casas, ou melhor, cabanas, encontramos muitas destas serpentes vivas que estavam amarradas pelos pés e tinham uma corda ao redor do focinho de modo tal que não podiam abrir a bôca, como se faz aos cães mastins para que não mordam. Eram de tão horrível aspecto que nenhum dos nossos se atreveu a tocá-las, pensando que eram venenosas. São do tamanho de um cabrito e de braço e meio de comprimento, têm os pés compridos e grossos armados de fortes unhas, a pele é dura e de diversas côres, o focinho e a cara de serpente. Parte do nariz uma crista como uma serra que, passando pelo meio do dorso, vae até a ponta da cauda. Em conclusão: julgamos que eram serpentes e venenosas, apesar de que eles as comiam. Verificamos que faziam pães de pequenos peixes que pescavam no mar, aos quais davam-lhes uma fervura, depois os amassavam, faziam uma pasta ou pães que assavam nas brasas e assim os comiam. Provamos e achamos que eram bons. Tinham tantas outras espécies de comidas, principalmente frutas e raizes, que seria coisa longa descrevê-las por miudo.

Visto que a gente não voltava, concordamos não tocar nem tomar coisa alguma para melhor segurança, deixando em suas cabanas muitas das nossas coisas em lugar que pudessem vê-las. Tornamos à noite aos navios e, no dia seguinte, ao amanhecer, vimos na praia inúmeras gentes e fomos à terra. Ainda que se mostrassem receosos, todavia confiaram em negociar conosco, dando-nos quanto lhes pedíamos. Mostrando-se muito amigos, disseram-nos que essas não eram suas habitações e que tinham vindo aqui para pescar, pedindo-nos que fôssemos às suas habitações e povoações porque

queriam receber-nos como amigos. A razão desta amizade era causada pelos 2 homens que trazíamos presos, porque eram seus inimigos. À vista de tanta insistência dêles, feito nosso conselho, concordamos que 28 dos nossos cristãos bem armados os seguissem com o firme propósito de morrerem se fôsse. Depois de quase 3 dias, fomos com êles terra a dentro e, a 3 léguas da praia, encontramos uma aldeia de muita gente, com poucas casas, porque não havia mais de 9 onde fomos recebidos com tantas e tão bárbaras cerimônias que não basta a pena para descrevê-las. Houve danças, cantos e lamentos misturados com regosijos e grandes quantidades de alimentos. Ficamos ali durante a noite, e nos ofereceram as suas mulheres de tal modo, que não pudemos resistir. Depois que passamos ali a noite e a metade do dia seguinte, foi tanta a gente que admirada nos queria ver, que era incrível. Os mais velhos nos pediam que fôssemos com êles às outras aldeias que estavam terra a dentro, dizendo que nos prestariam grandes honras. Concordamos em ir e nos prestaram tantas honras que não é possível descrever-vos. Fomos a muitas aldeias, tanto que gastamos 9 dias de viagem, de modo que nossos cristãos que tinham ficado nos navios, estavam com temor de nós. Estando 18 léguas terra a dentro, deliberamos regressar aos navios e na volta foi tanta a gente, homens e mulheres, que vinha conosco até o mar, que foi coisa admirável. Se algum dos nossos se cansava pelo caminho, carregavam-no em suas rêdes mui descansadamente. Ao atravessar os rios, que são muitos e bastante grandes, os atravessavam com artifício e com tanta segurança que não tínhamos nenhum perigo. Muitos dêles vinham carregados das coisas que nos haviam dado, que estavam nas rêdes onde dormiam, como penas mui ricas, muitos arcos e flechas e inúmeros papagaias de várias côres. Outros traziam alimentos e animais. Vimos ainda uma coisa muito maravilhosa: quando tínhamos que atravessar um rio, se consideravam felizes os que nos carregavam sôbre seus ombros. Quando chegamos ao mar e entramos nos batéis, foi tanta a luta que fizeram para neles entrar e ir ver nossos navios, que ficamos admirados. Levamos dêles quantos pudemos nos batéis até os navios,

porém vieram tantos nadando, que ficamos aborrecidos porque apesar de nus e desarmados eram mais de mil almas. Admiraram-se muito dos nossos apetrechos e artificios e da grandeza dos navios. Com êstes nos succedeu coisa de dar risada. Foi que concordamos disparar algumas peças de artilharia e, quando ouviram o estampido, atiraram-se ao mar a maior parte dêles de mêdo, do mesmo modo como fazem as rãs que estão na beira do pântano e vendo coisa perigosa a êle se jogam. Os que ficaram nos navios estavam tão assustados, que nós nos arrependemos do que fizemos. Dissemo-lhes que com aquelas armas matávamos nossos inimigos. Tendo folgado todo o dia nos navios, lhes dissemos que fôsem embora porque queríamos partir à noite. Assim foram à terra com muitas provas de amizade e carinho. Muitos foram os costumes e modos de viver que vi e notei nesta gente e em sua terra, a cujo respeito não cuuro para não estender-me, porque V. M. saberá que em cada uma das minhas viagens tomei nota das coisas mais importantes e tudo resumi em um volume em estilo geográfico ao qual chamo "As Quatro Jornadas", obra que conta as coisas amiudadamente, a qual não publiquei porque necessito revê-la.

Esta terra é povoadíssima e cheia de gente, assim como de inúmeros rios e animais pouco semelhantes aos nossos, salvo leões, panteras, veados, porcos, cobras e gamos, se bem que tenham ainda alguma diferença. Êles não têm cavalos, nem mulas, nem perdoando a expressão, asnos, nem cães, nem nenhuma espécie de rebanho, nem vacas, porém são tantos os outros animais que têm, embora sejam selvagens e não se sirvam dêles, que é impossível descrevê-los. Que diremos dos pássaros que são tantos e de tão variadas côres as penas, que se fica admirado em vê-los? A terra é muito amena e frutífera, cheia de grandes selvas e bosques, que sempre estão verdes, porque nunca perdem as fôlhas. As frutas são tantas, impossíveis de serem contadas e muito diferentes das nossas. Esta terra está dentro da zona tórrida, diretamente de baixo do paralelo que descreve o trópico de Câncer, onde se eleva o pólo do horizonte 23.º, no fim do segundo clima.

Vinham nos ver muitos povos e se admiravam dos nossos rostos e da nossa brancura. Perguntaram de onde vínhamos e nós lhes dávamos a entender que vínhamos do céu e que andávamos a ver o mundo, no que acreditavam. Nesta terra pusemos pia batismal e infinitas gentes se batizaram. Chamavam-nos em sua língua "Carabi," que quer dizer homens de grande sabedoria. Partimos dêste pôrto, a província se chama Lariab, e navegamos ao longo da costa, sempre à vista da terra até que corremos 870 léguas, porém em direção ao noroeste, fazendo nela muitas escalas, negociando com muitas gentes: Em muitos lugares resgatamos ouro, porém não em grande quantidade, pois que fizemos muito em descobrir a terra e saber que tinha ouro. Tínhamos já estado 13 meses em viagem e os navios e seus apetrechos estavam muito estragados e os homens cansados, pelo que resolvemos de comum acôrdo por os navios a sêco, examiná-los para os consertar. Já que faziam muita água, calafetá-los, embreá-los de novo e voltarmos à Espanha. Quando isso deliberamos, tínhamos chegado a um pôrto o melhor do mundo, no qual entramos com os nossos navios e onde encontramos infinita gente a qual nos recebeu com muita amizade. Levantamos em terra um bastião com os nossos batéis, tonéis, barris e nossa artilharia que dominava todos os lados. Descarregados e aligeirados nossos navios; os puxamos para a terra, os reparamos de tudo que necessitavam, tendo a gente da terra nos dado grandíssima ajuda e de continuo nos proviam de seus alimentos, com que nos prestaram um grande favor, já que neste pôrto pouco tocamos nos nossos, com o que fizemos bom jôgo, porque eram bem poucos os que tínhamos para voltar. Estivemos 37 dias e fomos muitas vêzes às suas aldeias, onde nos prestaram grandes honras. Querendo nós partirmos para a nossa viagem, queixaram-se de que em certa época do ano, vinham pelo mar a esta sua terra gentes muito cruéis, suas inimigas que, com traições ou pela fôrça, matavam muitos dêles, os comiam, e alguns faziam prisioneiros e os levavam para as suas casas ou terra. Fizeram sinais que eram gentes de ilhas que podiam distar dali mar a dentro 100 léguas e com tanta aflição diziam isso, que acreditamos

e lhes prometemos vingá-los de tanta injúria. Ficaram muito alegres com isso e muitos se ofereceram para nos acompanhar, porém não quisemos por muitas razões, salvo 7 que levamos com a condição de depois voltarem em suas canoas porque não quisemos obrigá-las a voltar à terra. Ficaram contentes e assim partimos destas gentes deixando-as muito nossas amigas. Consertados nossos navios navegamos 7 dias mar a dentro com vento nordéste e léste e ao cabo dêles encontramos entre as ilhas que eram muitas, algumas povoadas e outras desertas. Surgimos em uma delas, onde vimos muita gente que a chamava "Iti". Guarnecidos os nossos batéis com gente e cada um com 3 tiros de bombarda, fomos à terra onde encontramos 400 homens e muitas mulheres, todos nus como os anteriores. Eram de bom corpo e pareciam homens belicosos porque estavam armados com suas armas que são arcos, flechas e lanças, e a maior parte dêles tinha pequenas tábuas quadradas de tal modo colocadas, que não lhes impediam de atirar com o arco. Quando estávamos nos batéis cêrca da terra um tiro de besta, todos saltaram n'água a atirar flechas, impedindo-nos que desembarcássemos. Tinham todos o corpo pintado de diversas côres, emplumados com penas e, diziam os línguas que estavam conosco, que quando se mostravam assim pintados e emplumados, era porque queriam combater. Tanto perseveravam em defender a terra, que nós fomos forçados a atirar com nossa artilharia. Ao ouvirem o estampido e verem cair mortos alguns dos seus, recuaram todos para terra, à vista de que, depois de têrmos conselho, concordamos desembarcar quarenta e dois dos nossos e combater com êles se nos esperassem. Assim, quando saltamos em terra com nossas armas, se arrojaram sôbre nós e combatemos cêrca de uma hora sem obter grande vantagem, salvo que nossos besteiros e espingardeiros mataram alguns dêles e êles feriram pouco dos nossos, isso porque não nos esperavam quando dávamos os golpes de lança e de espada. Porém fizemos no fim tanto esforço que os atingimos com os golpes das espadas e, quando experimentaram as nossas armas, puseram-se em fuga pelos montes e bosques, deixando-nos vencedores do campo com muitos dêles mor-

tos e bastantes feridos. Neste dia, não quisemos persegui-los por que estávamos muito fatigados e voltamos aos navios com aquêles 7 homens que vieram conosco, que não cabiam em si de tanta alegria. No dia seguinte, vimos chegar um número grande de gente, porém de modo agressivo, tocando cornos e outros vários instrumentos que usam na guerra. Vinham todos pintados e emplumados que era coisa bem estranha de se ver, pelo que todos os navios fizeram conselho e foi deliberado que, se esta gente queria inimizade conosco, que fôssemos ter com ela e fizessmos todos o possível para fazê-la amiga. No caso de não quererem nossa amizade, que os tratássemos como inimigos e quantos dêles pudéssemos aprisionar, fôssem todos nossos escravos. Armados como melhor podíamos, fomos à terra sem que se opusessem, creio por mêdo das bombardas. Desembarcamos 57 homens em quatro companhias, cada uma com seu capitão, chegamos às mãos com êles e depois de uma grande batalha, mortos muitos dêles, os pusemos em fuga e os perseguimos até uma de suas aldeias, fazendo-lhes 250 prisioneiros. Incendiamos a povoação e voltamos vitoriosos aos navios com 250 prisioneiros, deixando dêles muitos mortos e feridos. Da nossa parte só tivemos um morto e vinte e dois feridos que sararam graças a Deus. Ordenamos a partida e os 7 homens, dos quais 5 estavam feridos, embarcaram numa canoa da ilha e com 7 prisioneiros que lhes demos, quatro mulheres e três homens, voltaram à sua terra muito alegres, maravi lhando-se do nosso poderio. Fizemos de vela para a Espanha com 222 prisioneiros escravos, chegamos ao pôrto de Cadiz a 15 de outubro de 1498, onde fomos bem recebidos e vendemos nossos escravos. Isto é o mais notável que me aconteceu nesta minha primeira viagem.

TERMINA A PRIMEIRA VIAGEM
COMEÇA A SEGUNDA

Quanto à segunda viagem e aquilo que nela vi digno de memória é o que aqui segue. Partimos do pôrto de Cadiz três navios de con-

serva no dia 16 de maio de 1499 e começamos nosso caminho em direção as ilhas de Cabo Verde, passando à vista da ilha da Grã Canária e tanto navegamos que fomos ter a uma ilha que se chama Ilha do Fogo, e aqui feita nossa provisão de água e lenha, tomamos nossa navegação pelo sudoeste. Depois de 44 dias fomos ter a uma nova terra que julgamos que era terra firme e que estava contígua com a acima mencionada, a qual está situada dentro da zona tórrida e fora da linha equinocial, para a banda do sul. Sobre ela se eleva o pólo meridional 5 graus, fora de todo o clima e dista das ditas ilhas pelo sudoeste 500 léguas. Os dias eram iguais às noites, porque chegamos a ela em 27 de junho, quando o sol está perto do trópico de Câncer. A terra que encontramos era toda alagada e cheia de rios grandíssimos, e de começo não vimos gente nenhuma. Surgimos com nossos navios e arriamos os batéis, nos quais fomos à terra que, como dissemos, era sulcada por grandíssimos rios que a inundavam. Tentamos em muitos pontos ver se podíamos nela entrar, porém pela grande quantidade de água que tinham os rios, não encontramos lugar que não estivesse alagado; vimos sinais nas margens dos rios de que a terra era habitada. Visto como não podíamos desembarcar, acordamos voltar aos navios e explorá-la noutra ponto. Levantamos âncora e navegamos entre o levante e o sueste costeando continuamente a terra que seguia nessa direção, explorando-a em muitas partes por espaço de 40 léguas, porém foi tempo perdido. Encontramos nesta costa correntes de mar que eram de tanta força que não nos deixavam navegar e todas corriam de sueste a nordeste, de modo que vistos tantos inconvenientes para a nossa navegação, resolvemos virar os navios para o lado noroeste. Navegamos tanto ao longo da costa que chegamos a um formoso pôrto formado por uma grande ilha que estava à entrada, havendo dentro uma grandíssima enseada; e navegando para entrar nela costeando a ilha, vimos muita gente, o que nos alegrou. Dirigimos os navios até onde estava a gente, que poderia estar afastada cerca de 4 léguas do mar e navegando desse modo, vimos uma canoa que vinha de alto mar na qual havia muita gente. Resolvemos apresá-la e fizemos a volta

com nossos navios em direção a ela e de modo que não nos escapasse, e correndo ao seu encontro com vento fraco, vimos que estavam com os remos alçados, creio que admirados dos navios. Como vissem que nós nos aproximávamos, meteram os remos à água e começaram a navegar em direção à terra. Vinha conosco uma caravela de 45 tonéis muito veleira a qual se pôs a barlavento da canoa e, quando julgou tempo de dar sobre ela, alargou os aparelhos e foi a seu encontro, não só alcançando-a como ainda passando-a, pois não quis investir com ela. Vendo nossa vantagem, deram fôrça aos remos, porém nós que tínhamos os batéis da pôpa guarnecidos de boa gente, lutamos mais de duas horas, e por fim, se a pequena caravela não tivesse noutra bordada raído sobre ela, tínhamo-la perdido. Assim que se viram cercados pela caravela e batéis, atiraram-se todos ao mar, que seriam 70 homens e estavam distantes da terra cerca de 2 léguas. Seguimo-los nos batéis durante todo o dia mas só pudemos aprisionar dois que foi por acaso, porque os demais certamente se salvaram e chegaram à terra. Na canoa ficaram 4 jovens, os quais não eram de sua raça e traziam presos de outras terras. Tinham-os castrado de tal modo que não possuíam membro viril e estavam com as chagas ainda frescas, o que muito nos espantou. Recolhidos aos navios disseram-nos por sinais que os haviam castrado para os comer e soubemos que eram chamados Canibais, que eram tão ferozes que comiam carne humana. Dirigimo-nos à terra com os nossos navios para reconhecê-la levando a canoa presa à pôpa e fundeamos a meia légua. Vimos muita gente na praia e fomos à terra com os batéis, levando conosco os dois prisioneiros e quando desembarcamos fugiram todos e se esconderam nos bosques. Enviamos um dos prisioneiros, dando-lhes muitos guisos, e encarregando de conquistar-lhes a amizade, tarefa que fêz muito bem, trazendo consigo toda a gente que seriam 400 homens e muitas mulheres. Vieram desarmados até onde estávamos com os batéis e feita boa amizade com êles lhes demos o outro prisioneiro e a canoa que mandamos buscar aos navios. Esta canoa que tinha 26 pés de comprimento e 2 braças de largura era feita de um só tronco

de árvore e muito bem trabalhada. Quando a tiveram varada em um rio e posta em lugar seguro, fugiram todos e não quiseram mais ter comércio, coisa que nos pareceu um ato bárbaro, julgando-os gente de pouca fé e má condição. Vimos que traziam um pouco de ouro nas orelhas.

Partimos dali e entramos na enseada onde encontramos tantas gentes que era de admirar, com as quais fizemos amizade e muitos dos nossos foram com êles às suas aldeias, sendo recebidos com tôda a confiança. Neste lugar resgatamos 150 pérolas que nos deram por um guizo, e um pouco de ouro que nos deram de graça. Verificamos que nesta terra bebiam um vinho de frutas e sementes feito por êles, a moda de cerveja, branco e vermelho, de que o melhor era feito de mirabolano e muito agradável; comemos muitíssimas destas frutas saborosas ao paladar e saudáveis ao corpo porque era a sua sazão. A terra é muito abundante de alimentos, a gente de bom trato e conversação, sendo a mais pacífica de tôda as que temos encontrado até agora. Estivemos com muito prazer 17 dias nesse pôrto, e diariamente vinham do interior novas gentes, a maravilhar-se dos nossos rostos e brancura, dos nossos trajes e armas, bem como da forma e grandeza dos navios. Tivemos por êles notícia de que havia uns povos mais ao ocidente, seus inimigos, os quais tinham grande quantidade de pérolas, sendo que as que nos haviam dado, foram tomadas nas guerras; disseram-nos como nasciam e eram pescadas, e com verdade, como ouvirá Vossa Magnificência.

Partimos dêste pôrto e navegamos pela costa, vendo continuamente fumaça e gente na praia; e ao caba de muitos dias detivemo-nos em um pôrto para consertarmos um dos nossos navios que fazia muita água. Ai encontramos muita gente, com a qual não pudemos ter comércio algum, nem por bem nem por mal. Quando íamos à terra, defendiam-lhe bravamente o acesso, e quando isso não podiam fazer, fugiam para o mato sem nos esperar. Visto que eram bárbaros, partimos dali e navegando vimos uma ilha que distava de terra 15 léguas, e resolvemos verificar se era povoada. Encontramos nela as gentes mais bestiais e horríveis que se possa imaginar.

Eram de gestos e de rosto muito feios, traziam as bôcas cheias de uma erva verde, que continuamente mascavam como animais, e de tal modo que mal podiam falar. Traziam também penduradas ao pescoço duas cabaças, uma cheia da erva que mascavam, outra de uma farinha branca que parecia gêsso em pó, e de vez em quando molhavam um fuso na boca, passavam-no pela farinha, depois metiam-no na boca pelas duas pontas enfarinhando a erva que lá tinham. Faziam isso muitas vêzes, o que nos maravilhou, visto que não encontrávamos explicação para tão estranha prática nem o seu fim. Logo que nos viram, vieram, ter conosco tão familiarmente como se fôssemos amigos, andando conosco na praia e compreendendo-nos. Desejávamos beber água fresca, porém disseram por sinais que a não tinham, oferecendo-nos de sua erva e farinha, pelo que compreendemos que esta ilha era pobre de água e que, para defender-se da sede, traziam na bôca aquela erva e farinha. Andamos pela ilha dia e meio sem acharmos água viva, e a que êles tinham era o orvalho da noite juntado em certas fôlhas que pareciam orelhas de asno; era muito boa, porém em poucos lugares havia dessas fôlhas. Não tinham nenhuma espécie de alimentos, nem raízes como na terra firme, e alimentavam-se com peixes que apanham no mar e dêstes tinham grande abundância, sendo excelentes pescadores. Apresentaram-nos muitas tartarugas e muitos e bons peixes grandes. As mulheres não usam mascar a erva como os homens, mas tôdas traziam uma cabaça com água, da qual bebiam. Não tinham aldeias, nem de casa, nem de cabanas, mas abrigavam-se sob umas árvores que os defendiam do sol, mas não da água, suposto raras vêzes chover na ilha. Quando estavam pescando no mar todos traziam uma fôlha tão grande que a sombra dela os cobria; espetavam-na no chão e como o sol se mudasse viravam a fôlha a jeito, assim se defendendo do ardor do sol. A ilha tinha muitos e vários animais, que bebiam água dos pântanos. Visto que não tirávamos dêles qualquer proveito, partimos dali e fomos a outra ilha, que era habitada por homens de grande estatura. Fomos à terra para ver se encontrávamos água fresca, pensando que a ilha estava des-

povoada por não vermos gente, porém, andando pela praia, vimos na areia pegadas muito grandes; e pensamos que se os outros membros correspondessem a tal medida, deviam ser homens muito grandes. Encontramos um caminho que seguia para o interior e resolvemos que 9 dos nossos fôsem procurá-los, julgando que por ser a ilha pequena não podia ser muito povoada. Fomos para ver que gente era aquela e depois que andamos cêrca de uma légua, deparamos com um vale onde encontramos cinco cabanas que pareciam desabitadas, mas onde achamos cinco mulheres, duas velhas e três donzelas tão altas que as olhamos com admiração. Quando nos viram tiveram tanto mêdo que não ousaram fugir; as duas velhas começaram a convidar-nos com palavras, trazendo-nos muitas coisas de comer que puseram numa cabana. Eram de estatura maior que a de um homem grande, e seriam de corpo como foi Francisco dos Albizi, porém de melhores proporções. Todos tivemos desejos de levar as três donzelas à fôrça para Castela como curiosidade. Mas estando nesse propósito, começaram a entrar pela porta da cabana cêrca de 36 homens muito maiores que as mulheres, e tão bem feitos que dava gôsto vê-los; ficamos tão perturbados que antes quiséramos estar em nossos navios que em companhia de tal gente. Traziam grandes arcos e setas, grandes mocas, e falavam entre si com semblante de nos querer atacar. Diante de tão grande perigo dividiram-se as opiniões, dizendo uns que era melhor cair sôbre êles dentro da cabana e outros que fora dela, alvitrando alguns que não iniciássemos a luta antes de sabermos o que êles pensavam fazer. Concordamos sair da cabana e irmo-nos embora, dissimuladamente para os navios, e assim se fêz. Seguimos para os navios, e êles atrás de nós um tiro de pedra, falando entre si, creio que com não menos mêdo que nós dêles porque, se às vêzes parávamos, êles também isso faziam sem se aproximar de nós. Assim chegamos à praia onde nos esperavam os batéis. Quando entramos nêles e estávamos distantes saltaram e começaram a disparar-nos setas, mas então pouco medo tínhamos deles. Disparamo-lhes dois tiros de bombardas, mais para assustá-los do que para lhes causar

dano, e todos ao ouvir o estampido fugiram para o monte; assim os deixamos, parecendo ter escapado a uma perigosa jornada. Andavam também nus como os outros. Esta ilha é chamada Ilha dos Gigantes por causa da estatura de seus habitantes. Navegamos para diante a curta distância da costa, combatendo muitas vezes com eles porque não consentiam que tirássemos coisa alguma de sua terra. Já tínhamos vontade de voltar para Castela, porque tínhamos navegação quase um ano e poucos mantimentos tínhamos e êsses mesmos deteriorados pelos grandes calores sofridos, porque desde que partimos das ilhas de Cabo Verde até aqui, navegamos continuamente pela zona tórrida, atravessando duas vezes a linha equinocial, porque, como se disse antes, chegamos 5 graus ao sul dela e aqui estávamos 15 graus para norte. Sendo essa nossa intenção, aprouve ao Espírito Santo dar algum descanso a nossos trabalhos, e foi que, procurando um pôrto para consertar os navios, encontramos uma gente que nos recebeu com muita amizade, e tinha uma grandíssima quantidade de pérolas orientais, bastante boas. Permanecemos aqui 47 dias, resgatando 119 marcos de pérolas a troco de poucas coisas, que creio não nos custaram 40 ducados, pois que só demos guizos, espelhos, contas, dez bolas e fôlhas de latão. Cada um dêles dava por um guizo, quantas pérolas tinha. Informaram-nos como e onde as pescavam, e deram-nos muitas das ostras em que elas nascem. Resgatamo-lhes uma ostra na qual havia 130 pérolas, e outras com menos; a ostra de 130 pérolas tomou-a a Rainha e as outras tratei de lhes ocultar. Saiba V.M. que as pérolas não estão maduras, se não destacam por si, não prestam e estragam-se depressa, e disto tenho experiênciã; quando estão maduras ficam destacadas dentro da ostra, na carne, e essas são as boas. Apesar de que tínhamos muitas mais, pois na maior parte eram rudes e mal furadas, todavia valiam muito dinheiro, porque se vendia (em branco no texto) o marco.

Ao cabo de 47 dias deixamos os habitantes muito nossos amigos e, necessitados de alimentos, fomos à ilha Antilha, que é a que descobriu há anos Christóvão Colombo, onde nos abastecemos e de-

moramos dois meses e 17 dias. Aqui passamos muitos perigos e trabalhos com os próprios cristãos que estavam na ilha com Colombo, e creio que por inveja; o que deixo de contar para não ser prolixo. Partimos da dita ilha a 22 de julho, navegamos mês e meio e entramos no pôrto de Cadiz a 8 de setembro, de dia. Esta é a minha segunda viagem, Deus seja louvado.

FIM DA SEGUNDA VIAGEM,
COMEÇA A TERCEIRA.

Achando-me depois em Sevilha, repousando-me de muitos trabalhos que tinha passado nestas duas viagens, e com vontade de voltar à terra das pérolas, quando ainda não satisfeita a fortuna com meus passados trabalhos, veio não sei como ao pensamento d'êste sereníssimo rei D. Manuel de Portugal querer servir-se de mim. Estando em Sevilha, longe de pensar em vir a Portugal, chegou um mensageiro com carta de sua real coroa, na qual me rogava que viesse a Lisboa falar com Sua Alteza, com promessas de mercês. Anco-selharam-me a que não fôsse: despedi o mensageiro dizendo que estava enfêrmo e que quando estivesse bom, se Sua Alteza necessitasse de mim, faria quanto me ordenasse. Visto que não podia convencer-me, resolveu mandar-me Julião Bartolomeu Giocondo, que estava aqui em Lisboa, com o encargo de me levar de qualquer maneira. Veio o dito Julião a Sevilha. A sua vinda e os seus rogos forçaram-me a vir, o que me levaram a mal quantos me conheciam, por partir de Castela onde me faziam honra e o rei me tinha em justa posse, e o pior é que parti sem despedir-me de ninguém. Apresentando-me a êste Rei mostrou grande prazer com a minha vinda e pediu-me que fôsse em companhia de três de seus navios, que estavam prontos para partir a descobrir novas terras. Como o pedido de um rei é uma ordem, tive de consentir enquanto me rogava. Partimos d'êste pôrto de Lisboa três navios de conserva aos 10 de maio de 1501, e seguimos nossa derrota direitos à ilha da Grã Canária, passando à vista dela sem nos determos. Daqui fomos costeando o litoral da África pela parte ocidental, em cuja costa fize-

mos uma pescaria a uma espécie de peixes chamados pargos, e aí paramos durante três dias, e de lá fomos, pela costa da Etiópia, a um pôrto chamado Bezeguiche que está na zona tórrida, a quatorze graus e meio do pólo setentrional, e situado no primeiro clima. Aí ficamos 11 dias para fazer provisão de água e lenha, porque a minha intenção era navegar para o Sul pelo mar Atlântico. Partimos dêste pôrto da Etiópia e navegamos para sudoeste quarta a sul de modo que em 67 dias fomos dar numa terra que distava 700 léguas do dito pôrto para sudoeste. Durante êstes 67 dias tivemos o pior tempo que nunca nenhum navegante experimentou, por causa dos muitos aguaceiros, turbilhões e tempestades que nos assaltaram, sempre com o tempo contrário, porque o forte da nossa navegação foi continuamente nas vizinhanças da linha equinocial, onde é inverno no mês de julho e achamos que os dias eram iguais às noites e que a sombra caía constantemente para o sul. Prouve a Deus mostrar-nos no dia 17 de agosto uma terra nova. Aí surgimos a meia légua da costa, e deitamos fora os nossos batéis para ver se a terra era habitada e de que qualidade de gente. Achamos que era habitada por gente pior que os animais.

Entenderá porém V.M. que a princípio não vimos ninguém, mas percebemos por muitos sinais que era habitada. Tomamos posse dela em nome do Sereníssimo Rei. Achamos ser uma terra muito amena, verdejante e de boa aparência, e situada para além da equinocial 5 graus para o sul, e isto feito voltamos aos navios. Porque tínhamos grande necessidade de água e lenha, resolvemos voltar à terra no dia seguinte para fazer nosso provimento. Estando em terra, avistamos no cume de um monte gente que nos contemplava sem ousar descer. Estava nua e era da mesma cor e estatura que a anterior. Esforçamo-nos por que viesse falar conosco, sem conseguirmos inspirar-lhe confiança, recusando-se êles a fiar-se em nós. Em vista da sua obstinação e porque já era tarde, voltamos ao navios, deixando em terra muitos guizos, espelhos e outros objetos. Logo que nos afastamos no mar, desceu do monte em procura do que lhe tínhamos deixado, ficando de tudo maravi-

lhados. Só fizemos nesse dia provisão de água. Na manhã seguinte, e, do convés dos navios vimos que a gente da terra fazia muitos fumos, e pensando que nos chamava fomos à terra, onde vimos que se juntava muita gente, porém que se conservava afastada, fazendo sinais para irmos ter com ela. Dois dos nossos cristãos tentaram-se a pedir ao nosso capitão que para isso lhes concedesse licença porque queriam correr o risco de ir até êles para verem que espécie de gente era e se tinha alguma riqueza em especiaria ou drogas, e tanto instaram que o capitão consentiu. Aprontaram-se com muitas mercadorias de resgate e partiram com ordem de não demorarem mais de cinco dias em voltar porque mais não esperaríamos por êles. Encaminharam-se para a terra e nós voltamos para os navios, onde os ficamos esperando. Quase todos os dias aparecia gente na praia, mas sem nunca querer falar-nos.

No sétimo dia fomos a terra e achamos que tinham trazido as mulheres, e logo que desembarcamos mandaram muitas delas ao nosso encontro. Então, como víamos que não conseguíamos inspirar-lhes confiança, resolvemos mandar-lhes um dos nossos, que foi um mancebo, e para os tranquilizar entramos nos batéis. O mancebo dirigiu-se às mulheres, que logo o rodearam mal chegando junto delas, apalpando-o, olhando-o com espanto. Estando elas nisto, vimos descer do monte até a praia uma mulher que trazia na mão um grande pau, e chegando onde estava o nosso cristão aproximou-se dêle pelas costas e, levantando o pau, lhe deu tamanha pancada que o estendeu morto por terra. Imediatamente as outras mulheres o arrastaram pelos pés para o monte, ao mesmo tempo que os homens se precipitavam para a praia armados de arcos, crivando-nos de setas, pondo em tal confusão a nossa gente que estava nos batéis encalhados na areia, que ninguém acertava lançar mão das armas, devido às flechas que choviam sôbre os batéis. Disparamos quatro tiros de bombarda, que não acertaram, e ouvindo o estrondo fugiram todos para o monte, onde já estavam as mulheres despedaçando o cristão e assando-o numa grande fogueira que tinham acendido, mostrando-nos os seus membros decepados e devorando-os,

enquanto os homens nos faziam sinais, dando-nos a entender que tinham morto e devorado os outros dois cristãos, o que muito nos afligiu, vendo com nossos próprios olhos a crueldade que praticavam com o morto e que para todos nós era injúria intolerável. Mais de 40 dos nossos tinham a intenção de saltar em terra e vingar morte tão cruel e aquêlê ato bestial e desumano, mas o capitão-mor não lho quis consentir. Êles ficaram com a satisfação de t a m a n h a ofensa, e nós partimos de má vontade e envergonhados por culpa do nosso capitão. Partimos dessa paragem e seguimos nossa navegação entre lêste e suêste, que assim corre a costa.

Fizemos muitas escalas, mas nunca encontramos gente que quisesse negociar conosco, e assim navegamos tanto que vimos que a terra voltava para sudoêste, e desde que dobramos um cabo, ao qual demos o nome de Cabo Santo Agostinho, começamos a navegar para sudoêste. Êste cabo fica a uma distância de 150 léguas para êste da sobredita terra onde víramos matar os cristãos. Está a 81 graus além da linha equinocial para o sul. Continuando a navegar, um dia avistamos muitos homens na praia, que contemplavam o prodígio dos nossos navios e a maneira como navegavam. Fomos ao seu encontro, surgimos em bom ancoradouro e dirigimo-nos a terra nos botéis. Verificamos que esta gente era de melhor condição que a anterior, embora custasse algum trabalho para domesticá-la. Fizemo-la nossa amiga e pudemos negociar com ela. Cinco dias permanecemos neste lugar e aqui encontramos canafístula verde e sêca no cimo das árvores. Deliberamos trazer dêste lugar dois dêstes homens para que nos ensinassem a língua, e ofereceram-se três de livre vontade para nos acompanharem a Portugal.

Porém como estou fatigado de tanto escrever, saiba Vossa Magnificência que partimos dêste pôrto navegando sempre para sudoêste à vista de terra, fazendo continuamente muitas escalas e falando com infinidade de gente. Andamos tanto para o sul que já estávamos para além do Trópico de Capricórnio, onde o pólo antártico se eleva sôbre o horizonte 32 graus, e já tínhamos perdido de todo a Ursa Menor, estando a Maior tão baixa que só a

avistávamos no extremo do horizonte e regulávamo-nos pelas estrelas do outro pólo antártico, as quais são numerosas e maiores e mais brilhantes que as do nosso pólo: da maior parte das quais trouxe os desenhos, principalmente das de primeira grandeza, com a declaração das órbitas que descrevem em volta do pólo, dos seus diâmetros e semi-diâmetros, como se poderá ver nas minhas "Quatro Jornadas." Percorremos desta costa cêrca de 750 léguas: as 150 do Cabo de Santo Agostinho para o poente e as 600 para o sudoeste: e se me propusesse a contar tudo o que vi e o que passamos, outras tantas fôlhas não bastariam. Nesta costa não encontramos nada de que possa tirar-se proveito, salvo infinidade de árvores de tinturaria e de cassia e da que produz a mirra, e outras maravilhas da natureza que não se podem descrever. E havendo já bem dez meses que navegávamos, vendo que na terra não achávamos minério algum, decidimos despedirmo-nos dela e metermo-nos no mar para outra parte. Realizado o conselho, resolveu-se seguir a derrota que me parecesse acertada, e o comando da armada foi-me inteiramente entregue. Mandei que tôda a gente da frota trabalhasse no provimento de água e de lenha para seis meses, que tanto julgamos os oficiais das naus que podíamos navegar com elas. Depois de têmos concluído as nossas provisões nesta terra, começamos a nossa navegação pelo vento suêste aos 15 de fevereiro, quando já o Sol se andava acercando do equinócio e se voltava para o nosso hemisfério do setentrão. Navegamos tanto com êste vento que nos encontramos em tamanha altitude que a elevação do pólo antártico sôbre o horizonte era de 52 graus, e não mais víamos as estrelas da Ursa Menor nem da Ursa Maior. Estávamos distantes do ponto de onde tínhamos partido 500 léguas les-suêste e isto aos 3 de abril. Neste dia começou no mar uma tormenta tão forte que nos obrigou a amainar todas as velas. Corríamos em árvore sêca com muito vento, que era sudoeste, com grandíssimas vagas e ares muito tempestuosos: e tanta era a tormenta que tôda a armada estava com temor. As noites eram muito grandes, e a sete de abril foi de quinze horas porque o Sol estava no fim de Aries e era então inverno nestas paragens,

como bem pode considerar V.M. Durante esta tempestade, no dia sete de abril houve vista de nova terra, da qual corremos cêrca de 20 léguas, e achamos que era tôda costa brava e não avistamos nela pôrto algum nem gente. Era tanto o frio que ninguém da frota o podia remediar nem suportá-lo: de modo que, vendo-nos em tanto perigo e tormenta que mal se enxergavam os navios uns aos outros, pelo grande mar que fazia e pela grande cerração, acordamos com o capitão-mor se fizesse sinal aos navios para juntarem-se e deixássemos a terra, e sem demora tornássemos a caminho de Portugal. Foi muito bom aviso, pois se tardássemos mais aquela noite todos se perderiam, porque, desde que viramos a pôpa, nessa noite e dia seguinte cresceu tanto a tormenta que nos julgávamos perdidos. Tivemos de fazer voto de uma peregrinação e outras práticas, como é de uso entre marinheiros em tal ocasião. Navegamos assim cinco dias e conseguimos aproximar-nos da linha equinocial debaixo de céu e sôbre mar mais temperados, e prouve a Deus salvar-nos de tamanho perigo. A derrota que seguimos era entre nor-nordêste, porque a nossa intenção era ir reconhecer a costa da Etiópia, da qual estávamos afastados 1 300 léguas pelo mar Atlântico, e com a graça de Deus lá chegamos aos 10 de maio e acostamos a uma terra do lado do sul que se chama Serra Leoa, onde ficamos 15 dias para provisão dos navios. Daí partimos, navegando em direção das ilhas dos Açôres, que ficam, pouco mais ou menos, à distância de 750 léguas dêste país da Serra, e chegamos a essas ilhas no mês de julho. Aí demoramos outros 15 dias para descanso, e partimos para Lisboa, da qual nos achávamos distantes 300 léguas para o ocidente e entramos neste pôrto de Lisboa aos 7 de setembro do ano de 1502, com boa saúde, graças a Deus, e dois navios, porque o outro o queimamos na Serra Leoa por não poder mais navegar. Gastamos nesta viagem 15 meses e 11 dias, tendo navegado sem ver o norte e as Ursas Maior e Menor chamada Buzina, guiando-nos pelas estrêlas do outro pólo. Eis tudo o que vi nesta navegação ou jornada.

FIM DA TERCEIRA VIAGEM,
COMEÇA A QUARTA

Falta-me dizer as coisas que vi na quarta viagem ou jornada, e tanto por estar cansado e também porque ela se não fez como eu tinha propósito, por causa de uma desgraça que nos sucedeu no golfo do mar Atlântico, como V.M. em resumo não tardará em ver, no contexto. Cuidarei de ser breve.

Partimos dêste pôrto de Lisboa seis navios de conserva com o propósito de ir descobrir no oriente uma ilha chamada Malaca, a qual se diz ser muita rica e que é como armazém de todos os navios que vêm do mar Gangético e do mar Índico, como Cadiz é escala de repouso para todos os navios que passam do levante ao poente e do poente ao levante pela carreira de Calicut. Esta Malaca está mais ao ocidente que Calicut e muito mais da parte do meio-dia, porque sabemos que se encontra situada em 33 graus do pólo Antártico. Partimos no dia 10 de maio de 1503 e fomos em direitura às ilhas de Cabo Verde, onde concertamos as quilhas dos navios e fizemos provisão de viveres. Depois de uma demora de 13 dias, partimos daqui para nossa viagem navegando com vento suéste e como o nosso capitão-mor fôsse homem presunçoso e cabeçudo, quis ir reconhecer a Serra Leoa, terra da Etiópia Austral, sem disso ter necessidade alguma, senão para fazer ver que era capitão de seis navios, e contra a vontade de todos nós, os outros capitães. Assim navegando, quando nos achamos junto à dita terra, tamanhos foram os vagalhões que se formaram e com êles o tempo contrário, que estando à vista dela bem quatro dias, nunca o temporal nos deixou aproximar, de modo que fomos forçados a voltar à nossa verdadeira derrota e abandonar a dita Serra Leoa. Navegando dali para sudoéste que é um vento entre o sul e o sudoéste, quando tínhamos andado bem 300 léguas através do mostruoso mar, estando já fora da linha equinocial para o sul bem 3 graus, se descobriu uma terra de que podíamos estar distantes 22 léguas, de que ficamos maravilhados e achamos que era uma ilha no meio

do mar, coisa de grande altura, verdadeira maravilha da natureza, pois não tinha mais de duas léguas de comprimento e uma de largura, a qual ilha nunca tinha sido habitada por gente alguma. Foi a ilha malfazeja para toda a frota: porque saberá V.M. que por mau conselho e regimento do nosso capitão-mor aqui, elle perdeu o seu navio, dando com elle em um escolho, e se espatifou na noite de S. Lourenço, que é 10 de agosto, afundando. Dêle se não salvou coisa alguma senão a gente. Era um navio de 300 tonéis, no qual estava toda a importancia da frota, e como toda a frota trabalhasse por lhe achar algum remédio, o capitão mandou-me que fôsse com o meu navio à dita ilha em procura de um bom surgidouro onde pudéssemos surgir todos os navios: e como o meu batel, tripulado por 9 dos meus marinheiros, estivesse em serviço e ajuda de ligação entre os navios, não quis que o levasse comigo, mas que fôsse sem elle, dizendo-me que depois mo levariam à ilha. Partimos da frota como me mandou, para ir à ilha sem o batel e com menos de metade dos meus marinheiros. Fomos à dita ilha que distava cêrca de 4 léguas, na qual encontramos um excelente pôrto onde bem seguramente podiam surgir todos os navios, onde esperei bem 8 dias pelo meu capitão e a frota, que não vieram. De modo que estávamos muito descontentes e a gente que tinha ficado comigo no navio estava com tanto mêdo que não podia consolá-la. Estando assim, no oitavo dia vimos vir um navio, e de mêdo que não nos visse, fizemo-nos à vela com o nosso navio e fomos ao seu encontro, pensando que me trazia o batel e gente, e quando emparelhamos com elle depois de nos saudar, disseram-nos que a capitânia tinha ido ao fundo, salvando-se a tripulação, e que o meu batel e a minha gente tinham ficado com a frota, que se fora mar em fora, o que nos causou grande tormento, como bem pode imaginar V.M. por nos acharmos a mil léguas de distância de Lisboa, no gôlfo e com pouca gente. Contudo, fizemos frente à desgraça e navegámos para diante. Tornando à ilha provemo-nos de água e lenha com o batel da minha conserva. Esta ilha é desabitada, com muitas nascentes de águas doces e uma infinidade de árvores

cheias de tantas aves marinhas e terrestres que eram inumeráveis, tão familiares que se deixavam apanhar à mão; e assim caçamos tantas que enchemos um batel delas. Não vimos outros animais senão ratos grandes, lagartos de duas caudas e algumas serpentes. Tendo terminada a nossa provisão partimos com o vento entre sul e sudoeste porque tínhamos regimento do Rei que mandava que qualquer navio que se perdesse da frota ou do seu capitão, fosse ter à terra da viagem passada. Descobrimos nela um porto a que pusemos o nome de Bahia de Todos os Santos e prouve a Deus dar-nos tão bom tempo que em dezessete dias tomamos a terra, que distava da ilha bem umas 300 léguas, onde não encontramos nem o nosso capitão nem nenhum outro navio da frota. Esperamos bem dois meses e quatro dias, e vendo que nada resolvíamos, decidimos a minha conserva e eu correr a costa e navegamos mais para diante 260 léguas, até chegarmos a um porto onde acordamos construir uma fortaleza, o que fizemos. Nela deixamos 24 cristãos que vinham na minha conserva, que os recolhera do navio capitânia naufragado. Permanecemos neste porto bem 5 meses construindo a fortaleza e carregando os nossos navios com pau-brasil, porque não podíamos navegar além por faltar-nos gente e muitos aparelhos. Feito tudo isto, concordamos em voltar para Portugal, que nos ficava entre o norte e nordeste assim, deixando ali os 24 homens que ficaram na fortaleza com mantimentos para seis meses, 12 bombardas e muitas outras armas. Pacificamos toda a gente da terra, da qual não se faz menção nesta viagem, não porque não vissemos e praticássemos com inúmeras (gentes); pois fomos 40 léguas pela terra dentro bem 30 homens, onde vi tantas coisas que deixo de contá-las reservando-as para as minhas "Quatro Jornadas." Está esta terra fóra da linha equinocial da parte do sul, em 18, graus e além da posição de Lisboa 37 graus a ocidente, segundo mostram nossos instrumentos. Feito tudo isto despedimo-nos dos cristãos e da (gente) da terra, e começamos nossa navegação pelo nor-nordeste, que é um vento entre o norte e nordeste com o propósito de, com nossa navegação, ir em direção à cida-

de de Lisboa. Depois de 77 dias e de tantos trabalhos e perigos, entramos neste pôrto a 18 de junho de 1504, Deus seja louvado, onde fomos muito bem recebidos de modo incrível, porque tôda a cidade nos julgava perdidos, porque outros navios da frota se perderam pela soberba e loucura do nosso capitão, pois assim paga Deus ao soberbo. Presentemente, estou aqui em Lisboa e não sei o que quererá o Rei de mim, pois muito desejo repousar. O portador desta, que é Benevenuto di Domenico Benevenuti, dirá a V.M. de minha pessoa e de algumas coisas que não foram ditas, pois que êle as viu e ouviu. Deus seja (espaço em branco). Fui restringindo a carta o quanto pude, e se deixei de dizer muitas coisas vulgares, foi para evitar a prolixidade. V.M. me perdoe. Suplico que me tenha no número de seus servidores, e recomendo-vos meu irmão Ser António Vespucci e toda a minha família. Fico rogando a Deus que prolongue os dias de vossa vida e que enalteça o estado dessa excelsa República e honra de V.M. Escrita em Lisboa a 4 de setembro de 1504. Vosso servidor Amerigo Vespucci em Lisboa.

A tradução do exórdio e da primeira viagem foi feita por nós do texto original da Lettera, publicado em fac-simile pela Princeton University Press, em 1916. Em se tratando das 2.^a, 3.^a e 4.^a viagens, aproveitamos com algumas alterações as traduções que se encontram às paginas 201 do I volume e 199 e 288 do II volume da "História da Colonização Portuguesa do Brasil".

QUATUOR AMERICI VESPUTTI NAVIGATIONES

(Exórdio)

ILLUSTRISSIMO RENATO, HIERUSALEM ET SICILLIAE

Regi, duci Lotharingiae ac Barensi, Americus Vesputius humilem reverentiam et debitam recommendationem.

Fieri potest, illustrissime Rex, ut tua maiestas mea ista temeritate ducatur in admirationem, propterea quod hasce litteras tam prolixas ad te scribere non subverear, cum tamen sciam te continuo in arduis consiliis et crebris reipublicae negotiis occupatissimum. Atque existimabor forte non modo praesumptuosus, sed etiam otiosus, id mihi muneris vendicans, ut res Statui tuo minus convenientes, non delectabili sed barbaro prorsus stylo (veluti armusus at humanitatis cultu alienus) ad Ferdinandum Castiliae Regem nominatim scriptas, ad te quoque mittam. Sed ea quam in tuas virtutes habeo confidentia, et comperta sequentium rerum, neque ab antiquis neque neotericis scriptarum, veritas me coram T.M. fortassis excusabund. Movit me imprimis ad scribendum praesentium lator Benevenutus, M.T. humilis famulus, et amicus meus non poenitendus, qui dum me Lisbonae reperiret, precatus est ut T.M. rerum per me quatuor profectionibus in diversis plagis mundi visarum participem facere vellem. Peregi enim bis binas navigationes ad novas terras inveniendas, quarum duas ex mandato Fernandi, incliti Regis Castiliae per magnum Oceani sinum occidentem versus feci; alteras duas jussu Emanuelis, Lusitaniae Regis, ad austrum. Itaque me ad id negotii accinxi, sperans quod T.M. me

de clientulorum numero non excludet, ubi recordabitur, quod olim mutuam habuerimus inter nos amicitiam tempore inventutis nostrae, cum grammaticae rudimenta imbibentes sub probata vista et doctrina venerabilis ea religiosi fratris de S. Marco Frat. Georgii Anthonii Vesputii, avunculi mei, pariter militaremus, cujus avunculi vestigia utinam sequi potuissem! alius profecto (ut et ipse Petrarcha ait), essem quam sum. Utcumque tamen sit, non me pudet esse que sum. Semper enim in ipsa virtute et rebus studiosis summam habui delectationem. Quod si tibi hae narrationes omnino non placuerint, dicam sicut Plinius ad Mecoenatem scribit: Olim facetiis meis delectari solebas. Et licet M.T. sine fine in reipublicae negotiis occupata sit, nihilominus tantum temporis quandoque suffuraberis, ut has res quamvis ridiculas (quae tamen sua novitate iuvabunt) perlegere possi. Hebebis enim hscis meis litteris post curarum fomenta et meditamenta negotiorum, non modicam delectationem, sicut et ipse foeniculus prius sumptis esculentis odorem dare, et meliorem digestionem facere assuevit. Enimvero si plus aequo prolixus fuero, venim peto. Vale.

Inclitissime Rex, sciat T.M. quod ad has ipsas regiones mercandi causa primum venerim. Dumque per quadriennii revolutionem in eis rebus negotiosus essem, et varias fortunae matationes animadverterem, atque viderem quo pacto caduca ettransitoria bona hominem ad tempus in rotae summo tenerent et deinde ipsum praecipitarent ad imum qui sepossidere multa dicere poterat; constitui mecum, variis talium rerum casibus exantlatis, istiusmodi, negotia dimittere et meorum laborum finem in res laudabiliores ac plus stables ponere. Ita disposui me ad varias mundi partes contemplandas, et diversas res mirabiles videndas. Ad quam rem se et tempus et locus opportune obtulit. Ipse enim Castiliae Rex Fernandus tunc quatuor parabat naves ad terras novas occidentem versus discooperiendas, cuius celsitudo me ad talia investiganda in ipsam societatem elegit. Et solvimus vigesima die Maii MCCCXCVII de portu Caliciae, iter nostrum per magnum Oceani sinum capientes, in qua profectione XVIII consummavimus menses, multas invenien-

tes terras firmas et insulas pene innumerabiles ut plurimum habitatas, quarum maiores nostri mentionem nullam fecerunt; unde et ipsos antiquos talium non habuisse, notitiam credimus. Et nisi memoria me fallat, memini me in aliquo legere, quod mare vacuum et sine hominibus esse tenuerint Cuius opinionis ipse Dantes poeta noster fuit ubi duodevigessimo capite de inferis loquens, Ulyssis mortem confingit. Quae autem mirabilia viderim, in sequentium processu T.M. intelliget.

CÓDICE RICCARDIANO 1910

Carta de Amerigo Vespucci a Lourenço de Pier Francesco de Medici, datada de Sevilha a 28 de julho de 1500.

Primeiro, meu magnífico senhor, etc.

Faz bastante tempo que não tenho escrito a Vossa Magnificência; isso aconteceu por não haver ocorrido coisa alguma digna de memória.

A presente serve para dar-vos notícia de que, cêrca de um mês, cheguei da parte da Índia pelo caminho do mar oceano, com a graça de Deus, a salvamento a esta cidade de Sevilha; e porque creio que Vossa Magnificência terá prazer de inteirar-se de tudo o que ocorreu na viagem e das coisas mais extraordinárias que me aconteceram. E, se eu fôr um tanto prolixo no meu dizer, ponde-vos a lê-lo quando estiverdes com boa disposição, ao invés de fruta ao levantar-vos da mesa.

Saberá Vossa Magnificência como, por encargo de sua Alteza o Rei da Espanha, parti com duas caravelas a 18 de maio de 1499 para ir descobrir do lado do ocidente, pelo caminho do mar oceano, e tomei meu caminho ao longo da costa da África, até que cheguei às Ilhas Afortunadas, que hoje se chamam Ilhas Canárias. E depois de ter feito provisão de todo o necessário, feitas as nossas orações e súplicas, fizemo-nos de vela de uma ilha que se chama Gomera, pusemos a proa para sudoeste e navegamos 24 dias com vento fresco sem ver nenhuma terra. Ao cabo de 24 dias avistamos terra e achamos ter navegado cêrca de 1.300 léguas distante da cidade de Cadiz pelo caminho de sudoeste. Avistada a terra demos graças a Deus, arriamos os batéis e com cêrca de 6 homens fomos à terra e achamo-la toda cheia de árvores, que era coisa muito maravilhosa não sómente devido ao tamanho delas, ao verdor, pois nunca

perdem as fôlhas, mas também ao odor suave que delas sai, pois que são tôdas aromáticas e agradam tanto o olfato que nisso tínhamos grande prazer.

*Andando com os batéis ao longo da terra para ver se encontrávamos local para desembarque, e como a terra era baixa, deligencia-
mos todo o dia até à noite e nunca encontramos caminho ou local para entrar terra a dentro, pois não só isso impedia a terra que era baixa, sôbre ser espessa a vegetação. À vista disso acodamos voltar aos navios e ir tentar abordá-la em outra parte. Uma coisa maravilhosa que vimos neste mar, foi que antes que defrontássemos a terra, à distância de 25 léguas, encontramos água doce como de rio, bebemos dela e enchemos todos os barris vazios que tínhamos. Chegamos que fomos aos navios, levantamos âncora e fizemo-nos de vela pondo a proa ao sul, porque a minha intenção era ver se podia dobrar um cabo que Ptolomeu denomina Cabo Cattigara, junto ao "Sinus Magnus" que, de acôrdo com a minha opinião, não estava muito distante dêle, segundo os graus de longitude e latitude, como aqui abaixo se dará conta. Navegando para o sul vimos vir da terra dois grandíssimos rios, sendo que um vinha do oéste e corria para léste e tinha de largura 4 léguas que são 16 milhas; outro corria do sul para o norte e era largo de 3 léguas que são 12 milhas. Estes dois rios, creio, eram que tornavam o mar doce por causa dos seus tamanhos. Visto que a costa era baixa, acordamos, todavia, entrar em um dêstes rios com os batéis e ir tanto por êle a dentro, até que encontrássemos local de desembarque ou aldeia de gente. Postos em ordem os batéis com mantimentos para 4 dias, com 20 homens bem armados penetramos no rio e, à fôrça de remos, navegamos em 2 dias cêrca de 15 léguas, explorando a terra em muitos pontos e de contínuo vimos que era terra baixa e tão espessa a vegetação que apenas nela podia voar um pássaro. Assim navegando pelo rio vimos sinais certíssimos de que o interior da terra era habitado. Porque as caravelas estavam em lugar perigoso quando o vento soprasse de través, acordamos no fim de 2 dias voltarmos a elas, o que*

fizemos. Aquilo que aqui vimos foi uma enorme quantidade de pássaros de diversas formas e côres, e tantas espécies de papagaios, que era uma maravilha; alguns de côr vermelha, outros verdes côr de limão, outros inteiramente verdes, outros pretos e encarnados. O canto de outros pássaros, que estavam nas árvores, era coisa suave e de tanta melodia, que aconteceu muitas vêzes ficarmos encantados com a suavidade. As árvores são de tal beleza e tão aprazíveis, que pensávamos estar no paraíso terrestre. Nenhuma daquelas árvores nem seus frutos têm semelhança com os desta parte. No rio vimos muitas qualidades de peixes e de muitas deformidades (sic). Chegados que fomos aos navios, levantamos âncora fazendo-nos de vela e tendo a proa de continuo ao sul. E navegando 40 léguas por êste caminho, estando afastados no mar, encontramos uma corrente marítima que corria de suêste para noroêste e era tão forte e com tanta fúria corria que tivemos mêdo e passamos grande perigo. A corrente era tal, que, as do estreito de Gibraltar e do Jurool de Messina, eram estagnos em comparação com ela, de modo que quando vinha pela proa nada caminhávamos apesar de têrmos o vento fresco a nosso favor. Visto o perigo em que nos achávamos, resolvemos virar a proa para o noroêste e navegar para o norte. Como me recordo que Vossa Magnificência sabe alguma coisa de cosmografia, resolvo descrever como foi a nossa navegação quanto à longitude e latitude.

Digo que navegamos tanto em direção ao sul, que entramos na zona tórrida e dentro do círculo de Câncer. Haveis de ter por certo que após poucos dias navegando na zona tórrida, vimos 4 sombras do Sol: quando o Sol estava no zênite ao-meio-dia, digo, estando o Sol no nosso meridiano não tínhamos nenhuma sombra. Muitas vêzes succedeu poder eu mostrar tudo isso ao resto da companhia e tomá-la por testemunha por causa da gente ignorante que não sabe como a esfera do Sol caminha pelo círculo do Zodíaco; pois uma vez via a sombra ao sul, outra ao norte, outra ao oêste e outra a léste, e algumas vêzes, uma hora ou duas do dia, não via nenhuma sombra. E tanto navegamos pela zona tórrida da parte do austro

que nos encontramos abaixo da linha equinocial, tendo um pólo e outro no fim do nosso horizonte e, ao atravessá-la 6 graus, perdemos de todo a estrêla polar norte, apenas avistado outras estrelas da Ursa Menor ou, para dizer melhor, as guardas que giram no firmamento.

Desejoso de ser o autor que assinalasse a estrêla do pólo do outro firmamento, perdi muitas vêzes o sono durante a noite ao contemplar o movimento das estrêlas do outro pólo para assinalar qual delas tivesse menor movimento e, qual a que estivesse mais próxima do firmamento, o que não consegui apesar das más noites que passei, e dos vários instrumentos que usei e que foram o quadrante, o astrolábio e outras coisas para assinalar estrêlas que giravam em tórno do firmamento. E, enquanto disso cuidava, me recordei de uma estrofe do poeta Dante, a qual se encontra no primeiro capítulo do Purgatório, quando fantasia sair dêste hemisfério e achar-se no outro, e querendo descrever o pólo antártico assim disse:

*Ao outro pólo endereçando a mente,
Volto-me à destra, e os astros quatro vejo,
Que vira só a primitiva gente.
Folgar o céu parece ao seu lampejo,
Do Norte, ó região, viúva hás sido,
De os contemplar, te não foi dado ensejo. (*)*

O que segundo me parece, o poeta nestes versos queria descrever com as quatro estrêlas o pólo do outro firmamento. Não contesto que o que disse seja verdade, porque notei quatro estrêlas figuradas como uma mandola que tinham pouco movimento. Se Deus me der vida e saúde, espero em breve tornar àquele hemisfério e não regressar sem ver o pólo. Em conclusão, digo que nossa navegação foi tanto para a parte do sul, que nos distanciamos em latitude da cidade de Cadiz 60 graus e meio, pois que nesta cidade se eleva o pólo 35 graus e meio, e nós tínhamos passado a linha equinocial.

Isto basta quanto à latitude. Tendes de notar que esta nave-

(*) Tradução de José Pedro Xavier Pinheiro.

gação foi nos meses de julho, agosto e setembro em que, como sabeis, o Sol reina mais de continuo neste hemisfério, e faz maior arco do dia e menor o da noite. Enquanto nós estávamos sobre a linha equinocial ou afastada dela cerca de 4 ou 6 graus, o que foi nos meses de julho e agosto, a diferença entre o dia e a noite não se percebia, e quase que os dias eram iguais, pois que muito pouca era a diferença.

Quanto à longitude, digo que para sabê-la encontrei tantas dificuldades que tive grandíssimo trabalho para saber com certeza o caminho que tinha percorrido em longitude. Trabalhei tanto até que por fim não encontrei melhor coisa que olhar de noite a oposição de um planeta ao outro, principalmente a Lua sobre outros planetas, porque a Lua é mais rápida no seu percurso que qualquer outro; e examinava o almanaque de João de Regiomontano que foi calculado pelo meridiano da cidade de Ferrara e pôsto de acôrdo com os cálculos da Tábua do Rei D. Afonso. Depois de muitas noites ter feito experiências, em uma delas, no dia 23 de agosto de 1499 em que houve conjunção da Lua com Marte, a qual segundo o almanaque devia ser à meia-noite ou meia hora antes, vi que quando a Lua estava no nosso horizonte, o que se deu uma hora e meia depois de desaparecido o Sol, tinha passado o planeta para o lado do oriente, digo que a Lua estava mais ao oriente que Marte, cerca de um grau e mais alguns minutos, e à meia-noite, estava mais ao oriente 15 graus e meio pouco mais ou menos, de modo que, feita a proporção, se 24 horas valem 360 graus, quanto valem 5 horas e meia, e achei que valem 82 graus e meio. Achava-me de longitude do meridiano da cidade de Cadiz, mais ao ocidente dessa cidade, 1.366 léguas e dois terços, que são 5.466 milhas e dois terços, dando a cada grau 16 léguas e meia. A razão por que dou 16 léguas e dois terços a cada grau, é porque segundo Ptolomeu e Alfergano, a terra tem de circunferência 24.000 milhas que valem 6.000 léguas, que divididas por 360 graus tocam a cada grau 16 léguas e dois terços, e isso verifiquei muitas vezes com o ponto dos pilotos sobre a carta e o achei verdadeiro e bom. Parece-me, Magnífico Lourenço, que a opinião

da maior parte dos filósofos, que diz que dentro da zona tórrida não se pode habitar devido ao grande calor, seja desprezada por esta minha viagem. Eu verifiquei nesta viagem ser o contrário pois o ar é mais fresco e temperado naquela região que fora dela, e que é tanta a gente que a habita, cuja quantidade é muito maior daquela que fora existe pelo motivo que abaixo se dirá, que é certo, pois mais vale a prática que a teoria.

Até aqui contei quanto naveguei do lado do sul e do lado do ocidente. Agora me falta dizer-vos sôbre a disposição da terra que achamos, da natureza dos habitantes, dos seus costumes, dos animais que vimos, e de muitas coisas que se me apresentaram dignas de lembrança. Digo que depois que passamos a navegar em direção ao norte, a primeira terra habitada que vimos foi uma ilha que distava da linha equinocial 10 graus. E quando chegamos a ela, vimos gente na praia que nos estava olhando admirada. Surgimos perto da terra cêrca de uma milha, arriamos os batéis e foram a terra 22 homens bem armados e, logo que desembarcaram, viram que era gente diferente da nossa porque não tem nenhuma barba, não se veste de roupa alguma, assim os homens como as mulheres. Andam como saíram dos ventres de suas mães, não cobrem nenhuma vergonha, são diferentes de côr, são de côr parda ou leonina e não brancos, de modo que tendo mêdo de nós todos se meteram no mato, e com grande trabalho por meio de sinais os atraímos e praticamos com êles, e achamos que eram de uma tribo chamada canibais, sendo que a maior parte dêles ou todos, vivem de carne humana, e isto tenha por certo Vossa Magnificência. Não comem uns aos outros, mas navegam em certos navios que possuem e que chamam canoas, e vão buscar a prêsa nas ilhas ou em terra de uma tribo sua inimiga, ou de outra que não seja. Não comem nenhuma mulher, mas as conservam como escravas. Disto temos certeza porque aconteceu muitas vêzes, nos muitos lugares onde encontramos tais gentes, vemos os ossos e crâneos de alguns homens que tinham comido, e êles não negavam, sendo que isso diziam os seus próprios inimigos, que de continuo estavam com temor dêles. São gentes de gentil com-

pleição e de bela estatura; andam nus completamente. As armas que carregam são arcos, flechas e rodelas. São bastante resistentes e de grande coragem. São habilíssimos atiradores de setas. Em conclusão, praticamos com êles e nos levaram a uma aldeia que estava no interior, obra de 2 léguas, e nos deram alimentos, e as coisas que lhes pedíamos nos davam creio mais por medo que por amizade. Depois de têmos estado com êles todo um dia, voltamos aos navios e ficamos amigos. Navegamos ao longo da costa desta ilha e vimos à beira-mar outra grande aldeia. Fomos com os batéis à terra e vimos que estavam todos nos esperando com muitos mantimentos, e deram-nos muito boa refeição segundo os seus costumes. Visto essa boa gente nos tratar tão bem, não ousamos tirar nada dela e fizemo-nos de vela e entramos em um gôlfo que se chama o gôlfo de Pária; e fomos surgir na fóz de um grandíssimo rio que faz ser doce a água dêste gôlfo. Vimos uma grande aldeia, que estava junto do mar, e tinha tanta gente que era de admirar, e todos estavam sem armas como sinal de paz. Fomos com os batéis à terra e nos receberam com grande carinho e nós levaram às suas casas, que estavam muito bem preparadas para a refeição. Ai nos deram a beber três qualidades de vinho, não de uva mas feito de frutas como a cerveja, e era muito bom. Comemos muitos mirabolanos frescos, que é uma fruta muito rara, e nos deram muitas outras frutas, todas diferentes da nossa e de bom sabor e odor aromático. Deram-nos algumas pérolas miúdas e onze grandes, e por sinais nos disseram que se quiséssemos esperar alguns dias, iriam pescá-las e trariam muitas delas. Não quisemos demorar, deram-nos muitos papagaios de muitas côres, e com boa amizade partimos. Desta gente soubemos que aquêles da ilha acima referida eram canibais, e como comiam carne humana. Saimos dêste gôlfo e fomos beirando a terra, sempre vendo muitíssima gente, e quando tínhamos disposição tratávamos com êles, e nos davam de tudo que tinham e tudo o que lhes pedíamos. Todos andam nus como nascem, sem ter nenhuma vergonha, pois se tudo tivesse de contar das suas poucas vergonhas,

seria tratar de coisa desonesta. O melhor á calar. Depois de havermos navegado de continuo cêrca de 400 léguas por uma costa, concluimos que esta era terra firme que digo ficar no confim da Ásia pelo lado do oriente, e em seu principio pelo lado do ocidente, porque muitas vêzes aconteceu vermos diversos animais como leões, cervos, porcos selvagens, coelhos e outros animais terrestres que não se encontram em ilhas mas em terra firme. Andando um dia a dentro com 20 homens, vimos uma cobra ou serpente que tinha de comprimento 8 braças e grossa como a minha cintura. Tivemos muito mêdo dela e por tê-la avistado tornamos ao mar. Muitas vêzes me aconteceu ver animais muito ferozes e grandes serpentes. E navegando pela costa, cada dia descobríamos enorme quantidade de gente de várias línguas, tanto que quando tínhamos navegado 400 léguas pela costa, começamos a encontrar gentes que não queriam nossa amizade, mas que estavam nos esperando com suas armas que são arcos e setas e com outras armas que possuem, e quando íamos à terra com os batéis, impediam o nosso desembarque. De modo que éramos forçados a combatê-los e no fim do combate os tratávamos mal porque estavam nus e fazíamos entre êles grande mortandade, acontecendo muitas vêzes 16 dos nossos combater com 2000 deles e terminar por desbaratá-los, matando muitos dêles e saqueando suas casas. Um dia, entre outros, vimos muitíssima gente tôda armada para se defender, se nós desembarcássemos. Armamos muito bem 26 homens e cobriamos os batéis por causa das setas que atiravam, que sempre, antes que saltássemos, feriam alguns dos nossos. Defenderam a terra quanto puderam. Por fim nela desembarcamos e os combatemos com muitíssima dificuldade. A razão era que tinham muita coragem e empregavam muito esfôrço contra nós, porque não sabiam que arma era a espada e nem como ela cortava. E assim combatendo foi tanta a mortandade entre êles, que dispararam contra nós tanta quantidade de setas que não nos podíamos remediar e quase perdemos a esperança de vencer, voltando-lhes as costas para saltar nos batéis. E assim nos íamos retirando e fugindo, quando um nosso marinheiro que era português, homem de 55 anos

de idade, que tinha ficado a guardar o batel, vendo o perigo em que nos achávamos, saltou do batel à terra e com alta voz nos disse: voltai filhos os rostos aos vossos inimigos que Deus vos dará a vitória, e pôs-se de joelhos, fêz orações e depois arrojou-se contra os índios e todos nós com êle, feridos como estávamos, de modo que nos deram as costas e começaram a fugir e no fim os destroçamos e matando deles 150 queimamos 180 de suas casas. Como estávamos muito feridos e cansados, voltamos aos navios e fomos repousar em um pôrto onde estivemos 20 dias só para o médico nos curar, e todos escaparam menos um que estava ferido no peito esquerdo. Depois voltamos à nossa navegação por esta mesma costa e aconteceu muitas vêzes combatermos com inúmera gente e sempre obter vitória. E assim navegando fomos a uma ilha que estava distante da terra firme 15 léguas, onde ao chegarmos não vimos gente. Como parecia de boa aparência, acordamos ir tentá-la e fomos a ella 11 homens, encontramos um caminho e pusemos a andar por êle 2 léguas e meia terra a dentro, e descobrimos uma aldeia de cêrca de 12 casas onde nada encontramos a não ser mulheres de tão grande estatura, que não havia nenhuma que não fôsse mais alta que cada um de nós um palmo e meio. Logo que nos viram, tiveram grande mêdo de nós e a principal delas, que certo era mulher discreta, com sinais nos levou a uma casa e nos mandou dar refrescos. Nós, quando vimos mulheres tão grandes, que sem dúvida eram criaturas fora da estatura comum dos homens, resolvemos roubar duas delas, que eram jôvens de 15 anos, para dar de presente a êste Rei. E enquanto assim pensávamos, vieram 36 homens e entraram na casa onde estávamos bebendo. Eram de tão alta estatura, que cada um dêles era mais alto estando de joelhos, que eu em pé. Em conclusão, eram da estatura de gigantes segundo os seus tamanhos, e a proporção do corpo correspondia à altura. Cada uma das mulheres parecia uma Pantasilêia e os homens Anteus. E quando entraram, alguns dos nossos tiveram tanto mêdo, que até hoje em dia não se sentem seguros. Tinham arcos e setas e paus muito grandes feitos como espada. Como nos viram de pequena estatura, começa-

ram a falar conosco para saber quem éramos e de que lugar vínhamos. A bem da paz lhes respondemos por sinais que éramos gente pacífica e que andávamos a ver o mundo. Em conclusão, tivemos por bem partirmos dêles sem questão e voltarmos pelo mesmo caminho pelo qual fomos, e nos acompanharam ao mar até os navios. Quase a maior parte das árvores desta ilha é pau-brasil e tão bom como aquêle do Oriente. Desta ilha fomos a uma outra distante dela 10 léguas, e encontramos uma grandíssima aldeia, que tinha as casas contruídas com muito artifício e maravilha sôbre o mar, como Veneza. Acordamos ir vê-las, e quando fomos às suas casas, querendo impedir que nelas entrássemos, experimentaram como as espadas cortam, e tiveram por bem deixar-nos entrar. Vimos que tinham as casas cheias de algodão finíssimo, e tôdas as traves das casas eram de pau-brasil. Tiramos muito algodão e pau-brasil e tornamos aos navios. Deveis saber que em todos os lugares onde saltamos em terra, encontramos sempre grande quantidade de algodão e os campos cheios de algodoeiros, que se podia carregar quantos navios existem no mundo de algodão e pau-brasil. Enfim, navegando outras 300 léguas pela costa, encontramos de contínuo gente selvagem, e muitíssimas vêzes combatíamos com ela e aprisionamos cêrca de 20, entre os quais 7 linguas, que não se entendiam uns com os outros. Dizem que no mundo não existem mais que 77 idiomas, e eu digo que êles são mais de 1.000, pois os que só eu ouvi são mais de 40. Depois de têmos navegado por esta terra 700 léguas ou mais, sem as inúmeras ilhas que vimos, estando os navios em mau estado e fazendo água, o que podíamos remediar esgotando-os apenas com duas bombas, a gente muito fatigada e atribulada, e faltando mantimento, e como nós encontrávamos segundo o ponto dos pilotos perto de uma ilha que se chama Espanhiola, a 120 léguas, que foi aquela que o almirante Colombo descobriu 6 anos fazem, acordamos ir a ela, isso porque é habitada por cristãos, reparar os nossos navios, descansar as tripulações e nos prover de mantimentos, porque desta ilha a Castela há 1.300 léguas de gôlfo sem terra nenhuma. Em 7 dias fomos até ela onde estivemos dois

meses, consertamos os navios, abastecendo-os de mantimentos, e acordamos ir para o lado do noroeste onde encontramos muitíssima gente nua, toda medrosa e de pouco ânimo, e fazíamos dela o que queríamos. Esta última parte que descobrimos foi muito perigosa para a nossa navegação por causa dos baixios e mar raso que nela encontramos, pois muitas vezes estivemos em perigo de nos perder. Navegamos por este mar 200 léguas em direção ao setentrião, e como a gente já andava tão cansada por estar no mar cerca de um ano, e comendo 6 onças de pão ao dia e bebendo 3 pequenas medidas de água, e os navios em perigo permanecendo no mar, reclamaram as tripulações dizendo que queriam voltar para Castela, às suas casas, não querendo mais tentar fortuna. À vista disso acordamos aprisionar escravos e deles carregar os navios e voltar à Espanha. Fomos a certa ilha e pegamos à força 232 almas, tomamos a rota de Castela e em 67 dias atravessamos o golfo, e fomos às ilhas dos Açores que são do rei de Portugal, que distam de Cadiz 300 léguas. Aqui fizemos provisão de viveres, navegamos para Castela e o vento tendo sido contrário, tivemos de ir por forças às ilhas das Canárias, ilha da Madeira, e desta a Cadiz. Estivemos nesta viagem 13 meses correndo grandíssimos perigos, descobrindo infinitíssimas terras da Ásia e grande quantidade de ilhas, a maior parte delas habitadas. Muitas vezes verifiquei com o compasso que tínhamos navegado cerca de 5.000 léguas que são 20 mil milhas. Em conclusão, passamos a linha equinocial 6 graus e meio do lado do ocidente, navegamos 84 graus distante do meridiano da costa e lado de Cadiz, descobrimos infinita terra e vimos muitíssima gente toda nua e de várias línguas. Vimos na terra muitos animais selvagens e várias espécies de pássaros e árvores, infinitíssimas coisas e todas aromáticas. Trouxemos pérolas, ouro puro e 2 pedras, uma de cor de esmeralda e outra de ametista duríssima do comprimento de meio palmo e da grossura de 3 dedos. Este rei apreciou tudo isso e os pôs entre as suas jóias. Trouxemos um grande pedaço de cristal que alguns joalheiros dizem que é berilo, e que segundo diziam os índios, tinham dele grandíssima quantidade. Trouxemos 14 péro-

las encarnadas que muito contentaram a rainha, e também muitas outras pedrarias que pareciam belas. De tôdas estas coisas não trouxemos muita, porque não parávamos em nenhum lugar, mas de continuo navegávamos. Chegados que fomos a Cadiz, vimos nossos escravos e encontramos vivos 200 dêles. Os que faltavam para completar 232, tinham morrido no gôlfo. Deduzidas tôdas as despesas que foram feitas com os navios, restavam 500 ducados, os quais foram repartidos em 55 partes, sendo pouco o que tocou a cada um: também nos contentamos por ter chegado com vida e salvamento, e damos graças a Deus que em tôda a viagem dos 52 homens cristãos que éramos, não morreram senão dois matados pelos índios. Eu depois que vim tenho duas quartãs e espero em Deus logo sarar porque dura pouco e sem frio. Deixo de parte muitas coisas dignas de referênciã, não porque não mereçam ser escritas ou lembradas, mas para não ser prolixo. Arma-me aqui êste Rei 3 navios para que novamente vá descobrir, e creio que estarão prestes em meados de setembro. Queira Nosso Senhor dar-me saúde e boa viagem, que na volta espero trazer importantes notícias e descobrir a ilha Taprobana que fica entre os mares Indico e Gangético. Depois penso repatriar-me e repousar os dias da minha velhice.

Lembrei-me, Magnífico Lourenço, que como por carta vos dei conta do que me ocorreu, mandar-vos também dois mapas da descrição do mundo, feitos pelas minhas mãos sendo: uma carta em desenho plano e um mapa-mundi em corpo esférico, os quais penso mandar-vos por um Francisco Lotti, nosso florentino, que se encontra aqui. Creio que vos agradarão, principalmente o corpo esférico que, pouco tempo faz, fiz um para Sua Alteza o Rei que muito o apreciou.

O meu desejo era levá-los pessoalmente, mas a recente resolução de ir outra vez descobrir, não me dá tempo. Não falta nessa cidade quem entenda o desenho do mundo e que talvez corrija alguma coisa dêle. Todavia, quem o deva emendar, que espere a minha chegada, porque poderá ser que me justifique.

Creio que Vossa Magnificência terá sabido das muitas terras que encontrou a frota que, dois anos faz, mandou o rei de Portugal a descobrir na parte de Guiné. Viagem como aquela não chamo ir descobrir, mas andar pelo descoberto porque, como vereis pelo mapa, a navegação é de continuo avistando a terra. Contornam a terra da África pela parte do austro por um caminho do qual falam todos os autores de cosmografia. Verdade é que aquela navegação foi de bastante proveito, e isto é aquela coisa que todos hoje muito ambicionam, principalmente neste reino, onde desordenadamente domina a cobiça. Sei como passaram o Mar Vermelho e chegaram ao sul do "Sinus Persicus" a uma cidade que se chama Calicut, a qual está ao sul do "Sinus Persicus" e do rio Indo. Agora novamente o rei de Portugal volta a armar 12 navios com grandíssima riqueza e a mandá-los àquela parte, e creio que farão grandes coisas se vão a salvamento.

Somos a 28 de julho de 1.500, e nada existe para fazer menção.

Nosso Senhor que vos conserve a vida e o magnífico estado como deseja

Amerigo Vespucci, em Sevilha.

Nota — Tradução feita por nós do texto de Piero Vaglienti (Códice Riccardiano 1910), publicado por Alberto Magnaghi na sua obra "Amerigo Vespucci", Roma, 1924, volume II, páginas 297 a 323.

CÓDICE RICCARDIANO 1910

Carta de Amerigo Vespucci a Lourenço de Pier Francesco de Medici, expêdida de Cabo Verde a 4 de junho de 1501.

Meu magnífico patrão.

A 8 de maio vos escrevi a última estando em Lisboa prestes a partir. Nesta viagem que agora com a ajuda do Espírito Santo comecei, pensei que até a minha volta não poderia mais vos escrever, porém, parece que a sorte me deu tempo de poder vos escrever não sómente de terra distante, mas de alto mar.

Sabeis, Lourenço, seja pela minha, como por cartas dos nossos florentinos de Lisboa, como fui chamado, estando em Sevilha, pelo rei de Portugal. Pediu-me que me dispusesse a servi-lo nesta viagem para a qual me embarquei em Lisboa a 13 do passado e tomamos nosso caminho pelo sul. Tanto navegamos que passamos à vista das Ilhas Afortunadas, que hoje se chamam das Canárias, e passamo-las de largo tendo nossa navegação ao longo da costa da África, e tanto navegamos que chegamos aqui a um cabo que se chama Cabo Verde, que é o princípio da província da Etiópia e está no meridiano das Ilhas Afortunadas, tem de latitude 14 graus da linha equinocial, onde por acaso encontramos surtos dois navios do Rei de Portugal que estavam de volta da parte da Índia oriental, que são daqueles mesmos que partiram para Calicut há 14 meses, que foram 13 navios, com os quais eu tive grandíssima conversação, não tanto sôbre a viagem, mas a respeito da costa da terra que percorreram, das riquezas que encontraram, daquilo que possuem, de que tudo em resumo se fará menção nesta a Vossa Magnificência, não por meio da cosmografia porque não foi nessa frota cosmógrafo nem matemático, o que foi grande êrro. Mas direi assim desordenadamente

como me contaram, salvo aquilo que corriji um pouco com a cosmografia de Ptolomeu.

Esta frota do Rei de Portugal partiu de Lisboa no ano de 1499 (), no mês de abril, e navegou ao sul até as ilhas do Cabo Verde que distam da linha equinocial cerca de 14 graus e fora de qualquer meridiano do lado do ocidente, o que podeis dizer que estão mais ao ocidente que as Ilhas das Canárias seis graus pouco mais ou menos, que bem sabeis como Ptolomeu e a maior parte das escolas de cosmógrafos põem o fim do ocidente habitado nas Ilhas Afortunadas, as quais têm de latitude com o astrolábio e o quadrante e achei ser assim. A longitude é coisa muito difícil de que pouco se pode saber, salvo os que muito velam e olham a conjunção da Lua com os planetas. Por causa da dita longitude eu perdi muitas noites e abreviei a minha vida 10 anos, e tudo tenho por bem empregado, porque espero ter fama por longo século se voltar com saúde desta viagem. Deus não me tenha por soberbo porque cada trabalho meu dedicarei ao seu santo serviço.*

Agora torno ao meu propósito. Como digo, êstes 13 navios acima referidos navegaram em direção ao sul das Ilhas do Cabo Verde com o vento entre o sul e sudoeste. E depois de terem navegado em 20 dias cêrca de 700 léguas, que cada légua são 4 milhas e meia, pousaram em uma terra onde encontraram gente branca e nua da mesma terra que eu descobri para o Rei de Castela, salvo que está mais a levante, a respeito da qual por outra minha vos escrevi, onde dizem que se abasteceram, daí partiram e seguiram a sua navegação até o levante, e navegaram com o vento de sudoeste tomando a quarta do levante. E quando estavam afastados da dita terra, tiveram tanta tormenta com tempestuoso vento de sudoeste que fêz irem para baixo e para cima 5 de seus navios e os submergiu com tôda

(*) C. Malheiros Dias, "História da Colonização Portuguesa do Brasil", volume II, página 191, atribui a um erro cronológico a indicação do ano de 1499 como o da partida da frota de Cabral. Há manifesto equívoco da parte desse erudito historiador luso. A data está certa, de acôrdo com o calendário florentino.

a gente. Deus que tenha misericórdia das suas almas. E os 8 navios dizem que correram em árvore sêca, isto é, sem velas, 48 dias e 48 noites com grandíssima tormenta. E tanto correram que se encontraram com a sua navegação acima do vento do cabo da Boa Esperança, que está assinalado na costa da Etiópia e fora do Trópico de Capricórnio 10 graus da parte do meridiano, digo que está na altura de 33 graus da linha equinocial para o sul. Pelo que feita a proporção do paralelo, encontram que o dito Cabo tem de longitude do ocidente habitado 62 graus pouco mais ou menos, podendo-se dizer que está no meridiano de Alexandria. E daqui navegaram depois para o setentrião a quarta do nordeste, navegando de continuo ao longo da costa, a qual segundo me parece é o princípio da Ásia e província da Arábia Feliz e das terras de Prestes João, porque aqui tiveram notícia do Nilo que ficava ao ocidente dêles, que como sabeis separa a África da Ásia. E nesta costa existem inúmeras povoações e cidades, e em algumas fizeram escala sendo a primeira Sofala, a qual dizem ser tão grande como o Cairo (*). Tem mina de ouro e dizem que pagam de tributo ao seu rei 200 mil miticais de ouro ao ano, valendo cada mitical cêrca de uma "castellana" (**) de ouro. E daqui partiram e foram a Moçambique onde dizem que há muito áloes, grande quantidade de laca e muitos tecidos de sêda. Tem tanta população como o Cairo. De Moçambique foram a Quiloa e a Mombaça, de Mombaça a Dimodaza e a Melinde. Depois a Mogadouro e a Campernia, a Zendach, depois a Amaab, depois a Adabul (talvez Rasbel) e a Albarcon. Tôdas estas cidades estão na costa do mar oceano, e vão até o estreito do Mar Vermelho. O qual mar haveis de saber que não é vermelho, é como êste nosso, mas só tem de vermelho o nome. E tôdas estas cidades são riquíssimas de ouro, de jóias, de tecidos, de especiarias e de drogas, que são transportadas de sua própria ori-

(*) No limite do possível, traduzimos para o português alguns nomes de localidades desta carta de Vespucci.

(**) Moeda de ouro espanhola pesando gramas 4,55.

gem da parte da Índia, como comprehendereis o que seria coisa longa de repetir.

De Albarcon atravessam o estreito do Mar Vermelho e vão a Meca, onde foi um navio da dita frota, que neste momento aqui chegou neste cabo, e até aqui é descrita a costa da Arábia Feliz. Agora vos falarei da costa do Mar Vermelho em direção à Índia, isto é, dentro do estreito dêsse mar.

Na bôca do estreito do Mar Vermelho existe um pôrto que se chama Aden com uma grande cidade. Mais adiante do lado do setentrião está um outro pôrto que se chama Camarcan, e Ansuva; depois é um outro pôrto que se chama Hodeida, e de Hodeida a Loheia, e de Loheia a Guda. Êste pôrto de Guda está junto do Monte Sinai, que como sabeis é na Arábia Deserta, onde dizem que é escala de todos os navios que vêm da Índia e de Meca. Neste pôrto, dizem, descarregam tôdas as especiarias, drogas e jóias. Tudo que ali descarregam é transportado depois pelas caravanas de camelos que vêm do Cairo e de Alexandria, as quais dizem que caminham 80 léguas pelo deserto da Arábia. E dizem que, neste Mar Vermelho, não navegam a não ser de dia por causa dos muitos escolhos e baixios de areia que existem. E muitas outras coisas me foram contadas dêsse mar, que para não ser prolixo se omitem.

Agora falarei da costa do Mar Vermelho da parte da África. Na bôca do estreito dêsse mar está Zoiche (Zeile), sendo senhor dela um mouro que se chama Agidarcabi, e dizem que está perto do porto de Guda 3 dias de viagem, tem muito ouro, muitos elefantes) e infinito mantimento. De Zoiche a Arbazui (talvez Asab). Dêstes dois portos de Arboiam e Zala, é senhor o Prestes João, e têm em frente um pôrto que se chama Tui, o qual é do grande Sultão da Babilônia. Depois de Tui a Ardem, e de Ardem a Zeon. Isto é quanto eu pude saber do Mar Vermelho: refiro-me a quem melhor o sabe.

Resta-me agora dizer aquilo que eu sei da costa de Meca, que está dentro do Mar Pérsico e que é o seguinte. Partem de Meca •

vão pela costa do mar até uma cidade que se chama Ormuz, a qual é um pôrto na bôca do Mar Pérsico. E depois de Ormuz a Tus (talvez Kis), e de Tus a Tunas, depois a Capan, depois a Lechor, depois a Dua, depois a Torsis, depois a Pares, depois a Stucara, depois a Ratar. Todos êstes portos que são muito povoados estão dentro da costa do Mar Pérsico. O que digo é muito mais de memória, porque isso me contou um homem digno de fé, que se chama Gaspar, e que tinha viajado do Cairo até uma província que se chama Malaca, a qual está situada na costa do Mar Índico. Creio que seja a província que Ptolomeu chama Gedrosica. Êste Mar Pérsico, dizem que é muito rico, mas isso tudo não é para ser acreditado, portanto eu o deixo na pena de quem melhor possa dizer a verdade.

Agora me falta falar da costa que vai do estreito do Mar Pérsico até o Mar Índico, segundo me contaram muitos que foram na dita armada, principalmente o dito Gaspar, o qual sabia muitas línguas e os nomes de muitas províncias e cidades. Como digo, é um homem que merece crédito, porque fêz duas vêzes a viagem de Portugal ao Mar Índico.

Da bôca do Mar Pérsico se navega para uma cidade que se chama Dabul, de Dabul a Gôa, de Gôa a Zedeuba, depois a Nui, depois a Bacanut (talvez Barcelar), depois a Salut, depois a Mangalor, depois a Bekal, depois a Calnut, depois a Dremepetam, depois a Pandarane, depois a Catat, depois a Calicut. Esta cidade é muito grande, e foi a armada de Portugal nela repousar. Depois de Calicut a Beypur, depois a Stailat, depois a Remond, depois a Paravrangrari, depois a Tanui (Tanor), depois a Propornat, depois a Cuninam, depois a Lonam, depois a Belingut, depois a Palur, depois a Gloncoloi, depois a Cochim, depois a Culão, depois a Cain, depois a Coroncaram, depois a Stomondel, depois a Nagaitan, depois a Delmatan, depois a Carepatan, depois a Conimat. Até aqui navegaram as frotas de Portugal, apesar de não terem em conta a longitude e a latitude da dita navegação, o que é coisa impossível fazer comprehender a quem não tem muita prática de marinharia. Eu tenho

esperança nesta minha navegação de ver e percorrer grande parte do acima dito, e descobrir muito mais, e na minha volta farei de tudo boa e verídica descrição. O Espírito Santo que seja comigo. Este Gaspar, que me contou as coisas acima ditas e que foram confirmadas por muitos cristãos que participaram de algumas dessas, me disse depois o seguinte: que tinha estado no interior da Índia em um reino que se chama Perlicat, o qual é grandíssimo, rico de ouro, de pérolas, de joias e de pedras preciosas, e contou ter estado no interior em Mailepur, em Gapaton, em Melata, em Tanaser (Tarescrim), em Pegu, em Starnai, em Bencola, em Otezam e em Marchim. Este Marchim disse êle que ficava perto de um grande rio chamado Enparlicat. E neste Enparlicat, está a cidade onde existe o corpo de São Marcos apóstolo e residem muitos cristãos. E me disse ter estado em muitas ilhas, principalmente em uma que se chama Ceilão, que disse ter de circuito 300 léguas e que o mar tinha dela destruído o rio e outras 400 léguas. Disse-me que era ilha riquíssima de pedras preciosas, de pérolas, de especiarias de tóda qualidade, de drogas e outras riquezas, como são elefantes, muitos cavalos; de modo que calcúlo que esta ilha seja Taprobana, segúndo êle me descreveu. E me disse mais que nunca ouviu mencionar Taprobana em tal parte, que como sabeis está tóda em frente ao mencionado rio.

Do mesmo modo me disse que tinha estado em uma outra ilha que se chama Sumatra, a qual é do tamanho de Ceilão, e Bencomarcano que também é tão rica como elas, de modo que não sendo Ceilão a ilha Taprobana, será Sumatra. Destas duas ilhas partem para a Pérsia e Arábia inúmeros navios carregados de tódas as qualidades de especiarias, de drogas e jóias preciosas. E dizem que viram grande quantidade de navios desta região, que são grandíssimos e de 40 a 50 mil cântaros de carga, chamados juncos, tendo mastros grandíssimos e cada junco 3 ou 4 cabinas. As velas são de junco, não fabricadas com ferro, mas entrelaçadas com cordas. Parece que aquêle mar não é tempestuoso. Têm bombardas, mas não são rápidos os navios nem se aventuram muito ao mar, pois

de continuo navegam avistando a terra. Aconteceu que esta frota de Portugal para atender a um pedido do rei de Calicut, aprisionou um navio que estava carregado de elefantes e arroz e tendo mais de 300 homens. Aprisionou-o uma caravela de 70 toneladas. E uma outra vez puseram ao fundo 12 navios. Depois vão a uma ilha chamada Arenbuche, e Moluca e a muitas outras ilhas do Mar Índico, que são aquelas de que fala Ptolomeu, que estão em tórno da Ilha Taprobana, e tôdas são ricas.

A dita armada voltou a Portugal, e na volta restaram 8 naus, perdendo-se 1 carregada de muitas riquezas que dizem que valia 100 mil ducados, e as 5 que com o temporal se perderam. Da capitânea, da qual hoje é chegada uma aqui (sic), como acima disse, creio que outras chegarão a salvamento. Assim queira Deus.

Aquilo que os ditos navios carregam é o seguinte:

Vêm carregados de infinita quantidade de canela, gengibre verde e sêco, muita pimenta e cravo, noz-moscada, maça, algalia, istorac, almíscar, benjoim, porcelana, cassia, almecega, incenso, mirra, sândalo vermelho e branco, madeira de áloes, cânfora, âmbar, bambú, muita laca, mumia, anib, e tuzia, ópio, áloes hepático, folio indico, e muitas outras drogas que seria longo citar. De jóias nada mais sei, salvo que vi muitos diamantes, rubis e pérolas, entre elas um rubi redondo de bellissima côr que pesava 7 quilates e meio. Não vou mais me estender porque o navio não me deixa escrever. De Portugal mandar-vos-ei notícias. Em conclusão, o Rei de Portugal tem nas mãos um grandíssimo comércio e grande riqueza. Deus que lhe dê prosperidade. Creio que as especiarias vêm desta parte para Alexandria e daí para a Itália, segundo a qualidade e pedido. Assim é o mundo.

Acreditai, Lourenço, que aquilo que eu escrevi até aqui é a verdade. E se não concordarem os nomes das províncias, reinos, cidades e ilhas com os escritores antigos, é sinal claro que eles foram trocados como vemos na nossa Europa, onde com admiração ouvimos um nome antigo. E para maior clareza da verdade se en-

contra presente Geraldo Verdi, irmão de Simão Verdi, de Cadiz o qual esta em minha companhia e se vos recomenda.

Esta viagem, que ora faço, vejo que é perigosa quanto à franquesa do nosso humano viver. No entanto faço-a com ânimo franco para servir a Deus e ao mundo. E se Deus servir-se de mim, me dará virtude para que eu seja preparado para tôdas as suas vontades, com quanto que dê eterno repouso à minha alma.

Nota: Tradução feita por nós do texto de Piero Vaglianti (Códice Riccardiano 1910), publicado por Henri Vignaud às páginas 403-407 do seu trabalho "Amerigo Vespucci", Paris, 1917.

CÓDICE RICCARDIANO 1910

Carta de Amerigo Vespucci a Lourenço de Pier Francesco de Medici, enviada de Lisboa em 1502.

Magnífico Lourenço meu patrão. Depois das devidas recomendações, etc.

A ultima escrita a Vossa Magnificência foi da costa de Guiné de um lugar que se chama Cabo Verde, pela qual soubestes qual o princípio da minha viagem e, pela presente, será dito com brevidade o meio e o fim dela, que é isto que segue agora.

Partimos facilmente do dito Cabo Verde e abastecidos de todo o necessário como água, lenha e outras coisas para nos metermos no gôlfo do mar oceano a procurar novas terras. Navegamos tanto com o vento entre sudoeste e sul, que em 64 dias chegamos a uma nova terra a qual achamos ser terra firme por muitas razões que no prosseguir serão ditas, pela qual terra corremos cêrca de 800 léguas em direção a 1/4 do sudoeste para ocidente e achamo-la cheia de habitantes, onde vi coisas maravilhosas de Deus e da natureza, pelo que resolvi dar notícias delas a Vossa Magnificência como sempre tenho feito das outras minhas viagens. Navegamos por êstes mares até que entramos na zona tórrida e passamos a linha equinocial na parte do austro e do trópico de Capricórnio, de modo que o pólo sul estava acima do meu horizonte 50 graus e outro tanto era a minha latitude da linha equinocial, pois navegamos 9 meses e 27 dias, sem mais vermos o pólo norte, nem tão pouco a Ursa Maior e Menor, e ao contrário revelaram-se a mim da parte do meridiano inumeros grupos de estrêlas muito claras e belas, as quais sempre estão escondidas aos que habitam no setentrião, onde notei o maravilhoso artificio dos seus movimen-

tos e as suas grandezas, medindo o diâmetro de seus círculos e figurando-as em desenho geométrico. Notei outros movimentos do céu, o que seria coisa prolixa escrever-vos. Porém tôdas as coisas mais notáveis que nesta viagem me ocorreram, as anotei em um pequeno trabalho para quando estiver em repouso e puder disso occupar-me deixar de mim depois da morte alguma fama. Estava com intenção de mandar-vos um resumo, mas o tem êste Senhor Rei. Devolvendo-me o farei. Em conclusão, fui à parte dos antípodas que, pela minha navegação, é uma quarta parte do mundo; o ponto mais alto do meu zênite naquela parte formava um ângulo reto esférico com os habitantes dêste setentrião que estão na latitude de 40 graus; e isto basta.

Vejamos a descrição da terra, dos habitantes, dos animais, das plantas e de outras coisas úteis e comuns que, naqueles lugares, se encontram para a vida humana. Esta terra é muito amena e cheia de inúmeras árvores muito grandes que nunca perdem a folhagem, tôdas têm odores suavíssimos e aromáticos, produzem muitíssimas frutas e muitas delas de bom paladar e salutareas ao corpo. Os campos produzem muitas ervas, flôres e raiz muito macia e benéfica. Algumas vêzes me extasiei com os odores dos arbustos e das flôres e dos sabores dessas frutas e raiz, tanto que pensava comigo estar perto do Paraíso Terrestre, achando-me entre êstes alimentos podia acreditar estar próximo dêle. Que diremos da quantidade de pássaros, das côres das suas plumagens e cantos, quantos são e de quanta beleza? Não quero me estender nisto, porque tenho dúvidas se me darão crédito.

Quem poderá contar a infinidade de animais selvagens que lá existe, tanta abundancia de leões, panteras, gatos não da Espanha mas dos antípodas, lôbos-cervais, monos, gatos, macacos de várias espécies, muitas cobras grandes e tantos outros animais que creio que pela quantidade não caberiam na arca de Noé; porcos selvagens, cabritos, veados, corças, lebres e coelhos. Animais domésticos não vimos.

Vejamos os animais racionais. Vimos que tôda a terra era habitada por gente nua, sendo que tanto os homens como as mulheres

não cobriam as suas vergonhas. São bem feitos e proporcionados de corpo, de côr branca e cabelos longos, pouca barba ou nenhuma. Muito lutei para compreender a vida dêles e seus costumes, porque 27 dias comi e dormi com êles e o que dêles soube é o seguinte.

Não têm lei nem nenhuma fé, vivem segundo a natureza. Não conhecem a imortalidade da alma, não possuem bens próprios porque tudo é comum. Não têm limites de reino ou de província, não possuem rei nem obedecem a ninguém, cada um é senhor de si; não fazem justiça a qual não é necessária porque não reina entre êles a cobiça. Habitam em comum em casas à moda de cabanas muito grandes, feitas por gente que não tem ferro nem outro metal. Pode-se dizer que as suas cabanas são casas admiráveis porque vi que têm de comprimento 200 passos e 30 de largura, artificialmente construídas, e em uma destas casas estavam de 500 a 600 pessoas. Dormem suspensos em rêdes de algodão sem nenhuma coberta e comem sentados no chão. As suas comidas são muito boas: muitos peixes, grande quantidade de mariscos, rici, carangueijos, ostras camarões e muitas outras coisas que tem o mar. A carne que comem, principalmente a comum, é carne humana do modo que se dirá. Quando podem ter carnes de animais e de pássaros, comem-nas, mas pouco, porque não têm cães e a terra tem muitas matas que estão cheias de feras cruéis e, por isso, não penetram nelas a não ser em grande número.

Os homens têm o costume de furar os lábios e as faces. Depois põem nos furos ossos e pedras, pois a maior parte dêles o menos que tem são 3 furos e alguns 7 e 9, não os imagineis pequenos, nos quais colocam pedaços de pedra de alabastro verde e branco do comprimento de meio palmo e da grossura de uma ameixa catalã, o que parece coisa fora do natural. Dizem que assim procedem para aparentar mais ferocidade. Enfim é coisa brutal.

Os seus casamentos não são com uma só mulher, mas com quantas querem e sem muita cerimônia pois conhecemos um homem que tinha 10 mulheres. São ciumentos e se acontece que uma mulher lhes seja infiel, a castigam e resolvem mandá-la embora, afastando-a. São

gentes muito fecundas. Não têm rendas porque não têm bens próprios. Quando os seus filhos, isto é, as fêmeas estão na idade de gerar, o primeiro que deve corrompê-las fóra o pai, é o mais próximo parente que tem. Depois de assim corruptas fazem-nas casar.

As suas mulheres nos seus partos não fazem resguardo algum como as nossas, pois comem de tudo e apenas tenham parido vão no mesmo dia ao campo e se lavam.

São gentes que vivem muito anos porque, segundo suas gerações, muitos homens temos conhecido que tinham até 4 qualidades de netos. Não sabem contar os dias, nem os anos, nem os meses dos anos, a não ser que dizem o tempo por meses lunares. Quando querem indicar alguma coisa e o seu tempo, indicam com pedras, pondo para cada mês lunar uma pedra. Encontrei um homem, dos mais velhos, que me assinalou com pedras ter visto 1.700 meses lunares que me parece ser 132 anos, tendo cada ano 13 meses lunares.

São gentes belicosas, muito cruéis entre si, e tôdas as armas e golpes são como disse Petrarca sujeitos ao vento, sendo arcos, setas, dardos e pedras. Não usam defesa para o corpo, porque andam nus como nasceram. Não têm ordem nenhuma nas suas guerras, salvo que fazem aquilo que os velhos aconselham, e quando combatem se matam mui cruelmente. Os que ficam senhores do campo enterram todos os seus mortos e despedaçam os inimigos e os comem. Conservam em suas casas como escravos aquêles que aprisionam, e se é mulher dormem com ela, sendo homem o fazem casar com suas filhas. E em certas épocas, quando são tomados de fúria diabólica, convidam os parentes e o povo, os põem na frente, isto é, a mãe com todos os filhos que dêle teve e, com certas cerimônias, os matam com setas e os comem. O mesmo fazem com os escravos e com os filhos que dêles nascem. Isto é verdade porque encontramos nas suas casas muita carne humana posta ao fumo. Compramos dêles 10 criaturas, machos e fêmeas, que estavam condenados ao sacrifício, mas para dizer melhor, ao malefício. Reprendemo-los muito, mas não sei se se emendarão. O que mais admiro nestas guerras e crueldade, é que não pude saber dêles porque fazem guer-

ra uns aos outros, pois que não têm bens próprios nem posse de imperios ou reinos, e não sabem que coisa seja a cobiça como bens ou avidez de reinar, o que me parece seja a causa das guerras e de qualquer ato desordenado. Quando lhes perguntávamos a causa, não sabiam apresentar outras razões a não ser que os antigos começaram entre êles esta maldição e que querem vingiar a morte dos antepassados. Em conclusão, é coisa bestial, sendo certo que um homem entre êles me confessou ter comido carne de mais de 200 corpos, e isto acredito que é verdade e basta.

Quanto à disposição da terra digo que é muito amena, temperada e sadia, porque durante o tempo em que andamos nela, que foram 10 meses, nenhum de nós morreu e poucos enfermaram. Como disse, êles vivem muito tempo e não têm enfermidades, nem pestilência ou corrupção do ar, (morrem) de morte natural ou causada por sufocação. Em conclusão, os médicos teriam má permanência em tal lugar.

Porque fomos para descobrir e não para procurar qualquer proveito, partimos de Lisboa e não nos preocupamos em procurar na terra nenhum proveito de modo que nela não vimos coisa que fôsse útil a ninguém, não porque não acredite que a terra não produza qualquer espécie de riqueza pela sua admirável disposição e devido ao clima da região onde está situada. Não é de admirar que logo não obtivéssemos todo o proveito, porque os habitantes não dão valor a coisa alguma, nem ao ouro, nem à prata ou à outra jóia, a não ser às coisas de plumagens ou de osso, como se disse. Tenho esperança que mandando agora visitá-la êste Senhor Rei, não passarão muitos anos que cheguem a êste reino de Portugal grandíssimo proveito e renda.

Encontramos enorme quantidade de pau-brasil, bastante para carregar sem nenhuma despesa quantos navios hoje existem no mar, e também canafístula. Vimos cristal, especiarias de inúmeros sabores e odores, drogas, mas que não são conhecidas.

Os homens do país falam de ouro, de outros metais e de drogas milagrosas, mas eu sou mais que São Tomé: "o tempo fará tudo".

Há tempo que o céu está límpido e adornado de muitas estrelas brilhantes, e de tôdas observei os círculos. Isto é um resumo, só capita rerum, das coisas que naquela parte vi. Deixo muitas coisas as quais seriam dignas de lembrança, para não ser prolixo, e porque as encontrareis minuciosamente na minha viagem.

Por ora estou aqui em Lisboa esperando aquilo que o Rei me determinará. Queira Deus que aconteça o que seja melhor para o seu santo serviço e para a salvação da minha alma.

Nota: Tradução feita por nós do texto de Piero Vaglianti (Códice Riccardiano 1910), publicado por Alberto Magnaghi no seu trabalho "Amerigo Vespucci", Roma 1924, volume II, páginas 323 a 333.

CÓDICE RICCARDIANO 1910

Carta que Piero Rondinelli remeteu de Sevilha a Florença em 3 de outubro de 1502.

PIERO RONDINELLI. (1)

LETTERA. (2)

Siviglia, 3 ottobre 1502.

De' navilli delle nuove isole d'India in fino a qui n'è tornati. VII. di quanto io so; è tornato Michele che fu vostro mozo quando io venni di chostì, e viene richo di pù di .6000. chastelane vale el suo, chè rechato uno grano d'oro, cioè un pezo de valuta di .3270. chastelane, che dice era una chosa di miracholo vedere s'è bel pezo d'oro. in fine è qui, ed è riccho. e tutti quelli che vi sono stati dal principio in qua verghono richi, che 'n fine v'è oro assai, ma si chara chon travaglio, e' l. manchamento che ànno di vetovaglia è alsì chausa che non possono charichare chome farebono; ma da ora per avanti si darà ordine chome elino (3) chol primo navile le vetovagle, e chostì andrà molto bene e trarà oro infinito, chè non è possibile dove s'è gran pezo d'oro si truova non vi sia de l'altro e gran soma.

(1) La famiglia dei Rondinelli esercitava l'arte della lana, e prese larga parte nel governo della repubblica fiorentina. Ebbe trentasei priori e dodici gonfalonieri di giustizia. Questo Piero di Nofri di Giovanni erasi recato in Siviglia, come altri mercanti fiorentini, per trar profitto alle loro case dalle nuove vie che allora si aprivano al commercio.

(2) È intitolata: Copia d'una lettera della tornata delle 4. charavelle di Chalichut cholle spezierie. Comincia: "Arete inteso de' .4. navili tornati de "Ckalicut", e fino alla metà circa si occupa soltanto delle Indie orientali. Diamo pretanto solo la seconda parte, che ci fu gentilmente favorita dal dott. Morpurgo bibliotecario della Riccardiana.

(3) Si dovrebbe, ma non si può leggere "abino".

l'amiraglio fu a dischoprire più avanti, e si chede che troverrà molta richeza, perchè uno Bastiano, che fu a dischoprire verso donde el deto amiraglio, è tornato e à rechato sopra di .100. marchi d'oro, e dice non si fidò di scendere in tera perchè non si sentiva poderoso, ma che grandissima soma d'oro è in quelle parte, sì che s'ordinò⁽⁴⁾ di qua questa esser buona terra, che fra spezierie e oro questa Spangana si farà richissima.

Giovan Santo⁽⁵⁾ à 'uto licenza per armare cinque navili per ire in India, cioè a queste isole, con vetogaglia e dà el $\frac{1}{4}$ del guadagno, arretrato 'l capitale, che stimo sarà d'uno .3. o .4., mandandolo Iddio a salvamento, chè si vende là quello che l'uom vuole, e vale una nova⁽⁶⁾ di vino .1. peso $\frac{1}{2}$ d'oro, e una rova di tozino, cioè porcho, .2. pesi, e una rova di sapone .2. pesi e $\frac{1}{2}$, una vara⁽¹⁾ di panno di Chordova di grana .5. pesi e $\frac{1}{2}$, uno chantaro di bischotto .2. pesi, una vara di panno lino di Sibia $\frac{1}{2}$ peso, una vara d'Olanda cioè di $\frac{1}{2}$ Olanda .1. peso, uno gubone di fustangno .2. pesi, uno chuzoto di lenza .1. peso e $\frac{1}{2}$, .1. spada .2. pesi, una balestra .4. pesi; e chosì tuto allo avenante⁽²⁾ si vende, sechondo che per relazione ò auto da uno ch' è stato là .9. anni, sì che vedete se 'l partito è di gran ghuadagno. Francesco de' Bardi s' à a fare ricco a maraviglia, chè in fino a oggi dice non dare' per .1000. marchi quello tiene ne l'India, e ora vi meterà .3. o .400. ducati che Giovanni Sanotto lo serve, e al chontinovo li dà de ducati .600. o più; sì che chi avessi danari sare' buono a rischiarsi. la chapitana anchora non è venuta : mandila Idio a salvamento, che à più di .100,

(4) Cioè, si reputa.

(5) Sanchez fratello del tesurier e del re d'Aragona. Cf. Parte I di questa Raccolta, vol. I. illustrazione al doc. II.

(6) Antica misura, di circa libbre diciotto. L'Affaitadi in una lettera del 14 settembre 1503 dice: "ogni quintale fa quattro rove, che l'è como da noi " pesi .6."; e il Balducci Pegolotti: "Rova una meno un dodicesimo di rova " d'olio alla misura di Sibia, fanno in Firenze orcie una d'olio".

(1) "In Sibia, panni lana, drappi di seta e d'oro si "vendono a pezza intera, e a ritaglio, a vara"; BALDUCCI PEGOLOTTI, Della decima &c. nella Pratica della mercatura, Lisbona-Lucca, 1766, III, 275.

(2) Cioè, a proporzione, a ragguaglio.

mila pesi d'oro, di che ne sono per i re .45. mila pesi, che sarà buon bochone per i re. mandi Idio tuto a salvamento.

Amerigho Vespucci arèm qui fra pochi dì, el quale à durato asai fatiche e à 'uto pocho profitto, che pure meritava altro che l'ordine: e' re di Portoghallo arendò (3) le terre che lui dischoperse a certi Chistiani nuovi, e sono obrighati a mandare ongni anno .6. navili e dischoprire ongni anno .300. leghe avanti, e fare una forteza nel dischoperto e mantenella detti .3. anni, e 'l primo anno non paghano nulla, e 'l secondo el 1/6, el terzo el 1/4, e fanno chonto di portare verzino asai e schiavi, e forse vi troveranno chose d'altro profitto. di quanto seghuirà vi si dirà vostro

Sibilia, soto dì .3. d'otobre .1502.

Piero Rondinelli.

(3) Cioè, diede in arrendamento, o fitto.

Despacho de Pietro Pasqualigo, embaixador de Veneza na Espanha, á Senhoria, datado de 12 de outubro de 1502, fazendo referênciã a expedição de 1501 enviada ao Brasil pélo governo Portuguêz.

Saragozza, 12 ottobre 1502.

[M. SANUTO, *Diari*, VI, 221.]

Scrive esso orator aver auto lettere di Lisbona, di Zuan Francesco Ascaitato (1) cremonese, di .10. septembrio. avisa, le .4. nave, s'è aspectava de India, non erano zonte; è mesi .18. partìno; e le caravele, mandate l'anno passà a scoprir la terra di Papagò o ver di Santa Croce, a dì .22. luio erano ritornate; e il capetanio referiva aver scoperto più di .2500. mà di costa nova, nè mai aver trovato fin de ditta costa. et dite caravele è venute carge di verzè et di cassia, nè altre specie hanno portato &c. noto, com'è la nova di Colocut, par a dì .13. zonzese a Lisbona le caravele con specie; la qual nova è in man di sier alvise da Molin. (2)

(1) Intende l' Affaitadi, le cui lettere si raccolsero per la sezione seconda di questa Parte III.

(2) Il diarista GIROLAMO PRIULI (ms. nel museo Civico di Venezia), riferendosi alle notizie pervenute ad Alvise Molin intorno alle navigazioni dei Portoghesi nell' India, nota: "Et questa nova fece rimaner morti tutta la citade veneta, zoè li merchadanti et altri che consideravano il futuro, et di quanto danno fosse questo a la citade haver perduto la navigation... tamen alchuni vivevano in speranza che questo viaggio [per le Indice orientali] non potesse durar et ch'el signor soldan dovesse farne qualche provisione".

Tradução da cópia do acto notarial de Valentim Fernandes lavrado em Lisboa aos 20 de Maio de 1503 (*)

Em nome de Deus, Amém. Pelo teor do presente documento público saibam todos claramente que no ano do nascimento do Senhor de 1504, indição sétima, e no dia 4 do mês de agosto, no ano primeiro do pontificado do Santíssimo Padre em Christo e nosso Senhor Júlio II, papa pela Divina Providência, o nobre e circumspecto varão Conrado von der Rosen, natural das regiões da Germânia, possuindo e tendo em suas mãos uma autêntica carta patente, ou seja o documento público abaixo transcrito, feito com o sinal e assinatura do honrado varão, senhor Valentim Fernandes de Morávia, tabelião público por autorização do serenissimo rei de Portugal e assinado também por êle, apresentou-o e entregou-mo a mim, tabelião público abaixo assinado, para dêle extractar uma pública forma; e, depois de vermos que estava em regra, pediu-nos que lhe dêsemos uma cópia que é do teor abaixo escrito:

Uma armada de 13 grandes naus do poderosissimo D. Manuel I, rei de Portugal e dos Algarves, d'Aquem e d'Alem mar em África, senhor da Guiné e da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e India, tendo saído do pôrto e requíssimo emporio de Lisboa, e partindo para a India descobriu aquem do Ganges, num mar desconhecido, sob a linha equinocial, um outro mundo, pela Divina Providência ignorado de tôdas as outras autoridades, no ano de Christo de 1500 e no último dia do mês de abril. Era seu

(*) O acto notarial está transcrito num outro dum tabelião alemão. A tradução é de todo o documento cuja copia, em latim, pertence, à Biblioteca de Stuttgart, estando incluído no mesmo código que pertenceu a Conrado Peutinger. A copia, em latim, foi publicada por Kunstmann em 1860.

comandante o estrenuo cavaleiro Pedro Álvares Cabral. Os habitantes dêsse mundo não têm fé, nem religião, nem idolatria, nem conhecimento algum do seu Criador, nem estão sujeitos a leis ou a qualquer domínio, mas apenas ao conselho dos velhos: nada têm como próprio, mas tudo lhes é comum, salvo as mulheres, andam todos completamente nus e nem homens nem mulheres cobrem as partes vergonhosas, afora em alguns dias festivos em que uns pintam os corpos de várias côres, outros cobrem-se, depois de ter untado o corpo, com pequenas penas de aves de côres variadas, e os restantes atam ao corpo grandes penas à maneira de aves. Os homens são de côr parda, de cabelos negros longos e corridos, não crespos como o dos Etiópes, pôsto que habitem no mesmo paralelo, de estatura pequena, de corpo robusto, rôsto amplo, olhos pequenos, tendo buracos no queixo e além disso diversos na face, onde collocam pedras e ossos a título de ornato; todos os homens são imberbes e às mulheres arrancam-lhes os pêlos; mas alguns trazem uma barba pintada.

Os homens copulam com as mulheres, mas não em público nem entre estes dois graus de parentesco: o filho com a mãe ou o pai com a filha e o irmão com a irmã. Não tem brado algum; comem assadas ou cozidas carnes de aves e de todos os animais, bem como a carne humana dos seus inimigos, e de igual modo os peixes e os crocodilos.

Fazem vinho do milho. Todos os animais são diferentes dos nossos a não ser os porcos; e não são menos diferentes as aves, as árvores e as ervas. Encontram-se aí os maiores crocodilos, não todavia tão ferozes como na Etiópia, que também comem os homens: a pele presente dêste mostra o corpo dum verdadeiro crocodilo. A terra é cheia de bosques espessos, de rios muito grandes e dele nos trouxeram os paus do Brasil e os paus de canela e outros que pareciam de canela, bem como papagaios de diferentes espécies.

Passados dois anos, uma outra armada do mesmo cristianissimo rei, destinada a êsse fim, tendo seguido o litoral daquela terra por quási 700 léguas encontrou nos povos uma só língua batizou a

muitos e, avançando para o sul, chegou até à altura do polo antártico, a 53 graus, e tendo encontrado grandes frios no mar voltou para a pátria.

Esta imagem, isto é, a daqueles homens e o presente crocodilo manda o egrégio varão João Draba, para perpétua memória do rei sereníssimo à capela do sangue de Christo, fundada em Burges, cidade da Flandres, para louvor de Deus omnipotente e da pátria, no ano da salvação de 1503, no mês de maio.

E eu Valentim Fernandes de Morávia, tabelião público por ordem do mesmo rei de Portugal, li a carta presente diante da régia majestade, de seus barões, supremos capitães e pilotos ou governadores de seus navios da supracitada terra dos antípodas com o novo nome de terra de santa cruz e todos unanimemente a confirmaram e eu coligi tudo isto dum livro escrito por mim, mediante a narração de dois homens da terra acima referida, e abaixo assinados, que durante 20 meses lá moraram e afirmo que tudo isto é verdadeiro pelo que vi e me relataram.

Em testemunho do que aponho aqui o meu sinal público, a 20 de maio de 1503, por assim o ter escrito acima. Valentim Fernandes esta carta em verdade, etc.

E porque eu Liberto Wigenhoist, clérigo de Colónia, etc.

Carta que Giovanni da Empoli enviou de Lisboa a
Florença em 16 de Setêmbro de 1504.

GIOVANNI DA EMPOLI. (1)

1504-1514.

LETTERE. (2)

16 settembre 1504.

[Bibliot. Nazionale centrale in Firenze, cod. Magliabecchiano di provenienza
Stroziana, del principio del sec. XVI, cl. XIII, 86, c. I. (3)]

*La partita nostra da Lisbona, alli .6. d'aprile .1503., nella nave
del chapitano maggiore Alfonso d'Albucherche, chapitani di .III.
nave di Portoghallo, di portata una di bocte .600., pro nome Sancto*

(1) Giovanni di Leonardo da Empoli, di una famiglia di mercanti e banchieri toscani, dopo di essere stato, giovanissimo, in Bruges, per affari di commercio, recossi a Lisbona ed ottenne di imbarcarsi, quale agente della ricca casa dei Marchionni di Firenze, sulla squadra che andava alle Indie sotto il comando dell'Albuquerque. Tornò in Portogallo il 16 settembre 1504, e poi di nuovo, nel 1510, andò a Goa e a Malacca, come fattore della doviziosa casa degli Affaitadi di Cremona, sulla flotta comandata da Diego Mendez di Vasconcellos, e ritornò a Lisbona nel 1514. Un terzo viaggio intraprese nel 1515, per ordine del re di Portogallo, che lo mandava suo agente in Sumatra, donde, avendo incontrato gravi ostacoli e difficoltà, si allontanò, e, portatosi in Cina, morì a Singahien presso Canton. Ingegno acuto e versatile, abile ed avveduto mercante, soldato, diplomatico ed uomo di mare, Giovanni da Empoli rivela esatto osservatore dei costumi, del clima e delle produzioni dei luoghi da lui visitati. Cf. Vita di Giovanni da Empoli in Archivio storico italiano, App. III, Firenze, 1846, e CANESTRINI, Intorno alle relazioni commerciali dei Fiorentini coi Portoghesi in Arch. stor. ital. vol. cit.

(2) Le lettere di Giovanni da Empoli hanno rapporto alle Indie orientali. Ci limitiamo quindi a riportarne i brevi passaggi relativi alle Indie occidentali ed alle Molucche.

(3) Nel cod. Magliabecchiano ha il titolo: Copia d'una lettera che Giovanni da Empoli mandò a Lionardo suo padre del primo viaggio fe' a Chalhucte. Il RAMUSIO, Navigazioni et viaggi &c. edizione 1554, I, 158A, la pubblicò per intero sotto il titolo: Viaggio fatto nell' India per Giovanni da

Iacopo, et l' altra, di portata di bocte .700., pro nome Sancto Spirito, et l'altra, di portata di bocte .300., pro nome Sancto Cristophano, e quarta, di portata di bocte .200., di Caterina Dies, le quali, partitoci di conserva, cominciamo a fare nostra diritta navichatione a dirittura del chapo Vede. et come avemo vista del decto chapo, prese consiglio el chapitano maggiore cogli sua piloti che chammino havessino a pigliare che fussi buona navichatione per guardagniare il chapo di Buona Speranza, perchè ordinariamente il decto cammino era dilungho alla costa' di Ghinea pro nome propria, la quale per essere costa et terre subdite alle corrente et molti schogli et basso mare, et oltre è coperta della Linea equinotiale, dove, per la forza d'essa, el vento non può vigorare. et per fuggire d'esta costa diliberamo d'andare alla volta al piè di leghe .750. in .800., perchè navighando in la decta volta venissimo a essere tanto avanti levante et ponente con decto copo. et navichando nella decta volta al piè di .28. giorni, una sera havemo vista d'una terra la quale già pegli altri era suta trovata, em prosumptione non già per cosa ferma, et chiamasi isola di Presumptione; intorno alla quale stemo tutta la nocte con molto tempo fortito et in qualche conditione di perderci, perchè il vento era traversia d'essa. et detta isola non è di nullo di minera per quanto potessimo comprendere. e d'essa partiti et navi-

Empoli, fattore su la nave del serenissimo re di Portogallo, per conto di Marchionni de Lisbona, ma con varianti, e divisa nei seguenti capitoli:

Della terra chiamata della Vera Croce, overo del Bresil, ove si fa buona somma di cassia et di verzino; dell'habito, arme et fede di quelle genti; del porto detto Aqua di san Biagio, dove per un sonaglio mezzano si aveva una vacca; del vestir degli uomini et donne di quel luoco.

Di una terra chiamata Patti; de' segni che nel mare dinotano la vicinità de la terra; del monte detto Deli; come pervenuti a Cocchin intesero esser distrutto et cacciato il re de'Mori et restituito nel regno per il capitano Francesco Alburgueue; d'un castello fatto sul rio di Ripellini; della terra Colom non avanti scoperta, dove trovarono Christiani detti Nazzarei, quivi rimasti fin al tempo di san Thomaso.

Come il re di Colom venne per abboccarsi col capitano generale et della magnifica preparatione fatta per l'uno et per l'altro.

Dell'accordo fatto tra il re di Colom et il capitano generale sì delle mercantine come d'altre cose; delle pescherie di Canange; de' modi et costumi de' Malibari et de' Gentili de l'India.

*chando pure in decta volta, ci troviamo tanto avanti come la terra della Vera Crocie, è sì nomata, altra volta dischoperta per Amerigho Vespucci, nella quale si fa buona somma di chassia et di verzi-
no; altro di minera non habbiamo compreso. le gente d'essa sono di buona forma; vanno nudi, sì huomini come donne, senza niente coprire; isforachiansi insino alla cintura et s'adornano di penne varie di pappaghalli, et loro labra piene d'ossa di pescie. le loro arme come dardi, la punta coperta di decte ossa di pesce. fede nessuna non tenghono, salvo epicurra. mangiano per comune loro victo charne humana, la quale sechono al fummo come noi la carne del porcho.*

Partiti di decto luogo per nostra navigatione incontro a decto capo, fumo a dirittura dell'isola di Sancto Thommè; perdemo la vista di questo nostro polo Articho e subito ci acostamo al polo Antarticho; et avanti potessimo guadagniare il decto capo, corrèmo orribile fortuna per piû volte, a arbor secho senza palmo di vela, ora al ponente, ora al levante, perchè in decto luogo non cursitano altri venti che i dua; et con la gratia d'Iddio guadagniamo il decto capo, et fummo nella vista d'esso addì .VI. di luglio .1503.

Carta de Christovão Colombo a seu filho Diogo, datada de Sevilha em 5 de fevereiro de 1505, fazendo elogiosas referências a Vespucci.

[Archivio Veragua in Madrid.]

Muy caro fijo. Diego Méndez partió de aquí lunes .III. d'este mes. después de partido, fablé con Amérigo Vespuchi, portador d'esta, el qual va allá, llamado sobre cosas de nabigación. él sienpre tubo deseú de me hazer plazer. es mucho hombre de bine. la fortuna le ha sido contraria, como á otros muchos. sus trabajos non le han aprovechado tanto como la razón requiere. él va por myo, en mucho deseú de hazer cosa que redonde á my bien, si á sus manos está. yo non sey de aquí en qué yo le emponga, que á my aproveche; porque non sey qué sea lo que allá le queren. él va determinado de hazer por my todo lo que á él fuere posible. ved allá en qué puede aprovechar, y trabajad por ello; que él lo hará todo, y fablerá, y lo porná en obra, y sea todo secretamente, porque non se aya d'él sospecha. yo, todo lo que se aya pudido dezir que toque á esto, se lo he dicho, y enformado de la paga que á my se ha fecho y se haz. esta carta sea para el señor adelantado también, porque él vea en qué puede aprovechar, y le abise d'ello.

Crea Su Alteza que sus navíos fueron en lo mejor de las Yndias y más rico, y si queda algo para saber más de lo dicho, yo lo sastiferé allá por palabra, porque es imposible á lo dezir por escrito.

Nuestro Señor te aya en su santa guardia.

Fecha en Sevilla, á .V. de febrero.

Tu padre que te ama más que á sí.

.S.

.S.A.S.

X M Y

Xpo FERENS

I. Sopracritta: Á my muy caro fijo don Diego Colón, en la corte

Real cédula mandando dar á Amerigo Vespucci
12.000 maravedis por ayuda de costa.

El Rey = Alonso de Morales, tesorero de la Serenísima Reina Doña Juana, mi muy cara é muy amada hija: Yo vos mando que de cualesquier maravedis de vuestro cargo deis é pagueis luego á Amerigo de Espuche, vecino de la cibdad de Sevilla, doce mil maravedis, de que yo fago merced, para ayda de su costa é tomada su carta de pago, con la qual é con esta mi cédula mando que vos sean recibidos en cuenta los dichos doce mil maravedis; é non fagades ende al. Fecha en la cibdad de Toro, á once de Abril de quinientos cinco años. = Yo el Rey = Por mandado del Rey administrador é gobernador. = Gaspar de Gricio.

(Archivo de Simancas, libros generales de cédulas, num. 10, fol. 69).

Instruccion para Amerigo Vespucci con carta al secretario Gaspar de Gricio.

(Minuta original ó coetánea en el Archivo de la Contratacion en Sevilla, en donde la copió Muñoz)

(15 de Setiembre 1505)

Noble é muy virtuoso Señor: Despues que vimos una breve carta vuestra, por la cual nos hicistes saber de qué manera andaban los negocios, y supimos que vuestra merced se habia ido á repasar á su casa, esperando que tambien habria acá mudanza, habemos emperezado en el escribir, y despues que habemos sabido quel Rey é la Reina, nuestros Señores, mandaron llamar á vuestra merced, y que SS.AA. tienen buena inclinacion á estos negocios de las Indias, debemos creer que se querrán servir de vuestra merced para que haya de continuar el cargo que hasta aquí ha tenido de los dichos negocios de las Indias, porque de otra manera sería como los que navegan sin gobernalles; é por ende le hacemos saber como habiéndonos enviado á mandar el Rey nuestro Señor que le hagamos saber en qué términos está el despacho del armada quel Señor Rey D. Fernando maddó hacer para ir á descubrir el nacimiento de la especería, é no habiendo de partir la dicha armada antes de Hebrero, acordamos que vaya Amerigo á S. Alteza, el cual va informado de todas las circunstancias de la dicha armada, y lleva memorial de las cosas que se han de proveer demas de lo que está ya proveido: y porque no dudamos questando vuestra merced en la Corte verá las cartas é memoriales quel dicho Amerigo lleva, no es menester, salvo que nos remitamos á las dichas escripturas, y aun si tuvieramos certernidad de la estada de vuestra merced en la

Corte no fuera menester tan larga informacion, porque vos, Señor, pudierades suplir en todo.

*Serán menester para el despacho de la dicha armada, sobre lo ya gastado, mas de ocho mil ducados, y están gastados otros tantos; verdad es que en lo gastado se incluyen los quinientos é cuarenta mil que pagamos á Bobadilla por el Sr. Tesorero Morales para el pan que se nos habia de dar en Murcia, é no se nos dió y se habian de cobrar allá del dicho Tesorero que Dios haya: podrá ser que á vuestra merced parecerá grande contía de dineros el gasto de la dicha armada, mayor que pareció al principio por la relacion que al Sr. Rey D. Fernando enviamos, lo cual procede del precio del pan que entonces no se estimaba á valer mas del coto y del sueldo de doscientos hombres que no se contó, salvo por cuatro meses que será menester que sean pagados por seis meses, como lo verá vuestra merced por el dicho memorial; y demas del gasto desta armada hay necesidad de gastar otros muchos dineros en cosas necesarias para la torre que se ha de facer en la costa de las Perlas, y para proveimiento de las carabelas que están en la Isla Española para servicio de la dicha isla, lo cual por los memoriales que el Gobernador y Oficiales nos han enviado de la Isla Española de que lleva los traslados el dicho Amerigo, y Diego Benito, que con nosotros asiste en todos estos negocios y en nombre del Tesorero Nuño de Gumiel recibe y ha recebido la parte perteneciente al Rey nuestro Señor, no entiendo de gastar solo un maravedí sin expreso mandamiento de S. A., é por ende el dicho mandamiento es necesario; y otrosí, es necesario que haya declaracion **si** en el gasto que se hiciere de aquí adelante en la dicha armada, y en las otras cosas ha de pagar la mitad el Sr. Rey D. Fernando é gozar la mitad del provecho que resultar, é cómo ha de ser porque non haya confusion y todo vaya por su orden muy á la clara.*

Lo que nosotros entendemos es que el Rey nuestro Señor ha de gozar de la mitad de todo lo que las Indias han rentado desde veinte é quatro de Noviembre del año pasado; no decimos de lo

que se ha traído desde el dicho día, porque seyendo cogido é rentado de antes entendemos que de aquello no le pertenece parte á S.A., segund que lo ha declarado el Sr. Rey D. Fernando: es verdad que la Cédula por la cual el Sr. Rey D. Fernando nos envió á mandar que acudiésemos al Tesorero Nuño de Gumiel con la dicha meitad, dice de lo que se hobiere traído desde el dicho día veinte y quatro de Noviembre, lo cual parece que fue yerro del Secretario Almazan. Otrosí, entendemos quel Rey nuestro Señor ha de contribuir en la mitad de los gastos fechos por el Sr. D. Fernando, es á saber en los que han dado fruto desde el día veinte é quatro de Noviembre, é lo han de dar dende en adelante, es á saber en semejante gasto como es este del armada, y en el gasto de las tres carabelas latinas, las cuales han comenzado á servir en este dicho tiempo, y estan para servir adelante. Item, lo que se ha gastado en el edeficio desta Casa de la Contratacion y otros gastos de semejante calidad que por no y á vuestra merced encomendamos que lo provea é procure alargar no replicaremos: de todo esto querriamos declaracion; y á vuestra merced encomendamos que lo provea é procure como viere que conviene, que mucha merced nos fareis en ello. Prospere nuestro Señor la vida é honra de vuestra merced como desea. De Sevilla á quince de Setiembre. Para Gaspar de Gricio.

A continuacion de la minuta original se halla la siguiente "Memoria de los Oficiales de la Casa la Contratacion para el Capitan Amerigo Vespuche". Llevais tres cartas para el Rey, Mosior de Vila y el Secretario Gricio, y cinco memoriales, uno sobre el despacho del Armada, los otros venidos de la Española de cosas necesarias para la Torre quel Rey D. Hernando mandó facer en la costa de las Perlas; otros dos sobre las carabelas que sirven en la Española, y cosas para la fortaleza que se face en ella. Si está en la Corte Gricio, y sirve lo de Indias dalde la carta, mostralde los memoriales, y os guiará como el Rey vos oiga y alcanceis buen despacho. Somos informados que el Rey ha encomendado los negocios de Indias á Mr. de Vila, su Camarero Mayor. Si así es, idos derecho á él. Lo que principalmente deseamos es claridad del concierto entre el Rey nuestro Señor (era D. Felipe 1) y el Señor Rey D. Hernando, porque sepamos dar lo suyo á cada uno".

Copiado da obra de Navarrete — "Coleccion de los Viages y Descubrimientos", etc., Edición argentina, volume II, páginas 367 e 370.

Carta del rey D. Felipe I á los oficiales de la contratacion para que avisen lo que falte y sea necessario proveer para él mas pronto despacho de la armada destinada á la especería.

(*Archivo de Simancas*)

El Rey. — Mis oficiales de la casa de la contratacion de las Indias que residís en la cibdad de Sevilla; ya sabeis como estaba mandado hacer una armada para descubrir la especería, é estaba mandado hacer en Vizcaya los navíos que eran menester para ello, é agora yo he sabido que los navíos son acabados de hacer, é que son partidos para esa cibdad; é porque mi voluntad es que la dicha armada parta lo mas presto que ser pueda por los inconvenientes que sabeis que se seguirian de la dilacion, por ende yo vos mando que luego que esta viéredes me aviseis si estan á punto los dichos navíos, é si teneis recabdo del bizcocho que para ello es menester, é si esto está aparejado hableis á Vicinti Añes é á Amérigo para que digan si será tiempo de partir ántes de invierno, é me envid luego su parecer, é si no está aparejado todo lo que es menester escribidme qués lo que dello falta, é para cuándo se podrá tener aparejado, é qués lo que acá es menester proveer para ello, é con este correo me avisad largamente de todo ello porque se dé la órden que conviene para se despachar lo mas presto que ser pueda. De Tudela de Duero á veinte y tres de Agosto de quinientos seis años. — YO EL REY. — Refrendada del Secretario.

Copiado da obra de Navarrete — "Coleccion de los Viages e Descubrimientos", etc., edição argentina, tomo III, página 204.

Carta escrita por Girolamo Vianello à Senhoria de
Veneza, datada de Burgos a 23 Dezembro de 1506.

GIROLAMO VIANELLO. (1)

LETTERA.

Burgos, 23 dicembre 1506.

[M. SANUTO, Diari, VI, c. 251, ediz. p. 539. (2)]

El vene qui do navilii de la India, de la portione del re mio signor, li qual furono a discoprir, patron Zuan biscaino (3) et Amerigo fiorentino, li qual sonno passati per ponente et garbino lige .800. di là de la insula Spagnola, che hè da le forze de Hercules lige .2000., et hano discoperto terra ferma, che cussì iudicano, perche lige .200. de là dela Spagnola trovorno terra, et per costa scorseno lige .600., ne la qual costa trovorno un fiume largo in bacha lige .40.; et furono supra el fiume lige .150.; nel qual sono molte isolete habitade de Indiani, vivono zeneralmente de pesse, mirabe-

(1) Girolamo Vianello, veneziano, di una famiglia di Chioggia anticamente detta de' Vivianello e dal 1400 in poi Vianello, dopo di avere da giovane appreso la lingua araba, e servito da interprete il senato di Venezia, passò ai serviti da interprete il senato di Venezia, passò ai servigi di Spagna, come capitano di gente d'armi, e morì nell'isola Cherchenna il 21 febbraio 1511. Poche notizie biografiche abbiamo potuto raccogliere intorno a lui, e quelle poche le diamo qui, perchè egli tiene importante e disputato posto fra gli storici dei viaggi di scoperta del Nuovo Continente, precisamente in causa delle molte e gravi discussioni cui diede luogo questa lettera, specie per la sua data.

1499, aprile. "Hironimo Vianello portò al senato a Venezia una lettera dei reali di Spagna, essendo stato in quelle parti". SANUTO, Diari, II, 609.

1499, aprile. "Venne in collegio per prendere la riposta da recare ai re cattolici". Diari cit. II, 638.

1505, 17 settembre. Fu coll'armata spagnola alla presa di Merz-él-chebir. Diari cit. VI, 249. Cf. QUINTAVILLA (De africano seu oranico bello, Roma,

tissimi, et vanno nudi. da poi tornorono con alcuni de quelli Indiani, et passorono per la costa de dicta terra lige .600., unde se scontrorno in una chanoa de Indiani, che a nostro modo è come un zoppo, de uno pezo de legno cavado, andava a la vella, et passava a la terra ferma, con homeni .80., con molti archi et targe de uno legno molto lezier, come suro, ma fortissimo, et passavano a la terra ferma per prender Indiani, che habitano lì, de li qual non se serveno in alcun servitio, ma li mangiano como mui altri cervi, caprioli et altri animali. li nostri preseno dicti Indiani, i archi de li qual sonno de ebano, et sue freze, le corde veramente, sono

1658, III), il quale dice che il Vianello fece, con cera su tavola, una mappa in rilievo, cogli accidenti del terreno, fra Merz-el-chebir, Orano &c.; così pure fece parecchi disegni, che ora si trovano nella biblioteca di Madrid, pervenutivi dall'archivio della università di Alcalà, e già appartenenti al cardinale Ximenes.

1506, settembre. Annunzia al senato veneto la morte del re Filippo I il bello. Diari cit. VI, 447.

1506, 1-17 novembre. Annuncia la fuga del Valentino da Medina Sidonia. Diari cit. VI, 506.

1506, dicembre. "Hironimo Vianello, capitano perpetuo de la regina, et è "nostro vinitian". Diari cit. VI, 536.

1507, 19 marzo. "Fatto capitan de le zente di Spagna". Diari cit. VII, 50.

1507, 11 dicembre. Ondrea Rosso, segretario veneto reggente la legazione in Ispagna, scrive al senato che il cardinale di Toledo attende alla impresa d'Africa con ventimila fanti, "tra li quali .3000. sarà sotto Hironimo Vianello "nostro veneto". Diari cit. VII, 271.

1511. ZURITA (Los cinco libros postreros de la historia del rey don Hernando el catholico, lib. IX, cap. XXIX) afferma che il Vianello fu assassinato nell'isola Charchenna il 7 febbraio 1511. Però Ximenes de la Espada assicurava di recente il Bellemo che fra le carte riguardanti l'impresa africana, in Madrid, leggesi a tergo di una lettera del Vianello, in data 10 dicembre 1510, la seguente annotazione: "Muró el coronel Jerónimo Vianelo haciendo agua "en la isla Cercina ó Querquenas de tierra firma en el Africa, domingo en .21. "de febrero el año de .1511. dos meses despues de escrita esta carta".

(2) Ha per titolo: Copia de uno capitolo di letere de Hironimo Vianello scrite a la signoria, date a Burgos a dì .23. dezembrio .1506.

Trovasi anche nel codice Sucesso della navigatione di Colombo, nella biblioteca Comunale di Ferrara; e con questo testo, il quale però reca la data 28 dicembre 1506, la abbiamo confrontata.

(3) Giovanni de la Cosa, chiamato Giovanni vizcaino, di Cartagena, prese anche parte alla seconda spedizione di Colombo; ma non è da confondersi con Giovanni de la Cosa, che comandava la nave capitana della prima spedizione di Colombo. Cf. NAVARRETE, Colección de los viajes &c., II, 148; H. HARRISSE, Christophe Colomb, I, 406.

de nervi de bisse. presa dicta chanoa tornorono a la dicta isola, dove li vene contra molti et molti Indiani, generalmente con archi, et forno a le mano; li vinseno et introrono in dicta isola, la qual trovòno molto sterile. a la parte de mezo zorno, in uno piano, trovòno tanta quantità de serpi et bisse et dragi, che erra cossa de meraviglia, cridavano che parevano cossa molto admiranda; tal drago erra piû grande che uno capo d'oglio. et è divisa la insula da un monte, l'una parte da septentrione, l'altra a mezo di; quella da septentrione è habità da questi Indiani, l'altra da questi animali venenosi, unde qua dicono, che l'oro afirmano che mai passò niuno de quelli serpi a la parte habitada, imo che in tuta quella insula da quella parte non zè bisse nè altro animal simile. visto questo, partino dicti navilii et conduseno .7. Indiani, boni peoti de quella terra et costa, et furono a uno loco dove se dice Alsechii, et seguìteno .400. lige suso al ponente garbino, per costa, et messeno in terra. trovarono molti casali, de li qual usirono incontra molti Indiani per acceptarli et farli honor. et dicono, che uno de essi avanti li haveva predicto, come erra per venir certi navilii de levante de un gran re a loro ignoto, che haveria tutti l'oro per sui servi, et che tutti sariano dotati de vita perpetua, et le sue persone sariano adornati de varii vestimenti. dicono che, visti i nostri navilii, disse el suo re: "echo qui li navili che za .X. anni ve dico". el qual re vene con uno pecto d'oro, masizo ligato al pecto, con una catena d'oro et una maschera d'oro, com quattro sonagli d'oro, de una marcha l'uno, a li piedi; et con lui veniva .XX. Indiani, tutti con l'oro, incomenzorono a sdegnarse et combater grandemente con vano da marche .30. l'una. et quando veteno quelli de la insula con l'oro, incomenzorono a sdegnarse et combater grandemente con saete advenenade con li nostri. erano l'oro da cercha .5000., et de li nostri smontorono in terra .140.; fono a le mano, li tagliorono a pezi zercha .700., morto uno de li nostri de una saeta. furono a li casali, et tolseno de le nachare, maschare, sonagli et quella arma-

tura, con el dicto re, preso in vita, per marche .800. d'oro, et messo focho in dicte caxe; et li stetero zoni .96., perchè li tre navili che restavano se abissorono et andono a fondi. visto questo, tolseno fuora le vituarie et munitione, et se feceno forte in terra, con una torre molto bona; et ogni zorno erano a le mano con Indiani, la nocte dentro del suo parcho, et el zorno fuora in ordenanza; et quanto che i caminavano, tanto acquistavano; non ossavano slargarse de la sua stantia. uno zorno furono a uno lago, et con certi vernicali scomenzorono a lavar de quella terra, et cadauno in meza hora trazeva chi quatro chastigliani, chi sie, et chi octo d'oro. et li fu dito, per do de quelli Indiani presi, che non dovesseno faticharse a lavar, ma che de là de una montagna, che li stava davanti meza liga, molto alta, nel piano erra un fiume, nel fondo, non bisognava molto lavar, ma che cadauno in un zorno potria raccogliere diexe marche per pocho se adoperasse. tandem l'oro, como persone perse et fuora de speranza de repatriar, deliberò a li batelli et barche li restava acresser l'orlo, et a costa per terra venir a la volta de la Spagnola. nel tempo de .96. zorni che stetero de li, * * si moriteno de una infirmità li vene, che restòno .44. per numero, et con adiuto de Dio veneno a salvamento; et lassorono ne la torre diexe homeni, che volseno restar, forniti per una anno de vituarie et munitione. et l'oro tornando furono combatuti tre volte da Indiani con sue chanoë, et sempre li vinseno, et sono venuti a salvamento qui a la corte. ho visto tutti quelli ori, et varie cosse che hanno portato de li. fra le altre piper mirabile, ma più grosso del nostro, como un biso mezano, et nose muschade, ma tute come noxe mascole: hanno portato marche .70. de perle bone, tute verzene, et alcune X charati et di .XII., tonde et peri, verzi assaissimo. Indiani veramente in mezo la galta hano forato et portano una piera verde como de diaspro, lunga quatro dedi, et altri al labro de soto la bocha, zeneralmente son-

no senza barba. lo archiepiscopo torna a spazar dicti do capitani con .8. navilli con 400. homeni, molto ben forniti d'arme, artiglierie. (1)

(1) Il primo a dar notizia di questa lettera fu Leopoldo Ranke, il quale trovatala nella copia dei Diari di M. SANUTO che allora custodivasi nella biblioteca Marciana di Venezia, ed ora vi è sostituita dall'originale autografo Sanutiano, venuto in cambio da Vienna, pel trattato di pace del 1866, la comunicò in parte all'Humboldt, ravvisandone la molta importanza ma dichiarandone impossibile la data del 23 dicembre 1506. Cf. HUMBOLDT, Examen cit. V, 157. Fu poi pubblicata per intero nel 1869 dal barone DI VARNHAGEN, Nouvelles recherches, p. 12, che ne discusse egli pure la data, concludendo che deve essere inesatta, e di questa opinione è pure il d'Avezac che la reputa del 1505. Da ultimo il prof. Ferrario, traendola dalla citata copia nella Comunale di Ferrara, la pubblicò a Bologna nel 1875.

Le ragioni per le quali si rifiuta la data 23 dicembre 1506 si riassumono in ciò, che la lettera avrebbe riferimento ad un viaggio del Vespucci di cui non si ha, per alcuna altra fonte, notizia, e che difficilmente potrebbe aver avuto luogo nel periodo cui quella lettera accenna. Molte e ingegnose congetture vennero esposte dall'Humboldt, dal Varnhagen, dal D'Avezac, e quindi dal Desimoni (Giornale Ligustico, a. 1876, p. 371), dal Fulin (Bollettino bibliografico in Archivio Veneto, 1881), dall'Hugues (Bullettino della Società Geogr. ital. a. 1888, p. 519) e da altri, per mettere d'accordo questo importante documento sincrono con quanto si conosce dei viaggi del Vespucci; ma per non uscire dal preciso compito assegnato a questa Parte III della Raccolta Colombiana, dobbiamo ad esse rimandare il lettore, e limitarci alla esatta pubblicazione della lettera sul testo autografo Sanutiano. Con questo testo sott'occhio è impossibile mettere in dubbio la data. In fatto; nel vol. VI, c. 248 A del SANUTO, sotto la data del mese di gennaio 1506 (stile veneto e quindi 1507) troviamo annunciato l'arrivo della lettera a Venezia con queste parole: "Di Spagna, di Hironimo Vianello, di .23. dezebrijo, da Burgos. manda una lettera di nove "de India, la copia di la qual scriverò qui avanti". E più oltre a. c 249 B: "Di " Spangna, di Hironimo Vianello, capitan perpetuo de la regina, et è nostro " venitian, di .29. dezebrijo. avisa li disturbi di quello regno di Chastiglia; " et è date le lettere a Burgos; e come il duca di Medina Cidonia è fatto novità " contro certe terre, et che la raina et lo arziepiscopo di Toledo manda il gran " contestabile, per esserili contra e conzar quelle cosse &c. item manda iterum " la lettera di le nove de l'India". Finalmente a c. 251 A è inserita, sempre " di pugno del Sanuto, sotto la data "23 dezebrijo .1506.", da Burgos, data " che noi abbiamo posta senza esitare in capo alla lettera.

Non può quindi sorgere dubbio che il Sanuto, il quale scriveva giorno per giorno, e in questo volume particolarmente senza interruzioni e senza sbalzi, abbia scritto e dovuto scrivere, come effettivamente si legge ".23. dezebrijo .1506. Se poi il Vianello ha riferito inessattamente lo giudicherà il lettore, confrontando quanto ne dissero i citati autori, ed in particolare la monografia del Vespucci, che Luigi Hugues stese per la presente Raccolta, e alla quale ci riportiamo.

Copiada da "Raccolta Columbiana", parte III, volume I, páginas 185 a 187.

Despacho de Francesco Cornes, "oratore" de Veneza na Espanha, à Senhoria, datado de Burgos a 19 de junho de 1508 (1).

Burgos, 19 giugno 1508.

[Cod. Marciano VII, 1108, c. 338. (2)]

Insuper si dice questa maestà haver dato circa .19. milia ducati a messer Almerico et Zuam Bistaim; (3) i quali a sue spese vanno all'aquisto delle isole trovate novamente, le quali loro chiamano terraferma. nec alia.

(1) Francesco Corner di Fantino, cavaliere, trovandosi oratore in Ispagna, fu il primo che avvertì la repubblica della lega conclusa a Cambrai contro di essa. Cf. CAPELLARI, Campidoglio Veneto, cod. Marciano VII, 15. Fu poi ambasciatore a Roma.

(2) Fu inserito dall'HARRISSE nel vol. II della *Biblioth. americ. vetustiss.*, avendone avuta la copia da RAWDON BROWN.

(3) Giovanni della Cosa, altrimenti Giovanni Beristaim o Giovanni Viscayno.

Despacho de Francesco Cornes, "oratore" de Veneza na Espanha, à Senhõria, datado de Burgos a 16 de julho de 1508.

Burgos, 16 luglio 1508. (1)

[Cod. Marciano VII, 1108, c. 347. (2)]

Da nuovo messer Almerico fiorentino, che è quello che va discoprendo le insule, mi ha detto già esser nova già giorni cinque di Siviglia esser là gionta una nave con oro per valuta de ducati .50. milia, et perle assai, de le quali cose questa maestà ha la decima, et poi .7. per cento per datii. quelli venuti con detta nave dicono che continuamente augmenta la invention de l'oro. et che lui Almerico ha havuto ducati .13. milia de le tratte di dette insule, et che è per andare a provvedere de buone navi a Biscaglia, le quali tutte par le vuol fare investire de piombo, et andar per via de ponente a trovar le terre che trovòno Portugalesi navigando per levante, et partirà infallantes questo marzo. nec alia.

(1) La vera data del dispaccio è del 16, 1508, senza indicazione del mese; ma trovandosi copiato di seguito tra uno precedente in data 6 luglio 1508 e uno susseguente in data 7 agosto, devesi ritenere indubbiamente del 16 luglio.

(2) Fu inserito nella *Biblioth. americ. vetustiss. cit. II, p. XXVII*, con qualche differenza.

Real titulo de piloto mayor, con extensas facultades, á Amerigo Vespuccio.

(Archivo de Sevilla)

Doña Juana etc. Por quanto á nuestra noticia es venido, è por experiencia hábemos visto que por no ser los pilotos tan espertos como seria menester, ni tan estrutos en lo que deben saber que les baste para regir è gobernar los navíos que navegan en los viages que se hacen por el mar Océano á las nuestras islas è tierra firme, que tenemos en la parte de las Indias, è por defecto dellos, è de no saber cómo se han de regir è gobernar, è de no tener fundamento para saber tomar por el cuadrante è estrolabio el altura, ni saber la cuenta dello, les han acaecido muchos yerros, è las gentes que debajo de su gobernacion navegan han pasado mucho peligro de que nuestro Señor ha seido deservido, è en nuestra hacienda, è de los mercadores que allá contratan, se ha recibido mucho daño è pérdida; è por remediar lo susodicho, è porque es necesario que así para la dicha navegacion, como para otras navegaciones, que con ayuda de nuestro Señor esperamos mandar faser para otras tierras, es necesario que haya personas mas espertas è mejor fundadas, è que sepan las cosas necessarias para las tales navegaciones, è los que debajo dellos fueren puedan ir mas seguramente; es nuestra merced è voluntad è mandamos que todos los pilotos de nuestros reinos è señoríos, que agora son ó serán de aquí adelante, que quisieren ir por pilotos en la dicha navegacion de las dichas islas è tierra firme, que tenemos á la parte de las Indias, è á otras partes en el mar Océano, sean insturidos è sepan lo que es necesario de saber en el cuadrante è estrolabio, para que junta la plática con la teórica se puedan aprovechar dello en los dichos viages que hicieren en las dichas partes, è que sin lo saber no puedan ir en los dichos navíos por pilotos, nin ganar soldadas por pilotaje, ni los mercadores se puedan concertar con ellos para que sean pilotos, ni los maestros los puedan rece-

bi en los navíos sin que primero sean examinados por vos Amérigo Despuchi, nuestro piloto mayor, é le sea dada por vos carta de examinacion é aprobacion de como saben cada uno dellos lo susodicho; con la cual dicha carta mandamos que sean tenidos é reçebidos por pilotos expertos do quier que la mostraren, porque es nuestra merced que seais examinador de los dichos pilotos; y porque á los que no lo supieren mas fácilmente lo puedan aprender, vos mandamos que les enseñeis en vuestra casa en Sevilla á todos los que lo quisieren saber, pagándovos vuestro trabajo. E porque poderia açqescer que agora á los principios hobiese falta de pilotos examinados, é por falta dellos se detuviessen algunos navíos, de que se poderia cabzar daño é pérdida á los vecinos de la dicha isla, como a los mercadores é otras personas que allá contratan, mandamos á vos el dicho Amérigo, é vos damos licencia para que de los pilotos é marineros que allá han ido podais elegir las personas que mas hábiles dellos falláredes, para que por un viage ó dos, ó por um espacio de tiempo, suplan lo que fuere menester entretanto que otros saben lo que han de saber; é venidos les señaleis tiempo para que span lo que les faltare de lo que han de saber. E asimismo no es fecha relacion que hay muchos padrones de cartas de diversos maestras que han puesto é asentado las tierras é islas de las Indias á Nos pertenescientes, que por nuestro mandado nuevamente han seido descubiertas las cuales estan entre sí muy diferentes los unos de los otros asi en derrota como en el asentamiento de las tierras, lo qual puede cabzar muchos inconvenientes; é porque haya orden en todo, es nuestra merced é mandamos, que se haga un papron general, é porque se haga mas cierto, mandamos á los nuestros oficiales de la casa de la Contratacion de Sevilla, que hagan juntar todos nuestros pilotos, los mas hábiles que se hallaren en la tierra á la sazón, é en presencia de vos el dicho Amérigo Despuchi, nuestro piloto mayor, se ordene é haga un padron de todas las tierras é islas de las Indias que hasta hoy se han descubierto perteneciente á los nuestros reinos é señorios, é sobre las razones é consulta dellos, é al acuerdo de vos el dicho nuestro piloto mayor, se haga un padron

general, el qual se llame el Padron Real, por el qual todos los pilotos se hayan de regir é gobernar, é esté en poder de los dichos nuestros oficiales é de vos el dicho nuestro piloto mayor, é que ninguno piloto use de otro ningund padron sino del que fuere sacado por él, *sopensa 50 doblas para las obras de la casa de la Contratacion de las Indias de la cibdad de Sevilla.* Asimismo mandamos á todo los pilotos de nuestros reinos y señorios que de aqui adelante fueren á las dichas nuestras tierras de las Indias descubiertas ó por descubrir, que hallando nuevas tierras ó islas ó bahias ó nuevos puertos ó cualquier otro cosa que sea digna de ponella en nota en el dicho padron real, que en viniendo á Castilla vayan á dar su relacion á vos el dicho nuestro piloto mayor, é á los oficiales de la casa de la Contratacion de Sevilla, porque todo se asiente en su lugar en el dicho padron real, á fin de que los navegantes sean mas cabtos é enseñados en la navegacion. Otrosí, mandamos que ninguno de nuestros pilotos que navegaren por el mar Océano, de aqui adelante no vayan sin su cudrante ó astrolabio é el regimiento para ello, *sopena quel que lo contrario ficiere sea inhábil para usar el dicho oficio por tanto timpo quanto nuestra merced fuere, é no lo puedan toranr á usar sin nuestra especial licencia, é que paguen 10,000 mrs. de pena para las obras de la dicha casa dela Contratacion de Sevilla.* E es nuestra merced é voluntad que por la forma susodicha vos el dicho Amérigo Despuchi useis é ejerzais el dicho oficio de nuestro piloto mayor, é podais facer é fagais todas las cosas en esta nuestra carta contenidas é al dicho oficio perteneciente, é por esta nuestra carta, e por su traslado, sinado de escribano publico, mandamos al Principe D. Cárlos, nuestro muy caro é muy amado Hijo, é á los Infantes, Duques, Perlados, Condes, Marqueses, Ricosombres, Maestres de las órdenes, é á los del Consejo é Oidores de las nuestras Abdiencias é Chancellerias, é á los otros Priorres, Comendadores, Subcomendadores, Alcaldes de los Castillos é Casas fuertes é llanas, é á los Concejos, Corregidores, Alcaldes, Alguaciles, Regidores, Caballeros, Escuderos, Oficiales é Hombres-buenos de todas las cibdades é villas é lugares de los nuestros Reinos

é Señorios,; é á todos los capitanes de navios, pilotos, marineros, maestros é contramaestres, é otras cualesquier personas, á quien lo en esta nuestra contenido atañe ó atañe pueda, que vos hayan é tengan por nuestro piloto mayor, é vos dejan é consientan usar del dicho oficio, é facer è complir todas las cosas en esta nuestra carta contenidas é á ello pertenecientes; é para la ejecucion é cumplimiento dello vos den todo el favor é ayuda que les pidiéredes é hobiéredes menester, que para todo lo que dicho es, é para cada cosa ò parte dello, vos doy poder cumplido com todas sus incidencias é dependencias; é porque lo susodicho venga á noticia de todos, é ninguno pueda pretender inorancia, mandamos que esta nuestra carta sea leida e pregonada por pregonero, ante estcribano publico, por las plazas é otros lugares acostumbrados de la dicha cibdad de Sevilla, é de la cibdad de Cádiz, é e todas las otras ciudades, villas é lugares destos reinos é señorios, é si dende en adelante alguna ó algunas personas contra ello fuere e pasare las dichas justicias executeis en ellos y en sus bienes las penas en esta nuestra carta contenidas; por manera, que lo susodicho se guarde é haya efecto sin falta alguna, é los unos ni los otros non fagades ni fagan ende al, sopena de la nuestra merced de 10.000 mrs. para la nuestra cámara; é demas mandamos al home, que vos esta nuestra carta mostrare, que vos emplace que parezcades ante Nos en la nuestra corte, do quier que Nos seamos, del dia que vos emplazare fasta quince dias primeros siguientes, so la dicha pena, so la cual mandamos á qualquier escribano publico, que para esto fuere llamado, que dé ende al que vos la mostrare testimonio signado com su signo, porque sepamos en cómo se cumple nuestro mandado. Dada em la villa de Valladolid á seis dias del mes de Agosto año de Nascimiento del Señor Jesucristo de mil é quinientos é ocho años. — YO EL REY — YO Lope Cunchillos, Secretario de la Reina nuestra Señora, la fice escribir por mandado del Rey su Padre. — Acordado, el obispo de Patencia, Conde. — Licenciatus Jimenez. — Este es el legislador.

Real cedula señalando á Amerigo Vespucci el e suéldo de 50.000 maravedis como piloto mayor.

(Archivo de Sevilla)

El Rey = Nuestros oficiales de la Casa de la Contratacion de las Indias, que residis en la ciudad de Sevilla: mi merced é voluntad es de tomar é recibir por nuestro piloto mayor á Amerigo Vispuche, vecino de la dicha ciudad, é que haya é tenga de Nos en cada un año, cunto mi merced é voluntad fuere, con el dicho oficio 50.000 mrs.; por ende Yo vos mando que lo pongais y asentéis así en los libros que vosotros teneis; é vos el tesorero de la dicha casa le pagueis de cualesquier maravedis de vuestro cargo los dicho 50.000 mrs. este presente año de la fecha de esta mi cédula, é desde en adelante en cada un año cunto mi merced é voluntad fuere; é tomad su carta de pago, con la cual, é con el traslado desta dicha mi cédula signado de escribano público, mando que vos sean recibidos é pasados en cuenta en cada un año los dichos 50.000 mrs., é asentad el traslado de esta mi cédula en los dichos libros, é sobreescrita de vosotros esta oreginal tornad al dicho Amerigo Vispuche para que la él tenga, é non fagades ende al. Fecha en Burgos á viente y dos dias del mes de Marzo de quinientos ocho años. = Yo el Rey = Por mandado de su Alteza: Lope Conchillos. = E en las espaldas decia: acordada. Y pusose en las espaldas de la cedula de S.A. lo siguiente: Asentóse esta cédula de S.A. en el libro de los oficios y situados de la casa de la Contratacion que tienen los oficiales della, á fojas cuatro, en diez de Junio de mil quinientos ocho, para que se guarde y cumpla lo en ella con-

tenido, segun que su Alteza lo manda. = El doctor Matienzo. = Juan Lopez de Recalde.

(Archivo de Indias de Sevilla, leg. num. 1.º de la Casa de Contratacion., lib. 1.º de Toma de Razon de Titulos y Nombres desde 1503 á 1615, fol. 27).

Real cedula concediendo á Vespucio sobre su sueldo de 50.000 maravedis otros 25.000 anuales por ayuda de costa.

(Archivo de Sevilla)

El Rey = Nuestros oficiales de la Casa de la Contratacion de las Indias, que residis en la ciudad de Sevilla: mi mereced é voluntad es que demas de los 50.000 mrs. que por otra mi cédula mandé asentar á Amerigo Vispuche de salario por nuestro Piloto mayor, haya é tenga de Nos de merced de ayuda de costa otros 25.000 mrs. cada año; por ende Yo vos mando que lo asenteis así en los libros que vosotros teneis, é vos el tesorero de la dicha casa le pagueis los dichos 25.000 mrs. este presente año de la fecha desta mi cédula, é dende en adelante en cada un año cunto mi voluntad fuere, é tomad su carta de pago, con la cual, é con esta mi cédula ó con su traslado signado de escribano público, mando que vos sean recibidos é pasados en cuenta en cada un año los dichos libros, é sobreescrito de vosotros tornad este oreginal al dicho Amerigo para que lo él tenga, é non fagades ende al. Fecha en Burgos á viente y dos dias del mes de Marzo de mil quinientos octo. = Yo el Rey = Por mandado de su Alteza: Lope Conchillos = É en las espaldas estaba puesta una señal del obispo de Palencia. Asentóse esta cédula en diez de Junio de mil quinientos ocho. = El doctor Matienzo = Juan Lopez de Recalde.

Real cédula señalando á la viuva de Vespucio la pension vitalicia de 10.000 mrs. sobre el sueldo trasladado á Juan Dias de Solis.

(*Archivo de Sevilla*)

El Rey. — Nuestros oficiales de la casa de la Contratacion de las Indias que residis en la ciudad de Sevilla; por otra mi cédula, como vereis, he fecho merced á Juan Dias de Solis del oficio de nuestro piloto mayor, en logar é por fin é vacacion de Amerigo Vespuchi, ya difunto, é que tenga con el dicho oficio los 50.000 mrs. que el dicho Amérigo tenia en cada ano, é que dellos se paguen á Maria Cerezo, muger del dicho Amérigo, 10.000 mrs. para que en toda su vida, de que yo le hago merced en emienda é satisfaccion de los servicios que el dicho su marido nos fizo, é porque mi voluntad es que aquello se cumpla, por esta mi cédula mando a vós el nuestro tesorero que sois ó fuerdes de la dicha casa, que de los 50.000 mrs. del salario del dicho piloto mayor, dédes é paguedes á la dicha Maria Cerezo los dichos 10.000 mrs. este presente año de 512 desde el dia de la fecha desta mi cédula fasta em fin dél, é dende en adelante en cada un año para toda su vida, é tomad sus cartas de pago, com las cuales, é con el traslado desta mi cédula, signada de escribano publico, y con fe como se decuentan de los 50.000 mrs. de sueldro del piloto mayor, mando que vos sean recibidos é pasados en cuenta cada un ano los dichos 10.000 mrs., é asentado el traslado de esta mi cedula en los libros de esa casa, é sobreescrito de vosotros tornad esta original á la dicha Maria Cerezo para que lo en ella contenido haya efecto, é non fagades ende al. Fecha em Burgos á 28 dias del mes de Marzo de 1512 años. — Yo EL REY. — Por mandado de S.A. miguel Perez de Almazan. Pu-

sose en las espaldas de la dicha cédula lo siguiente: Asentóse esta cédula de S. A. en los libros de los oficios y situados de la casa de la contratacion que tienen los oficiales della, á fojas doce, en 26^l del mes de Abril de 1512 años, la cual dicha cédula está señalada del bispo de Palencia. (Hay dos rubricas.)

Real cédula señalando á Juan Vespucio, sobrinho de Américo, el sueldado de 20.000 mrs. com piloto.

(*Archivo de Sevilla*)

El Rey. — Nuestros oficiales de la casa de la contratacion de las Indias que residis en la ciudad de Sevilla, sabed: que mi merced é voluntad es que Juan de Vespuchi, sobrinho de Américo Vespuchi, nuestro piloto mayor, ya difunto, haya é tenga de Nos en cada año, asentado en los libros de esa dicha casa por nuestro piloto é que contino esté aparejado para nos servir así por mar como por tierra, 20.000.: por ende Yo vos mando que los pongades é asentades así en los libros de esa dicha casa é vos el doctor Sancho de Matienzo, nuestro tesorero de la dicha casa, de qualesquier maravedis é oro de vuestro cargo le dad é pagad los dichos maravedis é este presente año, el cual corra é se cuente desde la fecha de esta mi cédula fasta ser cumplido, é dende en adelante en cada un año, quanto nuestra merced é voluntad fuere, é tomad vos el dicho nuestro tesorero en cada un año su carta de pago en las espaldas de un treslado, signado desta mi cédula, con el qual recaudo mando que vos sean recibidos é pasados en cuenta los dichos 20.000 mrs. en cada un año, é asentad esta dicha mi cédula en los libros de esa dicha casa, é sobrescrita en las espaldas tornad esta original al dicho Juan Vespuchi para que la él tenga por título del dicho oficio, é non fagades ende al. Fecha em Burgos á 22 dias del mes de Mayo de 512 años. — YO EL REY. — Por mandado de S. A., Lope Conchillos. La cual dicha cédula estaba en las espaldas se-

ñalada del obispo de Palencia, é asentóse en ella lo siguiente: Asentóse esta cédula de S. A. en los libros de las mercedes que tienen los oficiales de S. A. de la casa de la contratacion de las Indias que residen en esta ciudad de Sevilla, á fojas quince en 18 de Setiembre de 1512 años. — Juan de Medina. — Ochoa de Isasaga. Juan Lopez de Recalde.

I N D I C E

	Página
INTRODUÇÃO	
Apresentação	5
Prefácio	9
Bibliografia	11
PRIMEIRA PARTE	
Capítulo I — Ligeiros traços biográficos de Vespucci — Seus acusadores e seus defensores	19
Capítulo II — “Mundus Novus”	32
Capítulo III — A “Lettera a Soderini”	52
Capítulo IV — “Quatuor Navigationes”	72
Capítulo V — “Códice Riccardiano 1910”	82
SEGUNDA PARTE	
Capítulo I — A suposta viagem de Vespucci em 1497	103
Capítulo II — A viagem Hojeda-Vespucci de 1499	120
Capítulo III — A expedição de 1501-1502	138
Capítulo IV — A expedição de 1503-1504	157
Capítulo V — A concepção geográfica de Vespucci	168
Capítulo VI — Alguns comentários sobre a ciência náutica dos portugueses nos séculos XV e XVI	183
TERCEIRA PARTE — DOCUMENTOS	
“Mundus Novus”	203
“Lettera a Soderini”	215
“Quatuor Vavegationes” (exórdio)	247
Carta de Vespucci a Lourenço de Pier Francisco de Medici, datada de Sevilha a 28 de julho de 1500	250
Carta de Vespucci a Lourenço de Pier Francisco de Medici, expedida de Cabo Verde a 4 de junho de 1501	263
Carta de Vespucci a Lourenço de Pier Francisco de Medici, enviada de Lisboa em 1502	271
Carta de Piero Rondinelli, enviada de Sevilha a Florença em 3 de outubro de 1502	277
Despacho de Piero Pasqualigo à Senhoria de Veneza, datado de Saragossa a 12 de outubro de 1502	280
Tradução do ato notarial de Valentim Fernandes, lavrado em Lisboa a 20 de maio de 1503	281
Carta que Giovanni da Empoli enviou para Florença em 16 de setembro de 1504	284

Carta de Colombo /a seu filho Diogo, datada de Sevilha a 5 de fevereiro de 1505, onde ha elogiosas referências a Vespucci.....	287
Real cédula mandando pagar a Vespucci 12.000 maravedis como ajuda de custa	289
Real carta de naturalização de Vespucci assina pelos reis de Castela e Leão	290
Instruções a Vespucci na carta do secretario Gaspar de Gricio	292
Carta do rei Filipe I, onde ha referência sôbre a capacidade náutica de Vespucci	295
Carta de Girolomo Vianello à Senhoria de Veneza, datada de 23 de dezembro de 1506, onde ha referência a Vespucci	296
Despacho de Francisco Cornes, "oratore" de Veneza na Espanha, à Senhoria, expedido de Burges a 19 de junho de 1508, onde ha referência a ter Vespucci recebido 19.000 ducados para realizar viagens	301
Despacho de Franciso Cornes, "oratore" de Veneza na Espanha, à Senhoria, expedido a 16 de julho de 1508, onde informa que Vespucci pretende procurar o caminho para a Índia, navegando em sentido oposto ao que navegam os portugueses	302
Real titulo de nomeação de Vespucci para o cargo de Piloto-Maior da Espanha	303
Real cédula concedendo a Vespucci, como Piloto-Maior, o soldo de 50.000 maravedis	307
Real cédula concedendo a Vespucci, além do soldo de Piloto-Maior, mais 25.000 maravedis como ajuda de custa	309
Real cédula concedendo uma pensão vitalicia de 10.000 maravedis à viuva de Vespucci	310
Real cédula concedendo a João Vespucci, sobrinho de Amerigo, o soldo de 20.000 maravedis como piloto real	312

F I M

ERRATA

Páginas	Linhas	Onde se lê	Leia-se
21	15	Em 1499, conforme depoimento de Afonso de Hojeda em 8 de.....	Em data que não se pôde precisar, transferiu-se Vespucci de...
41	25	Arengando os jovens	Arengando aos jovens
127	3	"Probanzas de Fiscal"	"Probanzas del Fiscal"
133	11	Badajoz	Badajoz
133	20	entre o rio	entre no rio
135	17	avistou a ilha da Trindade	aportou na ilha da Trindade
194	9 e 10 do rodapé	...astronomica, também publicou varias de sua autoria. Foi cosmógrafo mor de Portugal e além de traduzir diversas obras sobre...	ticos. Foi cosmógrafo mor de Portugal e além de traduzir diversas obras de sua autoria.
203	9	amplo	amplo,
203	10	procuramos	procurámos
203	24	Europa	Europa,
203	27	suscintamente	sucintamente
204	6	regiões do sul,	regiões na direção do sul,
204	18	levamos... desfraldamos	levámos...desfraldamos
204	19-20	desviamo-nos	desviámos-nos
204	21	zarpamos	zarpámos
204	22	navegamos	navegámos
204	30	navegamos	navegámos
205	3	contemplamos	contemplámos
205	7	lançamos	lançámos
205	14	frozes	ferozes
205	21	deliberamos... léste	deliberámos...leste
205	22	E tanto que	E, tanto que
205	25	tocamos	tocámos
205	27	saltamos... tratamos	saltámos...tratámos
205	34	Library se lê	Library, se lê
206	19	Perlustramos	Perlustrámos
207	5	encontramos	encontrámos
207	9	caminhavam	caminham
207	31	credibilidade	crueldade
207	33-35	Substituir a nota pela seguinte: — "Aberrante da mais requintada crueldade humana", <i>praeter omnem humanam crudelitatem</i> . Se houve erro tipográfico, estando <i>crudelitatem</i> por <i>credulitatem</i> , a tradução será: "além de toda credibilidade humana".	
208	7	sómente...deles	sòmente...dêles
208	14	Nenhum templo nenhuma lei	Nenhum templo e religião
208	17	mercadoria	mercadores
208	20	E a quantos	E, a quantos
208	18	Arengando os jovens	Arengando aos jovens
209	3 -4	esforçamo-nos	esforçámo-nos
209	6	senxuais	sensuais
209	6	sabem	sabem,
209	33	porque	por que
210	1	ricas	rica
210	27	guarnecer	guarecer
210	33	isento	isentos
211	2	neles	nêles
211	10	dentro	dentre
211	29	detêm-no	detém-no
212	17	nós que	nós, que
213	6	registrando	registando
213	7	destarte	dest'arte
213	12	e dos sabidos	e de nós sabido.
213	15	benvola	benévola
213	27-28	embarcaç.es	embarcações

Indústria Gráfica José Magalhães Ltda. - Rua Spartaco, 215 - São Paulo

Boletins publicados pela

CADEIRA DE HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

- N.º 1 – MEIO SÉCULO DE BANDEIRISMO
- N.º 2 – FEIJÓ E SUA ÉPOCA
- N.º 3 – RESUMO DA HISTÓRIA DE SÃO PAULO
- N.º 4 – EVOLUÇÃO DA PSICOLOGIA PLANALTINA
- N.º 5 – CAPÍTULOS DA HISTÓRIA PSICOLÓGICA DE S. PAULO
- N.º 6 – PANORAMAS HISTÓRICOS
- N.º 7 – AMADOR BUENO E SEU TEMPO
- N.º 8 – O OURO E A PAULISTANIA
- N.º 9 – UM PARLAMENTAR PAULISTA DA REPUBLICA

A CADEIRA DE HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

pede e agradece a remessa de suas publicações.
vous prie de lui envoyer vos publications.
shall be glad to receive your publications.
le agradecerá el envío de sus publicaciones.

Endereço:

A CADEIRA DE HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
Caixa Postal 105-B
S. Paulo (Brasil)

